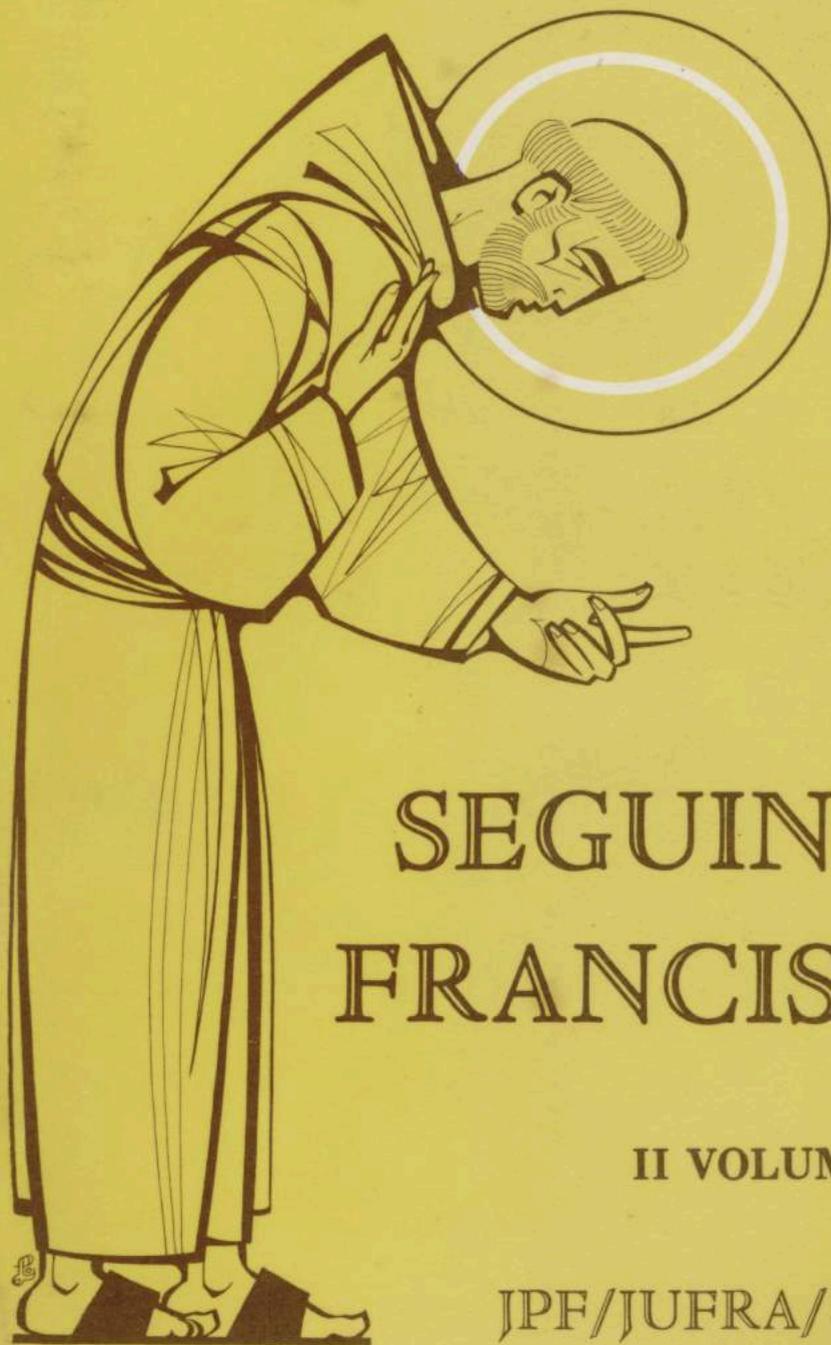


Frei Eurico de Mello



SEGUINDO
FRANCISCO

II VOLUME

JPF/JUFRA/SEARA

Dentro da Ordem Franciscana Secular (OFS), a Juventude Franciscana (JUFRA) representa um impulso novo e vigoroso: é a própria multiseular Terceira Ordem de São Francisco que, na pujança de sua espiritualidade, abre as janelas de sua característica, continua a penetrar no seu recinto. No Brasil, esse trabalho já conhece 10 anos de um esforço, no qual a alegria de felizes descobertas estiveram aliadas às durezas de suados itinerários, cheios de longas procuras e, até, de dolorosos tateamentos.

Frei Eurico de Mello nasceu aos 22.8.1936, tornando-se capuchinho aos 25.3.1956, sendo ordenado sacerdote aos 28.7.1963. Em 1966, iniciou em Ponta Grossa uma experiência local de Juventude Franciscana. Em 1971, o Conselho Nacional da OFS, no Brasil, confiou-lhe o encargo de Assistente da JUFRA nacional, com a missão de articular, dentro da OFS, um esquema de organização e de formação de Juventude Franciscana. Formada a Equipe Nacional em 1971, a mesma se deu ao trabalho de treinar 12 Equipes Regionais que, depois, alastrariam o movimento junto às fraternidades locais do país. Presidiu aos três primeiros congressos nacionais de Juventude Franciscana, — os Congressos da Formação da JUFRA nacional, — entregando o cargo de Assistente Nacional no final do terceiro Congresso, celebrado em Salvador (Bahia), em janeiro de 1977. Atualmente, desenvolve intensa atividade junto à Juventude Franciscana da 9ª Região (Paraná e Santa Catarina).

SEGUINDO FRANCISCO

FICHA CATALOGRÁFICA

Mello, Eurico de. SEGUINDO FRANCISCO II.
M 477 s Ponta Grossa, Instituto de Previdência Fraternal, 1980.
228 p. ilustr. Col Povarello, 18.

CDU271.3
271.3 O.F.S.

Frei Eurico de Mello, capuchinho.

SEGUINDO FRANCISCO

Postulados dos jovens no OFS

Segundo nível

II volume

IPF — Instituto de Previdência Fraternal
JUFRA — Juventude Franciscana
SEARA
Rua Teixeira Mendes, 315 — Fone 24.1130
84.100 — Ponta Grossa — Paraná

Primeira Parte:

O TREINAMENTO



GLOBOGRAMA DO TREINAMENTO BÁSICO
EM SEGUNDO NÍVEL

Primeira Parte: ANÁLISE ESTRUTURAL

1. *Introdução à Análise Transacional*
2. *Os registros do "PAI"*
3. *Os registros da "CRIANÇA"*
4. *Os registros do "ADULTO"*
5. *As quatro posições da vida*
6. *Eu sou OK - Você é OK*
7. *Por que "temos problemas"?*
8. *Nossa "liberdade" para mudar.*

Segunda PARTE: ANÁLISE TRANSACIONAL

9. *Análise das Transações Complementares.*
10. *Análise das Transações Cruzadas.*
11. *O Treinamento de nosso ADULTO.*
12. *Dificuldades de emancipação do ADULTO.*
13. *Problemas patológicos de exclusão*
14. *Bloqueio periódico da personalidade maníaco-depressiva*

Terceira parte: ANÁLISE DOS JOGOS (Introdução)

15. *Truques de distanciamento interpessoal*
16. *Os jogos da vida e a intimidade.*

Primeira Sessão
INTRODUÇÃO À ANÁLISE TRANSACIONAL

INTRODUÇÃO - O Modelo Franciscano de vida é um MODELO FRATERNO, a vida franciscana é um ideal de vida em Fraternidade, e a vida em fraternidade acentua uma maneira de convivência interpessoal específica, com determinadas características psicológicas e sociológicas. No 1º nível assumimos uma série de normas, a REGRA de JOGO de nosso fraternismo franciscano. Agora, no 2º nível, aprofunda-se apenas este aspeto, levamos as pessoas a desenvolverem profundo trabalho de habilitação para a vida em fraternidade.

Para tanto, assimilamos as descobertas da Análise Transacional formulada pelo psiquiatra norte-americano ERIC BERNE. Fazemos isso porque julgamos a Análise Transacional como sendo um instrumento muito fácil e eficaz para aqueles que realmente desejam assumir outro comportamento em termos de convivência com as pessoas, com as quais transcorremos vida diária.

PONTO DE PARTIDA DA ANÁLISE TRANSACIONAL - Todas as pessoas têm impressão de que somos dotados de uma natureza múltipla. Geralmente vemos-nos como tendo uma natureza dupla, e vemos isso como um conflito. Temos impressão de seres constituídos por diversas pessoas. Com FREUD esse enigma passou a ser estudado cientificamente: em nosso INCONSCIENTE há jurisdições em conflito. E deu nomes especiais aos combatentes: Id, Ego e Super-ego. A psicanálise, entretanto, parece que não conseguiu fornecer respostas adequadas aos nossos problemas íntimos.

- Por que?

Porque até pouco tempo nossa busca de respostas foi limitada pelo conhecimento relativamente pequeno que tínhamos a respeito de como o cérebro humano armazena as recordações, e como essas recordações são evocadas para produzirem a TIRANIA - assim como o TESOURO - do passado na vida atual. O estudo do cérebro e as descobertas nessa matéria nos deram provas segundo as quais tudo o que já esteve em nossa percepção, é registrado em detalhes e armazenado no cérebro e, depois, é capaz de ser reproduzido no presente. Nosso cérebro funciona como um gravador de alta fidelidade: registra e reproduz; podemos ligar uma gravação feita, e podemos desligá-la. A única diferença é que, no caso do cérebro, uma gravação feita, não pode mais ser desgravada.

Sempre que emitimos um ESTÍMULO (= dizendo ou fazendo al-

go) para obter uma RESPOSTA (= algo a ser dito ou a ser feito) , ou damos uma resposta a um estímulo, nosso cérebro, que tudo gravou com alta fidelidade em nosso passado, reproduz uma gravação: tendemos a ESTIMULAR DE acordo com nossas gravações e tendemos a responder ao estímulo recebido, também de acordo com as gravações já realizadas.

A relação entre ESTÍMULO e RESPOSTA chama-se TRANSAÇÃO. Sempre que duas pessoas se encontram, o encontro é constituído por TRANSAÇÕES: há estímulos transacionais, e há respostas transacionais.

Como dizíamos, temos impressão de que há várias pessoas dentro de nós: ora provocamos estímulos com uma PESSOA, ora com outra. Ora respondemos com uma PESSOA, ora com outra. Na verdade, cada um de nós é sempre um só e a mesma pessoa. Essas que denominamos "várias" pessoas outra coisa não são senão vários REGISTROS em nosso cérebro. Ora funciona um, ora funciona outro, e dão a impressão de que são várias "pessoas" agindo dentro de nós. Em nossos relacionamentos com os outros, em muitas ocasiões, aparece a "PESSOA" que não convém, e isso provoca problemas. É incrível como, observando-nos a nós mesmos e aos outros, vemos-nos modificando a olhos vistos: modificamos na expressão facial, no vocabulário, nos gestos, na postura e nas feições corporais. O indivíduo que se modifica num desses modos é sempre a mesma pessoa em termos de estrutura óssea, pele e roupas. - O que é, então, que muda?

A Análise Transacional, estudando esse fenômeno, descobriu que em todos nós há três REGISTROS: o PAI, o ADULTO e a CRIANÇA. São exatamente essas "três pessoas" que temos dentro de nós. Em cada um de nós há um PAI, um ADULTO e uma CRIANÇA, e nas relações com os outros, os quais, por sua vez, também têm um PAI, um ADULTO e uma CRIANÇA, quem assume o comando de nós mesmos ora é o PAI, ora o ADULTO, ora a CRIANÇA, os quais, por sua vez, com esta ou aquela pessoa, podem fisgar o PAI, ou o ADULTO, ou a CRIANÇA.

O PAI, o ADULTO e a CRIANÇA conversam e discutem entre si, constantemente, dentro de nós. Sempre procuramos pessoas que se pareçam com uma dessas partes. Nossa CRIANÇA procura um PAI que a proteja e a satisfaça; nosso PAI procura uma CRIANÇA para dominá-la, protegê-la, ou reprová-la; nosso ADULTO procura um sócio (= outro ADULTO) para trabalhar. A pessoa cujo PAI assume o comando, repete e imita os outros; a pessoa cuja CRIANÇA assume o comando, é brinquedo de suas emoções e do passado; a pessoa cujo ADULTO assume o comando, é livre, original, descobre soluções, sabe dirigir-se.

No PAI está um conceito de vida ENSINADO pelos outros.

No ADULTO está um conceito de vida PENSADO e RACIONADO.
Na CRIANÇA está um conceito SENTIDO de vida.

O PAI, o ADULTO e a CRIANÇA não são "pessoas", mas ESTADOS DE ESPÍRITO de um indivíduo, ou REALIDADES PSICOLÓGICAS de um sujeito. O ESTADO é produzido pela reprodução de dados e acontecimentos no passado. O PAI não é o mesmo que pai ou mãe. ADULTO não é o mesmo que pessoa crescida. E CRIANÇA não é o mesmo que criança pequena, nos primeiros anos de idade. Eles são ESTADOS DE ESPÍRITO, realidades psicológicas, ou ainda, REGISTROS de estímulos e respostas.

CASO CONCRETO - Uma senhora de trinta anos, procura o psiquiatra queixando-se de INSÔNIA, crescente NERVOSISMO e demonstrando grande preocupação com "O QUE ESTOU FAZENDO COM MEUS FILHOS". Começa o diálogo com o especialista. A certa altura da conversa, desanda a chorar e diz ao psiquiatra: "O SENHOR FAZ COM QUE ME SINTA COMO SE TIVESSE TRÊS ANOS DE IDADE"... e assume, nesse momento, modos e voz de criança pequena. O psiquiatra, então, pergunta-lhe: "O que aconteceu para fazê-la sentir-se como uma criança?" - Ela respondeu: "NÃO SEI! DE REPENTE ME SENTI COMO UMA MULHER FRACASSADA!" O médico, então, disse: "Bem, falemos a respeito das crianças de sua família". Continuando a conversa, de repente a voz e os modos da mulher se modificaram de novo, e ela se tornou crítica e dogmática: "AFINAL DE CONTAS, OS PAIS TÊM OU NÃO TÊM DIREITOS? OS FILHOS DEVEM OU NÃO DEVEM FAZER O QUE ELAS MANDAM?"

Analisemos agora as "três" com as quais essa mulher agiu nessa entrevista com o psiquiatra, ou seja, os três REGISTROS QUE INFLUÍRAM nessa transação paciente-psiquiatra:

ADULTO - Uma mulher buscando solução para seu problema de insônia, crescente nervosismo, e preocupada com o que estava fazendo com os filhos.

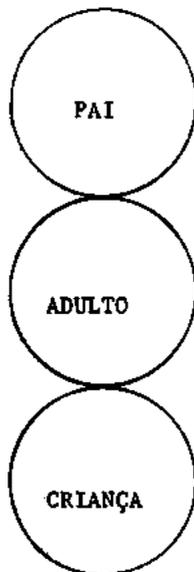
CRIANÇA - Chora e diz: "O Senhor faz com que me sinta como se tivesse três anos"... "De repente me senti como uma mulher fracassada!"

PAI - - Assumindo atitude crítica e dogmática: "Final de contas, os pais têm ou não têm direitos? Os filhos devem ou não devem fazer o que eles mandam?"

MEMÓRIA DE GRUPO

1. Por que motivo buscamos assimilar as descobertas da Análise Transacional no 2º nível de nosso Treinamento Básico?
2. Qual o ponto de partida da Análise Transacional?

3. Por que a Psicanálise, de modo geral, não logrou, fornecer respostas adequadas aos nossos problemas íntimos?
4. Quais as conclusões que foram tiradas dos estudos sobre a fisiologia do cérebro na explicação do comportamento humano?
5. Qual a descoberta central da Análise Transacional?
6. Que é o PAI, que é o ADULTO e que é a CRIANÇA na linguagem da Análise Transacional?



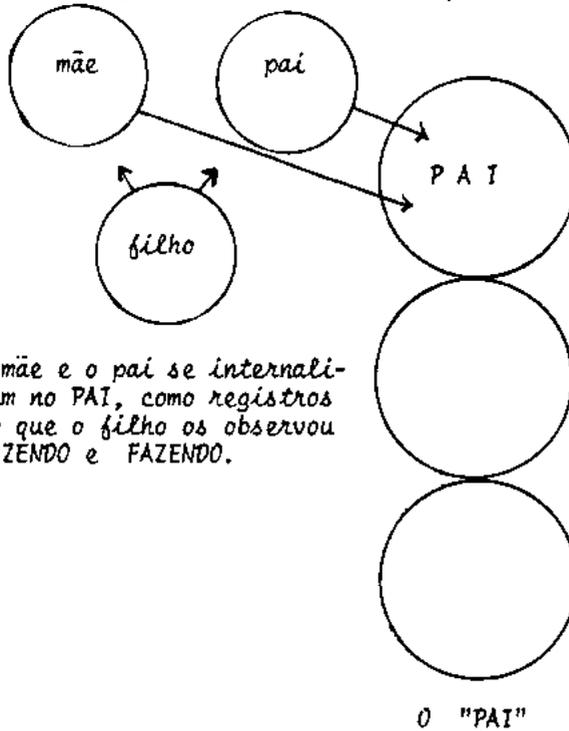
A PERSONALIDADE

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA FRATERNA

1. Repasse com seus colegas de entre-ajuda fraterna o rastreamento feito no 1º nível, analisando atitudes, palavras, expressões, de todos os PRESTÁDIOS e RESPONSÁVEIS de sua infância, nos 14 sistemas, especialmente na família.
2. Escreva num caderno os resultados dessa pesquisa, procurando ser minucioso na descrição de detalhes. Ajude sinceramente seus colegas a fazerem o mesmo.

Segunda Sessão
OS REGISTROS DO "PAI"

O PAI é uma imensa coleção de registros feitos no cérebro de EVENTOS externos NÃO QUESTIONADOS, isto é, IMPOSTOS. Isto aconteceu nos primeiros anos de vida, ou seja, no período anterior ao nascimento social do indivíduo. Tudo o que a pequena pessoa viu seus pais FAZEREM e tudo o que ouviu seus pais DIZEREM, e NÃO PÔDE questionar, examinar, explorar, é registrado no PAI.



Registro de acontecimentos externos impostos e incontestados, percebidos pela pessoa entre o nascimento e os 5 anos de idade (CONCEITO ENSINADO DE VIDA).

A mãe e o pai se internalizam no PAI, como registros do que o filho os observou DIZENDO e FAZENDO.

1. Os dados do PAI são colhidos e registrados diretamente, sem artifícios de montagem, porque a criança pequena, devido a sua dependência e incapacidade para construir significados, não pode justificar, corrigir ou explicar qualquer dado. Exemplo: se os pais foram hostis e viviam constantemente brigando um com o outro, uma briga é gravada juntamente com o terror produzido por

ver duas pessoas de quem depende para a própria sobrevivência prestes a se destruírem. Mas a criança pequena não tem meios para incluir nessa gravação o fato de que o pai estava embriagado porque falira no negócio, ou que a mãe estava nervosa porque acabara de descobrir que se encontrava grávida novamente.

2. No PAI são registradas todas as admoestações, regras e leis que a criança OUVIU de seus pais e VIU através do modo de eles viverem. Nesse conjunto de gravações estão os milhares de "não", os "você não tem jeito", os repetidos "não faça isso" ou "não mexa nisso", como as expressões de desagrado no rosto da mãe porque a criança pequena faz feio na presença de estranhos, ou porque quebrou o jarro de estimação que recebera de presente. Também são registradas as expressões de prazer da mãe feliz e o ar de satisfação do pai orgulhoso. Levando em consideração que o gravador está ligado o tempo todo, compreendemos a imensa quantidade de dados registrados no PAI.

3. Tudo o que é gravado no PAI, certo ou errado, bom ou mau, é sempre gravado como VERDADEIRO, porque provém de gente grande, numa idade em que para nós é importante agradar aquela gente e obedecer-lhe. É um registro permanente. Não se pode apagá-lo. Está disponível para a reprodução por toda a vida. São registros de dados essenciais à sobrevivência do indivíduo. Sem um pai físico a criança morreria. O PAI psicológico também cumpre a mesma função: protege-nos contra muitos perigos, que poderiam causar-nos a morte. No PAI está a ordem "não toque naquela faca", mas não está registrada a compreensão de que a pequena pessoa poderá cortar-se com aquela faca. A CRIANÇA registra somente a ordem e a reação de medo ou de ira diante da ordem recebida. Não está registrado o porquê da ordem.

4. Outra característica do PAI é a fidelidade aos registros de INCOERÊNCIA. A CRIANÇA registra aquilo que os pais DIZEM ou FAZEM. Acontece, porém, que as vezes os pais DIZEM mas NÃO FAZEM. Dizem "não minta", e contam mentiras. Dizem "não diga palavras feias", e soltam palavras. A CRIANÇA não registra esta inconsistência. Registra apenas a confusão e o medo que isso produz. E, para se defender da confusão e do medo, DESLIGAM a gravação. Isso acontece quando o registro do PAI é discordante. Ele é reprimido, e, em casos extremos, bloqueado totalmente. A mãe pôde ter sido "bondosa" e o pai "ruim", ou vice-versa. O efeito, mais tarde, poderá ser a ambivalência, a discórdia, a indecisão, o desespero: a pessoa não se sentirá livre para examinar o PAI, e isso dificultará o fortalecimento do ADULTO.

5. Outra dificuldade: as pessoas cujas primeiras instruções foram acompanhadas por severa intensidade, acham difícil exami-

nar métodos antigos, e assim se fixam neles, mesmo quando há tempo já deixaram de ser úteis. Isso cria nelas um impulso para "fazer isso assim e não de outro modo". Essas pessoas acham muito difícil pensar que um problema pode ter mil soluções.

CASO CONCRETO - Certa mãe governa o procedimento do filho dentro de casa com esta norma: "Nunca se põe um chapéu em cima da mesa, ou um casaco em cima da cama". Essa norma ela a tem registrada no seu PAI em transação com a avó, porque na época de sua infância, as crianças da vizinhança haviam aparecido infestadas. Então exigiu a norma da filha, com intensidade de advertência. O cérebro registrou a norma sob severa intensidade, mas não registrou a razão da intensidade dessa advertência.

Milhares de regras de viver tão simples são registradas nos cérebros das pessoas. Quanto mais severa for a intensidade da exigência ou da advertência, tanto mais a pessoa, mais tarde, achará dificuldades em analisar suas posições, em "fazer diferente". Nosso PAI psicológico possui imenso volume de dados. Muitos de seus decretos foram fortalecidos por imperativos adicionais como "nunca", "sempre", os quais ocupam certos neurônios que sempre têm dados prontos para uma transação atual. Se o PAI é uma DÁDIVA ou um FARDO, depende do quanto ele é apropriado ao presente, ou se foi ou não foi atualizado pelo ADULTO.

Há outras fontes de dados para o PAI além dos pais físicos. A televisão, por exemplo, diante da qual a criança fica horas e horas, gravando tudo o que vê e ouve. O programa que ela assiste é um CONCEITO ENSINADO de vida. Se existem programas de violência, ela registra a violência, provavelmente, no seu PAI. "É isso mesmo! A vida é assim!" Essa conclusão é inevitável, a não ser que os pais manifestem desaprovação mudando de canal. Se os pais gostam de programas de violência a criança terá dupla sanção: o aparelho e seus pais. Ela registra que pode ser violenta, desde que sofra a necessária soma de injustiças.

Tudo aquilo que é experimentado nas mãos dos irmãos mais velhos ou de outras pessoas que têm autoridade, é registrado no PAI. Toda a situação externa da qual a pequena pessoa se sinta dependente, e diante da qual não é livre para questionar ou explorar, produz dados que são armazenados no PAI.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. Que é o "PAI", segundo a Análise Transacional?
2. Que tipos de eventos externos são gravados no PAI?
3. Em que circunstâncias, ou dentro de que condições algo é gravado no PAI?
4. Quais as características próprias das gravações no PAI?

Coleção Poverello

Coordenação: Rovílio Costa

1. Irineu Costella. *Seja louco como Francisco*, 3ª ed., 1977.
2. Maria Lopez Vigil. *Francisco, um homem alegre e livre*, 1976.
3. SERPAL. *Mensagens para o nosso tempo*, 1976.
4. Luis Carlos Susin. *Altíssimo, onipotente, bom Senhor*, 3ª ed., 1978.
5. Maria L. Vigil. *Francisco, um homem alegre e livre*, 1977.
6. JUFRA. *Em Francisco a natureza tem coração*, 1976.
7. Achylles N. Chiappin. *A admirável personalidade psicológica de Francisco*, 1976.
8. CEFEPAL SUL - 3. *Correspondência franciscana*, 3ª ed., 1978.
9. Irineu Costella e Pedro Salame. *Irmã Clara Maria*, 1977.
10. Irineu Costella. *Seja louca como Clara*, 2ª ed., 1979.
11. Adelino G. Pilonetto. *Francisco de Assis, 750 anos após*, 1978.
12. Ildo Giordani. *Vocação, o caminho de todos*, 1977.
13. Pascoal Riwalski. *Quero falar com meus irmãs*, 1977.
14. Omer Englebert. *Vida de São Francisco de Assis*, 1978.
15. JUFRA. *Caminhos da juventude franciscana*, 1978.
16. Lázaro Iriarte. *Letra e espírito da Regra de Santa Clara*, 1979.
17. Mello, Eurico de. *Seguindo Francisco*, 1979.
18. Mello, Eurico de. *Seguindo Francisco II*, 1980.



Plantamos flores debaixo das janelas dos jovens para que, no acordar do amanhã, possam vê-las desabrochar à luz do sol que desponta, olhar para o céu e dizer: "Que coisas lindas fez Deus!"



Basta
um leve
sorriso
em teus
lábios
para
reanimar
o coração,
manter o
bom humor,
conservar a
paz da alma,
alimentar
a saúde,
embeleazar
o rosto,
despertar
bons
pensamentos,
inspirar
gestos
generosos.

APRESENTAÇÃO

O segundo volume de nosso MANUAL DE FORMAÇÃO dos jovens na Ordem Franciscana Secular apresenta a mesma estrutura do primeiro, aliás, como será a estrutura dos quatro volumes que compoem o Treinamento e o Tirocínio Básico, a saber: as sessões do Treinamento e do Tirocínio que, por sua vez, compreende as sessões de estudo e as de fraternidade.

Ao se ministrar o 2º nível, é importante que se tenham presentes todas as instruções trazidas pelo 1º nível na sua introdução. Além disso, à medida que o itinerário de formação avança, é preciso que suas exigências sejam cobradas com mais profundidade. Formamos gente para a Ordem Franciscana Secular, isto é, para viver uma vida de Fraternidade numa escola de santidade, a qual tem na Igreja uma existência memorável e venerável.

O Treinamento em 2º nível traz os resultados das descobertas da Análise Transacional, precioso instrumento que buscamos colocar ao serviço de nossa vida em fraternidade, em que os relacionamentos interpessoais de irmão para irmão devem ser repassados de grande coesão fraterna, como queria São Francisco. Esforçamo-nos para tornar a matéria acessível, eliminando com cuidado os aspectos doutrinários que não servem aos nossos objetivos.

Para a compilação do Treinamento em 2º nível servimo-nos da exposição dos seguintes autores:

ERIC BERNE, Os jogos da vida, editora artenova s.a., trad. de E. Artens, Rio de Janeiro, 1974.

JUT MEININGER, O sucesso através da Análise Transacional, 2a. ed. editora artenova, trad. de E. Artens, Rio de Janeiro 1974.

KERTÉSZ R., DEL CASALE, F.P., Análise Transacional, uma nova técnica em psicologia, Livraria Sulina, Porto Alegre, 1975.

THOMAS A. HARRIS Dr., Eu estou ok você está ok, 7a. ed., artenova, tradução de E. Arthens, 1973.

O 2º nível exige bastante segurança da parte do Treinador: o assunto "mexe" de imediato com a problemática de convivência interpessoal que cada ser humano vive no seu dia a dia, e para a qual busca com ansia uma solução, seja lá qual for.

A matéria exige três dias de estudo, com quatro sessões diárias

rias. Não necessariamente os três dias de estudo precisam ser intensivos. Pode-se optar por ministrar o treinamento em duas etapas, isto é, em dois fins de semana, começando sábado após o meio dia. Pode também ser feito em três domingos consecutivos, ou em oito dias com horário exclusivamente noturno. É claro que, e quanto mais intensiva for a modalidade, tanto melhor. São exigências do 2º nível:

1. Que cada jovem participante se apresente com as credenciais do Departamento de Vivência Fraterna que o autoriza a participar do Treinamento, porque percorreu na forma devida o itinerário do 1º nível e nele foi aprovado.

2. Que cada jovem participante esteja presente com todos os demais colegas de sua Equipe de Entre-Ajuda.

3. Que os jovens participantes demonstrem bom desenvolvimento já adquirido no desempenho da dupla DINÂMICA de REUNIÃO e de PENSAMENTO.

4. Que os jovens participantes demonstrem que levaram a sério os compromissos fraternos assumidos no 1º nível, e que realmente são dotados de suficiente equilíbrio emocional e fervor religioso.

5. Que os jovens participantes, durante o 1º nível, tenham realmente feito funcionar a Equipe de Entre-Ajuda, e, pelo menos, que já tenham concluído o trabalho de CONHECIMENTO PROFUNDO dos colegas de Equipe.

O Tirocínio que seguirá ao Treinamento em 2º nível, trará aprofundamentos sobre a mística franciscana da fraternidade. A partir do 2º nível, de igual modo, os jovens já começarão a conhecer a Regra da OFS.

Apresentamos com alegria nosso trabalho, fruto de longas caminhadas, aos nossos jovens jufrietas, lembrados sempre dos versos compostos pelo Pe. Zézinho para uma de suas canções:

"Hoje em dia, nos jovens que eu vejo,
Inquietos num mundo infeliz,
Eu renovo a esperança e o desejo
De topar com Francisco de Assis!"

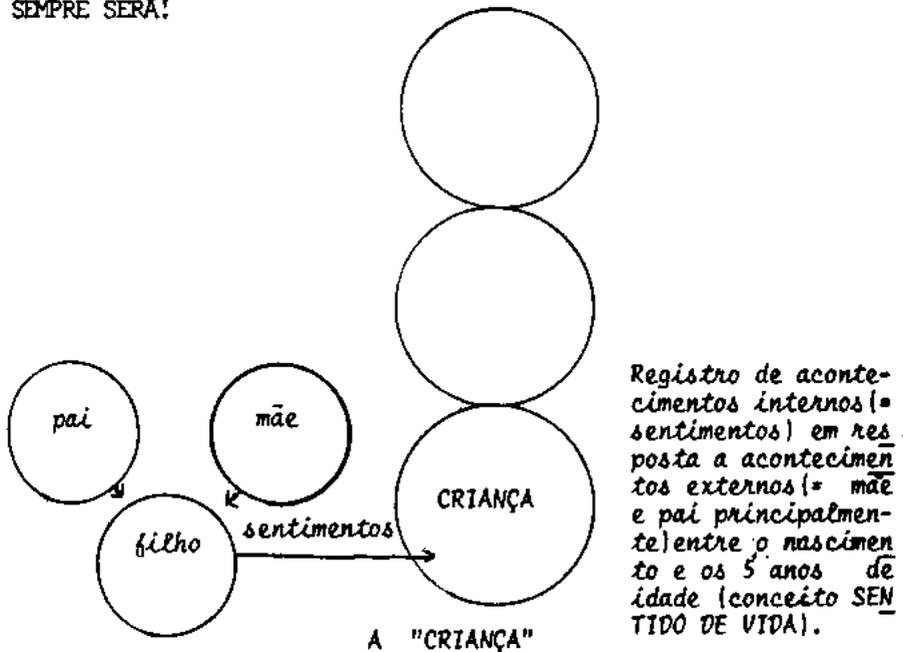
O programa de formação que desenvolvemos na JUPRA é difícil e desafiante. Todos, porém, estamos cientes de que, conscientemente, escolhemos um caminho difícil, por causa da esperança e do desejo que nos vão no coração de topar novamente, andando por nossas ruas, com um novo Francisco de Assis.

Ponta Grossa, 04 de outubro de 1979

Festa de São Francisco

Terceira Sessão
OS REGISTROS DA "CRIANÇA"

Simultaneamente à gravação dos DADOS DO PAI (= acontecimentos externos: o que VÊ e OUVÊ), outra gravação vai sendo feita: a gravação dos ACONTECIMENTOS INTERNOS, isto é, as reações da pequena pessoa ao que VÊ e OUVÊ. É a gravação do que SENTE e compreende daquilo que VÊ e OUVÊ. O conjunto registrado desses dados chama-se CRIANÇA. A maior parte das reações da criança diante do que vê e ouve são SENTIMENTOS e não palavras. A pequena pessoa sente-se dependente, incapaz, desajeitada, não tem palavras para construir significados. Não avalia, não pesa, não julga. E para ela é muito importante agradar a essas pessoas das quais depende para a sua sobrevivência. Qualquer expressão azeda, portanto, de seus pais, ela registrará no seu reservatório de dados negativos a respeito de si própria: A CULPA É MINHA DE NOVO. SEMPRE É. E SEMPRE SERÁ!



Registro de acontecimentos internos (= sentimentos) em resposta a acontecimentos externos (= mãe e pai principalmente) entre o nascimento e os 5 anos de idade (conceito SENTIDO DE VIDA).

Na infância há um número infinito de inflexíveis exigências sobre a criança. Por um lado, ela tem ímpetos para experimentar todas as agradáveis sensações relacionadas com o movimento e a

descoberta. Por outro lado há a exigência constante do ambiente, representado em particular pelos pais, para que ela desista dessas satisfações básicas em troca de sua aprovação. E essa aprovação é um mistério impenetrável para a criança, que ainda não percebe conexões entre causa e efeito.

Com isso a pequena pessoa registrará na sua CRIANÇA a posição: EU NÃO SOU OK. Esta conclusão e a experiência continuada de sentimentos infelizes que levam a ela e a confirmam são gravadas permanentemente no cérebro e não podem ser apagadas. Esta gravação permanente é o resíduo de se ter sido criança, mesmo quando se é filho de pais bons e amorosos. É a situação de infância e não a intensão dos pais que produz o problema (= se eu tenho um pai OK e uma mãe OK, como é que não sou OK?).

Como no caso do PAI, a CRIANÇA é um estado psicológico para o qual cada um de nós pode ser transferido em qualquer ocasião de nossas transações atuais. Existem, hoje em dia, a cada passo, situações e coisas que podem nos acontecer recriando a situação de infância e trazendo os sentimentos que sentíamos então. Frequentemente nos encontramos em situações difíceis, onde somos defrontados com alternativas impossíveis, onde nos vemos encurralados, seja na realidade, seja devido ao modo como vemos as coisas. Tais situações trazem de volta a criança, e fazem com que sejam reproduzidos os sentimentos originais de frustração, de rejeição e abandono, e nós vivemos uma versão nova da depressão primária infantil. Choramos, então, ou batemos o pé de tanta raiva.

Mas há também o lado alegre: na CRIANÇA existe também um imenso número de dados positivos. Nela residem a criatividade, a curiosidade, o desejo de explorar e saber, os ímpetos de tocar, sentir e experimentar e o registro das gloriosas sensações das primeiras descobertas. Contra tantos registros NÃO OK, há esse contraponto, formado pelo ritmoado OK do ninar da mãe, a suavidade do cobertor, a expressão de felicidade no rosto do pai, a satisfação dos familiares, as alegrias ao redor do bebê, o gole d'água tomado na mangueira do jardim, o primeiro afago do gatinho macio etc. Tudo isso registra sentimentos OK na CRIANÇA. Entretanto, a situação de infância é tal que, de modo geral, os registros NÃO OK formam um volume muito maior e ultrapassam enormemente os registros OK. Esse é o motivo pelo qual, de modo geral, todos temos uma CRIANÇA NÃO OK.

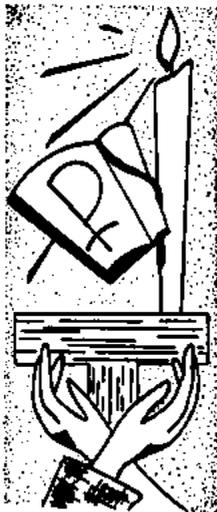
MEMÓRIA DE GRUPO

1. Que tipos de acontecimentos são gravados na CRIANÇA?
2. Por que, de modo geral, a pequena pessoa grava sentimentos NÃO OK a respeito de si mesma?
3. Por que, de modo geral, a gravação de sentimentos NÃO OK é

- mais numerosa que a gravação de sentimentos OK?
4. Em que circunstâncias a pequena pessoa poderá gravar sentimentos OK em sua CRIANÇA?
 5. Que podem ou devem fazer os pais e os irmãos mais velhos para que a pequena pessoa grave em maior abundância possível sentimentos OK, e diminua, pelo menos, a gravação de sentimentos não OK?

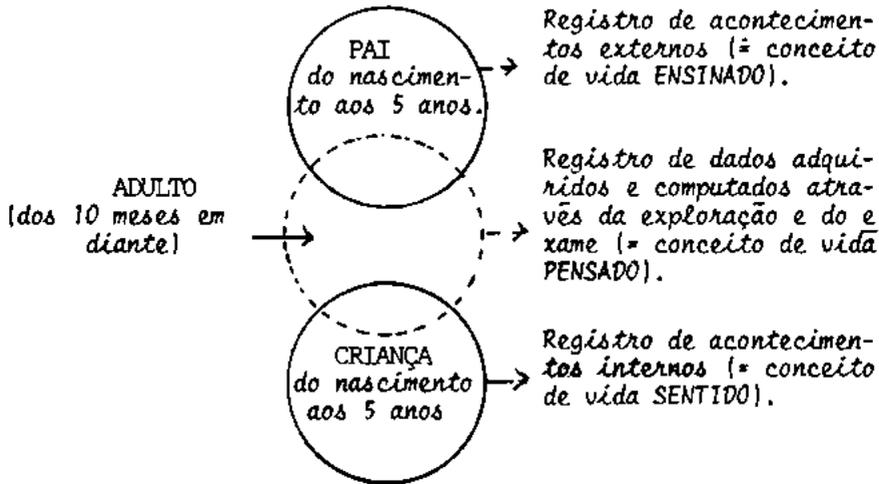
PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Analise com seus colegas sua infância, com as reações que você experimentou diante de seu pai e sua mãe, seus irmãos mais velhos e outras pessoas das quais você dependia e às quais era importante que você agradasse.
2. Procure lembrar-se dos sentimentos diante de tais e tais palavras, jeitos, tom de voz, expressão no rosto, maneiras de ser e de agir de seus pais etc.
3. Que tipos de transações com seus pais, irmãos mais velhos e outras pessoas podem ter gravado sentimentos NÃO OK em sua CRIANÇA?
4. Que experiências de infância, no seu modo de ver, podem ter gravado sentimentos OK na sua CRIANÇA?
5. Procure agora analisar o que acontece atualmente com você no tocante a medos, temores, angústias, incertezas, indecisões, confusão, desesperos, revoltas, raivas, sentimentos de inferioridade. Analise com atenção as circunstâncias em que isso lhe sobrevém. Procure estudar porque sua CRIANÇA sofre esse tipo de problema.



OS REGISTROS DO "ADULTO"

À partir dos dez meses a pequena pessoa começa a sentir o prazer da locomoção. É já um sintoma de independência. Pode manejar objetos e começa a se mover. Antes era incapaz de se levantar sozinha. Agora não: começa a explorar os brinquedos. Brinca com uma xícara e finge beber. Leva objetos à boca e os mastiga, segura um brinquedo, dá ponta-pés, anda de gatinhas, começa a ficar em pé, ergue-se com o auxílio dos braços e é capaz de abaixar-se. Está começando a ir de um lugar para o outro. As meninas demonstram os primeiros sinais de timidez, virando a cabeça para outro lado quando sorriem. Em outras palavras, a pequena pessoa começa a fazer algo "por si mesma", começa a descobrir que é capaz de fazer algo que cresce dentro de si própria, de sua consciência, de seu pensamento original. Com isso temos o surgimento do ADULTO. O ADULTO surge como resultado da capacidade de descobrir por si só aquilo que está ao seu redor, que pode ser diferente do que lhe foi ensinado. Diferente do conceito ENSINADO de vida (= PAI) e do conceito SENTIDO (= CRIANÇA). O ADULTO desenvolve-se a partir de um CONCEITO PENSADO, descoberto por si mesmo, de vida.

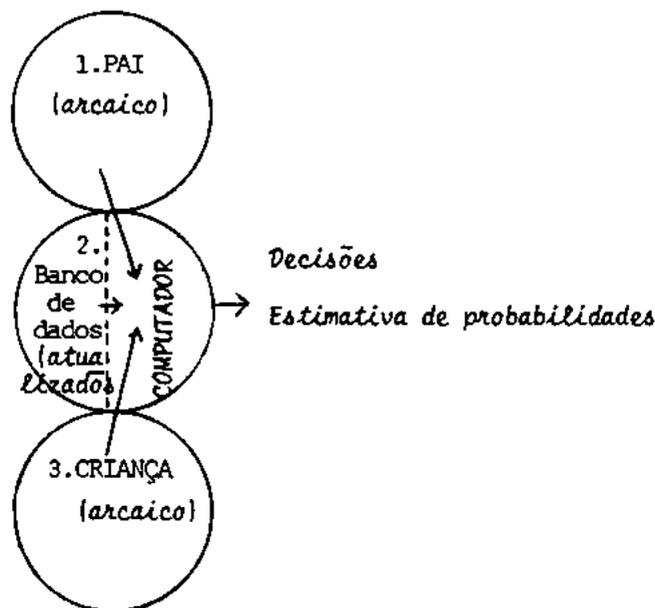


SURGIMENTO GRADUAL DO ADULTO, AOS 10 MESES

Por esse motivo a mobilidade que dá nascimento ao ADULTO se transforma em algo que acalma a pessoa quando mais tarde está sofrendo. Ela vai dar uma caminhada para "clarear" as idéias. Caminhar de um lado para outro é, por esse motivo, visto como um alívio para a ansiedade. Porque existe um registro de que o movimento é bom, que ajuda a ver mais claramente qual é o problema.

1. Durante os primeiros anos de vida, o ADULTO é frágil e experimental. Facilmente é "derrubado" pelas ORDENS do PAI e pelo MEDO da CRIANÇA. Entretanto, na maioria das pessoas, à despeito de todos os obstáculos jogados no caminho, o ADULTO sobrevive e continua a funcionar mais e mais eficientemente à medida que o processo de amadurecimento se vai desenrolando. O ADULTO é diferente do PAI (= que julga de modo imitativo e procura pôr em vigor conjuntos de padrões emprestados) e da CRIANÇA (= que tende a agir baseada em sentimentos). Através do ADULTO a pequena pessoa começa a saber a diferença entre a vida como lhe foi ensinada (= PAI), a vida como ela própria sentiu (= CRIANÇA) e a vida como ela mesma pôde constatar (= ADULTO).

2. O ADULTO é um computador que processa os dados do PAI e da CRIANÇA, e que filtra as decisões após computar as informações de três fontes: o PAI, a CRIANÇA e a REALIDADE (= os dados que o próprio ADULTO recolheu ou está recolhendo da realidade).



O ADULTO RECEBE DADOS DE 3 FONTES

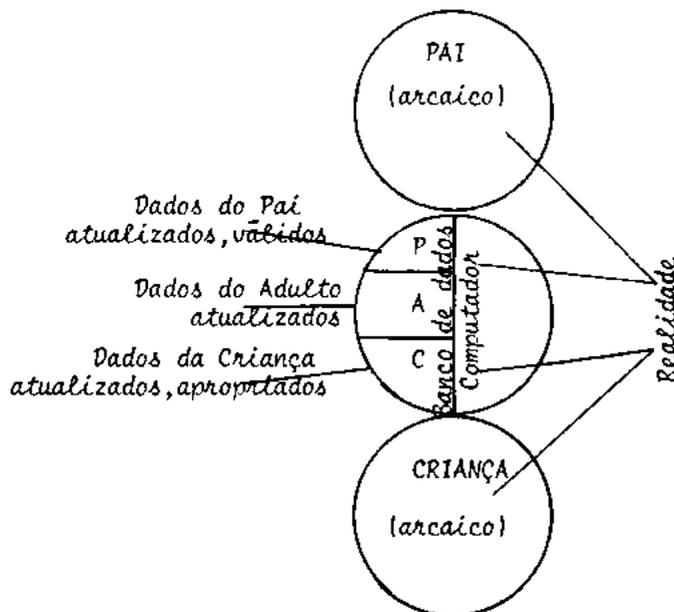
O ADULTO examina os dados do PAI, para ver se são verdadeiros e ainda válidos hoje em dia, e para depois aceitá-los ou rejeitá-los. Examina também os dados da CRIANÇA para ver se os sentimentos são ou não são apropriados ao presente, ou se já estão arcaicos, e se respondem a dados arcaicos do PAI. O objetivo do ADULTO não é acabar com o PAI e a CRIANÇA, mas examinar esses conjuntos para validá-los e atualizá-los (= em relação aos dados do PAI) ou para apropriá-los (= em relação aos dados da CRIANÇA).

3. Nesse exame, se os dados do PAI têm raízes na realidade, a CRIANÇA, através do ADULTO, irá conceber uma sensação de integridade ou coerência. O que ela experimenta, se confirma. Suas descobertas são apoiadas pelo que lhe foi ensinado antes. Isso é uma grande coisa em termos de afirmação da personalidade do indivíduo. A verificação dos dados do PAI, porém, não apaga as gravações NÃO OK da CRIANÇA. Os sentimentos negativos de uma pequena pessoa não são apagados pela compreensão ulterior de que os pais estavam certos. A verificação, porém, de que os pais estavam certos, pode nos libertar da continuada reprodução desses sentimentos no presente. Não podemos apagar a gravação, mas podemos desligá-la!

4. Do mesmo modo que o ADULTO atualiza os dados do PAI para determinar se são válidos ou não, atualiza os da CRIANÇA para determinar quais sentimentos podem ser expressos com segurança. O ADULTO escolhe e conserva a expressão emocional apropriada. Exemplo: é apropriado para a mulher que chore durante a cerimônia de casamento, mas não é apropriado que grite com o marido logo depois, no jantar de núpcias. O ADULTO, além disso, adquire sempre novos dados, colhidos diretamente na realidade. Essa fonte, embora comece a funcionar depois, é muito mais ampla, e nesse "futuro" está nossa grande chance. Podemos dizer que o PAI e a CRIANÇA são nosso passado - TESOURO maravilhoso ou TIRANO opressor - e o ADULTO é o FUTURO em relação ao qual somos livres para decidir desse ou daquele modo, se o quisermos.

5. Uma das funções muito importantes do ADULTO é a estimativa de probabilidades. Trata-se de uma função que tem dificuldades para se manter em nível adequado através da vida. Por que? Porque na infância muitas vezes fomos colocados em alternativas desagradáveis (= ou você toma esse chá, ou você apanha! ou você come esse espinafre ou fica sem o sorvete!) A gravação em nosso cérebro dessas situações de infância são a base de muitos dos nossos fracassos transacionais, e provocam atrasos no ADULTO. A medida em que fomos colocados nessas alternativas e as registramos em nosso PAI e em nossa CRIANÇA, teremos na vida dificuldades para assumir riscos, para ter fé, para tomar decisões em circunstâncias complexas, porque isso nos incapacita para o exame das chamadas "probabilidades". A capacidade para o exame de pro-

babilidades, porém, pode ser aumentada através do esforço consciente. O ADULTO cresce e aumenta de eficiência pelo TREINAMENTO e pelo seu EMPREGO. Isso não é fácil, entretanto, mesmo que nos treinemos muito, sempre que a vida nos coloca em certas situações difíceis. Sob certo nível de tensão, nosso ADULTO pode ser bloqueado a tal ponto, que as emoções assumem o comando inadequadamente. Isso acontece porque as fronteiras entre PAI, ADULTO e CRIANÇA são frágeis, às vezes indefinidas, e, de qualquer forma, profundamente vulneráveis aos sinais que anunciam a recriação de situações de infância nas quais estivemos encurralados entre a ordem para comer o espinafre e a desgraça de ficar sem o sorvete.



A FUNÇÃO ATUALIZADORA DO ADULTO ATRAVÉS DO EXAME DA REALIDADE

Essas situações da vida atingem o PAI e a CRIANÇA ao mesmo tempo que o ADULTO. A CRIANÇA reage do modo como reagia originariamente, isto é, com um sentimento NÃO OK. Isso tende a nos levar a toda sorte de fenômenos regressivos. Podemos nos sentir novamente criança abandonada, desamparada, dependente. Um dos mais primitivos de tais fenômenos, nesses casos, é o bloqueio do pensamento.

Em Equipes de Entre-Ajuda, nesse caso, é interessante ajudar-nos uns aos outros pelo uso de certos tratamentos coloquiais, como, por exemplo: "Por que você não fica no seu ADULTO?"

7. O trabalho do ADULTO consiste,então,em examinar os dados antigos, validando-os ou não, apropriando-os ou não, e arquivá-los para o futuro. Se o negócio corre tranquilamente e há relativa ausência de conflito entre o que foi ensinado e o que se constata pessoalmente,o computador ficará livre para outro negócio importante,a CRIATIVIDADE.A criatividade nasce tanto da curiosidade da CRIANÇA como do ADULTO. A CRIANÇA fornece o QUERO e o ADULTO o COMO. Isso depende apenas de tempo para o computador. Se este está assoberbado com negócios antigos, que "nunca se resolvem",precisamente porque "não têm solução", resta pouco tempo para coisas novas. Pessoas assim, patinam, ruminam, nunca se decidem. Não têm tempo para isso.O computador está assoberbado. O passado as absorve, não lhes deixa tempo para pensar no futuro.

No caso, porém, em que a pessoa tem um PAI cujas ordens o ADULTO constata que correspondem à realidade,há muito mais tempo para o computador se ocupar com a realidade. Porque as ordens do PAI, uma vez examinadas e constatadas como válidas, se tornam automáticas e assim liberam o computador para a criatividade. Muitas de nossas transações no dia a dia são automáticas por esse motivo (= quando vemos uma seta indicando que uma rua é contra-mão ou mão única, automaticamente dobramos o volante na direção indicada pela sinalização do trânsito).

8. Há quem sustente que a criança indisciplinada, isto é, que não foi tolhida por limites, é muito mais criativa que as outras, cujos pais as educaram estabelecendo limites à satisfação de seus impulsos. Não é verdade.O jovem tem muito mais tempo para ser criativo - explorar, inventar, separar e juntar - se não perde tempo com decisões fúteis. Se uma criança tem permissão para ser criativa pintando o muro da casa com graxa de sapatos, ela está despreparada para as penosas consequências que advirão quando resolver fazer o mesmo na casa do vizinho. Consequências dolorosas não gravam sentimentos OK, e criam muito conflito, e os conflitos gastam muito tempo do computador. Ora, um conflito extremamente consumidor de tempo é aquele que nasce do fato de saber que, o que os pais diziam ser verdade, ao ADULTO não parece ser verdade. Portanto, indivíduo mais criativo é aquele que descobre que larga parte do conteúdo do PAI está de acordo com a realidade.Ele pode então arquivar essas informações validadas, confiar nelas,esquecê-las até, e preocupar-se com outras.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. *A partir de que momento começa o surgimento do ADULTO?*

22. Qual o acontecimento que dá nascimento ao ADULTO?
3. Em que o ADULTO difere do PAI e da CRIANÇA?
4. Em que consiste o trabalho do ADULTO em relação ao PAI?
5. Em que consiste o trabalho do ADULTO em relação à CRIANÇA?
6. De que maneira os pais devem tratar os filhos para que esses, mais tarde, tenham mais facilidade de fortalecimento do ADULTO?
7. O que leva o ADULTO a ter dificuldade na estimativa de probabilidades?
8. De que maneira o ADULTO cresce e se desenvolve?
9. Quais as conseqüências, para o ADULTO, quando os dados do PAI conferem com a realidade?
10. Qual o tipo de educação que, mais tarde, favorece melhor o desenvolvimento da criatividade?
11. Por que a criança criada com indisciplina, não tolhida por limites, poderá ter mais tarde dificuldades para o desenvolvimento da criatividade?

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Analise, com seus colegas, as chances que na infância você teve para fazer as coisas por si mesmo; analise as limitações a que esteve sujeito, os impasses que seus pais e irmãos mais velhos puderam ter criado para você.
2. Analise as dependências que você revela em relação ao que os outros dizem ou pensam de você. Analise as dificuldades que você experimenta para discordar, dizer não, quando necessário.
3. Até que ponto as gravações que você tem no PAI são atualizáveis ou validáveis no presente? Até que ponto as gravações que você tem em sua CRIANÇA foram devidamente apropriadas ao presente?
4. Analise sua capacidade para enfrentar riscos, desempenhar-se em situações complicadas, em dilemas da vida. Analise os sentimentos que então o assaltam, suas reações características.
5. Tente descobrir os sinais que anunciam seu PAI ou sua CRIANÇA, e como seu ADULTO poderá trabalhar para controlá-los?
6. Analise sua capacidade para ser criativo, e as dificuldades que tem para experimentar, para inventar, sonhar com novos horizontes, fazer tentativas diferentes etc.

Quinta Sessão
AS QUATRO POSIÇÕES DA VIDA

Um elemento-chave na explicação da dinâmica de nosso comportamento, são os sentimentos gravados em nossa CRIANÇA a respeito de nós mesmos e a respeito dos outros. Está aqui um ponto decisivo na compreensão de nós mesmos e dos outros. Logicamente o sentimento que, de modo geral, é gravado, é a posição EU NÃO SOU OK e em relação a si mesmo e a VOCE NÃO É OK em relação aos pais. Essa é a posição mais influente em nossa vida. Afeta tudo o que fazemos. Como se trata, porém, de uma decisão, poderá ser modificada por outra decisão, desde que seja compreendida. O fato de alguém dizer que "teve uma infância feliz" não significa que não formou uma posição EU NÃO SOU OK - VOCE É OK. Isso é gravado pelo fato de se ter sido criança, isto é, dependente, sem capacidade para sobreviver por si só.

Na infância, porém, outras duas posições podem ser gravadas, e se tornar a posição fundamental da vida: EU SOU OK, VOCE NÃO É OK e EU NÃO SOU OK, VOCE NÃO É OK. Uma quarta posição, finalmente, poderá vir a ser gravada, dependendo, para tanto, da possibilidade de emancipação do ADULTO. É a posição ideal EU SOU OK - VOCE É OK. A primeira posição (= eu não sou OK e você é OK) gravava-se nos primeiros anos de vida. A segunda e a terceira podem gravar-se a partir do primeiro ano de vida, conforme a situação a que esta ou aquela pequena pessoa possa ter sido submetida. Essas três posições gravam-se como CONCLUSÕES (= somos levados a uma delas, somos "jogados" numa delas, somos empurrados para uma delas) e não como EXPLICAÇÕES. A decisão quanto a essas três posições é baseada exclusivamente em estímulos e não-estímulos. A pessoa ficará sempre assim, a não ser que conscientemente mude para a quarta. Expliquemos agora cada uma dessas posições.

1. Eu não sou OK - Você é OK
2. Eu não sou OK - Você não é OK
3. Eu sou OK - Você não é OK.
4. Eu sou OK - Você é OK.

1. EU NÃO SOU OK - VOCE É OK - Posição universal da primeira infância, conclusão lógica que o bebê tira da situação de nascimento e de primeira infância. Conclui, a respeito de si mesmo, porque precisa ser cuidado, que NÃO É OK, e conclui, a respeito dos outros, porque cuidam dele, que são OK. A fixação dessa posi-

ção faz com que agora, como pessoas crescidas, diante dos que conversam conosco e se propõem ajudar-nos, digamos: "É isso mesmo!" Tal expressão é explicação da origem e da existência da CRIANÇA NÃO OK. Esse reconhecimento da CRIANÇA NÃO OK que está em nós é o único modo simpático, e por isso mesmo curativo, pelo qual podemos ser ajudados pelos outros. Do ponto de vista psicológico é uma disposição profunda pela qual possamos ser fraternos, amáveis, acolhedores, humildes, verdadeiros. O rompimento de Adler com Freud ocorreu por esse motivo: o sexo não está na base da luta do homem pela vida, e sim os sentimentos de inferioridade, ou NÃO OK, evidentes universalmente. A pequena pessoa constrói sua auto-estima totalmente baseada na apreciação dos outros.

Nessa primeira posição, a pessoa sente-se à mercê dos outros. Sente grande necessidade de afago, ou reconhecimento. Nessa posição há uma esperança, porque há uma fonte de carinho: VOCÊ É OK. Embora seja bom pano de fundo, contudo não é a posição ideal. Ela cria em nós o problema dos jogos, que estragam nossa convivência interpessoal. A pessoa pode esforçar-se por viver nesta posição de dois modos:

1º O primeiro é viver de acordo com um SCRIPT DE VIDA que confirme o NÃO OK. É o caso do menino malcriado: "Vocês dizem que sou malcriado, pois então eu vou ser malcriado". Quando essa posição se mantém e se fixa, conduz ao desespero. A solução final dessa posição é a desistência e o suicídio.

2º O segundo modo, o mais comum de viver de acordo com essa posição é através de um CONTRA-SCRIPT com linhas emprestadas do PAI: "Eu posso ser OK se". Quem opta por esse modo de viver na primeira posição, procura amigos e associados que tenham um PAI GRANDE, porque precisa de grandes estímulos, e quanto maior o PAI, maiores estímulos. Pessoas assim são ansiosas, dóceis, submissas às exigências dos outros. No entanto são pessoas que estão comprometidas com uma vida inteira de galgar montanhas, e quando atingem o topo de uma, defrontam-se com outra. Isso também não produz felicidade num sentido duradouro, porque a posição não se modifica. Com ela, na verdade, o indivíduo acabará dizendo: "Não importa o que faço, continuo sendo não OK".

2. EU NÃO SOU OK - VOCÊ NÃO É OK - Por que motivo pode formar-se a posição segundo a qual VOCÊ NÃO É OK na criança que conclui EU NÃO SOU OK? - Isso pode começar a ser registrado no final do primeiro ano: a criança já anda, não precisa mais ser apanhada. Mas sua mãe é fria e não gosta de fazer carinho, e mais ou menos dá a entender que seus cuidados com o bebê terminaram. Cessa o carinhoso contato físico. Começam as punições. A vida tinha confortos, agora não tem mais. Agora nasce mais um irmão, so-

bretudo quando é do mesmo sexo, e os cuidados da mãe e do pai vão para o recém-nascido... Quando uma situação familiar assim atinge certo nível e se desenrola dentro de certas circunstâncias, a criança fixa uma segunda posição: EU NÃO SOU OK - VOCÊ NÃO É OK. Com isso o ADULTO pára de desenvolver, uma vez que uma de suas funções primárias - conseguir estímulos - é frustrada pela inexistência de uma fonte de estímulos. Uma pessoa nessa posição, desiste. Não há esperança. Ela simplesmente PASSA PELA VIDA, pode isolar-se, pode assumir comportamento regressivo (= reflete vago desejo de voltar à vida que levava no primeiro ano durante o qual recebia o contato físico carinhoso).

Uma vez fixada a posição VOCÊ NÃO É OK, isso se aplica a todas as pessoas, mesmo se de fato são carinhosas. Nesse caso os carinhos são rejeitados, mesmo que genuínos. Nesta posição o indivíduo pára de usar seu ADULTO nas relações com os outros. Torna-se difícil de ser ajudado por alguém, porque aquele que se propõe ajudá-lo ocupa sempre a categoria NÃO OK.

Há uma condição em que o EU NÃO SOU OK - VOCÊ NÃO É OK pode ser a posição inicial, em vez de seguir-se à primeira. É o caso da assim chamada "criança autista", isto é, da criança que nos primeiros momentos, dias ou semanas de vida, não se sentiu sendo salva, não se sentiu cuidada, porque nada de favorável conseguiu atingi-la. É como se tivesse descoberto que "não havia ninguém lá fora", após sua trágica expulsão para a vida. Não se trata exatamente de ninguém lá fora, mas que ela não registra alguém lá fora para cuidar dela. Os bebês, nesse caso, são vistos pelos pais como crianças que não reagem (= não gostam de colo, só gostam de ficar deitados). Não gostam que o segurem, isto é, rejeitam o carinho. É um caso raro e patológico.

3. EU SOU OK - VOCÊ NÃO É OK - É uma posição criminal. Como é que uma criança pode registrar uma posição EU SOU OK - VOCÊ NÃO É OK? Qual poderá ser a fonte de estímulo favorável para construir o EU SOU OK - VOCÊ NÃO É OK?

Isso acontece em casos raros em que a criança, filho de pais desnaturados, nos primeiros anos de vida é maltratada pelos mesmos, chegando a receber ferimentos e espancamentos. Nos casos em que o pequeno indivíduo consegue se recuperar, ele experimenta uma sensação de conforto sozinho. O que fixa é esse registro: "Vou ficar bem se você me deixar sozinho, EU SOU OK sozinho". Se o pai cruel aparece, a criança pode estremecer de pavor que tudo aconteça de novo. "Você me machucou! VOCÊ NÃO É OK. EU SOU OK, porque me recuperei, e VOCÊ NÃO É OK porque me machucou!" Essa é a origem da história de muitos psicopatas criminosos.

Essa pessoa, na infância, experimentou a brutalidade, mas experimentou também a sobrevivência. O que aconteceu uma vez, po-

de acontecer de novo. "Eu sobrevivi. Eu sobreviverei." A pessoa se recusa a desistir. Quando ficar mais velha, começará a reagir. Já viu como é, e sabe ser dura. Tem permissão (= de seu PAI) para ser cruel e dura. O ódio a sustenta, embora possa aprender a mascarar-lo sob a capa da polidez.

Para esta criança, a posição EU SOU OK - VOCE NÃO É OK é uma posição que salva sua vida. A tragédia, para ela e para a sociedade, será continuar pelo resto da vida sem olhar ao redor de si. Ela é incapaz de ser objetiva a respeito de sua própria cumplicidade com o que lhe acontece. A culpa é sempre "dos outros". Criminosos incorrigíveis ocupam essa posição. São pessoas "sem consciência", convencidas de que são OK, não importa o que façam. Um indivíduo assim bloqueia totalmente a entrada de dados que afirmem que qualquer pessoa seja OK. O tratamento é difícil, porque o terapeuta também NÃO É OK. A expressão final dessa posição é o homicídio, sentido pelo criminoso como sendo justificável.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. Qual o elemento-chave na explicação da dinâmica de nosso comportamento?
2. Logicamente, qual o sentimento que, de modo geral, é gravado em nossa CRIANÇA a respeito de nos mesmos e dos outros?
3. Quais outras posições podem ser gravadas na infância?
4. De que depende a gravação de uma quarta posição?
5. De que maneira se gravam as três primeiras posições?
6. Em que se baseia a gravação das três primeiras posições?
7. Por que motivo a primeira posição é mais geral e universal?
8. Qual a vantagem e qual a desvantagem da primeira posição?
9. Quais os modos em que a pessoa pode viver na primeira posição?
10. Por que motivo e em que circunstâncias a pequena pessoa pode gravar a segunda posição?
11. Quais as consequências negativas da segunda posição?
12. Em que circunstâncias a segunda posição pode se tornar a primeira gravação?
13. Em que casos pode acontecer a gravação da terceira posição?
14. Qual a consequência da gravação da terceira posição?

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Analise, com seus colegas, sintomas que, em sua vida, revelam a gravação da primeira, segunda ou terceira posição.
2. Quais fatos, de modo geral, em sua vida, levam você a se sentir NÃO OK?

É nesta quarta posição que reside nossa esperança. Difere das três primeiras, porque aquelas são inconscientes, e foram tomadas cedo. A primeira persiste na maior parte das pessoas por toda a vida. Para certas crianças desafortunadas em extremo, essa posição foi mudada para as posições dois ou três. Por volta dos três anos uma dessas posições é firmada em todas as pessoas. A decisão quanto à posição a ser tomada é, talvez, uma das primeiras funções do ADULTO da pequena pessoa, na tentativa de conferir sentido à vida.

1. A quarta posição provém de uma decisão verbal e consciente, e pode incluir não apenas uma quantidade muito maior de informações a respeito de si mesmo e dos outros, como também incorporar a visão de vida fornecida pela filosofia e pela religião. As três primeiras posições são baseadas em sentimentos. A quarta é baseada no pensamento, na fé e no risco da ação. A elaboração desta é facilitada se os dados do PAI conferem com a realidade, e, por conseguinte, são registros coerentes.

2. Na quarta posição o indivíduo não é levado a uma nova posição. É uma decisão que tomamos. Ela é como uma conversão. Mas ela é facilitada ou dificultada pela maneira como fomos acolhidos na vida e como fomos embalados nos primeiros anos de vida. Afortunadas as crianças que são ajudadas no princípio de suas vidas a descobrirem que são OK, pela repetida exposição a situações que podem prová-lo, a si próprias, ao seu mundo, e ao mundo dos outros. Lamentavelmente a posição mais comum, adotada tanto por pessoas bem sucedidas quanto por indivíduos que fracassaram, é a EU NÃO SOU OK - VOCÊ É OK.

3. O modo mais comum de proceder com a primeira posição é através dos JOGOS. O jogo é uma transação que oculta outra motivação, uma cilada, um truque. O NÃO OK é um fardo terrível. Então a pessoa busca alívios momentâneos para esse fardo, tentando dizer que "O MEU É MELHOR QUE O SEU". Para uma criança de três anos o NÃO OK significa: tenho só meio metro de altura, sou desamparado, sou indefeso, sou sujo, nada do que faço está certo, sou desajeitado e não tenho palavras para fazer com que você compreenda como me sinto. E o VOCÊ É OK significa: você tem um metro e setenta de altura, você é poderoso, você sempre tem razão, você sabe todas as respostas, você é inteligente, você tem controle de vida ou de morte sobre mim, você pode me bater e me machucar e ainda continua sendo OK.

Qualquer alívio a este estado de coisas é bem recebido pela CRIANÇA. Vivemos a vida buscando esses momentos de alívio. Então fazemos jogos: uma porção maior de sorvete, forçar o primeiro lugar na fila, rir dos erros da irmã, bater no irmãozinho, dar um pontapé no gato, ter mais brinquedos, tudo isso traz alívio momentâneo. Os adultos, também, se prestam a variações sofisticadas do jogo: "O MEU É MELHOR": acumulam propriedades, moram em casa maior e melhor, ou capricham mais na modéstia (= sou mais humilde que você). Vivemos fazendo manobras.

4. Nosso objetivo, no Treinamento Básico de 2º nível, é procurar melhorar ou ficar OK. Isso fazemos buscando conhecer a situação difícil de infância existente sob as três primeiras posições e verificando como o atual comportamento perpetua a posição. Entretanto, como essa quarta posição depende do grau de emancipação que conseguimos para o ADULTO, e como o ADULTO se desenvolve com o emprego e com o exercício, a quarta posição nós a construímos também com o exercício. Exercitamos em nós as razões pelas quais realmente SOMOS OK e pelas quais o outro, seja lá quem for, também é OK.

EU SOU OK - VOCÊ É OK é realmente uma posição e não um sentimento. Os registros NÃO OK da CRIANÇA não são apagados por uma decisão presente na atualidade. A tarefa a cumprir é como iniciar uma coleção de registros que resultem em transações. Um homem que consegue viver muitos anos através de decisões de um ADULTO emancipado, tem grande coleção de tais experiências e pode dizer com segurança: "Sei que dá certo". SABER que EU SOU OK - VOCÊ É OK funciona, é saber que alegria e tranquilidade instantânea não podem ser esperadas. A formação da quarta posição exige esforço diuturno, persistência, paciência, trabalho sério com um sistema de valores, formação filosófica e religiosa profunda.

Problemas pessoais ou sociais não vão cessar imediatamente assim que assumimos uma nova posição. A CRIANÇA quer resultados imediatos. Só o ADULTO compreende que paciência e fé são indispensáveis. Não podemos garantir sentimentos OK instantâneos por assumir a posição EU SOU OK - VOCÊ É OK. Temos que aprender a ser sensíveis a antigos registros, mas podemos tomar a decisão de desligar essas gravações quando são reproduzidas num modo que mina a fé que temos num novo modo de vida que, COM O TEMPO, produzirá bons resultados e nova felicidade em nossa vida. O ADULTO também pode reconhecer as reações da CRIANÇA dos outros e decidir não corresponder a elas.

Isso acarreta uma modificação, e podemos nos modificar, no sentido de emancipar e fortalecer nosso ADULTO.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. No que a quarta posição difere das três primeiras?
2. De que provém a quarta posição?
3. Em que se baseia a quarta posição?
4. De que maneira a quarta posição é facilitada ou dificultada?
5. Qual o modo mais comum de proceder com a primeira posição?
6. Que é o jogo e por que fazemos jogos?
7. Qual é o jogo fundamental?
8. De que maneira podemos melhorar ou ficar OK?
9. Do que depende a formação da quarta posição?
10. De que maneira podemos exercitar as razões pelas quais so-
mos OK?
11. Que se exige para a formação da quarta posição?

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Analise com seus colegas a visão filosófica e religiosa que você tem a respeito da vida, do mundo, do homem e de Deus. Que pensa você a respeito da vida, do mundo, do homem e de Deus?
2. De que maneira você poderia melhorar sua visão filosófica e religiosa a respeito da vida, do mundo, do homem e de Deus?
3. Analise melhor com seus colegas a maneira como você foi acolhido e embalado nos primeiros anos de vida, e procure compreender de que forma isso tudo influenciou na formação do NÃO OK de sua CRIANÇA.
4. Até que ponto você, no começo da vida, fez descobertas segundo as quais pôde gravar relativa abundância de sentimentos OK em sua CRIANÇA?
5. Analise até que ponto você emprega ou não emprega o jogo "O MEU É MELHOR". Tente ver detalhes de suas atitudes, manhas, desejos, ambições, empreendimentos, manobras subtis etc.
6. Estude melhor as situações que por ventura tenham sido difíceis em sua infância, e de que forma essas situações gravaram em você os sentimentos NÃO OK.

POR QUE "TEMOS PROBLEMAS"?

Não é bem exato dizer que "temos problemas", mas dizer que a maior parte de nossas energias as gastamos em TOMAR DECISÕES. Geralmente falamos assim: "Não posso me decidir!" - "Diga-me o que devo fazer!" - "Receio tomar a decisão errada!" - "Minha vida é um fracasso!" - "Ando sempre nervoso!" - São afirmativas que expressam problemas, mas todas se originam da dificuldade em TOMAR DECISÕES.

1. O primeiro passo para resolver a dificuldade em TOMAR DECISÕES é reconhecer que em cada decisão há três conjuntos de dados a ser processados. O primeiro está no PAI, o segundo, na CRIANÇA, e o terceiro, no ADULTO. Diante de qualquer decisão a ser tomada, os dados são lançados no computador em resposta a um estímulo transacional. Quem vai responder: o PAI, o ADULTO ou a CRIANÇA?

2. Vamos a um exemplo concreto: nos Estados Unidos, um homem de negócios, de meia idade, bom pai, bom marido, cidadão responsável e conceituado é solicitado para que assine um manifesto que será publicado nos jornais da cidade. O pedido é feito por telefone. Trata-se de um abaixo-assinado em favor de uma lei que proteja os direitos humanos dos cidadãos de todas as raças de morarem aonde quiserem. Isso acontece numa cidade em que a discriminação racial é estopim aceso, sempre pronto a explodir. Assim que o homem desliga o telefone, sente grande mal estar, desagradável sensação, mal-estar no estômago, suor nas mãos e impressão forte de que alguma coisa em sua vida ficará estragada. Há uma decisão a tomar, e grande dose de conflito a envolve. De onde vêm esses dados conflitantes?

3. Uma fonte está no PAI. Entre as gravações que estão sendo reproduzidas no cérebro desse homem norte-americano, que vive no dia a dia o drama da segregação racial, podem figurar: "Não traga vergonha à sua família!" - "Não se arrisque!" - "Por que deve ser você?" - "Sua família e seus filhos devem vir em primeiro lugar!" São gravações que encerram algo compulsivo, realizado nos primeiros anos, quando os pais assumiam atitudes e posições em relação aos negros. Sob o título "negro" existe, no cérebro desse homem, toda uma série de dados que foram registrados, que pertencem ao PAI e são impossíveis de serem questionados. O acesso a esses dados foi proibido por ordens firmes: "Não faça perguntas!" - "Ele é um negro e pronto!" - "Não quero ver você tra-

zê-lo aqui de novo!" - "Negro, quando não suja no começo, suja no fim!" - "Lá-lá-lá, lé-lé-lé, pegue um negro pelo pé!" Esses primeiros registros, reforçados através dos anos por continuados preceitos paternos e por ulteriores provas de que a presença de negros causa problemas, são uma força poderosa pressionando a decisão desse homem.

4. O poder desses dados está na capacidade que têm de produzir MEDO na CRIANÇA. O PAI está de novo lutando para fazer a CRIANÇA se conformar. O cérebro, então, começa a tocar outras gravações: "Que aconteceria à minha filha se casasse com um deles?" - "Que acontecerá ao valor de minha propriedade se limitar com a de um negro?" - Há dificuldades reais, mas a INTENSIDADE DOS SENTIMENTOS é menos vinculada a elas que a dificuldade original da CRIANÇA. É esta última que produz o mal-estar no estômago e suor nas mãos. A dificuldade pode ser tão grande que leva o homem a se dirigir ao bar, ou procurar outra evasiva para "tirar o PAI das costas".

5. A guerra será curta se não houver outro conjunto de dados a alimentar o computador. São os dados oriundos da realidade e que estão no ADULTO. O homem ordinário não se deixa perturbar pela realidade. Simplesmente desiste em favor do PAI. O que ele quer é PAZ para a CRIANÇA a qualquer preço. "Os métodos antigos são os melhores!" - "É a natureza humana que é feita assim!" - "A história se repete!" - "Deixa que o Luís faça o que pretende!"

6. Somente um homem de ADULTO forte e operante pode proceder de outra forma! Nesse caso o homem de ADULTO forte e operante é capaz de pesar a seriedade da crise racial. Apenas um ADULTO forte e operante pode procurar mais dados, e assim pode avaliar como a escravidão das pessoas leva a terríveis consequências, e, finalmente, é algo indigno da sociedade. Somente um homem de ADULTO forte e operante como Lincoln pode dizer: "Os dogmas do calmo passado são insuficientes para a luta do presente!" Somente um homem de ADULTO forte e operante pode examinar objetivamente TODOS os dados, e procurar outros que a realidade pode oferecer.

É nesse processo de IDENTIFICAR e SEPARAR os três conjuntos de dados que começamos a impor ordem ao caos de sentimentos e in decisões. Uma vez separados, os três conjuntos de dados podem ser examinados pelo ADULTO para ver o que é válido.

De que maneira, no exemplo do homem norte-americano, um ADULTO forte e operante poderá examinar os dados do PAI? - Assim: "Por que meus pais acreditavam nessas coisas?" - "Como seria o PAI de meus pais?" - "Por que apenas os povos de origem inglesa criam o problema da segregação racial?" - "Por que a CRIANÇA dá

meus pais se sentia ameaçada pela presença dos negros?" - "Hoje, meus pais seriam capazes de analisar o P-A-C deles?" - "O que eles pensavam era verdade?" - "Os brancos são superiores aos negros?" - "É errado jamais se arriscar?" - "Uma posição anti-discriminatória traria necessariamente vergonha à família?" - "Poderia trazer honra?"

O ADULTO desse homem precisa também analisar os dados da CRIANÇA. - "Por que me sinto tão ameaçado?" - "Por que esse mal-estar no estômago e esse suor nas mãos?" - "Meu medo é apropriado para os dias de hoje? Ou era apropriado quando eu tinha três anos de idade?" - Esse homem pode sentir medo a respeito da ordem e das violências. Poderá ser morto. Mas precisa distinguir o medo que é produzido pela realidade presente, e o medo que sentia aos três anos. O medo dos três anos é muito maior. Naquele tempo não podia modificar a realidade. Mas agora, aos quarenta e três, pode!

Compreender o medo dos três anos é essencial a fim de liberar o ADULTO para o processamento de dados novos. Este é o medo que leva as pessoas a prejudicarem ou as torna preconceituosas. A pessoa receia pensar de outro modo. Isso contamina o ADULTO, e esta contaminação permite que o preconceito, ou que um dado não examinado do PAI seja externado como verdade.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. Por que não é bem exato dizer que "temos problemas"?
2. Qual o primeiro passo a fazer para resolver a dificuldade em tomar decisões?
3. Qual o segredo do PODER do PAI em nossas decisões e conflitos?
4. Qual o procedimento do homem ordinário diante dos conflitos que lhe causam mal-estar?
5. De que maneira podemos começar a impôr ordem ao caos de nossos sentimentos e indecisões?
6. De que maneira, num exemplo qualquer, o ADULTO poderá examinar os dados do PAI e da CRIANÇA?

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Analise com seus colegas os pormenores de sua situação emocional em situações difíceis, impasses, apuros, decisões complicadas.
2. Quais crenças você acha que estão registradas no seu PAI?
3. Quais medos você acha que estão registrados na sua CRIANÇA?

4. Até que ponto você acha que seu ADULTO é capaz de processar . dados oriundos da realidade?
5. De que maneira seu ADULTO poderá analisar as CRENÇAS de seu PAI e os MEDOS de sua CRIANÇA?



NOSSA "LIBERDADE" PARA MUDAR

ADULTO EMANCIPADO - A Análise Transacional busca capacitar a pessoa a ter liberdade de escolha, a se modificar quando quiser, para mudar suas reações a estímulos. Esta liberdade, em grande parte, nós a perdemos na infância. A restauração da liberdade para modificar é o objetivo do treinamento através da Análise Transacional. Esta liberdade decorre do conhecimento da VERDADE do que está no PAI e do que está na CRIANÇA, e como esses dados são computados nas transações atuais. Exige que se conheça também o mundo em que se vive. Exige, de igual modo, o conhecimento de que todos com quem se tem transações têm um PAI, um ADULTO e uma CRIANÇA. Uma das realidades de nossa situação humana é que, muitas vezes, temos que tomar decisões antes de conhecer os fatos.

A CRIANÇA que está em nós exige CERTEZA. Quer saber se o sol nascerá todas as manhãs, se a mamãe estará sempre ali, se o "bandido" no fim sempre será preso. O ADULTO, porém, pode aceitar o fato de que nem sempre se pode ter certeza. O ADULTO, então, pode agir também em base a probabilidades. O ADULTO aceita que nos seja negada, em muitos setores, a possibilidade de certeza absoluta. Dessa forma, filosofia e religião são duas coisas muito importantes para o desenvolvimento do ADULTO.

O ADULTO do homem que tomamos como exemplo na sessão anterior pode admitir que o resultado de sua assinatura é incerto. Se assinar aquele manifesto, poderá ser ridicularizado. Se sua posição é EU SOU OK - VOCE É OK, então incluirá todas as pessoas, independentemente de raça e religião. Mas ele pode ser prejudicado por pessoas preconceituosas: poderão prejudicar sua renda, sua qualidade de sócio do clube, ou até suas relações com a esposa. Mas ele pode pesar também a possibilidade de que sua contribuição para a solução do problema racial poderá levar a uma redução significativa da área de conflito. A longo prazo, isso pode trazer compensações à sua CRIANÇA, sob a forma de uma reputação de homem com integridade e coragem, como Abraham Lincoln.

Quando o PAI e a CRIANÇA dominam, o resultado é previsível. Quando o ADULTO domina, o resultado nem sempre é previsível. Há possibilidade de fracasso, mas há também a possibilidade de sucesso. Mais importante: quando o ADULTO domina há a possibilidade de MUDANÇA.

O QUE FAZ AS PESSOAS QUEREREM MUDAR? - Três coisas fazem as pessoas quererem modificar:

1º O fato de já terem sofrido bastante: bateram com a cabeça por tanto tempo numa parede que decidiram: basta! Tem enxaquecas, úlceras. São alcoólatras. Imploram alívio. Querem mudar!

2º O fato de se terem entediado. O tédio é um lento tipo de desespero. É o caso da pessoa que anda dizendo: "E daí?", até que perguntam pela última vez um "e daí?" maior que os anteriores. Então resolvem mudar.

3º O fato de fazerem a súbita descoberta de que podem mudar. A Análise Transacional busca levar as pessoas a fazerem essa descoberta.

O HOMEM É LIVRE PARA MUDAR? - Pode uma pessoa realmente se modificar, se assim o quiser, e, podendo se modificar, será que esta sua mudança fica totalmente à mercê de seus condicionamentos no passado? Os freudianos negam isso: o passado pesa sobre nós, com a força do princípio CAUSA-EFEITO. O que acontece hoje, acontece determinado pela carga do passado. Se um homem hoje matar alguém, a isso é levado pelo condicionamento de seu passado. Tem uma causa que prova um efeito, e que o explica, e que, portanto, o justifica. Então o homem não é responsável pelo que faz. Em outras palavras: não existe livre arbítrio.

Não podemos negar a realidade da lei CAUSA-EFEITO. Nosso passado pesa sobre nós! Ele está todo em cada decisão que tomamos. E pesa! E condiciona, indica-lhe o rumo, empresta-lhe força, exige-a!

Entretanto, não apenas o passado exerce CAUSALIDADE sobre um EFEITO no presente. Em se tratando do comportamento humano, existe uma causalidade muito importante, e esta é constituída pelo FUTURO. O homem sempre faz o que faz por certas razões, mas estas não estão todas no passado. O homem, através do pensamento, faz as coisas olhando também para o futuro. Ele é influenciado pelo futuro, e no futuro, o que existe é a CAUSA FINAL, ou seja, a criatividade, a liberdade, o não-condicionamento. Portanto, o homem, quando faz algo, o faz, sim em parte, determinado pelo passado, mas o faz também criando no futuro, fazendo o que faz porque assim o quer fazer, e poderia fazer de outro modo, porque no futuro não existe a exigência determinante e necessitante, mas o impulso criador. Aliás, talvez devamos dizer que o futuro exerce muito mais poder causativo sobre o comportamento humano, ou melhor, sobre as decisões humanas, que o passado. Porque a mente humana é de tal natureza que é mais determinada pelas causas finais do que pelas causas eficientes. O homem é uma criatura cujo momento presente é constantemente dominado pelo ainda

não existente. Esse ainda não existente é o poderoso futuro. Nesse sentido, o QUE NÃO É influencia o que É. Eu penso, e meu pensamento se preocupa com o que possa acontecer, desde que certos passos sejam dados. Ortega Y Gasset define o homem como "UM SER QUE CONSISTE NÃO TANTO NO QUE É, MAS NO QUE IRÁ SER". O resultado de uma ação não é determinado pelo prévio caráter do indivíduo, mas por algo de absolutamente novo que pode surgir no ato de pensar.

Portanto, podemos nos modificar, porque no ADULTO está a ação, e nele reside a esperança e a mudança é possível.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. Qual o objetivo da Análise Transacional?
2. Que se exige para restaurar a liberdade que em parte perdemos na infância?
3. Qual a exigência da CRIANÇA que contrasta com a capacidade do ADULTO no que se refere às decisões?
4. Que acontece quando o PAI ou a CRIANÇA dominam?
5. Que acontece quando o ADULTO domina?
6. O QUE faz as pessoas quererem mudar?
7. Pode uma pessoa realmente se modificar, se assim o quiser, e podendo se modificar, será que esta sua mudança fica totalmente à mercê dos acontecimentos no passado?
8. Até que ponto o passado exerce sobre nós uma causalidade eficiente determinadora de nosso comportamento?
9. Qual a importância da causa final na determinação de nosso comportamento?
10. Por que motivo, realmente, podemos nos modificar?

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Procure, com seus colegas, analisar a VERDADE do que está no seu PAI e na sua CRIANÇA e como esses dados são computados em suas transações atuais. Analise também o mundo em que você vive, para ver o que esse mundo oferece ou dificulta ao seu PAI, à sua CRIANÇA ou ao seu ADULTO.
2. Por onde é que você acha que pode começar a mudar?
3. Elabore seus planos para o futuro, no sentido de melhorar seu ADULTO, livrando-o das contaminações do PAI ou da CRIANÇA.

ANÁLISE DAS TRANSAÇÕES COMPLEMENTARES

Estabelecida a linguagem, vamos agora usá-la para ANALISAR UMA TRANSAÇÃO. A transação consiste num ESTÍMULO da parte de uma pessoa e numa REAÇÃO de outra que, por sua vez, é novo estímulo para a primeira pessoa. Objetivo da Análise consiste em descobrir que parte de cada uma delas - PAI, ADULTO, CRIANÇA, - está originando cada ESTÍMULO e RESPOSTA.

Há muitos sinais que ajudam a identificar estímulos e respostas do PAI, do ADULTO e da CRIANÇA: são palavras, tom de voz, movimento do corpo e expressões faciais. Não precisamos cavar fundo em incidentes do passado para descobrir o que está gravado no PAI, no ADULTO e na CRIANÇA. Nós nos revelamos no presente.

1. INDÍCIOS DO PAI - No aspecto físico: testa franzida, lábios contraídos, dedo indicador em riste, balançar a cabeça, expressão de horror, bater o pé, mãos nos quadrís, braços cruzados sobre o peito, passar a mão pela cabeça do outro. Esses são gestos comuns do PAI. Mas pode haver gestos particulares ao PAI de uma pessoa. Por exemplo: se seu pai tinha por hábito pigarrear, ou olhar para cima cada vez que ia pronunciar-se sobre seu comportamento.

No aspecto verbal, são indícios do PAI: "Vou parar com isso de uma vez por todas!" - "Enquanto eu for vivo não posso!" - "Lembre-se sempre!" - "Se eu fosse você...!" De modo geral palavras que traduzem JULGAMENTO, podem ser indícios do PAI, desde que o julgamento seja feito sem os dados da realidade, imitando os outros. Palavras como "devia" e "tinha" frequentemente denunciam o PAI, mas elas podem ser empregadas também pelo ADULTO.

2. INDÍCIOS DA CRIANÇA - No aspecto físico: lágrimas, tremer os lábios, o "beicinho", explosões de gênio, voz aguda e irritada, olhos irrequietos, encolher os ombros, baixar os olhos, zombar, rir, manifestar grande prazer, roer as unhas, erguer as mãos para falar, girar o corpo denotando embaraço, dar risinhos exprimidos.

Indícios verbais da CRIANÇA são: "Eu quero." - "Eu desejo." - "Eu não sei!" - "Eu vou." - "Não me importo." - "Maior" - "O máximo." - "Melhor". - "Ótimo". Os superlativos, em geral, originam-se na CRIANÇA.

3. INDÍCIOS DO ADULTO - No aspeto físico: rosto expressivo, ato de ouvir identificado por movimento contínuo do rosto, nos olhos, no corpo, com pestanejar a cada três ou cinco segundos. A cabeça inclinada indica que a pessoa está escutando, mas tem em mente um determinado ponto de vista. O ADULTO também permite que a CRIANÇA curiosa e excitada, apareça em seu rosto.

Indícios verbais do ADULTO: Porque, o que, onde, quando, como e quanto. De que modo. Verdadeiro. Falso. Possível. Desconhecido. eu penso. Eu entendo. Em minha opinião. A frase: "Na minha opinião, as mulheres têm direitos iguais aos homens" não é a mesma que: "As mulheres têm direitos iguais aos homens".

4. EXEMPLO DE TRANSAÇÃO PAI-PAI - Duas Senhoras, sentadas lado a lado, desanimadas, dialogam se o ônibus chegará ou não no horário:

SENHORA 1 - *(Olha para o relógio, dá corda nele, atrai o olhar da Senhora ao lado, suspira baixinho).*

SENHORA 2 - *(Suspira também, muda de posição, olha para o SEU relógio).*

SENHORA 1 - *Parece que vamos atrasar de novo.*

SENHORA 2 - *É sempre assim!*

SENHORA 1 - *Já viu algum dia um ônibus no horário?*

SENHORA 2 - *Nunca!*

SENHORA 1 - *É como sempre digo para o meu marido: hoje em dia não se tem mais os serviços que se tinha antigamente!*

SENHORA 2 - *E no entanto as empresas sabem cobrar mais caro!*

O exemplo traz uma transação PAI-PAI, porque se realiza sem os dados da realidade e retratam o que essas duas Senhoras, quando meninas, ouviram de suas mães e tias. As duas mulheres desfrutam de mais prazer comentando os "horrores" da viagem, do que o teriam sentido procurando saber os fatos. O motivo disso é a sensação proporcionada pela descoberta e acusação de culpados. Quando descobrimos um culpado e acusamos um erro, reproduzimos as primeiras acusações no PAI, e isso nos faz sentir OK, porque o PAI é OK. Fazendo assim estamos nos aproximando dele. E quando a outra pessoa concorda em jogar conosco o mesmo jogo, temos uma sensação de quase onipotência.

A Senhora nº 1 faz um movimento. A Senhora nº 2 poderia ter interrompido o jogo se respondesse, a cada uma das afirmativas dela, com uma declaração do ADULTO. Exemplo:

A Senhora nº 1 olha o relógio, dá corda nele, atrai o olhar da Senhora ao lado e suspira baixinho. A Senhora nº 2 poderia reagir com o ADULTO de várias maneiras:

1. Não tomando conhecimento do suspiro, desviando o olhar.
2. Dando um simples sorriso.
3. [Se a Senhora 1 estivesse muito perturbada] - A senhora está se sentindo bem?

No segundo estímulo a Senhora nº 1 diz: "Parece que vamos a trasar de novo!" - A Senhora nº 2 poderia interferir com o ADULTO de várias maneiras:

1. Que horas são agora?
2. Este ônibus geralmente está no horário!
3. A Senhora já se atrasou alguma vez?
4. Vou perguntar ao motorista!

No terceiro estímulo o ADULTO da Senhora 2 teria também várias possibilidades de reagir. A Senhora 1 pergunta: "Já viu algum ônibus no horário? E a Senhora 2 poderia reagir:

1. Sim!
2. Geralmente não viajo de ônibus.
3. Nunca pensei nisso.

O mesmo se diga do quarto estímulo. A Senhora 1 diz: "É como sempre digo para o meu marido: hoje em dia não se tem mais os serviços que se tinha antigamente". A Senhora 2 poderia responder com o ADULTO das seguintes maneiras:

1. Não posso concordar com isso.
2. A que tipos de serviços a Senhora está se referindo?
3. O padrão de vida está tão alto como sempre, no meu modo de ver as coisas.
4. Não posso me queixar.

No caso em que a Senhora 2 respondesse com o ADULTO, a transação não seria mais complementar, e sim cruzada. A Senhora nº 1 está se comprazendo no jogo "Não é horrível?", e por isso não recebe bem a intrusão dos fatos.

5. TRANSAÇÕES COMPLEMENTARES - Isso nos leva à primeira regra de comunicação em Análise Transacional: Quando o estímulo e a resposta no diagrama P-A-C formam linhas paralelas, a transação é complementar e poderá prosseguir indefinidamente! No exemplo das duas Senhoras, o "agradável" sofrimento delas terminou quando um passageiro, sentado na poltrona à frente, resolveu perguntar ao motorista se chegariam ou não ao destino no horário previsto. O motorista respondeu: "Sim, às 11 e 15". Nesse caso, entre passageiro e motorista, estabeleceu-se uma transação complementar, a qual, porém, cruzou com a transação das duas Senhoras, cortando-a com a intrusão dos fatos. Veremos depois que, quando a transação cruza, a comunicação cessa. Vejamos agora uma série de exemplos de transações complementares.

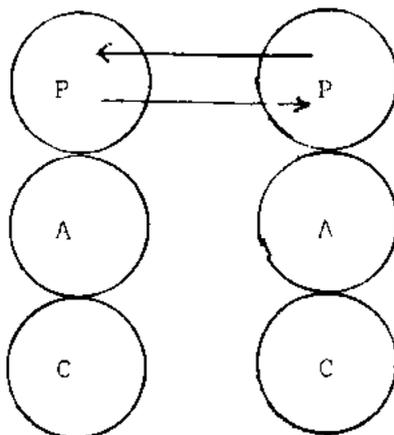


Diagrama transacional PAI-PAI

- ESTÍMULO - O dever dela é ficar em casa com os filhos.
 RESPOSTA - Evidentemente, ela não tem senso do dever.
- ESTÍMULO - Irrita ver como sobem os impostos para sustentar esses incapazes às custas do povo!
 RESPOSTA - Onde é que isso vai parar?
- ESTÍMULO - Os jovens de hoje são irresponsáveis!
 RESPOSTA - É um sinal dos tempos!
- ESTÍMULO - Vou terminar com isso de uma vez por todas!
 RESPOSTA - Isso mesmo! Essas coisas a gente tem que cortar pela raiz!
- ESTÍMULO - Filho ilegítimo, você sabe!
 RESPOSTA - Oh! Isso explica tudo!
- ESTÍMULO - Zêzinho despedido? Como foi que eles se atreveram a fazer uma coisa dessas?
 RESPOSTA - Vamos, querida! Prá começar, nem sei porque ele trabalhava naquela firma que não valia nada!
- ESTÍMULO - Ela se casou com ele por causa de seu dinheiro!
 RESPOSTA - Bem, foi só o que conseguiu!
- ESTÍMULO - Não se pode confiar mesmo nos jovens!
 RESPOSTA - Exatamente! São todos iguais!

Transações ADULTO-ADULTO

- ESTÍMULO - Que horas são?
 RESPOSTA - São 4 e 30 no meu relógio.

ESTÍMULO - Bonito terno!

RESPOSTA - Obrigado!

ESTÍMULO - Essa tinta nova seca depressa.

RESPOSTA - Seca mais depressa que a outra?

ESTÍMULO - Passe a manteiga, por favor!

RESPOSTA - Já está!

ESTÍMULO - Que é que está cheirando tão bem, querida?

RESPOSTA - Pãezinhos de queijo ao forno, quase prontos!

ESTÍMULO - Não sei o que fazer. Não consigo decidir qual a melhor solução!

RESPOSTA - Não creio que você deva tomar uma decisão assim tão cansado. Por que não vai dormir? Conversaremos a esse respeito amanhã de manhã!

ESTÍMULO - Parece que vai chover.

RESPOSTA - É o que previu o serviço de meteorologia.

ESTÍMULO - Têzinho tem parecido preocupado ultimamente.

RESPOSTA - Por que você não o convida para jantar?

ESTÍMULO - Estou cansado.

RESPOSTA - Vamos para a cama.

ESTÍMULO - Os impostos subirão novamente no ano que vem.

RESPOSTA - Bem, não é uma boa notícia. Mas se vamos continuar a gastar, temos que conseguir dinheiro em alguma parte.

6. TRANSAÇÕES CRIANÇA-CRIANÇA - Não há muitas transações complementares CRIANÇA-CRIANÇA, porque a CRIANÇA é muito mais sensível a receber estímulos do que a dá-los. Se o ADULTO não estiver envolvido na transação, nenhum dos participantes se sente positivamente estimulado, e a relação não se torna complementar.

MENINA 1 - (CRIANÇA) - Eu sou a mãe e você a filhinha!

MENINA 2 - (CRIANÇA) - Eu sempre tenho que ser a filhinha!

MENINA 1 - (ADULTO) - Está bem. Então você primeiro é a mãe, e depois sou eu!

Esta transação não é só CRIANÇA-CRIANÇA porque surge o ADULTO na última declaração. Se o ADULTO não surge, a transação morre de tédio. As transações CRIANÇA-CRIANÇA se observam mais no que as pessoas FAZEM juntas do que no que DIZEM. Um casal se abraçando e gritando com força na roda gigante está tendo uma transação CRIANÇA-CRIANÇA. Vovô e vovó passeando descalços, de mãos dadas, na praia, estão tendo uma transação CRIANÇA-CRIANÇA. A transação CRIANÇA-CRIANÇA, porém, não dura muito se o ADULTO não está por perto, ou seja, sem a permissão e a supervisão do ADULTO. O casal na roda gigante pode se divertir, porque tomou providências para que isso acontecesse. Vovô e vovó podem passear

na praia, porque levaram tempo trabalhando para que se tornasse possível esse momento feliz. Quando o ADULTO não está por perto, a CRIANÇA se emaranha numa série de transações cruzadas.

NOTA - A relação sexual homem-mulher é uma transação CRIANÇA-CRIANÇA. Por conseguinte, exige que o ADULTO esteja por perto para não morrer de tédio, ou se emaranhar numa série de transações cruzadas, que desgastam o relacionamento.

7. TRANSAÇÕES PAI-CRIANÇA - O marido (CRIANÇA) está doente, quer atenção. A esposa (PAI) se dispõe tratá-lo materno. A situação pode se prolongar na medida em que a mulher quiser continuar sendo maternal. Alguns casamentos são desse tipo: o marido banca o garotinho e a mulher, a mãezinha. Um casamento assim poderá ser satisfatório desde que nenhum dos dois resolva mudar de papel. Se um dos dois se cansa da combinação, o relacionamento é perturbado e começa a crise.

8. TRANSAÇÕES CRIANÇA-ADULTO - Uma pessoa tomada por sentimentos NÃO OK pode procurar outra para se tranquilizar com dados reais. Um marido, preocupado com um negócio, pode dizer à esposa: "Não vou conseguir!" Com isso ele liga a CRIANÇA, na esperança de que ela ligue o ADULTO. Ele sabe que sua CRIANÇA NÃO OK pode arruinar sua chance, e sabe que a esposa tem um bom ADULTO, e o pede emprestado, porque o seu está fraco. A resposta dela poderia ser dada pelo PAI, e o tranquilizaria do mesmo modo. Mas, nesse caso, não seria resposta dada em base aos dados reais. Ela então responderia buscando negar os sentimentos da CRIANÇA: "Claro que você vai conseguir, não seja bobo!"

9. TRANSAÇÕES ADULTO-PAI - Um homem deseja deixar de fumar (ADULTO). Quer isso porque sabe que é bom para a saúde (= dado real). Então pede à esposa que banque o PAI: que jogue fora os cigarros quando os encontrar, que brigue com ele quando o ver fumando. Dessa forma transfere a responsabilidade para o PAI da esposa, e banca o garotinho. Este é um jogo que se chama "Tente me apanhar".

MEMÓRIA DE GRUPO

1. Em que consiste a transação?
2. Quais os indícios físicos do PAI, da CRIANÇA e do ADULTO?
3. Quais os indícios verbais do PAI, da CRIANÇA e do ADULTO?
4. De modo geral, qual é o motivo da Transação PAI-PAI?
5. Por que na Transação PAI-PAI existe o "gosto" para descobrir culpados e apontar erros?
6. Qual a primeira regra de comunicação em Análise Transacional

7. Formule alguns exemplos de Transação PAI-PAI.
8. Formule alguns exemplos de Transação ADULTO-ADULTO.
9. Formule alguns exemplos de Transação CRIANÇA-CRIANÇA.
10. Por que motivo não há muitas transações complementares CRIANÇA-CRIANÇA?
11. De modo geral, de que maneira as pessoas fazem transação CRIANÇA-CRIANÇA?
12. Formule exemplo de transação PAI-CRIANÇA.
13. Formule exemplo de transação CRIANÇA-ADULTO.
14. Formule exemplo de transação ADULTO-PAI.

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

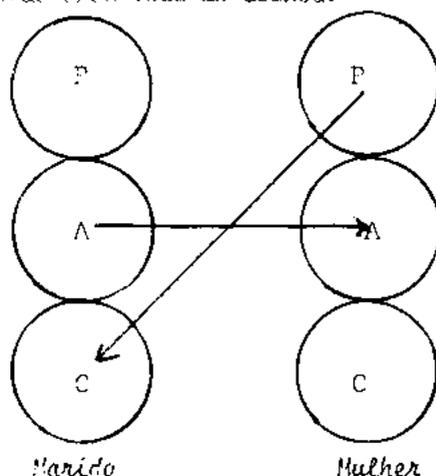
1. Analise com seus colegas os indícios físicos de seu PAI, de seu ADULTO e de sua CRIANÇA. Analise, depois, os indícios verbais de seu PAI, de seu ADULTO e de sua CRIANÇA.
2. Analise os indícios físicos e verbais que, em certas pessoas, levam você a fisgar o PAI ou a CRIANÇA. Converse demoradamente com seus colegas dessas pessoas que facilmente "fisgam" seu PAI ou sua CRIANÇA.
3. Analise uma por uma das pessoas com as quais você vive no dia a dia, para ver que tipo de transação, fundamentalmente, você tende a estabelecer com cada uma delas.



EU SOU OK - VOCÊ É OK!

Décima Sessão
ANÁLISE DAS TRANSAÇÕES CRUZADAS

Transação cruzada é aquela que causa problema. O marido pergunta à mulher: "Querida, onde estão minhas abotoaduras?" O estímulo vem do ADULTO, pedindo informação. A esposa poderia responder com o ADULTO, formando uma transação complementar, por exemplo: "Na gaveta, em cima da cômoda!" Ou então: "Espere aí, vou ajudá-lo a procurar!" Entretanto, aquele foi um dia em que a "querida" acumulou boa dose de mágoas e raivas, porque ele não deixa nunca as coisas no lugar. Por isso dá-lhe a resposta com o PAI: "Estão onde você as deixou!"



Isto nos leva a uma segunda regra de comunicação em Análise Transacional: Quando o estímulo e a resposta se cruzam no diagrama Transacional P-A-C, a comunicação cessa. Marido e mulher não podem mais falar em abotoaduras. Primeiro eles têm que resolver a questão do porquê ele não guarda suas coisas. Se a resposta da esposa tivesse vindo da CRIANÇA (= "Por que você sempre tem que gritar comigo?") formar-se-ia o mesmo impasse. As transações cruzadas podem dar início a toda uma série de ruidosas trocas de palavras ofensivas e construir jogos como: "É sempre você!" - "Se não fosse você eu podia". "Gritaria". "Agora te pequei!"

A causa das respostas não adultas é a posição NÃO OK da CRIANÇA. Uma pessoa dominada por essa posição "percebe" coisas inexistentes no que ouve, como, por exemplo:

1. Onde foi que você comprou esses bifes?
- E o que é que eles têm de ruim?
2. Adoro seu novo penteado!
- Você nunca aprovou um penteado meu!
3. Passe a batata frita, querida!
- E você ainda me chama de gorda!

1. Exemplos de Transações Cruzadas.

PACIENTE (A) - Eu gostaria de trabalhar num hospital como este.

ENFERMEIRA (P) - Você não consegue dar conta de seus problemas.

MÃE (P) - Vã arrumar seu quarto

FILHA (P) - Você não pode me mandar. Você não é o chefe aqui. Papai é que pode me mandar!

TERAPEUTA (A) - Qual o principal problema de sua vida?

PACIENTE (C) - Burocracia! Burocracia! (batendo na mesa) BUROCRACIA!

FILHO (A) - Tenho que terminar um trabalho hoje de noite para entregar amanhã!

PAI (P) - Por que é que você sempre deixa tudo para o último minuto?

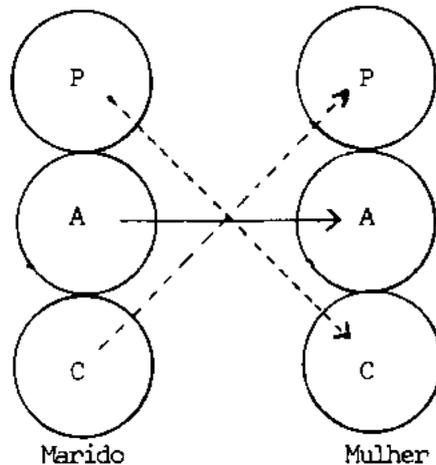
FILHA (C) - Detesto sopa! Não vou tomar minha sopa! Você cozinha mal!

MÃE (C) - Então eu vou embora e você pode cozinhar sôzinha sua comidinha ruim!

2. NOTAS - Pessoas cuja CRIANÇA NÃO OK está sempre ativada, não podem dar continuidade a transações que a conduzirão um passo adiante no seu tratamento com a realidade, porque estão sempre preocupadas com um negócio não terminado relacionado com a realidade passada. Não podem aceitar normalmente um elogio, porque acham que não o merecem, e acham que deve haver uma farpa escondida naquelas palavras agradáveis. As pessoas nas quais a CRIANÇA sempre predomina, na realidade estão sempre dizendo: "Olhem para mim, eu NÃO SOU OK"! - O mesmo se diga daqueles nos quais predomina o PAI. Eles estão sempre dizendo assim: "Olhe para você, você não é OK (= e isto me faz sentir melhor). Essas duas manobras são expressões da posição NÃO OK, e ambas contribuem para o prolongamento do desespero.

3. A posição NÃO OK não é apenas expressa na resposta. Pode ser encontrada também no estímulo. Exemplo: o marido pergunta à mulher: "Onde foi que você escondeu o abridor de latas?" O estímulo parece vir do ADULTO, porque busca informação. Entretanto,

há uma ponta de alfinete na palavra "ESCONDEU". O marido está dando uma indireta na maneira como a esposa organiza a casa. Por isso, sua verdadeira pergunta, na verdade, é esta: "Se ao menos uma vez, uma só vez eu encontrasse nesa casa uma coisa no seu lugar!" O estímulo veio do PAI. Chama-se TRANSAÇÃO DUPLA, ou angular. O prosseguimento da transação depende de qual estímulo a esposa deseja responder. Ela poderá responder com o ADULTO: "Querido, "ESCONDI" o abridor de latas na gaveta, junto com as colheres!" Se ela responder assim, mostra que entendeu a indireta, mas, para manter a paz de seu casamento, aceita e ao mesmo tempo fornece a informação pedida. Entretanto, a esposa poderá também responder com a CRIANÇA: "O que há com você, está ficando cego?" E aí termina o problema do abridor de latas, para dar lugar a uma briga sobre os valores de um de outro em matéria de organização, cegueira, estupidez. É o jogo de "Gritaria".



4. Outro exemplo: o marido chega em casa e escreve em cima de um móvel cheio de poeira: "Querida, EU TE AMO!" Isso mostra que seu ADULTO está no comando, mas também seu PAI e sua CRIANÇA aí estão envolvidos. O PAI está dizendo: "Por que você não limpa essa mesa?" - A CRIANÇA, por sua vez, está dizendo: "Por favor, não fique braba comigo pelo fato de eu a estar criticando!" O exemplo indica que o ADULTO está no comando porque, nesse caso, o homem está dizendo assim: "Se eu disser que a amo, não ficará braba comigo, e, ao mesmo tempo, terá a idéia de que, afinal, é importante para um homem de minha posição ter um lar com boa aparência!"

O prosseguimento dessa transação dependerá também de qual estímulo a esposa deseja responder. Poderá responder com o ADULTO

TO, indo à garagem e escrevendo na poeira do carro: "Querido, EU TAMBÉM te amo!" Isso ela consegue na medida em que fôr suficientemente OK para aceitar uma crítica construtiva. Mas ela pode fisgar também o PAI: "Quando foi a última vez que você tirou o pó do carro que está na garagem?" De igual modo poderá fisgar também a CRIANÇA, fechando a cara, ficando magoada e saindo para a cidade fazer uma série de compras.

5. O ADULTO também pode escolher um modo complementar de reagir a um estímulo, quando quer proteger tanto o relacionamento como os indivíduos ligados a ele. Isso exige uma computação de dados muito rápida, intuitiva. Exemplo: num coquetel, um homem liga sua CRIANÇA e dá um beliscão na nádega de uma mulher. Ela responde com o ADULTO, porque naquela ocasião lhe é importante proteger tanto o relacionamento interpessoal como os indivíduos ligados a ele: "Minha mãe sempre me disse para voltar a outra face". Ela podia, entretanto, não ter essa rapidez de reação adulta, e fisgar o PAI: "Seu sujo!"... e meter a mão na cara do engraçadinho. Podia também reagir com a CRIANÇA, começando a chorar, ficando embaraçada, furiosa, trêmula ou então sedutora.

Ao responder: "Minha mãe sempre me disse para voltar a outra face", pôs em funcionamento um ADULTO de alta velocidade, e transmitiu uma série de informações:

1. Eu também tenho uma mãe que SEMPRE ME ORIENTOU, por isso é melhor você se cuidar!

2. DAR OUTRA FACE - Conheço a Bíblia, e por isso é bom você saber que não, ou o tipo de garota que pode imaginar!

3. DAR OUTRA FACE - O humor das palavras "face", "bochecha", "nádega" está dizendo: "Minha CRIANÇA está se divertindo, mas você é OK e, nessas circunstâncias, eu posso agüentar uma brincadeira, mesmo que seja de mau gosto!"

4. Transação terminada, porque o ADULTO da mulher cruzou no diagrama com a CRIANÇA do homem.

A pessoa que é capaz de sair-se assim em circunstâncias como estas, é pessoa que possui um ADULTO em alta velocidade. De ordinário não conseguimos ligar o ADULTO com tanta rapidez e fazê-lo funcionar: provocamos uma briga (PAI) ou retiramo-nos ofendidos (CRIANÇA). De qualquer maneira nossa grande questão é a seguinte: Como conseguir um ADULTO que trabalhe melhor e depressa? Quando alguém bater à porta de nossa vida, quem irá recebê-lo por primeiro: o PAI, o ADULTO ou a CRIANÇA?

MEMÓRIA DE GRUPO

1. Que é transação cruzada?
2. Qual a segunda regra de comunicação em Análise Transacional?

3. Qual a causa de nossas respostas não adultas?
4. Por que pessoas cuja CRIANÇA NÃO OK está sempre ativada não conseguem dar prosseguimento no seu tratamento com a realidade?
5. O que estão dizendo, na verdade, as pessoas nas quais predomina a CRIANÇA e aquelas nas quais predomina o PAI?
6. Que é uma transação angular ou dupla?
7. Qual é a nossa grande questão em nossas transações com as pessoas?

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Estude, com seus colegas, as pessoas que vivem com você no dia a dia, e com as quais você custa se entender, porque nesse caso, a transação é cruzada.
2. Analise as circunstâncias e as pessoas às quais você tende a dar respostas não adultas.
3. Analise circunstâncias e pessoas diante das quais você tende ou os outros tendem, diante de você, a provocar estímulos carregados da posição NÃO OK, dando origem, assim, a transações duplas ou angulares.



*Irmão Sol,
Lua, minha irmã,
abri meus olhos,
Eu vos quero ver.
Hoje entendi:
Não estou sozinho.
Sou uma parte
de uma imensa vida,
que, generosa,
transborda em mim,
imenso dom
de um amor sem fim.*

O TREINAMENTO DE MOSSO ADULTO

Nosso treinamento em segundo nível, possui dois objetivos: 1º Buscamos melhorar a posição OK a respeito de nós mesmos; 2º Emancipar e fortalecer o ADULTO, separando-o do PAI e da CRIANÇA.

O ADULTO se desenvolve depois do PAI e da CRIANÇA, e parece ter boa dose de dificuldades para atingir um pé de igualdade com os dois primeiros estados de vida. O PAI e a CRIANÇA ocupam circuitos muito primários, e tendem a aparecer por primeiro em cena, em resposta aos estímulos.

Assim sendo, a primeira coisa a fazer para fortalecer o ADULTO, é se tornar SENSÍVEL AOS SINAIS DO PAI e da CRIANÇA. Sentimentos despertados são uma pista do envolvimento da CRIANÇA. Conhecer a própria CRIANÇA, ser capaz de reconhecer seus sentimentos NÃO OK, é o primeiro requisito para o processamento de dados do ADULTO. Saber que "esta é minha CRIANÇA NÃO OK" torna possível não externar em ações seus sentimentos. É um trabalho de AUTO-CONTENÇÃO. Aristóteles disse que a verdadeira força, ou melhor, a verdadeira manifestação de força do homem é a auto-contenção. A força do ADULTO se mostra por primeiro no ato de reprimir as reações automáticas do PAI e da CRIANÇA, dando tempo ao ADULTO para computar os dados adequados.

Os sinais do PAI também podem ser detectados do mesmo modo. É bom, para tanto, fazer a si mesmo certos tipos de perguntas: Isso ainda se aplica? Isso é apropriado? Onde foi que aprendi essa idéia? Qual é a prova?

Quanto mais se sabe a respeito do que contém o PAI e a CRIANÇA, mais facilmente se pode separá-los do ADULTO. Um modo de praticar a identificação do PAI e da CRIANÇA, é acompanhar o diálogo interno. Por exemplo, quando alguém se sente mal, melancólico, deprimido, pode fazer a si mesmo a pergunta: "Porque meu PAI está batendo na minha CRIANÇA?" Quando alguém é capaz de dizer "este é meu PAI" ou "esta é minha CRIANÇA", diz isso com seu ADULTO, e assim, pelo próprio método de questionar qual estado quer predominar, essa pessoa já consegue mudar para o ADULTO. Pode-se sentir alívio imediato numa situação aflitiva simplesmente perguntando: "Quem está entrando em cena?"

Outro modo de fortalecer o ADULTO é gastar algum tempo para tomar grandes decisões sobre valores básicos, o que tornará um grande número de pequenas decisões desnecessárias. Não se pode

ensinar navegação em meio a uma tempestade. No diálogo com pessoas que fixam facilmente seu PAI ou sua CRIANÇA, principalmente sua CRIANÇA NÃO OK, antes de falar, em certas ocasiões, espere um pouco, conte até 10, se for o caso, ou fique em silêncio. Você não pode ser atacado pelo que não disse.

Na Fraternidade Franciscana, porém, nosso grande instrumento de cultivo e desenvolvimento do ADULTO é a Equipe de Entre-Ajuda. A Equipe de Entre-Ajuda é um desafio. Fazê-la funcionar, ser fiel ao seu programa, levá-la a sério é o segredo de nosso crescimento.

A partir do 2º nível o trabalho da Equipe se torna mais concreto e exigente. Sessão por sessão visa fornecer subsídios ao trabalho da Equipe. Os membros da Equipe fazem bem se cada qual fizer seu SCRIPT de Análise Transacional. O SCRIPT é um texto de Análise feito da seguinte forma:

1. Escreva num caderno um resumo de sua história pessoal, de acordo com o esquema que lhe foi dado no 1º nível. É seu rastreamento profundo.

2. No segundo nível, sessão por sessão, redija as análises que você faz com os colegas de Equipe, conforme roteiro que lhe é apresentado no final de cada sessão. Seu estudo sobre você mesmo se torna sério, você pode voltar de novo e rever suas descobertas, suas reflexões, suas análises.

3. Com seus colegas de Equipe, confronte constantemente suas análises, busque melhorar suas conclusões, burilar suas metas, aprofundar suas descobertas. Esse trabalho, feito por escrito, custa mais, exige mais, mas também rende muito mais.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. *Quais os dois objetivos de nosso Treinamento em 2º Nível?*
2. *Por que o ADULTO tem mais dificuldade para atingir um pé de igualdade com o PAI e a CRIANÇA?*
3. *Qual a primeira coisa a fazer para fortalecer o ADULTO?*
4. *De que maneira concreta o ADULTO poderá detectar os dados do PAI?*
5. *Qual seria um modo concreto de praticar a identificação do PAI e da CRIANÇA?*

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

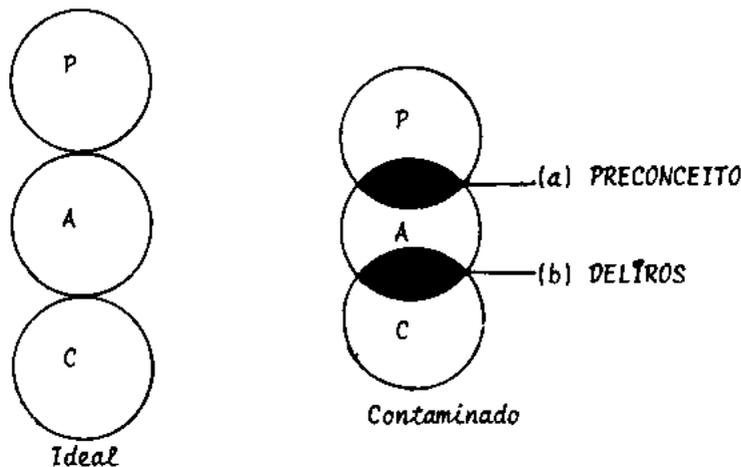
1. No dia a dia de sua vida, e no diálogo com seus colegas de Equipe, aprenda a reconhecer sua CRIANÇA, suas vulnerabilidades, seus métodos principais de expressar seus sentimentos.

2. De igual modo aprenda a reconhecer seu PAI, suas admoestações, suas injunções, suas posições fixas e seus principais métodos de expressar tudo isso.
3. Estude como ser sensível à CRIANÇA dos outros, em particular à CRIANÇA das pessoas que vivem no dia a dia com você, aprenda a falar com ela, estimule-a carinhosa e positivamente, proteja-a e levar em conta sua necessidade de expressão criativa, assim como o fardo NÃO OK que ela carrega.
4. Em situações difíceis, nervosas, embaraçosas, quando o sangue costuma subir-lhe à cabeça, aprenda a contar até 10 antes de falar. Com isso você dá tempo ao ADULTO para processar os dados que entram no computador e separar o PAI e a CRIANÇA da realidade. Segundo Aristóteles, essa capacidade de auto-contenção é o sinal que mostra o homem de caráter forte.
5. Exercite-se em ficar quieto, em caso de dúvida. Você não pode ser atacado pelo que não disse.
6. Trabalhe intensamente seu sistema de valores. A vida na Fraternidade Franciscana, para tanto, lhe oferece uma oportunidade privilegiada, com seus muitos treinamentos e tirocínios, ao longo de seu intenso itinerário de formação. Não se pode tomar decisões sem que se disponha de uma boa estrutura ética. O Franciscanismo representa para você a oportunidade extraordinária de cultivar uma cosmovisão vasta e maravilhosa, do ponto de vista filosófico e teológico, e cria para você um clima de relacionamento profundo com Deus.
7. Desenvolva sua capacidade de conversar, dialogar com Deus. Aprenda a falar com Deus como um amigo fala com outro amigo, amigo muito especial e muito íntimo, amigo que sempre nos leva à sério e nos compreende até naquilo que nós mesmos não somos capazes de compreender em nós mesmos.
8. Leve à sério seu trabalho na Equipe de Entre-Ajuda, mesmo que isso lhe custe muito. Seja fiel ao seu programa de reuniões que devem ser bastante frequentes. Trabalhe na Equipe fazendo seu SCRIPT de Análise Transacional. É assim que você pratica o esforço de transformação de sua vida.

DIFICULDADES DE EMANCIPAÇÃO DO ADULTO

Todos somos estruturalmente iguais: temos um PAI, um ADULTO e uma CRIANÇA. Diferimos de dois modos: 1º No conteúdo de cada um desses registros, único para cada indivíduo; 2º No modo como funcionam, em cada um de nós, o PAI, o ADULTO e a CRIANÇA. Queremos agora abordar um estudo dessas diferenças funcionais. Há dois tipos de dificuldades de emancipação do ADULTO: a CONTAMINAÇÃO e a EXCLUSÃO

CONTAMINAÇÃO - Temos um PAI, um ADULTO e uma CRIANÇA, e é importante que os conservemos separados, se não quisermos ter problemas. O problema, quando esses registros não estão separados, é chamado de CONTAMINAÇÃO do ADULTO. A contaminação do ADULTO por parte do PAI não examinado e externado como verdadeiro, chama-se PRECONCEITO. Isso acontece quando os dados do PAI são externados em transações antes que os dados da realidade (= ADULTO) lhe sejam aplicados. O preconceito se desenvolve muito cedo na pessoa, na primeira infância, quando a porta da curiosidade é fechada sobre certos assuntos por aqueles que dão segurança à pequena pessoa, e esta, através da sua CRIANÇA, não se atreve a abri-la com medo de represália.



Sabemos o quanto é difícil dialogar com uma pessoa preconceituosa. Num indivíduo assim, o PAI predomina firmemente uma porção do ADULTO, e ele irá defender seu preconceito com toda a

espécie de argumentos, visando sustentar sua posição. Por mais ilógica que possa parecer, sua RIGIDEZ está na segurança que ela representa. Para a CRIANÇA de dois anos, é mais seguro acreditar numa mentira que nos próprios olhos e ouvidos. Por isso não se pode eliminar um preconceito com um discurso do ADULTO a esse respeito. O único modo de eliminar um preconceito é revelar o fato de que não é mais perigoso discordar dos pais e atualizar o PAI com dados da realidade presente. O tratamento visará fazer uma separação entre o PAI e o ADULTO, e restaurar a fronteira entre ambos.

A contaminação pode vir também por parte da CRIANÇA. Ela acontece na forma de sentimentos ou experiências inadequadamente externados no presente. Dois dos sintomas mais comuns da contaminação por parte da CRIANÇA são os DELÍRIOS e as ALUCINAÇÕES. Os delírios têm raízes no medo. Uma criança que sentiu constante pavor da brutalidade e da fúria de pais imprevisíveis, pode, quando pessoa crescida e sob tensão, ser invadida pelo mesmo temor a tal ponto que chegue a fabricar dados "ilógicos" para justificá-lo. Pode acreditar, por exemplo, que o vendedor ambulante que se aproxima está, na realidade, vindo para matá-la. Se a gente diz que se trata apenas de um vendedor ambulante, esta pessoa pode justificar seu pavor dizendo: "Não, eu vi bem, é o homem que a polícia está procurando. Vi o retrato dele no correio. É por isso que vem me matar!" Lembre-se da Valquíria do PAI FERÓI.

Como no caso do preconceito, este delírio não pode ser eliminado por uma simples declaração de que se trata, na realidade, de um vendedor. Ele só poderá ser vencido através da revelação de que a ameaça original à CRIANÇA não mais existe externamente. Só quando o ADULTO estiver descontaminado, é que poderá computar os dados da realidade.

As ALUCINAÇÕES são outro tipo de contaminação do ADULTO pela CRIANÇA. Uma alucinação é um fenômeno produzido por extrema tensão, em que aquilo que uma vez foi experimentado, degradação, rejeição, críticas, é novamente experimentado, mesmo que não haja estímulo externo. Uma experiência gravada re-entra em cena, e a pessoa "ouve" vozes que existiram na realidade passada. Se lhe for perguntado o que lhe dizem as vozes, ela descreverá a alucinação caracteristicamente com palavras de crítica, ameaça ou violência. Alucinações estranhas não são difíceis de ser compreendidas quando consideramos os tipos de ofensas, verbais ou físicas, a que algumas crianças estão sujeitas.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. De quantos e quais modos diferimos?
2. Quais os tipos de dificuldades de emancipação do ADULTO?

3. Que é a CONTAMINAÇÃO do ADULTO?
4. Que é o PRECONCEITO e como se forma?
5. Qual o comportamento da pessoa preconceituosa?
6. Quais os sintomas mais comuns de contaminação do ADULTO por parte da CRIANÇA?
7. Que são os DELÍRIOS e como se formam?
8. De que maneira se eliminam tanto o preconceito como os delírios?
9. Que são as ALUCINAÇÕES e como se formam?

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Com seus colegas de Equipe, procure analisar possíveis contaminações de seu ADULTO da parte do PAI.
2. Analise também possíveis contaminações de seu ADULTO por parte de sua CRIANÇA.
3. Faça o mesmo em relação às pessoas com as quais você vive no dia a dia, e estude, com seus colegas, a maneira como você poderá ajudá-las.

EU NÃO SOU OK,
E VOCE,
TAMBEM,
NÃO
E
OK!



PROBLEMAS PATOLÓGICOS DE EXCLUSÃO

A EXCLUSÃO é outro tipo de desordem funcional, muito mais patológico que a contaminação. Dá-se quando a pessoa só liga o PAI, ou só liga a CRIANÇA, ou só liga o ADULTO. Acontece quando um PAI dominante bloqueia a CRIANÇA, ou quando uma CRIANÇA dominante bloqueia o PAI, ou quando ambos bloqueiam o ADULTO.

1. CONTAMINAÇÃO DO ADULTO POR PARTE DO PAI com BLOQUEIO DA CRIANÇA. - Exemplo de ADULTO contaminado pelo PAI com CRIANÇA bloqueada, é o do homem que não pode ou não sabe brincar, o homem dominado pelo dever, sempre trabalhando no escritório, só pensando em negócios, coisas sérias, cursos, conferências, impaciente com os membros da família que desejam planejar um piquenique.. Por que aconteceu isso? - Provavelmente porque esse homem, quando pequeno, foi tão reprimido por pais sérios, rígidos e devotados ao dever, que passou a achar que o único modo de proceder na vida é desligar completamente a CRIANÇA. Registrou que toda a vez que deixava a CRIANÇA dominar, havia problema: "Vá para seu quarto!" - "Criança não dá palpite!" - "Quantas vezes já lhe disse...!" - "Cresça e apareça!" - Se uma criança dessas foi recompensada por seu conformismo, então é compreensível como tenha escolhido o caminho da absoluta submissão ao PAI, e o bloqueio total dos impulsos infantis.

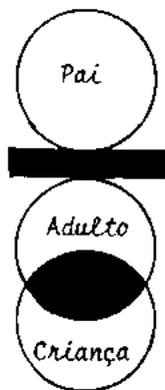


ADULTO contaminado
por PAI, com CRIANÇA
bloqueada.

Esse tipo de indivíduo tem muito pouca felicidade registrada em sua CRIANÇA. Provavelmente jamais será capaz de deixar vir à tona sua CRIANÇA feliz, já que isso é coisa que ele praticamente não possui. Ele pode ser ajudado a compreender que sua

posição não é justa para com a própria família e filhos, e que até mesmo seu casamento poderá vir a sofrer se ele persistir em tentar bloquear a CRIANÇA de sua esposa e filhos. Através de um esforço consciente da parte de seu ADULTO, ele pode fazer uma viagem com a família, diminuir o tempo que gasta no escritório, ouvir amorosamente (= disciplina do ADULTO) as fantasias de seus filhos e participar na vida deles. Com seu ADULTO, pode fazer uma meta de ser amoroso e preservar a família. Não conseguirá modificar seu PAI ou não criará uma CRIANÇA feliz que não existe dentro dele, mas poderá construir uma vida satisfatória no presente.

2. ADULTO CONTAMINADO PELA CRIANÇA com PAI BLOQUEADO - Uma dificuldade mais séria, particularmente para a sociedade, é a apresentada pelo ADULTO contaminado pela CRIANÇA com PAI bloqueado. É o caso da pessoa que "não tem consciência". Esta condição se desenvolve em pessoas cujos pais verdadeiros ou aqueles que desempenharam esse papel eram tão brutais e aterradores, ou, num



ADULTO contaminado
pela CRIANÇA com PAI
bloqueado.

outro extremo, tão indulgentes, que o único modo de preservar a vida foi "deixá-los de fora", ou bloqueá-los. É a posição típica do psicopata, aquele que em algum ponto de sua primeira infância desistiu de sua primeira posição EU NÃO SOU OK - VOCÊ É OK e assumiu uma nova: EU SOU OK - VOCÊ NÃO É OK. Sua conclusão foi correta a respeito dos pais, que geralmente não eram OK. Na verdade eles eram tão NÃO OK que ele os excluiu inteiramente. Num caso extremo isso pode ser feito através do homicídio. Não chegando a esse ponto, ele, ao mesmo psicologicamente, os exclui de modo que se pode dizer que não tem um PAI.

Mas, excluindo seu PAI desagradável, esse indivíduo exclui também um pouco de "bom" que havia nele. Esse indivíduo, em suas transações atuais, não dispõe de "tapes" com dados relacionados

com o controle social, normas adequadas sobre o que deve ou não deve fazer. Em uma palavra, não tem consciência. Seu comportamento é dominado pela CRIANÇA que, através do ADULTO contaminado, maneja as pessoas para conseguir seus objetivos. Seu ADULTO é capaz de avaliar conseqüências, mas as conseqüências com as quais ele está preocupado são as que dizem respeito se ele será ou não será apanhado, e raramente contém elementos de preocupação com os outros. Embora possa haver excessões, de ordinário não aprendemos a amar quando não fomos amados. Se os primeiros cinco anos de vida consistiram exclusivamente numa difícil luta pela sobrevivência física e psicológica, essa luta provavelmente prosseguirá através de toda a existência.

Um modo de verificar se a pessoa tem ou não tem um PAI, é verificar a existência de sentimentos de vergonha, remorso, embaraço ou culpa. Esses sentimentos aparecem quando o PAI "bate" na CRIANÇA. Se não existirem, é provável que o PAI tenha sido bloqueado.

O tratamento de um indivíduo assim é difícil. Não se pode evocar um PAI que não existe. Entretanto, devemos saber que mesmo o psicopata possui um computador com 12 bilhões de células, com as quais pode avaliar a realidade e construir respostas, mesmo que nada tenha sido gravado antes. Um criminoso psicopata PODE compreender seu P-A-C de tal forma que seu ADULTO possa dirigir suas atividades futuras, modificando seu padrão de crime, prisão e condenação. Ele pode jamais ter tido um PAI operante capaz de apoiar seu ADULTO, mas pode vir a se tornar forte o bastante para conduzi-lo a uma vida bem sucedida onde ele conquiste a aprovação e mesmo a estima dos outros. É nesta possibilidade que os esforços de re-habilitação de psicopatas criminosos são baseados.

3. ADULTO SEM FUNÇÃO ou BLOQUEADO - Indivíduo com ADULTO bloqueado é dominado pela psicose. Seu ADULTO não funciona, e, assim ele não tem contato com a realidade. O PAI e a CRIANÇA desse indivíduo vêm à tona diretamente, misturando com frequência dados arcaicos, com reprodução confusa de antigas experiências que não fazem sentido agora, porque não faziam sentido quando eram gravadas.

CASO CONCRETO - A paciente cujo canto de hinos religiosos (PAI) era entremeado com obscenidades relativas às funções do corpo (CRIANÇA). Resultado estranho que parecia reproduzir um antigo conflito PAI-CRIANÇA entre o bem e o mal, o que deve e o que não deve, a salvação e a condenação. O fato de seu ADULTO estar bloqueado, significa a intensidade do conflito: "A luta é muito difícil, não vou tentar!" Não significa que isso dá algum conforto em sua desistência. A paciente continuava à mercê de sentimentos horríveis que experimentara como criança.

O primeiro passo no tratamento de uma pessoa psicótica é re-
duzir esses sentimentos de pavor. É básico na recuperação dessa
pessoa que desde o primeiro contato com quem se propõe ajudá-la,



*O ADULTO bloqueado,
ou sem função (Psicose)*

ela perceba que aquele que se propõe ajudá-la demonstra essa po-
sição: EU SOU OK - VOCE É OK.

PRAXE DO TRATAMENTO CLÍNICO - O tratamento começa com a pri-
meira troca de olhares entre o terapeuta e o paciente, quando o
terapeuta entra com a posição básica EU SOU OK - VOCE É OK. Os
psicóticos são ansiosos por estabelecer um relacionamento mais
significativo com as pessoas. Quando esses indivíduos, geralmen-
te muito perceptivos, se defrontam com uma pessoa que assume a po-
sição EU SOU OK - VOCE É OK, isto representa, para eles, uma expe-
riência nova e intrigante. O ADULTO é "ligado" por esta tomada
de posição humana. O paciente começa a saber que ele é OK, que é
importante por causa de sua característica única de ser gente, e
ele começa a ganhar confiança. Quando o ADULTO começa a proces-
sar dados, a escutar, a aprender, a ajudar nas decisões, o poder
regenerativo inato começa a reagir, e o processo de cura se ini-
cia.

O importante, o decisivo é fazer a pessoa se tornar capaz
de dar respostas oriundas de seu ADULTO, sem suspeitar uma amea-
ça. A emergência do ADULTO, mesmo que tênue, é o início do resta-
belecimento do contato com a realidade, e o palco está preparado
para o aprendizado do P-A-C através do qual mais descobertas po-
dem ser feitas pelo paciente a respeito do próprio comportamento.

É claro que, com pessoas assim, além do tratamento em grupo,

são ministradas drogas que ajudam na elevação do estado de espírito, e para tranquilizar os extremamente agitados. Em caso de depressão muito forte, é aplicado um tratamento com choques elétricos, cujo efeito é dramático. Depois de duas ou três sessões, o paciente se mostra mais animado, tranqüilo e disposto a falar.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. *Que é a EXCLUSÃO?*
2. *Por que certas pessoas têm ADULTO contaminado pelo PAI com CRIANÇA bloqueada?*
3. *Qual o comportamento da pessoa que tem ADULTO contaminado pelo PAI com CRIANÇA bloqueada?*
4. *O que pode fazer a pessoa que tem ADULTO contaminado pelo PAI com CRIANÇA BLOQUEADA para ao menos contornar seu problema?*
5. *Por que certas pessoas têm ADULTO contaminado pela CRIANÇA com PAI bloqueado?*
6. *Qual o comportamento da pessoa que tem ADULTO contaminado pela CRIANÇA com PAI bloqueado?*
7. *Como conduzir uma pessoa com ADULTO contaminado pela CRIANÇA com PAI bloqueado a superar seu problema?*
8. *Que acontece com a pessoa de ADULTO bloqueado?*
9. *Como tratar a pessoa de ADULTO bloqueado?*

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Com seus colegas de Equipe, analise se você ou alguém da mesma Equipe revela algum problema de exclusão, se não na forma aguda como descrevemos, pelo menos em modalidades leves.
2. Analise depois, se em sua vida, sobretudo em sua família, há pessoas que apresentam problemas de EXCLUSÃO. Estude como ajudá-las a se libertarem do problema.
3. De modo geral, analise sua capacidade para conviver com pessoas difíceis, emproblemas, e como você é capaz de ajudá-las.



BLOQUEIO PERIÓDICO DA PERSONALIDADE MANÍACO-DEPRESSIVA

Todos nós apresentamos altos e baixos, isto é, há dias em que nos sentimos OK, e outros não. Mas, de modo geral, se tentarmos, somos capazes de descobrir os motivos desses nossos altos e baixos. Um pequeno inquérito feito pelo ADULTO, descobre as causas de nossas modificações nos estados de espírito. De modo geral todos temos capacidade para nos livrar dos momentos tristes e desfrutar os bons.

Há pessoas, entretanto, em quem essas mudanças de disposição ou estado de espírito são tão acentuadas, que o ADULTO não consegue controlá-las, nem descobrir as causas que as motivam. É o caso da personalidade maníaco-depressiva. O maníaco-depressivo periodicamente sofre acentuadas e inexplicáveis mudanças de estado de espírito. Na fase maníaca, ou alta, o indivíduo se sente eufórico e cheio de energia. Mostra-se falador e agressivo. É como se sua CRIANÇA estivesse no comando, obrigando-o a correr, a fugir. O PAI parece não ter nenhuma influência restritiva nesta fase, e o indivíduo acha que não pode fazer nada de errado neste período. Pula de um assunto para outro, gasta sua animação numa atividade apenas para largá-la logo depois em troca de outra alegria mais arriscada, como se de certa forma estivesse testando quão longe pode ir nessa brincadeira. O problema é que, embora se sinta otimamente, seu ADULTO está enfraquecido, ou contaminado, e seu comportamento não é realista. Ele pode se tornar desagradável para os outros e, em casos extremos, pode vir a ser detido ou até hospitalizado. Em dado momento ele "desce" e retorna ao que parece ser um período de estabilidade que pode perdurar por longo tempo. Durante esse tempo, o ADULTO está no controle de seu comportamento, que parece ser realista e adequado.

De repente, sem um motivo que ele perceba, sobrevém um período de extrema depressão. O OK desaparece tão misteriosamente quanto apareceu. A vida parece vazia, sua energia desaparece, seu PAI retorna com criticismos acumulados e com a antiga opressão. Novamente o ADULTO está danificado, e a pessoa se imobiliza em sua depressão.

Os maníaco-depressivos diferem dos outros que apresentam altos e baixos comuns, porque as mudanças de seu estado de espírito parecem ser INEXPLICÁVEIS. Tais mudanças também são periódicas e repetidas.

Para compreender como operam os ciclos maníaco-depressivos é essencial entender que tanto a onipotência da fase maníaca quanto o desalento da fase depressiva são SENTIMENTOS gravados na CRIANÇA. Ambas são reações a registros arcaicos do PAI. Tanto numa fase como na outra, o diálogo interno é PAI-CRIANÇA. No ciclo depressivo o PAI "está batendo na CRIANÇA" e na fase maníaca o PAI "está aplaudindo".

Por que há pessoas que caem nessa situação? - Na personalidade maníaco-depressiva encontramos frequentemente um PAI forte, quando não dominador, que contém ordens e permissões contraditórias, gravadas muito cedo, nos dois primeiros anos de vida, quando o ADULTO começa a se engajar na elaboração de um sistema de causa e efeito. Nesta época crítica, se existem incoerências e contradições esmagadoras, a CRIANÇA pode desistir de elaborar intelectualmente uma estrutura de causalidade (= não tem o menor sentido, seja como for que eu procure interpretar o que se passa) e, em vez disso, pode considerar o que lhe acontece como uma questão de TEMPO, e não de relacionamento com objetos e eventos. O indivíduo maníaco-depressivo não pode relatar o que precipitou sua euforia ou sua depressão. Seu estado de espírito é tão imprevisível agora como durante os seus primeiros anos de vida, porque a punição e o louvor de seus pais eram imprevisíveis.

A pessoa que alterna fases maníacas com fases depressivas normalmente foi criada debaixo de grande incoerência. O ADULTO no pequeno indivíduo não conseguia atribuir um sentido às mudanças periódicas de seus pais, de modo que acabou por desistir, afastando-se com uma tentativa final de formular uma posição: EU NÃO SOU OK e NÃO TENHO CERTEZA SOBRE VOCE. O pequeno indivíduo não chegou a reconhecer o sentido pelo qual "todas as coisas boas terminam". Elas terminaram naquela época. E terminarão de novo agora.

O fato de que havia coisas boas, aliás muito boas, que são reproduzidas na fase maníaca, parece indicar que um dos pais (= geralmente a mãe, que é a pessoa que mais influi nos dois primeiros anos de vida) proporcionou de fato grande estímulo e aprovação à CRIANÇA, além de uma esmagadora rejeição. Suas relações com esta não eram baseadas no que a criança fazia, e sim em suas próprias alterações de estado de espírito ou dramáticas mudanças de personalidade.

É difícil para um garoto de dois anos compreender o que está acontecendo quando sua mãe se modifica total e periodicamente de uma pessoa para outra. Diversas causas podem ser responsabilizadas por este tipo de mudança. Uma é o alcoolismo.

Mamãe está "alta". Ela põe o filho no colo, o acaricia e faz-lhe cócegas até que ele grita. Brinca de pegar com o garotí

nho em volta da mesa. Joga-o para cima. Bate palmas. Rí histericamente quando ele puxa o rabo do gato. Viva! A vida é maravilhosa!...

Aí mamãe desmaia. Durante horas a fio o garotinho fica abandonado. Ele tem fome. Está molhado. O carinho acabou. Como conseguirá ele outros carinhos? Que foi que aconteceu? Ele não sabe! Mais tarde ela desperta enjoada. Não pode suportar nem olhar para ele. Empurra-o para longe. O garotinho chora e a procura. Ela o espanca. O que foi que aconteceu? O que foi que ele fez? Tinha sido tão bom! Agora é tão ruim. Ele chora até dormir.

Chega o dia seguinte. Mamãe está "alta" de novo. E lá vamos nós! Ontem à noite foi ruim. Agora está bom de novo, e é claro que será ruim novamente! Não sei porque, mas dentro de algum TEMPO, tudo se modificará. É terrivelmente bom (= maníaco) e é terrivelmente ruim (= depressivo). TERRIVELMENTE descreve ambos os estados por causa da realidade experimentada. A modificação virá súbita, total e IMPREVISIVELMENTE!

Outras condições nos pais produzem mudanças desse tipo: toxicomania, religiosidade excessiva (= fanatismo religioso) ou psicose. A mãe também pode ter personalidade maníaco-depressiva, que agora reproduz no filho.

Em ambientes confusos, a posição NÃO OK da pessoa é ampliada. Uma salvação possível foi vista na tentativa de apaziguar o PAI: POSSO SER OK SE. Mas o "SE" muda sempre (= ontem à noite puxei o rabo do gato e ela aplaudiu e me abraçou; hoje de manhã, puxei o rabo do gato e ela me bateu). Quando a pequena pessoa fica mais velha, as reações inconscientes ficam intensificadas. A CRIANÇA foi punida porque disse palavras feias. Mas, na mesma noite, no jogo de cartas, o pai bêbado, disse as mesmas palavras para regalar os rapazes de sua mesa, e pediu ao garotinho para que fosse provocar o tio sentado ao lado, dizendo-lhe as mesmas palavras.

Da mesma forma que no tratamento de todos os outros problemas emocionais, é necessário engajar o ADULTO no exame dos sentimentos do paciente e encorajá-lo a perguntar "POR QUE?". A maior dificuldade, nesses casos, é que muito cedo a CRIANÇA desistiu de perguntar "por que?". Na verdade decidiu nunca mais perguntar de novo. O tratamento consiste em fazer o ADULTO retornar à posição executiva com respeito à causalidade da qual abdicou um dia. Já que a fronteira entre ADULTO e CRIANÇA foi derrubada e a pessoa está subjugada por sentimentos, freqüentemente é preciso ajudar a pessoa com administração de tranqüilizantes ou drogas anti-depressivas, ou ainda proporcionar-lhe uma terapia de choques elétricos. Uma vez que a CRIANÇA seja alcançada, o ADULTO começa a funcionar e pode ser ajudado a descobrir as razões para as suas

inexplicáveis mudanças de estado de espírito. O indivíduo crescido pode vir a reconhecer que o que faz pode determinar aprovação ou críticas, embora não tão intensas como as que recebia na infância. O louvor pode não produzir a euforia maníaca, ou a crítica, a queda depressiva; mas ele está livre da ansiedade extrema da imprevisibilidade, uma tortura presente até mesmo na fase maníaca.

O TÉDIO CONSTANTE - Não se trata exatamente de bloqueio, ou exclusão, mas de algo que afeta o indivíduo cujas gravações no PAI e na CRIANÇA são tão insípidas, que lhe falta intrinsecamente a matéria-prima para uma personalidade colorida. Isto se expressa com frequência na pessoa que tem uma vaga depressão (=felicidade é para os outros) ou simplesmente esta entediada da vida. Seus pais eram insípidos, inarticulados e ambivalentes. Raramente havia punição e raramente havia recompensa. O entusiasmo era pouco a respeito de tudo. Quando criança pequena, o indivíduo não foi exposto à excitação do mundo externo, raramente teve relações com outras crianças, e, embora tenha sido um "bom menino", porque não causava problemas, também era uma criança que ninguém notava. Seu ADULTO percebia corretamente a realidade, mas a realidade em si era monótona. Pode ter vindo a possuir um ADULTO emancipado com o tempo, mas um ADULTO incapaz de ver a capacidade de se comunicar com outras pessoas como um valor positivo. Sua personalidade se assemelha a um computador. Enquanto os outros se divertem numa festa, ele fica num canto folheando uma revista, ou fazendo a única coisa que sabe fazer: recolhendo os dedos! Se um tipo desses chega a procurar tratamento, pode vir a perguntar: "Mas é só isso?" Embora não seja um problema para a sociedade, é um problema para si próprio. Sua realidade é limitada, no presente, do mesmo modo que foi limitada no início da vida.

Há outras razões para produzir esse estado. Uma criança que se inicia na vida com uma intensa curiosidade sobre o que faz a fumaça subir, porque a chuva cai, quem fez Deus, quem me fez, e só recebe respostas contraditórias por parte daqueles aos quais se dirige, respostas que são confusas, e que mais tarde não se revelam verdadeiras, acaba por deixar de perguntar, de explorar, de se interessar e começa a se sentir entediada. Seu computador começa a se fechar sobre as vastas áreas de interesse especulativo, porque as perguntas que fez só serviram para aumentar a confusão. Esse tipo de tédio frequentemente é demonstrado por estudantes de nível secundário e superior em certos ambientes religiosos impregnados de dogmatismo. O motivo são as respostas simplistas que são dadas às suas próprias perguntas em busca da verdade, as inibições que lhes são impostas sobre as realidades que descobriram através da observação, e a ordem de que devem es-

colher entre a fé e a verdade, como se essas duas coisas não pudessem coexistir.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. Que é a personalidade maníaco-depressiva?
2. De modo geral, que acontece com o maníaco-depressivo?
3. Que acontece na fase maníaca desse tipo de personalidade?
4. Que acontece na fase depressiva da personalidade?
5. Por que os maníaco-depressivos diferem dos que apresentam altos e baixos comuns?
6. Que precisamos saber para compreender como operam os ciclos maníaco-depressivos?
7. Por que certas pessoas caem na psicose maníaco-depressiva?
8. Quais causas geralmente provocam a psicose maníaco-depressiva?
9. De que maneira podemos ajudar os maníaco-depressivos?
10. Que é a personalidade que sofre o problema do "tédio" constante?
11. Que causas geralmente desencadeiam o problema do "tédio constante"?

PARA A EQUIPE DE ENTRE AJUDA

1. Analise, com seus colegas, sintomas que você possa apresentar de personalidade maníaco-depressiva, ou pelo menos, de tendências, sintomas que futuramente poderão se converter em maníaco-depressão?
2. Analise pessoas de seu círculo íntimo que apresentam essa problemática, e estude como ajudá-las.



*Irmão Francisco,
irmão de todo
irmão!*

*Clara de Assis,
irmã de toda
irmã!*

*Cantam ao mundo:
"Só Deus nos basta
rá! O amor que é
puro, sempre
vencerá!"*



TRUQUES DE DISTANCIAMENTO INTERPESSOAL

À medida que a posição NÃO OK a respeito de nós mesmos se firma em nossa vida, complicam-se para nós os relacionamentos com as pessoas, embarçamo-nos em problemas de convivência interpessoal, porque essa posição nos leva ao uso de máscaras. A máscara é um truque que montamos, para viver com os outros mantendo-nos afastados deles. Há cinco maneiras de viver com os outros ficando afastados deles: a RETRAÇÃO, os RITUAIS, as ATIVIDADES, os PASSATEMPOS e os JOGOS. Dessas, as quatro primeiras são bastante inofensivas. Apenas a quinta - os JOGOS - é dramática, porque estraga verdadeiramente a convivência interpessoal. Precisamos conhecer esses nossos truques, e nos treinar para sermos capazes de INTIMIDADE. A INTIMIDADE é, realmente, uma conquista difícil, e perceberemos, com espanto, quão poucos dela realmente são capazes. Todos, de ordinário, vivemos distantes uns dos outros.

1. RETRAÇÃO - A Retração é a forma mais simples de estar junto "ficando longe". Acontece quando estamos com outra pessoa, e nos preocupamos mais com nossos estímulos do que com os da outra pessoa. Podemos estar à mesa almoçando com outras pessoas, mas retraimo-nos em nossa fantasia para outro momento, quando nosso estímulo foi bom. O corpo pode estar sentado à mesa, mas "nós" ali não estamos. Uma sala de aula pode estar cheia de corpos ocupantes, mas o pessoal está na praia, ou viajando não se sabe onde. Sempre que as pessoas se retraem dessa forma, afastam-se daqueles que estão em sua companhia física. É claro que isso é bastante inofensivo, a não ser que aconteça com o marido, cuja esposa lhe está falando.

2. RITUAL - É outra maneira de passar o tempo com os outros sem nos aproximar deles. Não queremos que os outros se intrometam em nossa vida, por isso queremos ficar seguros, não nos engajando ou não nos envolvendo demais. Isso acontece muito nos coquetéis e almoços. As pessoas se tornam "cerimoniosas", esbanjam cumprimentos, reverências, bebericam "Wysks", saboreiam guloseimas etc. Como a Retração, os Rituais ou cerimônias, são um bom truque para nos manter separados. Por isso, quando recebemos alguém em nossa casa e queremos nos aproximar da pessoa e queremos por outro lado que ela se aproxime de nós, dizemos logo: "Fique à vontade!" "A casa é sua". "Não faça cerimônias".

3. ATIVIDADES - É um método comum, conveniente, confortável, útil para ficar junto sem nos aproximar, utilizando o materi

al da realidade exterior. Durante o tempo da atividade não há necessidade de envolvimento íntimo com a pessoa. Muitas vezes usamos nosso trabalho para evitar intimidade. Enquanto alguém está conosco, preocupamo-nos em fazer algo, fumar, folhear uma revista, executar uma tarefa qualquer, fazer crochê ou então ficamos trabalhando de noite no escritório para não ir para a casa, devotando a vida a fazer um milhão em vez de fazer amigos.

4. PASSATEMPO - O passatempo é outro truque em que podemos ficar juntos sem nos aproximar. Trata-se de bate-papos em que se passa o tempo de maneira elegante, ou em que se busca sondar o terreno para ver se algo mais profundo pode nascer do diálogo com o outro. O passatempo é um artifício necessário no relacionamento social em que as pessoas não podem ou não querem se envolver. Pessoas que não são capazes de se engajar em passatempos, não são socialmente fáceis. ERIC BERNE dá nomes deliciosos a certos passatempos, usados por pessoas de sociedade. Aos diversos tipos de bate-papos dá os seguintes nomes: "General Motors", (= bate-papos de homens sobre negócios e comparação de carros), "Quem ganhou", "Armazém", "Cozinha", "Guarda Roupa", "Como é que se faz", "Quanto" (custa), "Já esteve" (= em algum lugar nostálgico) "Você conhece?" (o fulano), "O que foi feito?" (do nhô Chico) e "Manhã Seguinte" (que ressaca)!

Os Passatempos podem ser jogados pelo PAI, pelo ADULTO e pela CRIANÇA. Exemplo de Passatempo PAI-PAI:

MULHER - Quer dizer que o Senhor sabe fazer estofamentos?

HOMEM - Bem, mas isso só quando necessário!

... e os dois continuam falando do alto preço desse tipo de serviço quando se manda fazer fora, de sua baixa qualidade e da liquidação anunciada num famoso super-mercado.

Os passatempos CRIANÇA-CRIANÇA consistem em alternativas im possíveis, símbolos da situação condenado-por-fazer e condenado-por-não-fazer da pequena pessoa. Em outras palavras, nos passatempos as CRIANÇAS dizem: "Agora lute você com isto aqui por algum tempo". Exemplo:

MENTINA 1 - Você prefere comer um monte cheio de formigas ou beber um balde de remédios?

MENTINA 2 - Você prefere ser caçada por um touro selvagem ou usar sapatos ao contrário o dia todo?

MENTINA 1 - Você prefere sentar num forno quente ou passar na máquina de lavar cinquenta vezes?

MENTINA 2 - Você prefere ser mordida por mil marimbondos ou dormir num chiqueiro?

Entre pessoas crescidas, o passatempo CRIANÇA-CRIANÇA se exprime de outra forma. Por exemplo: "Você é corintiano ou palmeirense?" - "Você é MDB ou ARENA?"

O ADULTO geralmente se entretém em passatempos relacionados com o tempo, a fim de conservar o relacionamento até que apareça algo importante para produzir estímulos positivos:

SENHOR 1 - Parece que vai cair um temporal!

SENHOR 2 - É, aquelas nuvens estão realmente carregadas.

SENHOR 1 - Isso me faz lembrar uma vez em que eu estava pilotando meu avião no Mato Grosso, e peguei um tremendo aguaceiro em cima da floresta amazônica!

SENHOR 2 - Então o Senhor é piloto?

Os passatempos são úteis em certas situações sociais, mas é evidente que as relações que não progridem além deles, morrem, ou na melhor das hipóteses, continuam a existir, mas em oculto desespere e crescente tédio. Os passatempos, como a retração, os rituais e as atividades nos conservam separados um do outro. Quando ficamos neles, as pessoas não gostam de passar o tempo conosco, porque não somos capazes de tornar agradável o encontro, uma vez que somos pobres em provocar estímulos positivos.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. Quantos e quais truques podemos montar para nos manter separados um do outro?
2. Qual a razão profunda que dão origem a esses truques em nossos relacionamentos interpessoais?
3. Que é a retração?
4. Em que consistem os rituais?
5. Que são as atividades?
6. Que são os passatempos e, segundo ERIC BERNE, quais os tipos principais?
7. Que acontece com nossos relacionamentos interpessoais quando ficamos demais nesses truques?

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Analise, com seus colegas, os truques de relacionamento com as pessoas, nos quais você evita envolver-se profundamente com elas: retração, rituais, atividades, passatempos.
2. Analise as consciências que você sente em sua vida, pelas atitudes que você toma na convivência com as pessoas.

OS JOGOS DA VIDA E A INTIMIDADE

JOGOS - Os jogos são fenômenos transacionais os mais significativos. A maioria deles causa problemas. São destruidores de relacionamentos e produtores de desesperos, e na sua compreensão está a resposta do "por que isto me acontece?".

Jogo psicológico é uma série de movimentos que a pessoa faz quando conversa com outra, nos quais existe uma armadilha ou truque. Os jogos são diferentes dos processos que abordamos na sessão precedente, por duas características principais: 1º Sua natureza inconfessada; e, 2º Seu desfecho negativo. Além disso todo o jogo é basicamente desonesto, e seu fim tem uma natureza dramática.

Todos os jogos têm sua origem num jogo infantil muito simples: O MEU É MELHOR QUE O SEU. Em qualquer época da vida, o jogo visa trazer alívio momentâneo ao fardo da posição NÃO OK. Quando um garotinho diz: "O MEU É MELHOR QUE O SEU", na realidade está se sentindo "EU NÃO SOU TÃO OK QUANTO VOCÊ"! É uma defesa ofensiva. É protetora, porque visa conservar o equilíbrio. Também tem um desfecho, um pagamento, como acontece nos jogos que os adultos jogam. Quando "O MEU É MELHOR QUE O SEU" é levado bastante à frente, o jogo termina com um forte empurrão, uma bofetada, ou qualquer evidência devastadora de que "NÃO É! O MEU É MELHOR!" Isso coloca o rapaz de volta no seu lugar, tendo sido provado novamente que EU NÃO SOU OK, e, na manutenção dessa posição fixa, existe certa angústia e desespero.

Esta é a essência de todos os jogos. E os jogos são um modo de empregar o tempo usado pelas pessoas que não podem suportar o jejum de estímulos positivos representado pela retração, mas que também, devido à sua posição NÃO OK, não podem alcançar a forma suprema do relacionamento que é a INTIMIDADE. É melhor sofrer com um jogo do que não ter um relacionamento qualquer. É mais provável que a CRIANÇA em desenvolvimento sobreviva no calor do ódio do que defina no gelo da indiferença.

Os jogos trazem benefícios a todos os jogadores. Protegem a integridade da posição sem a ameaça de revelá-la. Vejamos um exemplo de jogo, chamado "Por que você não? - Sim, mas".

JANE - *Sou tão sem graça que não consigo um namorado!*

NINA - *Por que você não vai a um bom salão e manda fazer um penteado diferente?*

JANE - *Sim, mas custa muito dinheiro!*

- NINA - Bem, então que tal a idéia de comprar uma revista que tenha sugestões para diferentes penteados que possam ser feitos por você mesma?
- JANE - Sim, mas eu tentei isto, e meu cabelo é fino demais. Não dá para penteados. Fazendo um coque ele pelo menos parece normal.
- NINA - Que tal, então, mudar a pintura para realçar suas feições?
- JANE - Sim, mas minha pele é alérgica. Tentei uma vez e não deu certo.
- NINA - Bem, já existem muitos produtos não alérgicos. De qualquer forma, porque você não vai a um dermatologista?
- JANE - Sim, mas eu sei o que ele vai dizer. Vai dizer que não como direito. Sei que como muita coisa que não presta, e que minhas refeições não são equilibradas. É o que acontece quando se mora sozinha. E você sabe, a beleza nasce da saúde interna!
- NINA - Bem, isso é verdade. Talvez ajudasse se você entrasse em algum curso de educação de adultos. Conhecer um pouco de gente, ou saber o que se passa pelo mundo ajuda a pessoa a conversar bem.
- JANE - Sim, mas esses cursos são todos à noite. E depois do trabalho eu me sinto completamente exausta.
- NINA - Bem, faça então um curso por correspondência.
- JANE - Sim, mas não tenho tempo para escrever nem para meus pais. Como é que poderia encontrar tempo para fazer um curso por correspondência?
- NINA - Você acharia tempo, se achasse que era algo importante!
- JANE - Sim, mas isto é fácil para você dizer, porque tem tanta energia. Eu não, vivo morta de cansada!
- NINA - Por que não dorme à noite? Não é de admirar que viva tão cansada, assistindo todas as noites o último filme da TV.
- JANE - Sim, mas eu tenho direito de me divertir. E só me resta uma coisa dessas, quando a pessoa é tão sem graça como eu!

A conversa fez um círculo completo. Jane derrubou todas as sugestões da amiga. Começou com a queixa de que é sem graça, e terminou repetindo a mesma coisa. Sua amiga, então, bate em retirada. Talvez não volte nunca mais, enfatizando outra vez o NÃO OK de Jane. Isso prova a Jane que ela, realmente, não tem esperanças, e isso justifica que se entregue a outro jogo: "Não é horrível?" Um bom jogador pode manter o resto do grupo à distância indefinidamente, até que todos desistem, e assim ele vence.

O jogo serve a um propósito oculto. O truque consiste no fa-

to de que o jogador não joga visando um propósito ostensivo, e sim para dar segurança e gratificar a CRIANÇA. A transcrição do diálogo parece-se à transação ADULTO-ADULTO, mas ao vivo pode-se verificar que o jogador se apresenta como uma CRIANÇA incapaz de enfrentar a situação. Enquanto isso os outros foram transformados em pais atilados, ansiosos por dispensar sua sabedoria em benefício do desamparado. Isso é exatamente o que ele quer, já que seu objetivo é confundir esses pais um após o outro.

Esta é a versão atualizada de "O MEU É MELHOR QUE O SEU", a qual disfarça a verdadeira convicção: "VOCE É MELHOR DO QUE EU". Quando o jogo termina, todos os que ofereceram conselho foram derrotados, não tendo conseguido ajudar o jogador que fez o primeiro movimento. Este provou assim seu ponto de vista: seu problema realmente é insolúvel. Isso lhe facilita a passagem para outro jogo: "Não é horrível?"

ERIC BERNE, em seu livro, "Os Jogos da Vida" descreve cerca de trinta e seis jogos. Batizou-os com nomes tirados da linguagem coloquial. A maioria desses jogos aponta com precisão a característica principal do jogo: "Bata-me". "Agora te peguei, seu desgraçado!". "Veja só o que você me obrigou a fazer!" "Se não fosse você eu podia!" "Veja só quanto me esforcei!" "Não é horrível?", "Por que você não? - Sim, mas!" "Agora vocês dois briguem" "Como é que se dá o fora daqui?" - "Vamos dar um golpe no Zé!" - "Só estou querendo te ajudar!" "Puxa, como você é maravilhoso!" - "O sabe-tudo do vilarejo!" "Um dia eles vão dar valor ao me ter conhecido!"

Por serem coloquiais, os títulos nos fazem rir. Na verdade os jogos não são engraçados. São defesas para proteger os indivíduos que a eles se dedicam de um maior ou menor nível de dor oriunda da posição NÃO OK. Esse conceito de jogos pode ser uma ferramenta terapêutica útil quando combinada com a compreensão anterior do que pode ser o P-A-C. Mas a Análise dos Jogos deve vir sempre depois da Análise Transacional e Estrutural. Saber que jogo se está jogando não torna possível, automaticamente, a modificação do indivíduo. Há o perigo de derrubar a defesa sem antes ajudar a pessoa a compreender a posição - e a situação na infância que foi estabelecida - que essa defesa se fez necessária.

Resumindo, os jogos são artifícios para estruturar o tempo, como os demais artifícios que já estudamos na sessão precedente e que todos eles conservam as pessoas afastadas. Como estruturar, então, nosso tempo, sem que as pessoas permaneçam afastadas umas das outras? Os homens podem ser divididos em duas categorias: Aqueles que sofrem o torturante desejo de unidade e os outros. Entre esses dois tipos há um abismo: o unitário sofre, e o outro está em paz. A dinâmica principal da filosofia tem sido o impulso de unir. Sempre existiu essa esperança, mas ela não con-

seguiu vencer o medo intrínseco de se aproximar, de se perder dentro do outro, de assumir a última de nossas opções: a intimidade!

A INTIMIDADE - Uma relação de intimidade entre duas pessoas existe independentemente dos outros cinco modos de estruturar o tempo. Ela é baseada na aceitação, por parte de ambas as pessoas, da posição EU SOU OK - VOCE É OK. E repousa na aceitação de um amor onde estruturar definitivamente o tempo se torna desnecessário. Dar e compartilhar são expressões espontâneas de alegria e na reações a rituais socialmente programados. A intimidade é um relacionamento livre de jogos, porque seus objetivos não são situados além dela. A existência da intimidade é possível numa situação em que a ausência do medo possibilita a percepção, onde a beleza pode ser vista à parte da utilidade, onde a possessividade é tornada desnecessária pela realidade da posse.

É um relacionamento em que o ADULTO em ambas as pessoas predomina e permite a emergência da CRIANÇA natural.

Uma pergunta, geralmente, é feita: a retração, os passatempos, os rituais, as atividades e os jogos são sempre maus num relacionamento? - Pode-se dizer que os jogos quase sempre são destrutivos, já que sua dinâmica é ulterior, e esta qualidade é a antítese da intimidade. Os quatro primeiros modos não são necessariamente destrutivos, a não ser que se transformem numa forma predominante de estruturar o tempo. No entanto, se existe desconforto no relacionamento entre duas pessoas, quando um desses modos de estruturar o tempo cessa, pode-se afirmar que há pouca intimidade.

E se abandonarmos inteiramente os cinco primeiros modos de estruturar o tempo, teremos a intimidade, automaticamente? Ou não teremos nada? Parece que não há um meio simples para definir a intimidade, mas é possível apontar as condições mais favoráveis ao seu aparecimento:

1. Ausência de jogos.
2. Emancipação do ADULTO.
3. A tomada de posição EU SOU OK - VOCE É OK.

É através do ADULTO emancipado que podemos chegar às vastas áreas do conhecimento do nosso universo e de cada um de nós, explorar as profundezas da filosofia e da religião.

MEMÓRIA DE GRUPO

1. Que é o jogo psicológico?
2. Quais as duas características principais dos jogos?
3. Qual o jogo fundamental, no qual todos os demais jogos têm origem?

4. Qual a finalidade dos jogos?
5. Em que consiste o truque dos jogos?
6. Qual o significado e a importância dos jogos na vida da pessoa?
7. Que é a intimidade?
8. Quando é possível a intimidade entre duas pessoas?
9. Quais as condições que favorecem o aparecimento da intimidade entre duas pessoas?

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Analise com seus colegas os possíveis jogos psicológicos que você joga no relacionamento com as pessoas.
2. Analise sua capacidade de intimidade com as pessoas, ou, pelo contrário, os fatores que constituem sua "solidão" pela vida afóra.



Mestre, teu olhar pousaste um dia
No olhar de minha alma distraída.
Que luz, que claridade exigente
Projeta teu olhar no olhar da gente,
E manda, quando apenas sô convida.

Segunda parte
O TIROCÍNIO



GLOBOGRAMA DO TIROCÍNIO BÁSICO EM
SEGUNDO NÍVEL

1. ESTUDO: *O Mistério do Homem*
LEITURA: *O desejo infinito*
2. REVISÃO: *Revisão do plano de ação na Igreja e no mundo.*
3. ESTUDO: *O caminho que conduziu a humanidade a Cristo.*
LEITURA: *Clamor pelo Infinito pessoal.*
4. FRANCISCANISMO: *Primeiro contato com o Texto da Regra da OFS*
Carta de Apresentação dos Quatro Ministros Gerais
Carta Apostólica de aprovação
Regra da Ordem Franciscana Secular
5. ESTUDO: *O caminho que conduziu a humanidade a Cristo (Cont.).*
LEITURA: *A mensagem que ouvimos dele*
6. FRANCISCANISMO: *O Franciscanismo nasceu como Fraternidade*
7. ESTUDO: *João prepara a vinda de Jesus*
LEITURA: *A Palavra de Deus*
8. FRANCISCANISMO: *Textos da Regra da 1a. e 2a. Ordem*
9. ESTUDO: *Jesus se prepara para agir.*
10. *B e r l i n d a*
11. ESTUDO: *João apresenta Jesus*
LEITURA: *Fenômenos únicos em Israel*
12. REVISÃO: *Revisão da Dinâmica de Reunião e Pensamento.*
13. ESTUDO: *Os primeiros discípulos de Jesus*
14. REVISÃO: *Questionamento de nossa adesão à Ordem Franciscana*
15. *B e r l i n d a*

A P R E S E N T A Ç Ã O

Os Tirocínios, em qualquer nível do Básico, têm sempre a mesma estrutura, isto é, são constituídos de:

1. Estudos
2. Revisões de Vida
3. Ação apostólica.

O estudo, em 1º nível, consistiu no conhecimento da vida de São Francisco. Agora, com o segundo nível, começa o estudo da vida de Jesus, aquele que levou Francisco a ser o que foi, e aquele que unicamente pode ser TUDO para nós.

A revisão de vida continuará, ao longo de todo o período Básico, a bater nas teclas da vida fraterna, conforme exigências compreendidas no 1º nível e conforme os compromissos assumidos ao se iniciar o postulado na Ordem.

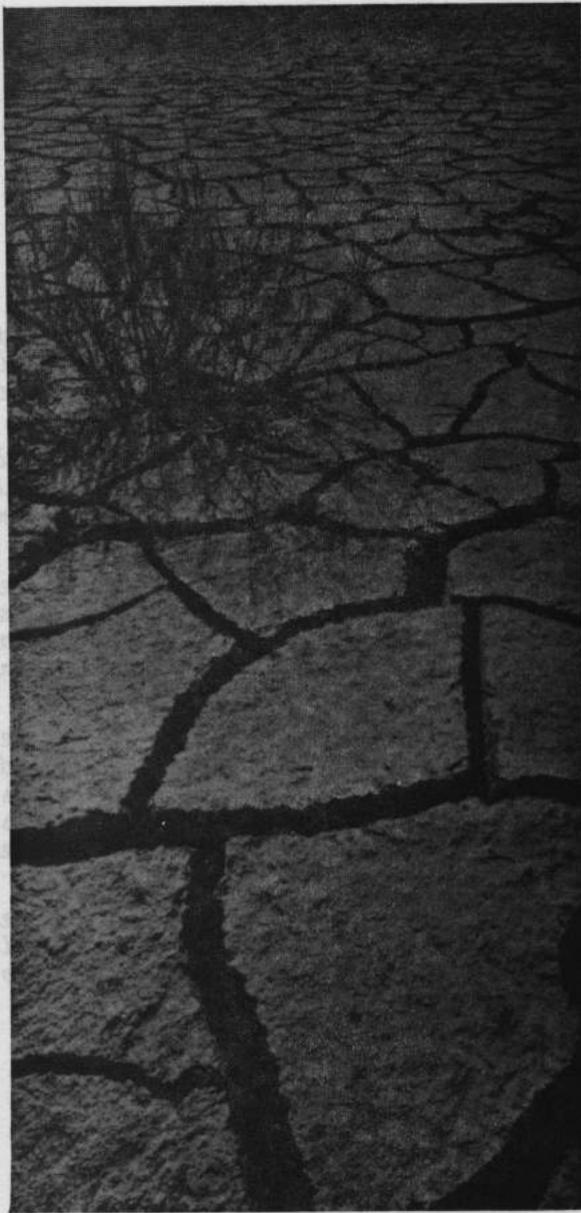
O mesmo se diga da ação apostólica. No início do 1º nível os jovens franciscanos devem ter elaborado, em sintonia com os agentes da pastoral local e com a animação destes, um plano de ação pastoral, conforme as possibilidades do grupo e as necessidades da comunidade.

Como no caso do 1º nível, o Tirocínio em 2º nível deve ser cuidadosamente acompanhado pelo Departamento de Formação. É de grande importância que o itinerário seja PERCORRIDO por todos. É preciso que haja real assimilação dos ensinamentos e é preciso que se verifique verdadeiro engajamento pela vivência da vida em fraternidade e da vida na Igreja, pela ação apostólica.

Oxalá, com esse trabalho, não esmoreçamos nas dificuldades inerentes a um método difícil de ser aplicado, e, sobretudo, difícil de perseverar nele pelas exigências de nossas metas e profundidade do conteúdo que desejamos assimilar.

Frei Eurico de Mello

Ponta Grossa, 27 de outubro de 1979



DO
DESERTO
QUE
TUA
VIDA
SE
TORNOU,
DEUS
FARÁ
UM
ÉDEN,
E
DE
SUA
ESTEPE,
UM
JARDIM
DO
SENHOR.
[Is 51,3]

O MISTÉRIO DO HOMEM

INTRODUÇÃO - Vivemos num mundo onde muitos homens foram batizados e se dizem cristãos. Nós também nos dizemos cristãos. Há muitos e muitos anos nossos antepassados aceitaram a fé em Jesus Cristo e a transmitiram a seus filhos e netos como um tesouro. Essa fé chegou até nós.

Por que será que nossos antepassados aceitaram a fé em Jesus Cristo? Que perguntas fizeram a si mesmos quando deram esse passo? Certamente os motivos foram muitos. Um, entretanto, parece ter sido o motivo essencial de todos os que decidiram crer em Cristo Jesus: a fé cristã, para eles, era a resposta que procuravam para certas perguntas muito profundas, inclusive angustiadas, que faziam em suas vidas.

Essas perguntas, de modo geral, se referiam ao sentido da vida. Nenhuma filosofia e nenhuma religião foi capaz de dar ao homem a resposta mais profunda, mais satisfatória e mais feliz, sobre o sentido da vida! De onde viemos nós? Por que existimos? Para onde vamos? Qual o critério definitivo de valor da vida e do mundo em que vivemos?

É uma pergunta angustiante: De onde viemos e para onde vamos, e por que as coisas têm que andar por esse caminho? A fé cristã é resposta incrível a esse problema, não só no plano teórico, mas principalmente no plano prático.

Essa pergunta nós a fazemos principalmente nos momentos de silêncio, quando nos encontramos mais a sós conosco mesmos. Entretanto, cada homem formula para si mesmo essa pergunta - sempre a mesma pergunta! - de maneira diferente. O jovem pai, cujos filhinhos dormem, enquanto ele mesmo, na companhia da esposa amorosa, folga e descansa do trabalho do dia, interroga a vida de um modo. Não a interroga da mesma forma que aquele outro pai que, abandonado e odiado pelos filhos, sente sua existência humana como algo profundamente doloroso e fracassado. Um estudante, num encontro noturno, pergunta-se a si mesmo sobre o sentido da vida de maneira muito diferente que a do operário que, na madrugada de inverno, fica esperando pelo ônibus que o levará ao serviço pelo qual receberá minguado salário. A mulher doente, presa ao leito cruciante, não interroga a vida da mesma forma que aquela outra mulher que goza do sol benfazejo numa praia. A pergunta é sempre a mesma, mas o modo de perguntar varia de homem para homem. Enquanto isso o enigma continua sendo o mesmo!

1. COMPONENTES DA EXISTÊNCIA - Nossa existência é constituída de quatro elementos essenciais: vivemos juntos uns com os outros, nesta terra, sendo nós mesmos parcelas desta terra, mas dotados de certa liberdade e espiritualidade, isto é, transcendemos a existência sobre a terra.

a) *Vivemos juntos* - É impossível a vida humana sem a presença, ao nosso lado, de seres humanos. O prisioneiro que, por completo, fosse privado de qualquer contato humano, ao cabo de algum tempo, morreria de loucura. Sua personalidade se dissolveria por completo. É a presença do TU que dá sentido ao EU. Não é só para cuidar dela que a criança necessita da mãe. Talvez chegue o dia em que a máquina possa fazer isso. Mas jamais a criança há de poder passar sem a mãe, como ser humano con-presente. Pois bem, essa co-existência com o ser humano, essa convivência interpessoal, já é valiosa resposta à pergunta pelo sentido da vida, ao nosso anseio de felicidade.

Entretanto, se somos capazes de suavizar a vida um do outro, de igual modo também somos capazes de amargurá-la acerbamente. É que tristeza sentimos ao perceber que perdemos a confiança mútua, venha ela da autoridade, do chofer de praça, ou do esposo ou da esposa! Muitas vezes a originalidade pessoal se destrói pelo fato de vivermos juntos. Mesmo a doce atração de ambos os sexos pode degenerar em paixão vil ou em crueldade. Quanta incompreensão, decepção, amargura acontece na vida conjugal, justamente pelo fato de os dois viverem tão juntos! Quantas jovens famílias, que no começo pareciam ser resposta adequada à vida plena, fracassaram, lamentavelmente, com o tempo.

b) *Vivemos nesta terra* - Não vivemos só com os outros, mas também vivemos junto com o mundo e esta vivência também é um elemento que compõe nossa felicidade. Modificar, criar de novo o mundo através da técnica, é um desempenho prazeroso com o qual o homem enche a vida. Pelo trabalho o marido constrói para a esposa uma existência condigna e a esposa constrói para o marido o ninho quente de um lar. E ambos trabalham para que haja um lugar para o berçinho em que a criancinha se sentirá segura e aconchegada. O trabalho, a criação do mundo à imagem e semelhança do homem, é também uma grande resposta ao nosso apelo de felicidade.

Mas, quantas vezes também o trabalho se volta contra a felicidade do homem, porque se torna monótono, deprimente, instrumento de opressão dos poderosos sobre os fracos!

c) *Somos parte do mundo* - Somos feitos dos mesmos elementos que constituem a terra ambiente. Até nas fibras mais íntimas de nosso ser fazemos parte do universo. Não podemos conceber uma idéia ou tomar uma decisão sem a colaboração dos processos de

trabalho de nosso cérebro,ou seja,sem o auxílio da matéria. Agir junto com a matéria,sentir o próprio corpo como parte do universo, é outro elemento constitutivo de nossa existência, resposta ao nosso apelo de felicidade.

Mas, quantas vezes acontece exatamente o contrário e o corpo se deprava, tornando-se objeto de gozo sem paz e sem santificação, e se cansa e se afadiga!

c) *Transcendemos o mundo* - Sabemos que somos muito mais que simples corpo,porque dotados de certa liberdade e espiritualidade em virtude das quais transcendemos, ou melhor, há algo em nós que transcende o corpo e o mundo em que vivemos. É verdade que, como os animais, até certo ponto vivemos de impulsos e estímulos sensíveis. Mas na maior parte vivemos de costumes adquiridos, condutas aprendidas, estudadas, elaboradas, conscientizadas, escolhidas, selecionadas. Há em nós um ADULTO que pode projetar-se no futuro, e nele fazer com que sejamos o que bem nos aprouver. Também, além disso,temos um EU,e nosso EU é único.Por isso também somos responsáveis,porque não estamos entregues apenas a estímulos exteriores,mas,em grande parte,o que fazemos depende de motivos que não estão a mercê de nosso passado, ou de estímulos exteriores, mas de nossa criatividade no futuro.

Entretanto,embora isso seja verdade, como são,às vezes, impotentes, obscuras, dependentes e relativas nossa consciência e liberdade! Que sabemos, afinal de contas? Qual é,propriamente, o grau de liberdade de nossos impulsos? Como podemos, muitas vezes, fazer consciente e deliberadamente aquilo que a consciência profunda nos proíbe e condena?

2. **INSATISFAÇÃO PROFUNDA** - Entretanto, sentimo-nos insatisfeitos não só quando a vida presente responde "não" ao nosso apelo de felicidade,mas também e principalmente quando responde "sim". Porque por mais que ela responda "sim", simultaneamente nos diz "ainda não!"

Paradoxalmente, é quando a vida responde "sim" que sentimos a insatisfação mais profunda: quando o trabalho mais nos humaniza, quando o amor é mais pleno,etc. Por que isso acontece? Porque tudo o que é verdadeiramente "bom", agarra-se de tal modo a nós, que pede para ficar eternamente conosco. Ora, nada no mundo em que vivemos, pode ficar eternamente conosco. Justamente na hora em que se realiza algo de verdadeiramente único e estupendo, sabemos nós que isso é destinado a desaparecer. É verdade que permanecem os frutos de nosso trabalho. É verdade que o homem deixa uma obra imortal.É verdade que nosso saber e amor sobrevivem em nossos filhos e netos. Mas será que só isso é capaz de dar ao homem que morre,suficiente esperança de que a vida teve sentido? Pois acontece que,com a morte, desaparece da terra nos-

sa consciência, nossa individualidade. Será que, para o homem que morre, o próprio crepúsculo da vida, tão inseguro, significa satisfação suficiente para todos os esforços feitos, por todo o bem praticado, por toda a injustiça padecida? Se, no dia da morte for demolido o "eu" que lhe é único e de quem tudo espera, terá ele, então, conseguido realizar plenamente o sentido de sua vida?

3. A PERGUNTA DEFINITIVA: PODE ALGUÉM SER "TUDO" PARA MIM? Mas, se a existência humana é assim, por que será que não nos acostumamos com isso? É porque nosso coração não cessa de contar com segurança perfeita, com amor perpétuo, com felicidade sem núvens! Esse desejo jamais conheceu plenamente sua realização. E, no entanto, vive em nós e tudo o que fazemos. Determina toda a nossa existência cotidiana. Vive em nós até nas coisas mais comuns. Por exemplo: Aquela mulher está lavando roupa. Ela pensa: "Logo mais, às dez e meia, faço um cafezinho e descanso um pouco!" - São dez e meia. Ela senta-se e folga, tranqüila e descuidada! Será que ela, agora, tendo feito o que desejara, ficará sem desejo algum? Não! Logo lhe vem uma idéia: "Gostaria que Fulana passasse por aqui! Que bom seria se ela passasse!" Ou então: "Que pena! Hoje não há sol, e gostaria que a roupa secasse ligeiro!" Ou então ela se lembra: "Hoje à noite, haverá um programa sensacional na TV!" Ou então: "Gostaria que a Teresinha fizesse ótima prova hoje!" Essa mulher, como todos nós, em todos os momentos, continua desejando e desejando. Nosso desejo não termina nunca!

Porventura não existem momentos em que nós sentimos plenamente satisfeitos? - Às vezes parece que sim! Isso acontece quando nos é dado concentrar-nos totalmente num só objeto e conseguimos possuí-lo. Por exemplo: Você está morrendo de sede, andando numa região desértica. Sua sede se torna cada vez mais terrível! Você se torna todo um grito por água. "Água!", eis, nessa hora, algo que é "TUDO" para você. Você anda, anda, louco por água, e, finalmente, encontra um oásis em que jorra uma fonte. Você se deita no chão, mergulha a cara na fonte e bebe doidamente. Naquele momento, por alguns instantes, você é alguém plenamente satisfeito. Tudo, em seu ser, fica em perfeita paz. Mas, depois que você bebeu, depois que saciou seu desejo de água, começa a desejar de novo, outras coisas. Você sente-se só. Doem-lhe os pés. Está cansado. Não, coisa alguma pode representar "TUDO" para nós, seja lá quem for.

Mas, talvez, seja possível que "alguém" venha a ser "tudo" para mim? Duas pessoas que são uma da outra, como o esposo e a esposa, que se perdem uma na outra e não têm outro desejo senão possuir a pessoa amada e ser por ela possuído... Será que isso significa o ponto final, a plena realização do nosso desejo? Às vezes parece, sem dúvida! Entretanto, não há, de outro lado, momentos em que se tornam verdadeiras essas palavras que, num dra-

ma de Paulo Claudel, certa mulher proclama a respeito da própria graça feminina: "Eu sou a promessa que não pode ser cumprida, e é nisso que reside meu encanto"?

Pode "alguém" ser "TUDO" para mim?

Existe "alguém" que possa ser "TUDO" para mim?

Tenho chances de chegar a "alguém" que seja "TUDO" para mim?

REFLEXÃO: PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Por que nossos antepassados aceitaram a fê em Cristo?
2. A que se referiam as perguntas de nossos antepassados quando decidiram aceitar a fê em Jesus Cristo?
3. Qual a peculiaridade própria das perguntas que fazemos quando interrogamos sobre o sentido da vida?
4. Quais os componentes de nossa existência?
5. De que maneira a convivência com pessoas humanas responde "sim" e de que maneira responde "não" ao nosso apelo de felicidade?
6. De que maneira a convivência com o mundo responde "sim" e de que maneira responde "não" ao nosso apelo de felicidade?
7. De que maneira o fazer parte do nosso mundo responde "sim" e de que maneira responde "não" ao nosso apelo de felicidade?
8. De que maneira a capacidade que temos de transcender o mundo pela liberdade e certa espiritualidade responde "sim" e também às vezes responde "não" ao nosso apelo de felicidade?
9. Por que motivo sentimos-nos insatisfeitos, fundamentalmente, também quando a vida responde "sim" ao nosso apelo de felicidade?
10. Pode algo ou alguém, neste mundo, ser TUDO para mim?

Para a leitura individual:

O DESEJO INFINITO

De "O NOVO CATECISMO" - A fê para Adultos.
HERDER, São Paulo 1969 pp. 17-22

... Mais portentosas, porém, do que a tragédia da não-realização são as experiências cheias de alegria da realização mútua de um no outro e que, apesar disso, ou justamente por isso, a-

brem horizontes novos e mais amplos. Quais são essas experiências? Quando profunda felicidade nos empolga, parece-nos que ela é acompanhada de outra sensação. Pressentimos que isso não pode durar assim. Revoltamo-nos contra tal pressentimento: não deve coisa tão deliciosa ser amparada em algo que seja perfeitamente seguro, bom e permanente? - Dois jovens: "A que ou a quem devemos a dita de nos termos conhecido? Ao acaso? A que ou a quem devemos a sorte de que a nossa inesquecível primeira amizade se tornou ateuéntico amor? Pensávamos que éramos nós dois que nos dávamos o nosso amor. Mas há momentos em que não nos podemos furtar à idéia de que ESTAMOS SENDO DADOS um ao outro, que isso não se deu por acaso, mas por ser determinado assim. Por que? Por quem?"

Em semelhantes momentos, temos a impressão de que ressoa resposta afirmativa em nossa pergunta pelo sentido da existência: "Sim, ela tem sentido! O nosso desejo é destinado a ser realizado! Somos abrigados em algo que é maior do que o máximo, mais carinhoso do que o mais carinhoso neste mundo!" Temos, então, o vago sentimento de que, além de nossos limites, existe para o nosso coração uma infinitude, um ilimitado. De mil maneiras, deu a humanidade expressão desse pressentimento. Assim, por exemplo, na seguinte poesia, que nos fala simultaneamente da importância e da inefável profundidade de toda a comunhão entre os homens:

*Às vezes, quando, em silêncio, olhas pela janela,
comeve-me tua beleza qual uma desesperança,
desesperança que consolação alguma apaga,
que resiste a qualquer palavra, a qualquer ternura:
do mesmo tamanho que minha existência,
e da mesma idade.*

*Que tenho de ver-te e não te posso ver,
de ti separado por meus próprios olhos,
que estás aí sentada, nascida tão totalmente de mim,
isso me dói, como dores de parto.*

*Quando ficas calada e olhas pela janela,
vem, às vezes, o vento brincar com teus cabelos
que se encontram nas orlas de tua fronte,
como caniço à beira da água parada.*

*De vez em quando, cruzam nuvens no firmamento
e vejo as sombras passar sobre teus olhos.*

*Parece-me, então, que tu és eterna,
que por pouco tempo eu posso viver contigo,
que minha temporaneidade me separa de ti.
Voltas então tua cabeça para mim:
vejo o teu sorriso...*

(O. VASALIS)

Ben diferente é a voz que ouvimos nesta meditação de um homem, em memória da esposa falecida: "Seja como fôr, o casamento trouxe para mim uma coisa: jamais poderei acreditar que a religião emane de nossos desejos inconscientes, irrealizados, e que ela substitua a tendência sexual. Nesses poucos anos, H. e eu gozamos do amor como de uma festa; de todas as maneiras e de todas as formas: de modo solene e feliz; romântico e realístico; ora dramático, qual uma tempestade, ora simples e impreciso, como se calçam os chinelos. Nenhum recanto do coração e do corpo ficou insatisfeito. Se Deus fosse o sucedâneo do amor, teríamos perdido todo o interesse por Ele. Quem procuraria o sucedâneo, se possui o próprio original! Ora, é isto precisamente que não sucedia: ambos sabíamos perfeitamente que, além da necessidade que tínhamos um do outro, precisávamos ainda de outra coisa, de algo todo diferente. Aliás, esta mesma necessidade, era toda diferente. Da mesma forma, poder-se-ia dizer que as pessoas que se amam, enquanto se possuem uma à outra, ... já não têm necessidade de ler ou de comer - ou até de respirar".

(N.W. CLERK)

A profundidade mais insondável do que seja este mundo expressa-a, igualmente, este poema de um homem num campo de concentração:

Aceno de despedida

*Minha esposa é aquela que acena,
andando de lenço na mão,
na luz, ao lado do campo de trigo.
Envia-me um último sinal de amor,
agora que, forçada, se despede de mim.*

*Quem sabe por quanto tempo ela parte?
Eu fico sozinho,
mas o júbilo fervilha no meu sangue.
Já não me sinto cativo; por toda a parte,
em redor de mim,
entrevejo o aceno de seu lenço.*

*Meu Deus, no céu, que vês e que sabes
como nunca pedi nada para mim mesmo,
- tudo quanto me deste, grato o aceitei,
e quanta felicidade me deste!*

*Escuta, por hoje, e por todo o resto de minha vida,
um único pedido meu:
Que minha esposa seja sempre sinal de teu amor
por mim, aquela que acena.*

*Seu simples movimento de mão, na despedida,
enviou-me o motivo misterioso*

porque mandaste o Anjo trazer a sua mensagem
que se inicia com "Ave Maria":

Pois, tudo o que se move nesta terra, o mar,
em teus céus cheios de glória,
outra coisa não é senão aceno de saudação à alma
para dizer-lhe como Tu és bom.

Para quem queira entender a Deus, não basta
nossa inteligência humana investigadora.
Que olhe para o dançar das estrelas e das ondas
e para o acenar da mão mais querida!

Tudo quanto creio e professo, resumo-o
nesta minha lei suprema:
Seja minha alma aceno de saudação a meu Deus,
pois oração mais perfeita não possuo.

Seja minha alma canção na corrente da graça,
onda que acene e flutue na quentura da costa,
campo de trigo ao sol,
balançada pelo sopro do vento estival.

Seja minha alma semelhante à alma da mulher
que me enviou tua saudação divina,
pois ela é a acenante que Tu me deste.
Eu te agradeço; a vida é boa!

(Anton Van DUINKERKEN)

Tanto em nossa felicidade como em nossa tristeza, pode sobrevir-nos pressentimento de além das fronteiras do universo. Não rejeitemos facilmente a profunda simplicidade deste pressentimento à base de explicações aparentemente óbvias, pois não atingem realmente o nível dessa própria pergunta total. Não digamos, também, que devemos contentar-nos com a nossa vida humana finita, bela e emocionante, pois acontece que não nos acostumamos com ela. Tudo quanto fazemos, fazê-lo sob o impulso de um desejo em que se esconde a adivinhação de que a nossa finitude esteja nas mãos de uma infinitude toda-segura, toda-bona, toda-bela.

Segunda Sessão: REVISÃO
REVISÃO DO PLANO DE AÇÃO NA IGREJA E
NO MUNDO

O grupo se reúne sob a coordenação do Departamento de Vivência Fraterna para rever, emendar, corrigir, ampliar o Plano de atividades apostólicas, tendo presente o Plano de Agendas de trabalho, conforme sugerem as páginas 73-74 do 1º nível, ou conforme for solicitado pelos Agentes da Pastoral Local. A reunião poderá abranger mais de uma sessão, conforme o caso. Seguirá o seguinte esquema metodológico:

1. RESULTADOS OBTIDOS

- 1.1. Onde (= em relação aos lugares, equipamentos).
- 1.2. Quando (= em relação a tempos, horários).
- 1.3. Quem
 - 1.3.1. Fruitivos
 - 1.3.2. Prestadios
 - 1.3.3. Responsáveis
 - 1.3.4. Implicados (= grupos ou pessoas).
- 1.4. O que foi feito (= realizações).
- 1.5. Como funcionaram os meios de comunicação
- 1.6. Como funcionaram os métodos, as técnicas, etc.
- 1.7. Até que ponto as motivações influenciaram, orientaram, estimularam, entusiasmaram.
- 1.8. Resultados que eram esperados:
 - 1.8.1. Pelos fruitivos
 - 1.8.2. Pelos prestadios
 - 1.8.3. Pelos responsáveis
 - 1.8.4. Pelos implicados
- 1.9. Dificuldades que eram previstas
- 1.10. Nível e eficiência do acompanhamento:
 - 1.10.1. Da parte dos prestadios
 - 1.11.2. Da parte dos responsáveis

2. QUE DIFICULDADES FORAM ENCONTRADAS?

- 2.1. Relacionadas com lugares, equipamentos.
- 2.2. Relacionadas com horários, distribuição e disponibilidade de tempo.
- 2.3. Relacionadas com as pessoas:
 - 2.3.1. Com os fruitivos
 - 2.3.2. Com os prestadios
 - 2.3.3. Com os responsáveis
 - 2.3.4. Com grupos e pessoas implicadas

- 2.4. Com relação às Agendas de Trabalho.
 - 2.5. Em relação aos veículos de comunicação
 - 2.6. Em relação aos métodos, técnicas, jeitos.
 - 2.7. Em relação aos meios, recursos.
 - 2.8. Em relação às motivações
 - 2.9. Em relação às previsões de início.
3. EMENDAS A FAZER - ACRÉSCIMOS - CASSAÇÕES.
- 3.1. Quanto a lugares e equipamentos.
 - 3.2. Quanto a horários e distribuição do tempo.
 - 3.3. Quanto a pessoas:
 - 3.3.1. Fruitivos
 - 3.3.2. Prestadios
 - 3.3.3. Responsáveis
 - 3.3.4. Implicados
 - 3.4. Em relação ao O QUE FAZER.
 - 3.5. Em relação ao ATRAVÉS DO QUE COMUNICAR.
 - 3.6. Em relação a técnicas, métodos, jeitos
 - 3.7. Em relação aos recursos, meios.
 - 3.8. Em relação às motivações
 - 3.9. Em relação às previsões.
 - 3.10. Em relação ao acompanhamento:
 - 3.10.1. Por parte dos Prestadios.
 - 3.10.2. Por parte dos Responsáveis.



O CAMINHO QUE CONDUZIU A HUMANIDADE

A CRISTO

Cfr. O NOVO CATECISMO. A fé para Adultos.
HERDER, São Paulo 1969, pp. 33-44

INTRODUÇÃO - Jesus, objeto de nosso estudo, apareceu no mundo em determinado momento bem planejado e preparado por longos séculos de procura e expectativa. Quando começou essa preparação? Não sabemos muita coisa acerca da família humana em épocas pré-históricas. As poucas notícias que conseguimos captar, nos mostram, em remoto passado, a família humana espalhada e dividida em numerosos povos, tribos e clãs, que não se conhecem uns aos outros.

O homem ainda não cultiva a terra, vive nas florestas e selvas. Contudo já começa a ressoar a linguagem humana. A "linguagem", ou seja, a "palavra", é o primeiro acontecimento humano que o homem começa a registrar em sua vida. Isso significa que o homem já reflete sobre as coisas do mundo e dá-lhes nomes. Não o faz tão somente para si mesmo, senão também para os outros. Isso significa que o homem começa a "relacionar-se" com outro homem, ou seja, o EU percebe a presença do TU.

Essa primeira reflexão e esse primeiro diálogo humano têm naturalmente por objeto as coisas mais imediatas, ou seja, aquilo que se apresenta à observação dos sentidos humanos: os outros homens, os animais, as partes do corpo, os elementos da natureza, os fenômenos atmosféricos, etc. O homem chega a um modo de pensar que mal e mal consegue distinguir, raciocinar, definir. Aos poucos, porém, exercendo a técnica e o comércio, a reflexão prática e lógica se desenvolve. O homem, observando fenômenos, começa já a procurar as causas, e com isso começa a refletir sobre a origem das coisas e dos homens.

Tais investigações tacteadas fazem-se em todas as partes e de mil maneiras. O homem alterna-se entre a angústia e a segurança, entre o sofrimento e a alegria, e, num nível mais profundamente humano, entre o bem e o mal. É nessa situação precária que o homem começa a PROCURAR. Procura não só com a inteligência, mas com todo o seu ser.

Percebemos assim que a criatura humana, obra-prima da criação, começa a responder ao seu CRIADOR: *"Ele criou.. todo o gênero humano, para que habitasse sobre toda a face da terra (...),*

e para que procurassem a Deus e se esforçassem por encontrá-lo como que as apalpadelas" (Do discurso de S. Paulo em Atenas, At. 17,26-27)

Nas coisas da natureza o homem primitivo percebe que se ocultam "forças", para ele misteriosas, e por isso ele tende a personificá-las em "espíritos" e "deuses". Então o homem inventa ritos mágicos, orações e sacrifícios a fim de influenciar benéficamente esses "espíritos" ou "deuses". Verificamos também, que o homem primitivo sempre encarou a morte como um acontecimento que não pertence ao curso natural das coisas. E acredita que ela nunca atinge o homem todo, mas algo da personalidade humana continua subsistindo. É impressionante verificar o quanto essa convicção é universal no homem primitivo. A crença em um só Deus Altíssimo ainda não vigora em toda a parte, mas a encontramos em muitas culturas primitivas. Não há região terrestre nem estágio cultural em que não esteja presente.

Toda essa procura "tactante", por parte dos homens, é profundamente influenciada pelo próprio modo de viver. Num primeiro momento de sua vida, o homem vive da caça. Isso mostra que o homem está profundamente vinculado à natureza. Vê-se, então, que o ANIMAL desempenha papel eminente na concepção religiosa. Os seres superiores são considerados como mestres dos animais, ou como tendo formas de animal.

Em seguida vem a fase de agricultura. Então o homem tende a personificar preferentemente os fenômenos da natureza, que se tornam deuses importantes: o sol, a lua, a tempestade... O culto agora consiste mais em ritos de fertilidade e fecundidade.

Há regiões, porém, nas quais, em vez da agricultura, se desenvolve a vida pastoril. E nas religiões que aí se desenvolvem constatamos sempre mais fortemente a consciência da existência a tiva de um Deus Supremo do céu.

AS GRANDES CULTURAS DO PASSADO - A primeira civilização foi construída relativamente há muito pouco tempo: cinco mil anos. Formou-se um Estado, ideologicamente fundado e que reuniu dentro de si grande número de homens. Ele possui "organização", ou seja, distribuição de tarefas, de tal forma que não todos se ocupam em procurar o pão cotidiano. Formam-se centros de governo, de administração, de culto, de cultura e civilização, que são as primeiras "cidades". E a linguagem começa a se fixar por escrito.

Isso se deu no Oriente Médio, na Mesopotâmia, onde, por volta do ano 3.000 antes de Cristo, nasceu a cultura suméria. Logo em seguida, a partir de 2.800 anos antes de Cristo, desenvolveu-se outra cultura às margens do Nilo (Egito) e depois, outra perto do rio Indo (= a partir do ano 2.500 antes de Cristo). Foi no-

tável também a que se desenvolveu na China, a partir de 1.500 anos antes de Cristo. Conhecemos ainda duas outras civilizações primitivas: a do México (= cerca de 1.000 anos antes de Cristo) e a do Peru (= 800 anos antes de Cristo). De modo geral os estudiosos de antiguidades aceitam que, no começo, essas civilizações, estiveram ligadas entre si.

Quanto à religiosidade, nessas civilizações, revestiu-se de esplendorosas formas culturais: templos, imagens, cânticos. De modo geral todas elas são "politeístas". O politeísmo, em sua origem, explica-se de várias formas: objetivação de situações, aspectos ou formas locais do Deus Altíssimo; adorações dos descendentes celestes do mesmo Deus Altíssimo; pelo adicionamento dos deuses de povos vencidos às próprias divindades do povo vencedor. Em geral, contudo, reconhece-se um Deus Altíssimo, Rei dos demais deuses.

Na Grécia e em Roma, uma nobre filosofia veio coroar a religiosidade existente. Percebe-se que a busca humana prossegue, às palpadas. As religiões primitivas, apesar de mescladas com toda a espécie de pecado, como, por exemplo, despotismo e luxúria, e com toda a espécie de erro (= principalmente idéias de fatalismo), têm sido para milhões de homens, em sua única existência, o caminho em que viveram o mistério de Deus. Procurou-se nelas profunda sabedoria humana, a custo de penosos esforços, de intensa concentração e generosa abnegação. Estamos convencidos de que, na sabedoria de todas essas religiões, o Eterno Verbo de Deus, Jesus Cristo Nosso Senhor, tem sido ativo, por intermédio de seu Espírito Santo, de forma verdadeiramente profunda, embora ainda não com toda a publicidade, com que Deus se dignou revelá-lo aos judeus, em face e em prol do mundo inteiro.

Nem tudo do que se formou nessas civilizações antigas foi desfechar-se no judaísmo. Muita coisa desembocou em outras cosmovisões religiosas importantes da humanidade, das quais é bom conhecermos alguma coisa, o que passamos a fazer.

O HINDUÍSMO ou BRAMANISMO - É uma religião que se desenvolveu a partir da imigração dos Arianos na Índia, por volta do ano 1.500 antes de Cristo. Não se apresenta como religião de revelação. Nasce lentamente da experiência humana, da investigação incansável das próprias profundezas da alma, da incessante e concentrada reflexão sobre si mesmo e da escrupulosa preocupação de não deixar escapar nada da riqueza da experiência.

Nesse esforço o homem procura a verdade. O Hinduísmo quer ser a religião da busca da verdade. A verdade é Deus. Conhecemos a negação de Deus, mas nunca chegamos a renegar a verdade. O Hinduísmo possui imensa abertura, flexibilidade e tolerância. Nele

se conciliam harmoniosamente o politeísmo mais primitivo e a filofolia mais refinada. Não dá para indicar nela um Deus determinado.

Segundo o Hinduísmo, toda a realidade terrestre - vida, alegria, personalidade, amor - tudo é considerado como pura aparência enganosa e fonte de sofrimento. Escapamos a isso unicamente pela RENÚNCIA e pela INTROVERSÃO, ou por determinados exercícios de CONCENTRAÇÃO. A fuga do sofrimento consiste em que o "eu" (= Atmã) se integre no TODO (= Brahma). Sem consciência, sem sentimento, sem amor, sem personalidade, em união perfeita com o Todo, o homem escapa à inconsistência da vida.

Quem não consegue alcançar essas alturas, conforme a lei de seu Karma (= atos de vida), está destinado a "renascer" depois de sua morte, quer num ser mais baixo, quer num ser mais nobre. Com isso o Hinduísmo reconhece que o homem pode escolher o caminho errado, e que isso tem suas consequências para o futuro, mas tal escolha não tem o caráter de impraticidade nem de lesão do amor, de modo que, propriamente, nessa religião, não se pode falar de "pecado".

O BUDISMO - Nasce dentro do Bramanismo. Apenas um grupo mínimo de privilegiados podia dedicar-se plenamente à severa atitude de vida do Bramanismo. Isso oprimia muito a grande massa, sobretudo as castas inferiores. Um homem, nascido cerca de 560 antes de Cristo, chamado Sidhartha Gautama e apelidado "Buddha" (= "o Iluminado"), encontra um caminho mais harmonioso. Segundo Buda, não é a extrema abnegação que liberta o homem, mas sim o equilíbrio entre a arte de viver e a renúncia. Esse equilíbrio há de levar à serena tranquilidade e à paz, aqui e agora mesmo. A metempsicose (= nascer de novo em outro corpo) e a integração numa espécie de Não-existência (= Nirvana) são os dois elementos que o Budismo tem em comum com o Bramanismo. Mas o Budismo é muito mais prático. Diz Buda: Segue o caminho, e não perguntes por aquilo que não existe através daquilo que existe. Age, e age por própria força".

Objetivo do esforço religioso é escapar do sofrimento. A própria vida é sofrimento. A dor provém do desejo de experiências sensoriais e de vida. O homem deve procurar apagar esse desejo e escapar assim à corrente das coisas dolorosas, flutuantes e ilusórias, que constituem o mundo, inclusive nós mesmos. Entramos, dessa maneira, no "Nirvana", a existência-não-pessoal, que é sem sofrimento.

O UNIVERSISMO CHINÊS - Na China antiga se desenvolveram várias cosmologias, as quais, no seu conjunto, formam uma doutrina sobre a estrutura e harmonia do mundo, do universo. Daí o nome "uni-

versismo chinês".

No universismo chinês é fundamental a doutrina de que a unidade primordial se dividiu em duas forças: "Yang" (= luz, calor, movente, produtor, macho) e "Ying" (= receptivo, quieto, frio, tenebroso, fêmeo). Ambos necessitam um do outro. Tudo nasce da harmonia e tensão entre si. Primeiro, surge de Yang o céu e de Ying a terra. Depois emanam deles juntos os demais seres. As estações, por exemplo, são uma supremacia alternativa de Yang (=verão) e Ying (= inverno). Nessa cosmovisão cada mundo existe num ciclo de 129.600 anos. Nesse espaço de tempo, o mundo percorre um círculo da unidade primordial até a criação do universo e vice-versa, para, em seguida, começar de novo. É o eterno retorno. A força que dirige tudo isso chama-se "TAO" (= o caminho). Já está presente na unidade primordial e efetua a harmonia em toda a criação. Procurar o "TAO" é procurar o caminho de vida certo.

Coube a CONFÚCIO (= nascido em 551 antes de Cristo) a glória de ter ensinado semelhante caminho de vida. Outra grande expo- sitor do universismo chinês foi LAO-TSE.

O ISLAMISMO - Sem dúvida, é uma grande cosmovisão religiosa, ao lado das demais cosmovisões não-cristãs. Nasce por volta do ano 600 depois de Cristo, no meio de tribos Árabes. MAOMÉ se apresenta a essas tribos como homem que recebera muitas visões de ALLAH (= Deus), as quais dizem que ele é o "selo dos profetas" e aquele que é chamado a consumir definitivamente as revelações de Deus, desde Abraão até Jesus, inclusive. O núcleo da doutrina de Maomé, é a unidade, a unicidade e a onipotência absolutas de Deus. O livro das revelações chama-se "Koran" (= Alcorão), considerado como literalmente ditado por Deus.

HUMANISMO e MARXISMO - São duas correntes de espírito da humanidade atual, que nos interessam mais diretamente, porque pertencem a certos patrícios nossos e até vizinhos e amigos. O humanismo e o marxismo não são religiões, mas "místicas", e ambas contêm determinada concepção a respeito da atitude em face do absoluto.

O humanismo parte da doutrina segundo a qual o absoluto não existe ou, pelo menos, não se manifesta com suficiente evidência para que possamos construir nossa vida sobre a fé nesse absoluto. Os humanistas querem viver uma vida moralmente boa, porém, apenas por amor do homem.

Quanto ao marxismo, é uma doutrina que oficialmente professa seu "credo" segundo o qual Deus não existe (= ateísmo e anti-teísmo). É prejudicial para o homem acreditar em Deus. Quem orienta seu coração para o Absoluto, coloca parte de si mesmo fora de si. Dessa forma perde algo de si: "alienação". Esta doutrina

surgiu quando, de fato, a fé cristã, mal compreendida, não movia muito os homens a efetuar uma repartição mais justa dos bens da terra. Ela constitui permanente exame de consciência para os cristãos, sobre essa grave pergunta: Que fizemos e o que estamos fazendo com a mensagem de Cristo?

CONCLUSÃO - Não nos compete a nós discernir, com precisão, quais sejam os elementos de pecado contido nas mencionadas religiões e mundividências. A concentração do espírito humano no "Nirvana" (= Hinduísmo e Budismo); a escravização do homem por uma doutrina que não chama a Deus de "Pai" (= Islamismo); a prática de não ensinar às crianças o caminho para Deus (= Humanismo); o anúncio de um futuro paradisíaco que nunca virá (= Marxismo); tudo isso implica, sem dúvida alguma, certa medida de malícia e corrupção humana. Entretanto, é preciso que olhemos mais para a bondade e verdade que todas elas podem nos comunicar. Porque todas elas fazem parte do torturante tactear da humanidade na procura de Deus.

Em Israel, — assim acreditamos nós, cristãos, — o nosso Deus começou a purificar este movimento humano de procura da verdade mais profunda e a sobrelevá-lo. Em face e em prol de toda a humanidade, Deus ligou-se nesse povo, ao destino humano, para nele preparar a sua glória, que consiste nisso: "Deus tanto amou o mundo, que entregou por ele o seu Filho único" (Jo 3,16).

Esse processo de preparação começou vagarosamente e não de maneira brusca, nem tampouco à margem da evolução dos homens e das situações históricas. O povo em que Deus foi se manifestando, compartilhou as aventuras e a mentalidade de um simples povo antigo-oriental. Mas, nessa história exterior toda simples e comum, sobressai elemento incomum e todo original, que constitui para o descrente enigma de esfinge, mas, para o crente, o sinal de que, nesse povo, o Criador está procurando a humanidade de maneira única. De modo natural e quase despercebido, o divino companheiro de viagem vai acompanhando a humanidade em sua peregrinação através da história e entra no diálogo, tal qual o encontra. Toma parte nele e lhe dá novo rumo. Então, há um novo começo, cujos efeitos são gradual e inexoravelmente sentidos.

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA REFLETIR

1. Qual o primeiro acontecimento humano que o homem registra em sua história?
2. Qual o objeto da primeira reflexão do homem?
3. Por que motivo o homem primitivo começou a acreditar em "espíritos" e "deuses"?
4. De que maneira o homem primitivo sempre encarou a morte?

5. Com quais características se verifica nos povos primitivos a crença em um Deus Altíssimo?
6. Qual a primeira grande civilização que a humanidade construiu? Em que ano?
7. Quais as outras grandes civilizações da antiguidade?
8. Quais as características dessas civilizações quanto à religiosidade?
9. Qual a origem do politeísmo?
10. Quais os pecados e erros que, ordinariamente, mesclam-se nas religiões primitivas?
11. Quais os valores positivos das religiões primitivas?
12. De que maneira nasceu o Hinduísmo?
13. Em que consiste o Hinduísmo?
14. Como nasceu o Budismo?
15. Quais os pontos principais da doutrina budista?
16. Que é o universismo chinês?
17. Qual a doutrina fundamental do universismo chinês?
18. Que é o Islamismo?
19. Que é o Humanismo?
20. Que é o Marxismo?
21. Que devemos pensar dessas religiões e mundividências?
22. De que maneira Deus começou a intervir na história do homem?

Para a leitura e meditação individual

CLAMOR PELO INFINITO PESSOAL

Cfr. O NOVO CATECISMO, HERDER, São Paulo 1969
pp 23-27

A nossa parcial bondade clama pela existência da Bondade infinita. O nosso poder relativo brada pela existência da onipotência. A nossa humanidade grita pela divindade. A nossa finitude destaca-se, quer dizer, é apenas recognoscível como finitude, quando relacionada com o Infinito que se revela no meu desejo e no meu pensamento. Para que o universo todo e nossa vida inteira não sejam um absurdo, um brinquedo qualquer, é preciso que reconhecamos a existência do Infinito, do Absoluto. Pelo que, São Paulo ousa declarar: "Desde a criação do mundo, o ser invisível de Deus, é contemplado pela razão, através de suas obras" (Rom, 1, 19s).

Mas o apóstolo, no texto citado, deixa bem claro que a ra-

zão humana age aqui em estreita relação com a vida toda. Aponta, particularmente, a culpa como obstáculo. Mas isso não quer dizer que se trate sempre de culpa pessoal: não é exclusivamente ela que impede a inteligência humana de dizer "sim" a algo tão grande e importante. Pode acontecer que o ambiente vivencial, a educação, a estrutura psíquica, quase que impossibilitam a aceitação da força coercitiva de tudo quanto sugere a existência ativa do Infinito. Demonstram os fatos que, em geral, se exige preliminar familiarização com Deus pela fé, para que alguém possa entregar-se tranquilamente à racionalidade das indicações do Infinito. Donde o crente não poder gloriar-se do fato de ele poder reconhecer aquilo que dá sentido à existência humana. Não possui tal privilégio graças à sua eminência ou sagacidade: isto é um dom recebido gratuitamente!

Homens sábios são capazes de transformar a simples intuição do coração humano numa demonstração científica. Não, porém, do tipo da demonstração matemática, pois não é matemática. A ciência historiográfica, por exemplo, não se deixa reduzir a fórmulas matemáticas: história é "vida", e a vida escapa a qualquer formulação rígida. Que dizer, então, dos problemas mais profundos da existência humana em que entra em jogo a misteriosa vontade livre do homem? Transcendem eles a todas as palavras e fórmulas, pois tratam do homem, e o homem é, em grande parte, "inefável". Nem por isso a reflexão sistemática sobre os problemas fundamentais do homem deixa de ser autêntica ciência, e esta ciência é capaz de demonstrar, por via de raciocínio, que relacionamos qualquer sentença sobre a nossa vida com o Infinito, como sendo "a" verdade, "a" realidade, "a" bondade, "a" felicidade.

O homem pode, portanto, em sua vivência e reflexão, chegar à clara conjetura de uma Origem infinita, por mais vaga que esta possa permanecer. É até capaz, por meio de uma filosofia investigada até ao último fim, de demonstrar que, em todo nosso pensar ou falar, consoa, como nota básica e fundamental, o Infinito ou o Absoluto. Mas, eis que, justapondo-se a isso, desponta cruel desafio à nossa pacífica reflexão. Esse desafio é a miséria do mundo. Como podemos rir a doença, a decepção, a malícia, nesta terra, com uma Origem que seria a Bondade Infinita? Não somos apenas limitados e finitos - característica esta que exige necessariamente a existência do Infinito - mas, somos igualmente quebrados e partidos. A nossa existência limitada está sendo atravessada pela culpa e pela morte.

Donde provém isso? Como se explica esse fato? O Perfeito que descobrimos por reflexão não dá resposta ao absurdo, ao sofrimento, à morte. Como deveríamos representar-nos uma Infinitude que, ao mesmo tempo, manteria o bem e o mal, o belo e o feio?

A noite traspassa meus ossos, consome-os,
e os males que me roem não dormem.
Por sua violência, a minha carne deformou-se,
aperta-me como o colarinho de minha túnica:
Deus jogou-me no lodo,
tenho o aspeto da poeira e da cinza.

Clamo a ti, mas Tu não me respondes:
Ponho-me diante de ti, mas Tu não olhas para mim.
Tornas-te cruel comigo,
Atacas-me com toda a força de tua mão,
Arrebatas-me, fazes-me cavalgar o tufão,
Aniquilas-me na tempestade.

Eu bem sei, levas-me à morte,
Ao lugar onde se encontram todos os viventes.
Mas poderá aquele que se afoga não estender a mão?
Poderá não pedir socorro aquele que perece?
Não chorei eu mesmo com os oprimidos?
Não teve minha alma piedade dos pobres?

Sim, esperava a felicidade, e veio a desgraça;
Esperava a luz, mas vieram as trevas.
Minhas entranhas abrasam-se sem nenhum descanso,
Assaltam-me os dias de aflição,
Caminho no luto, sem sol,
Levanto-me numa multidão de gritos.
Tornei-me irmão dos chacais
E o companheiro dos avestruzes.
Minha pele enegrece-se e cai,
Meus ossos são consumidos pela febre.
Minha cítara só dá acordes fúnebres
E minha flauta sons queixosos [Jô 30,17-31].

E o termo final é a morte:

Mas a montanha acaba por cair,
o rochedo desmorona longe de seu lugar;
as águas escavam a pedra,
o aluvião leva a terra móvel.
Assim aniquilas também a esperança do homem.
Tu o pões por terra; ele se vai embora para sempre;
Tu o desfigurás e o mandas embora [Jô 14,18-20].

Oxalá o Absoluto se deixasse encontrar! Que contra-senso um desejo veemente que, reiteradamente, se vai despedaçando contra o muro de culpa e de morte!

Estou fatigado, ó Deus,

Estou esgotado, ó Deus, eis-me entregue!
Eu sou o mais insensato dos homens,
não tenho a inteligência de um homem.
Não aprendi a sabedoria,
não conheci a ciência de um Santo.
Quem subiu ao céu e voltou de lá?
Quem reteve o vento em suas mãos?
Quem envolveu as águas em seu manto?
Quem determinou as extremidades da terra?
Qual é o seu nome?
Qual é o nome de seu filho, se é que o sabes?
(Prov. 30,1-4).

"Se é que o sabes"!

"Vós, homens piedosos, vós o sabeis com tanta felicidade",
grita o homem que procura, mas não consegue enxergar. Como se po-
de tão prontamente concluir da criação a existência de um Ser Su-
premo? E mesmo se for impensável que o mundo pudesse existir, sem
que se aceite uma Causa Primeira infinitamente perfeita, como po-
de ela harmonizar-se com tanto sofrimento e miséria?

Oxalá falasse aqui o próprio Infinito! Viesse o Absoluto ao
nosso encontro para explicar-se, para defender-se contra JÓ, con-
tra nós! Que Ele se dignasse revelar-nos o sentido profundo de
nossa existência humana, simultaneamente tão gloriosa e tão mise-
rável!



Quarta Sessão

PRIMEIRO CONTATO COM O TEXTO DA REGRA DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR

A fraternidade se reúne para um primeiro contato com o texto da Regra da Ordem Franciscana Secular em sua forma atualizada recentemente aprovada pela Igreja. A reunião consiste simplesmente numa leitura atenta do texto. O Departamento de Vivência Fraterna providencia para que alguns membros da Fraternidade preparem antecipadamente essa leitura, para que ela seja feita de maneira contundente, penetrante, como uma proclamação importante.

Lê-se primeiro a Carta de Apresentação dos quatro Ministros Gerais da Família Franciscana. Lê-se, em seguida, a Carta Apostólica de Aprovação do Papa Paulo VI.

Em seguida o Departamento de Vivência Fraterna explica que esse é o texto renovado segundo o Concílio Vaticano II. Antes desse texto, outros já existiram. O primeiro foi aprovado pelo Papa Gregório IX, em 1221, com a Carta Apostólica intitulada "Memoriale Propositi". Mais tarde, no século XV, Nicolau IV aprovou outro texto. Até há pouco, vigorava o texto de Leão XIII, elaborado no final do século passado.

O novo texto da Regra da Ordem Franciscana Secular traz um prólogo constituído pela Carta que São Francisco escreveu aos homens do mundo inteiro. São palavras textuais do próprio São Francisco.

Em seguida vem o texto adaptado aos tempos novos, em três capítulos. O 1º capítulo traz uma espécie de definição da Ordem Secular de São Francisco, e o sentido de sua nova Regra. O 2º capítulo trata da Forma de Vida Franciscana própria dos que seguem a São Francisco na vida secular, ou seja, no mundo. Finalmente, o terceiro capítulo trata em particular da vida em fraternidade.

A conclusão do texto é formada pela Bênção que São Francisco deixou aos seus filhos, no final de seu Testamento.

Concluída a leitura, reúnem-se as Equipes de Entre-Ajuda, e respondem ao questionamento, buscando desenvolver um trabalho de meditação do texto. É preciso que inculque nos participantes a importância desse texto. Trata-se de um texto oficial na Igreja, que recebe uma aprovação precisa e específica de seu chefe superior, o Papa. É um documento que apenas o Papa pode modificar.

**CARTA DE APRESENTAÇÃO DOS QUATRO MINISTROS GERAIS
DA FAMÍLIA FRANCISCANA**

Aos irmãos e irmãs
da Ordem Franciscana Secular
por ocasião da entrega de sua Regra
aprovada pela Santa Sé.

Temos a alegria de comunicar-vos que a Santa Sé, mediante a Carta Apostólica «Seraphicus Patriarcha», datada de 24 de junho de 1978, «sob o anel do pescador», aprovou a Regra renovada da Ordem Franciscana Secular que ab-roga e substitui a anterior do Papa Leão XIII.

É ao Papa Paulo VI que devemos este dom esplêndido, pouco antes de ter deixado esta terra. Ele vos amava. Muitas vezes, de fato, manifestou seu amor à Ordem Franciscana Secular e vos dirigiu palavras inesquecíveis, como em junho de 1968 e em 1971, por ocasião do 750.º aniversário do «Memoriale Propositi».

O caminho percorrido, a partir de 1966 (7 de março, quando a Sagrada Congregação para os Religiosos concedeu a faculdade de iniciar o «aggiornamento» da legislação da Ordem Franciscana Secular) tem sido longo e laborioso.

Queremos sublinhar o trabalho dos irmãos e das Fraternidades, seja por intermédio dos Conselhos Nacionais, seja mediante as várias formas de vida, seja mediante o assíduo trabalho da Presidência do Conselho Internacional, depois de sua instituição, no ano de 1973.

Tal trabalho foi de capital importância na busca dos caminhos do Espírito e muito eficaz para sugerir aos nossos dias a presença e a vitalidade do carisma franciscano no Povo de Deus.

A Regra que hoje vos apresentamos não é somente o fruto deste trabalho. A Igreja vo-la entrega como norma e vida.

A prioridade de vossa atenção se dirija ao conteúdo evangélico, acolhendo a mensagem franciscana que ela contém e a orientação que vos oferece para viver segundo o santo Evangelho.

Um dos eixos da esperada renovação é a volta à origem, à experiência espiritual de Francisco de Assis e dos irmãos e irmãs da penitência que dele receberam inspiração e orientação. Tal propósito vem sugerido pela inserção, como prólogo, da «Carta aos Fiéis», como também pela contínua referência à doutrina e ao exemplo de São Francisco.

Outro eixo, ou ponto de apoio, é a atenção ao Espírito nos sinais dos tempos.

Apoiados nestes dois eixos, deveis por em prática o estímulo da Regra à criatividade e ao exercício da co-responsabilidade.

Esta criatividade, em alguns casos, deverá exprimir-se em forma de Estatutos. De fato, o n.º 3 diz como norma geral: «a aplicação será feita pelas Constituições Gerais e pelos Estatutos particulares».

Nós, ministros franciscanos, com todos os nossos frades, temos o ânimo pronto e aberto para fornecer toda a assistência a fim de caminharmos juntos a vós nos caminhos do Senhor.

Com estes sentimentos nos é agradável entregar a Regra renovada da Ordem Franciscana Secular à Presidência do Conselho Internacional da O. F. S., e por seu intermédio a todos os franciscanos seculares, que a receberão como norma e vida.

Roma, 4 de outubro de 1978:

Frei Constantino Koser, O. F. M.
Ministro Geral

Frei Vital Bommarco, O. F. M. Conv.
Ministro Geral

Frei Pascoal Rywalski, O. F. M. Cap.
Ministro Geral

Frei Rolando Faley, R. O. R.
Ministro Geral



CARTA APOSTÓLICA DE APROVAÇÃO

PAULO PAPA VI

Ad perpétuam rei memoriam

O Seráfico Patriarca São Francisco de Assis, enquanto vivo e mesmo depois de sua preciosa morte, arrastou muitos para servir a Deus no seio da família religiosa que fundara, mas atraiu também numerosos leigos para entrarem em suas instituições permanecendo no mundo, quanto lhe era possível. De fato, para servir-nos das palavras de nosso Predecessor Pio XI, «parece . . . não ter havido nunca outra pessoa em quem brilhasse mais vivaz e mais semelhantes a imagem de Jesus Cristo e a forma evangélica de vida do que em Francisco. Por isso, ele que se dera o nome de *Arauto de Grande Rei* foi com razão saudado como *um outro Jesus Cristo* por se haver apresentado aos contemporâneos e aos séculos futuros como um Cristo redivivo. A consequência é que ele vive ainda hoje aos olhos dos homens e continuará a viver por todas as gerações futuras» (Enc. «*Rite expiatis*» 30 de abril de 1926; AAS, 18 (1926) p. 154).

Alegramo-nos porque o «carisma franciscano» vigora ainda hoje pelo bem da Igreja e da comunidade humana, apesar do serpejar de doutrinas acomodadícias e do crescimento de tendências que afastam os homens de Deus e das coisas sobrenaturais.

Em comum e com um esforço que merece louvores, as quatro Famílias Franciscanas estudaram durante dez anos para elaborar uma nova Regra da Ordem Terceira Franciscana Secular ou, como agora é chamada, Ordem Franciscana Secular. Isso pareceu necessário tanto pelas mudanças dos tempos como pelas disposições e os encorajamentos dado nesse sentido pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

Por isso, nossos diletos filhos, os quatro Ministros Gerais das Ordens Franciscanas rogaram-nos que aprovássemos a Regra assim preparada. E nós, seguindo o exemplo de alguns de nossos Predecessores, o último entre eles Leão XIII, decidimos de boa vontade aceder ao pedido.

Dessa maneira, Nós, confiando que a forma de vida pregada por aquele admirável Homem de Assis há de receber um novo impulso e florescerá com vigor, depois de ter consultado a Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, que examinou diligentemente o texto apresentado, tendo ponderado tudo atentamente, com deliberação consciente e madura, aprovamos e confirmamos, com Nossa Apostólica autoridade e por meio desta Carta, a Regra da Ordem Franciscana Secular, e lhe juntamos a força da sanção apostólica, contanto que concorde com o exemplar conservado no arquivo da Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, cujas primeiras palavras são «*Inter spirituales familias*», e as últimas «*ad normam Constitutionum, petenda*».

Por esta carta e com Nossa autoridade abrogamos a Regra precedente da que era chamada Ordem Terceira Franciscana Secular. E estabelecemos que esta carta permaneça firme e atinja sua finalidade agora e no futuro, não obstante qualquer coisa em contrário.

Dado em Roma, junto de São Pedro, sob o anel do Pescador, no dia 24 de junho de 1978, ano 16.º de Nosso pontificado.



A Presidente do Conselho Internacional da OFS, Manuela Mattioli, e os membros do mesmo, pertencentes aos cinco continentes do mundo, renovam sua profissão franciscana diante do altar da confissão, na Basílica de São Pedro, em Roma.

PROLOGO:

*EXORTAÇÃO DE SÃO FRANCISCO
AOS IRMÃOS E ÀS IRMÃS
DA PENITÊNCIA*

EM NOME DO SENHOR

OS QUE FAZEM PENITÊNCIA

Todos os que amam o Senhor de todo coração, com toda a alma e com todo o entendimento, com toda sua força (cfr. Mc 12,30) e amam a seu próximo como a si mesmos (cfr. Mt 22,39), e odeiam o próprio corpo com seus vícios e pecados, e recebem o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, e fazem frutos dignos de penitência: quanto mais são felizes estes e estas, tais coisas fazendo e nelas perseverando, porque sobre eles há de repousar o Espírito do Senhor (cfr. Is 11,2) e estabelecerá neles sua habitação e sua morada (cfr. Jo 14,23), e são filhos do Pai celestial, cujas obras realizam, e são esposos, irmãs e mães de nosso Senhor Jesus Cristo (Cfr. Mt 12,50).

Somos esposos, quando a alma fiel se une ao Senhor Jesus Cristo pelo vínculo do Espírito Santo. Somos seus irmãos, quando fazemos a vontade do Pai que está nos céus (Mt 12,50). Mães, quando o levamos em nosso coração e em nosso corpo (cfr. 1 Cor 6,20) em virtude do amor de Deus e de pura e sincera consciência; nós o damos à luz por obras santas, que devem iluminar os outros pelo exemplo (cfr. Mt 5,16).

Como é glorioso ter um Pai santo e grande nos céus! Como é santo ter um esposo assim, paráclito, belo e admirável! Como é santo e amável ter um irmão assim, agradabilíssimo, humilde, pacífico, doce, amável e mais desejável do que todas as outras coisas: nosso Senhor Jesus Cristo, que deu sua vida pelas ovelhas (cfr. Jo 10,15) e orou ao Pai dizendo: Pai santo, conserva em teu nome (Jo 17,11) os que me deste no mundo; eram teus e os deste a mim (Jo 17,6). As palavras que me deste, dei-as a eles. Eles as receberam e acreditaram de verdade que eu saí de ti e conheceram que tu me enviaste (Jo 17,8). Peço por eles e não pelo mundo (cfr. Jo 17,9). Bendize-os e os santifica (Jo 17,17); por eles santifico a mim mesmo (Jo 17,19). Não peço só por eles, mas também por todos os que vão acreditar em mim por sua palavra (Jo 17,20), para que sejam santificados na unidade (cfr. Jo 17,23) como nós (Jo 17,11). E quero, ó Pai, que, onde eu estiver, estejam também eles comigo, para poderem ver a minha glória (Jo 17,24) no teu Reino (Mt 20,21). AMÉM.

OS QUE NÃO FAZEM PENITÊNCIA

Todos aqueles e aquelas que não fazem penitência, e não recebem o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, e vivem em vícios e pecados andando

atrás da concupiscência depravada e dos maus desejos de sua carne, e não observam o que prometeram ao Senhor, e com seu corpo servem o mundo, aos desejos carnis e às solicitações do século e negócios desta vida: escravos do diabo, de quem são filhos e cujas obras realizam (cfr. Jo 8,41), são cegos, porque não reconhecem a verdadeira luz, nosso Senhor Jesus Cristo. Não possuem a sabedoria espiritual, porque não possuem o Filho de Deus que é a verdadeira sabedoria do Pai, e sobre eles está escrito: Sua sabedoria foi devorada (Sal 106,27), e: Malditos os que se afastam de teus mandamentos (Sal 118,21). Vêem e não reconhecem, sabem que estão fazendo o mal e o fazem assim mesmo, arruinando conscientemente a própria alma.

Abri os olhos, ó cegos, enganados por vossos inimigos: a carne, o mundo e o diabo; porque é doce para o corpo cometer o pecado e amargo fazê-lo servir a Deus; porque todos os vícios e pecados saem do coração dos homens e de lá procedem, como diz o Senhor no Evangelho (cfr. Mc 7,21).

E assim nada tendes de bom neste mundo nem o tereis no futuro. Pensais possuir por muito tempo as coisas vãs aqui de baixo, mas estais enganados, porque virão um dia e uma hora que não pensais, que não conheceis e que ignorais. Adece o corpo, avizinha-se a morte e assim morre o homem de uma morte amarga. Em qualquer parte, em qualquer tempo e modo que o homem venha a morrer em pecado mortal sem penitência e satisfação, se pode satisfazer e não satisfaz, então o diabo arrebata sua alma de seu corpo com tanta angústia e tribulação, que ninguém pode imaginar, a não ser aquele que o padece. E ser-lhes-ão tirados (cfr. Lc 8,18; Mc 4,25) todos os talentos e o poder, a ciência e a sabedoria (2 Par 1,12), que pensavam possuir. Deixam tudo aos parentes e amigos e estes, depois de tirados e divididos seus bens, ainda dizem: Amaldiçoada seja sua alma, porque poderia dar-nos mais e ganhar mais do que ganhou. Os vermes lhe devoram o corpo. E assim arruinaram corpo e alma no breve período de tempo deste mundo, e irão para o inferno, onde serão atormentados ao infinito.

Pela caridade que é Deus (cfr. 1 Jo 4,16), rogamos a todos aqueles a quem chegar esta carta que recebam benignamente, por amor de Deus, estas odorosas palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, como foram referidas acima. E os que não souberem ler façam com que a leiam frequentemente; guardem-na consigo pondo-a santamente em prática até o fim, porque são espírito e vida (Jo 6,64). E os que não fizerem isso serão obrigados a prestar contas no dia do juízo (cfr. Mt 12,36) diante do tribunal de nosso Senhor Jesus Cristo (cfr. Rm 14,10 20).

Capítulo I

A ORDEM FRANCISCANA SECULAR (OFS) (1)

1 — Entre as famílias espirituais suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja (2), a Franciscana reúne todos os membros do Povo de Deus, leigos, religiosos e sacerdotes, que se reconhecem chamados ao seguimento de Cristo, seguindo as pegadas de São Francisco de Assis (3).

De maneiras e formas diferentes, mas em comunhão vital recíproca, querem tornar presente o carisma do Seráfico Pai comum na vida e na missão da Igreja (4).

2 — Dentro dessa família, há uma colocação específica da Ordem Franciscana Secular. Ela se configura como união orgânica de todas as fraternidades católicas espalhadas pelo mundo e abertas a toda espécie de fiéis, nas quais os irmãos e irmãs, impelidos pelo Espírito Santo a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular, empenham-se pela profissão a viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra autenticada pela Igreja (5).

3 — A presente Regra, depois do «Memoriale Propositi» (1221) e depois das Regras aprovadas pelos Sumos Pontífices Nicolau IV e Leão XIII, adapta a Ordem Franciscana Secular às exigências e expectativas da santa Igreja nas novas condições dos tempos. Sua interpretação cabe à Santa Sé e a aplicação será feita pelas Constituições Gerais e por Estatutos particulares.

Capítulo II

A FORMA DE VIDA

4 — A Regra e a vida dos franciscanos seculares é esta: observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo o exemplo de São Francisco de Assis, que fez de Cristo inspirador e centro de sua vida com Deus e com os homens (6).

Cristo, dom do Amor do Pai, é o caminho para Ele, é a verdade em que o Espírito Santo nos introduz, é a vida que Ele veio dar com superabundância (7).

Os franciscanos seculares empenham-se, além disso, em uma assídua leitura do Evangelho, passando do Evangelho para a vida e da vida para o Evangelho (8).

5 — Os franciscanos seculares, portanto, busquem a pessoa viva e operante de Cristo nos irmãos, na Sagrada Escritura, na Igreja e nas ações litúrgicas. A fé de São Francisco que ditou estas palavras: «Nada mais vejo corporalmente neste mundo do mesmo altíssimo Filho de Deus senão seu santíssimo Corpo e seu santíssimo Sangue» seja para eles inspiração e orientação de sua vida eucarística.

6 — Sepultados e ressuscitados com Cristo no Batismo que os torna membros vivos da Igreja, a ela mais fortemente vinculados pela Profissão, façam-se testemunhas e instrumentos de sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra.

Inspirados por São Francisco e por ele chamados a reconstruir a Igreja, esforcem-se para viver em plena comunhão com o Papa, os Bispos e os Sacerdotes em um diálogo aberto e confiante de criatividade apostólica (9).

— Como «irmãos e irmãs da penitência» (10), em virtude de sua vocação, impulsionados pela dinâmica do Evangelho, conformem seu modo de pensar e de agir com o de Cristo por uma radical mudança interior que o próprio Evangelho designa com o nome de «conversão», a qual, pela fragilidade humana, deve ser posta em prática cada dia (11).

Neste caminho de renovação, o sacramento da Reconciliação é sinal privilegiado da misericórdia do Pai e fonte de graça (12).

8 — Como Jesus foi o verdadeiro adorador do Pai, assim façam da oração e da contemplação a alma do próprio ser e do próprio operar (13).

Participem da vida sacramental da Igreja, principalmente da Eucaristia, e associem-se à oração litúrgica em uma das formas propostas pela mesma Igreja, revivendo assim os mistérios da vida de Cristo.

9 — A Virgem Maria, humilde serva do Senhor, disponível a sua palavra e a todos os seus apelos, foi cercada por Francisco de indizível amor e foi designada Protetora e Advogada de sua família (14). Testemunhem-lhe os franciscanos seculares seu ardente amor, pela imitação de sua disponibilidade sem condições e pela efusão de uma confiante e consciente oração (15).

10 — Unindo-se à obediência redentora de Jesus, que depôs sua vontade na do Pai, cumpram fielmente os compromissos próprios da condição de cada um nas diversas circunstâncias da vida (16), e sigam Cristo, pobre e crucificado, dando testemunho dele mesmo no meio das dificuldades e das perseguições (17).

11 — Cristo, confiado no Pai, escolheu para Si e para sua Mãe uma vida pobre e humilde (18), embora apreciasse com atenção e amor as realidades criadas. Assim, os franciscanos seculares busquem no desapego e no uso um relacionamento justo com os bens terrenos, simplificando suas exigências materiais; e tenham consciência de ser, segundo o Evangelho, administradores dos bens recebidos em favor dos filhos de Deus. No espírito das «Bem-aventuranças», procurem purificar o coração de toda tendência e cupidez de posse e de domínio, como «peregrinos e forasteiros» a caminho da Casa do Pai (19).

12 — Testemunhas dos bens futuros e comprometidos pela vocação abraçada a adquirir a pureza de coração, assim se farão livres para o amor a Deus e aos irmãos (20).

13 — Como o Pai vê em cada homem a fisionomia de seu Filho, Primogênito de uma multidão de irmãos (21), acolham os franciscanos seculares todos os homens com espírito humilde e cortês, como dom do Senhor (22) e imagem de Cristo.

O sentido de fraternidade dar-lhes-á a alegria de se igualarem a todos os homens, especialmente aos mais pequeninos, esforçando-se para dar-lhes condições de vida dignas de criaturas redimidas por Cristo (23).

14 — Chamados, junto a todos os homens de boa vontade, a construir um mundo mais fraterno e evangélico para a realização do Reino de Deus, conscientes de que «todo aquele que segue Cristo, homem perfeito, torna-se também mais homem», exerçam com competência as próprias responsabilidades no espírito cristão de serviço (24).

15 — Estejam presentes pelo testemunho da própria vida humana e também por iniciativas corajosas, tanto individuais como comunitárias, na promoção da justiça, e principalmente no campo da vida pública, empenhando-se em opções concretas e coerentes com sua fé (25).

16 — Tenham o trabalho como um dom e como participação na criação, redenção e serviço da comunidade humana (26).

17 — Em sua família, vivam o espírito franciscano de paz, fidelidade e respeito à vida, esforçando-se por fazer dela o sinal de um mundo já renovado em Cristo (27).

Os casados, de maneira particular, vivendo as graças do matrimônio, dêem no mundo o testemunho do amor de Cristo por sua Igreja. Por uma educação cristã simples e aberta, atentos à vocação de cada um, caminhem alegremente com os próprios filhos em seu itinerário humano e espiritual (28).

18 — Tenham respeito pelas outras criaturas, animadas e inanimadas, que «do Altíssimo portam sinal» (29), e se esforcem por passar da tentação do desfrutamento para o conceito franciscano de fraternidade universal.

19 — Como portadores de paz e lembrando-se de que ela deve ser construída continuamente, procurem os caminhos da unidade e dos entendimentos fraternos, através do diálogo, confiando na presença do germe divino que existe no homem e no poder transformador do amor e do perdão (30).

Mensageiros de perfeita alegria, em qualquer circunstância, esforcem-se por levar aos outros a alegria e a esperança (31).

Enxertados na Ressurreição de Cristo, que dá o verdadeiro significado à Irmã Morte, tendam com serenidade para o encontro definitivo com o Pai (32).

Capítulo III

A VIDA EM FRATERNIDADE

20 — A Ordem Franciscana Secular articula-se em fraternidades em diversos âmbitos: local, regional, nacional e internacional. Elas têm cada uma sua própria personalidade moral na Igreja (33). Essas fraternidades em diversos níveis são coordenadas e ligadas entre si de acordo com esta Regra e as Constituições.

21 — Nos diversos níveis, cada fraternidade é animada e dirigida por um Conselho e um Ministro (ou Presidente), que são eleitos pelos Professores de acordo com as Constituições (34).

Seu serviço, que é temporário, é um compromisso de disponibilidade e de responsabilidade para com cada um e para com os grupos.

De acordo com as Constituições, as fraternidades estruturam-se internamente de maneira diversa, conforme as diferentes necessidades de seus membros e de suas regiões, sob a direção do respectivo Conselho.

22 — A fraternidade local precisa ser erigida canonicamente e assim se torna a primeira célula de toda a Ordem e um sinal visível da Igreja, comunidade de amor. Deverá ser o ambiente privilegiado para desenvolver o sentido eclesial e a vocação franciscana, como também para animar a vida apostólica de seus membros (35).

23 — Os pedidos de admissão à Ordem Franciscana Secular são apresentados a uma fraternidade local, cujo Conselho decide a aceitação dos novos irmãos (36).

A incorporação realiza-se mediante um tempo de iniciação, um tempo de formação de ao menos um ano e pela Profissão da Regra (37). Na seqüência desses desenvolvimentos empenha-se toda a fraternidade, mesmo em seu modo de viver. Quanto à idade para a Profissão e para o sinal distintivo franciscano (38), sigam-se os Estatutos.

A Profissão é por si um compromisso perpétuo (39).

Os membros que estiverem em dificuldades especiais procurarão tratar seus problemas com o Conselho em fraterno diálogo. A retirada ou demissão definitiva da Ordem, se for mesmo necessária, é ato de competência do Conselho de Fraternidade, de acordo com as Constituições (40).

24 — Para fomentar a comunhão entre os membros, o Conselho organize reuniões periódicas e encontros freqüentes, mesmo com outros grupos franciscanos, especialmente juvenis, adotando os meios mais apropriados para um crescimento na vida franciscana e eclesial, estimulando cada um para a vida de fraternidade (41).

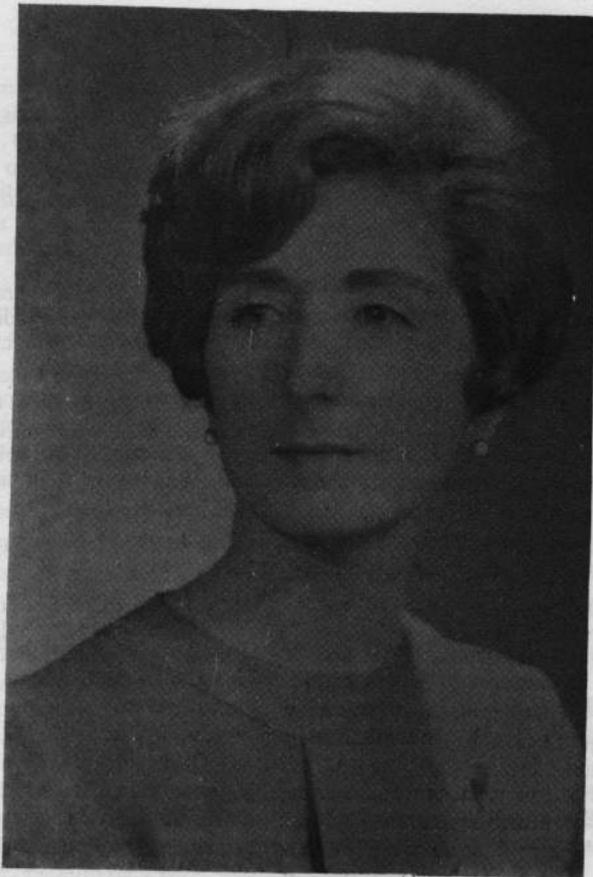
Tal comunhão continua com os irmãos defuntos pela oferta de sufrágios por suas almas (42).

25 — Para as despesas que ocorrem na vida da Fraternidade e para as necessárias nas obras do culto, do apostolado e da caridade, todos os irmãos e irmãs ofereçam uma contribuição conforme às próprias possibilidades. Seja um cuidado das fraternidades locais contribuir para as despesas dos Conselhos das fraternidades de grau superior (43).

26 — Em sinal concreto de comunhão e de corresponsabilidade, os Conselhos dos diversos níveis, segundo as Constituições, pedirão aos Superiores das quatro Famílias religiosas franciscanas, às quais há séculos está ligada a Fraternidade Secular religiosos idôneos e preparados para a assistência espiritual. Para fomentar a fidelidade ao carisma e a observância da Regra e para ter maiores auxílios na vida de fraternidade, o ministro ou presidente, de acordo com seu Conselho, seja solícito em pedir periodicamente a visita pastoral aos competentes Superiores religiosos (44) e a visita fraterna aos responsáveis de nível superior, segundo as Constituições.

«Todo aquele que observar estas coisas seja repleto, no céu, de toda bênção do altíssimo Pai, e na terra seja repleto da bênção de seu dileto Filho, com o santíssimo Espírito Paráclito . . . »

(Bênção de São Francisco) .



MANUELA MATTIOLI

**Presidente do Conselho Internacional
da OFS. Pertencem à Ordem Francisca-
na Secular da Venezuela**

1. Qual o nome da Carta Apostólica com a qual o Papa Paulo VI, no dia 24 de junho de 1978 aprovou a Regra renovada da OFS?
2. Em que ano e data a Sagrada Congregação para os Religiosos concedeu a faculdade de iniciar a renovação da Regra da OFS?
3. Quais os dois eixos de renovação da Regra da OFS?
4. Com quais palavras o Papa Paulo VI aprovou e confirmou o novo texto da Regra da OFS?
5. Anote as expressões nas palavras de São Francisco que, no Prólogo da Regra, mais o impressionam!
6. Qual a definição que o Capítulo I da Regra nos traz a respeito da Ordem Franciscana Secular?
7. Antes de Paulo VI, quais outros papas, no passado, aprovaram textos da Regra da OFS?
8. Qual a Regra e a Vida dos Franciscanos seculares, conforme reza o Capítulo II da Regra?
9. Faça um elenco ou lista de normas, metas e ideais contidos no Capítulo II da Regra!
10. De que maneira se articula a Ordem Franciscana Secular?
11. Por quem é animada e dirigida cada Fraternidade de OFS nos seus diversos níveis?
12. De que maneira as Fraternidades de OFS se estruturam internamente?
13. Qual a importância e a configuração própria da Fraternidade Local segundo o artigo 22 da Regra, no capítulo III?
14. Que normas contém a Regra no que se refere à admissão, profissão e demissão dos membros na Ordem?
15. Que deve fazer o Conselho para fomentar a comunhão entre os membros da Fraternidade?
16. Que estabelece a Regra da OFS em relação à Primeira Ordem de São Francisco?



O CAMINHO QUE CONDUZIU A HUMANIDADE A CRISTO
Continuação

Cfr. NOVO CATECISMO, Herder, São Paulo 1969
pp. 44-48

INTRODUÇÃO - Estudaremos agora de que maneira mais concreta Deus preparou a humanidade para Cristo. Ele o fez, escolhendo um povo determinado, o povo de Israel, de humildes origens e de história civil sem relevância. Como surgiu esse povo?

A história nos mostra, na época áurea do poder egípcio dos faraós, um grupo de nômades que fugia do Egito altamente civilizado, mas que para eles se tornara inabitável, social e religiosamente. Privados de segurança, após dramática fuga, haviam chegado a Cades, na nudez do deserto. Formavam um conjunto de diversas tribos. O nome de seu Deus era JAVÉ. Reduzidos quase ao mais baixo nível de subsistência, num vácuo entre dois mundos cultos, - o Egito e a Babilônia - ali encontraram terreno espiritualmente propício. E o maravilhoso aconteceu: Deus procurou essas tribos que, de um lado eram forçadas a prosseguir, e, de outro, constantemente sentiam-se tentadas a voltar às cebolas do Egito. Deus os procurou e os fez "seu povo e possessão": "Vós sereis o meu povo particular entre todos os povos. Toda a terra é minha, mas vós sereis um reino de sacerdotes e uma nação consagrada" (Ex., 19,5). A história dessa procura é narrada nos livros sagrados que, juntos, formam o ANTIGO TESTAMENTO da Bíblia.

Daremos aqui uma síntese dessa que conhecemos como a ANTIGA ALIANÇA, isto é, a história do povo que preparou diretamente a humanidade para Cristo. A Revelação de Deus chega a Israel por três caminhos:

1. Por acontecimentos.
2. Por palavras sobre os acontecimentos.
3. Pela fixação por escrito dos acontecimentos e das palavras.

A FASE DOS PASTORES - 1.800 a 1.200 anos antes de Cristo. Os próprios fatos, sem palavras, já dão uma revelação de Deus. Que acontece, então?

Pastores hebreus fogem do Egito. Tratava-se de uma situação humana: luta pela existência, alimentação, vestimento, habitação e auto-conservação. Mas nesse ambiente integralmente humano, ir-

rompe, em dado momento, o AUTENTICAMENTE DIVINO. Nesses acontecimentos há uma figura que se destaca: MOISÉS!

Essa fuga, porém, é precedida por uma história de quatro séculos, durante o quais apenas sabemos que um povo cresce no Egito. Esse povo entrara no Egito proveniente de Canaã, ou seja, das terras situadas entre o Rio Jordão e o Mar Mediterrâneo. Ali eles formavam algumas tribos de pastores. Nesses pastores Israel reconhece seus "antepassados". E os chama PATRIARCAS. São eles: Abraão, Isaac e Jacó, este último denominado também "Israel". É nesses patriarcas que devemos procurar o ponto de partida histórico da preocupação de Deus conosco. Pouca coisa sabemos com precisão a respeito deles. Há várias narrativas a respeito dos mesmos, e o interessante é que elas se harmonizam perfeitamente com aquilo que os investigadores modernos decifram nos escritos cuneiformes daqueles tempos.

ESTABELECIMENTO EM CANAÃ - De 1.200 a 1.000 anos antes de Cristo. - Que acontece depois de Moisés, isto é, depois que esse povo foge do Egito através do deserto de Sinai? As tribos nômades hebraicas imigram à terra verde de Canaã, a terra em que viveram seus antepassados, os patriarcas. Surgem lutas entre elas e os habitantes das cidades dessa terra. Depois de algum tempo conquistam eles a nova terra. Dessa época nos foram transmitidos alguns nomes históricos: Josué, e depois os "Juizes", entre os quais se destacam Sansão, Gedeão e Jefté. As narrativas nos fazem ver que esse foi um tempo duro, chamado, com acerto, de "período de ferro" de Israel. Com a conquista da terra, as tribos se dispersam sobre seu território: ao sul fica a tribo de Judá, junto com Simeão, que depois é absorvida na de Judá; ao norte ficam as demais tribos. Entretanto não haviam ainda conquistado a cidade e a fortaleza de Jerusalém. Situava-se, encravada entre ambos os grupos. O que os mantinha unidos era o culto de Javé.

Nessa conquista da terra de Canaã, acontece algo de particularmente notável. A ciência comparativa das religiões sabe o seguinte: quando um povo nômade, de pastores, se torna povo sedentário, de agricultura e de criação de gado - como agora é o caso de Israel - opera-se, normalmente, MUDANÇA DE RELIGIÃO. O único deus do povo nômade é, mais cedo ou mais tarde, substituído por uma série de divindades locais, de agricultura e fecundidade. O maravilhoso é que isso não tenha acontecido a Israel. A Bíblia fala muitas vezes que existia forte tentação de assumir os "Baal" e os "Astartes", isto é, os deuses locais de fecundidade e agricultura, pertencentes à nova terra. Mas o povo, como conjunto, nunca cedeu à tentação. Por mais estranho que seja, Israel permanece fiel à revelação divina do deserto, nesta terra de agricul-

tura. Não sem resultado, aliás: Javé dava força, unidade e paz.

FASE DE MONARQUIA ANTIGO-ORIENTAL - De 1.000 a 587 anos antes de Cristo - O mesmo fenômeno se verifica no momento em que o povo entra em sua fase cultural ulterior. Cerca do ano 1.000 Israel atinge o auge de sua existência sedentária e organização nacional: torna-se Reino Monárquico. O Rei Davi conquista Jerusalém. O Rei Salomão constrói o Templo. Ora, segundo todas as leis comuns da história das religiões, deveria, nessa ocasião, nascer e crescer uma religião nacional, enquanto o deus se tornaria simplesmente a personificação do poder nacional. Um deus que, feito mero fantasma aéreo (= "projeção"), faria e diria o que o Estado quisesse. Por ventura coisa semelhante acontecerá também agora a Israel, no momento em que se torna monarquia? Que é que verifica mos historicamente?

Verificamos exatamente o contrário: Javé se torna o Deus do Rei e da Nação. Há unidade de vida e religião. Chega-se à hora meridional, calma e quente do javismo. Nada de oposição entre vida social e religião, entre prosperidade nacional e culto religioso. Javé nunca chega a ser criação do Estado. Ao contrário do que acontece com os povos vizinhos, o Estado israelita é que continua sendo criação de Javé. Sem dúvida alguma, existe a forte tentação de fazer de Javé o escravo do Estado, mas Ele é um "Deus Vivo", um Deus que se faz valer. Pelos seus PROFETIAS, que exercem sua atividade em todo o tempo da realeza, não cessa de purificar a sua Revelação.

Acontece ainda o seguinte: depois de Salomão, a monarquia degenera sempre mais no despotismo mais comum. Mas, à medida do crescimento desse despotismo, vai crescendo, igualmente, a atividade influente dos Profetas. Estes formam, no meio do povo, um núcleo de adoradores, fiéis a Javé, o chamado "Resto". Ocorre o maravilhoso: já não coincidem Estado e Religião. Mais uma vez, constitui Israel fenômeno único na história.

O CATIVEIRO BABILÔNICO - De 587 a 539 antes de Cristo. - A formação desse "Resto" significa a salvação da mensagem de Israel. Pois o Estado vai desaparecer, conforme os profetas haviam predito. O Reino único que, depois de Salomão, é dividido em dois pequenos Estados que servem de amortecedores entre as grandes potências da Mesopotâmia e o Egito, é, finalmente, esmagado por elas. Em 721 antes de Cristo o Reino do Norte, o chamado Reino de Israel, que tinha por Capital a Samaria, é levado em cativeiro para a Assíria. Em 587 é a vez do Reino do Sul, que tinha Jerusalém por Capital, o Reino de Judá, é levado em cativeiro para a Babilônia.

Aqui presenciamos a terceira maravilha religiosa. Sempre de

acordo com as leis normais da ciência comparativa das religiões, o Deus nacional deveria ter desaparecido agora, junto com a desapareição da própria Nação. Ora, o fato é que Javé fica e não desaparece. Mais profundamente do que nunca, o "Resto" toma consciência dele, na nova situação, que é o cativo.

No meio de outros povos, vem a perceber, mais nitidamente, que ele, Javé, é o único Criador do céu e da terra. Velam os Profetas e anunciam a libertação do "Resto" purificado. E de fato, quando, em 539, a Babilônia é conquistada pelos Persas, Javé o leva de volta à pátria, a Terra Santa.

FASE DE JUDAÍSMO - A partir do ano 500 antes de Cristo. - São principalmente os habitantes de Judá que voltam do cativo. Pelo que, os cinco séculos subsequentes são chamados de período do JUDAÍSMO. Reconstrói-se Jerusalém. Nunca mais, porém, se chega propriamente a atos políticos importantes. No século II antes de Cristo, sob a liderança dos MACABEUS, tenta-se ainda uma resistência corajosa contra a dominação grega. Mas com pouco resultado. No ano 63 antes de Cristo começa a dominação romana. Notável é que a força do povo judeu não reside em sua autonomia política. Depois do cativo, Jerusalém torna-se o centro de um povo, DISPERSO sobre todo o mundo antigo, porém NÃO SE PERDENDO, nesse mundo: ele continua subsistindo como povo. A chamada DIÁSPORA é o conjunto dos judeus que vivem fora da Palestina. Nesse povo, dentro ou fora da Terra Santa, há, nesses séculos, um número considerável de homens simples, profundamente religiosos, que reconhecem a própria insuficiência e põem sua confiança em Javé, esperando intensamente a vinda salvadora. A Bíblia chama-os de "Pobres de Javé". É no meio deles, perto de Jerusalém, que estará o berço de Jesus, para a salvação de todos os homens.

Esta é a história da Antiga Aliança, uma síntese de seus fatos, os fatos nos quais Deus se revelou. Em seguida foram ditas palavras sobre esses fatos. Mais tarde se fixaram por escrito os fatos e as palavras. Essa fixação por escrito é o Antigo Testamento da Bíblia.

PARA REFLEXÃO E MEDITAÇÃO NA EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. De que maneira concreta Deus preparou a humanidade para Cristo?
2. Por quais caminhos a Revelação de Deus chegou a Israel?
3. Quem são os Patriarcas? Quais são eles?
4. Quais os nomes históricos mais importantes na fase do estabelecimento do povo de Israel em Canã?
5. Qual o fato curioso e maravilhoso que se registra em Israel na fase de estabelecimento em Canã?

6. Qual o fenômeno curioso que se registrou na História de Israel na fase da monarquia?
7. Qual a terceira maravilha religiosa que presenciamos na História de Israel durante o Cativo Babilônico?
8. Por que os últimos cinco séculos da história de Israel no Antigo Testamento são chamados de fase do JUDAÍSMO?
9. Qual foi a situação característica de Israel no período do JUDAÍSMO?

Para a leitura e meditação individual.

A MENSAGEM QUE OUVIMOS DELE

Cfr. O NOVO CATECISMO, Herder, São Paulo
pp. 27-30

Percorre o mundo a mensagem de que o Infinito se manifestou em Jesus de Nazaré. O fato da existência dessa mensagem não se pode negar. "Ele existia desde o princípio. Nós o temos ouvido e visto com os próprios olhos; têm-lo contemplado e nossas mãos o têm apalpado.

Sobre Ele é que falamos: sobre o Verbo que é vida!

Pois, a vida manifestou-se; a vida eterna que estava no Pai se nos manifestou. Nós a vimos; dela testemunhamos e vo-la anunciamos. O que vimos e ouvimos, nós vo-lo comunicamos, a fim de que tenhais, junto conosco, parte na comunhão que nos é dada com Deus e com seu Filho Jesus Cristo. E escrevemo-vos para que seja completa a alegria de todos nós. Eis a mensagem que ouvimos dele e que vos transmitimos: Deus é Luz e não há nele vestígio de trevas" (1Jo 1,15).

Jesus é a resposta. Imensamente superior a qualquer resposta que pudesse ser inventada por homens. O próprio Filho de Deus mergulha em nossa miséria. O próprio Deus sofre junto conosco, em amor sem limites. "De tal modo Deus amou o mundo que, por ele, entregou seu Filho único" (Jo 3,16).

Por certo, não é resposta que resolva definitivamente o último porquê. O mistério da existência não é tirado por ela. Mas o que fica bem claro na fé em Cristo é a direção na qual se deve procurar a verdade. Não, Deus não permite o mal, indiferentemen-

te, ou de maneira simplesmente cruel. O mal não povém dele. O próprio Deus luta contra ele. Cristo está pessoalmente implicado nele. Em uma das sentenças de morte mais cruéis que a cruel humanidade conhece, apresenta-se Ele como o nosso Salvador. Dois paus cruzados e neles estendido um homem em que se nos manifesta o próprio Deus. Essa cruz que se estende em todas as direções, feita homem de braços abertos, torna-se o indicador de caminho no insondável mistério de Deus. Aponta, na nevoeira, o centro do mistério. Na cruz, Deus abriu-nos seu coração, traido-nos o seu segredo mais íntimo: Deus manifesta-se solidário com as vítimas.

Alhures considerar-se-ão mais de perto a existência do mal no mundo e a nossa inclinação a construirmos levemente uma onipotência divina, por meio de nossas idéias humanas. Quantas vezes, com efeito, julgamos saber, com precisão, o que Deus "podia" ter feito e prevenido! Desse modo faz-se dele, de fato o soberano poderoso e indiferente que nos deixa na miséria. Mas, na realidade, Deus em geral, e a sua onipotência em particular, são diferentes do que nós podemos conceber: mais profundos e mais inefáveis. DEvemos cada vez mais, tomar consciência do fato de que é tão somente em um único ponto que o podemos encontrar e chegar a conhecê-lo verdadeiramente. Esse ponto é JESUS. A cada pergunta sobre Deus teremos, pois, de procurar, como resposta: "Como é JESUS?" Ora, a vida de Cristo mostra que a real onipotência de Deus luta contra o pecado e o sofrimento, de maneira diferente, mas misteriosa, mais intensa, mais implicada, mais salvífica do que a que nós nos representamos, por meio de nossas concepções humanas acerca da onipotência. A verdadeira onipotência divina é a que triunfa definitivamente sobre a nossa culpa e a nossa morte. De certo, o último porquê desse modo de agir de Deus nos escapa, mas sabemos, em todo caso, que se trata de um "mistério" de luz e bondade. Quem crê em Deus, participa, em certa medida, do próprio modo de ver dele.

Haja talvez quem pergunte: "Mas essa fé não é, por ventura, mera construção de nossa angústia de vida? Ou, fruto imaginário de nossa procura de segurança contra a miséria da existência humana, ou seja, a "projeção" de nosso desejo mais íntimo?

Que responderemos a esta dificuldade real?

Consta o fato de que o homem procura a segurança e que, no vazio deste mundo, a angústia desempenha papel de relevo. Entretanto, esse fato experimental, de per si, nada diz contra a existência daquele que é capaz de dar a segurança procurada. Não significa, tampouco, que a angústia seria o motivo mais profundo ou único. Seja-nos permitido fazer uma comparação: Quando a criança procura pela mãe, em meio à multidão, fá-lo por angústia. Não pode passar sem ela! Mas significa isso que a procura só se

faz por angústia? Não pode isso fazer-se, igualmente, por amor? Indubitavelmente. Manifesta-o o fato de que o desejo se mantém do mesmo modo, na alegria.

Mas com isso não dissemos tudo sobre "projeção". Descobriu-se, em nosso tempo, de modo especial, o valor do papel importante que a psique, o ambiente e a cultura desempenham na formação da imagem de Deus. Notemos, porém, que tudo isso não atinge necessariamente a pergunta da existência ou não-existência do Infinito. Pois, mesmo se fôr verdade que "projetamos", isto é, objetivamos fora de nós nosso próprio conteúdo íntimo, sempre resta ainda a pergunta se o homem não é realmente mais que ele mesmo. (Nossa fé cristã responde "sim". A visão cristã nunca deixou de reconhecer o conteúdo mais que humano do homem. "Fizeste-nos para ti, Senhor, e irrequieto está nosso coração, até encontrar sossego em ti", proclama Santo Agostinho, em suas "Confissões").

Não quer isso dizer que as "projeções" não nos têm nada a dizer a respeito de nossa procura do infinito. Podem, com efeito, deixar bem claro que, às vezes, é só em aparência que procuramos a Deus. Pseudo-caminhos para Deus! A sagrada escritura fala-nos freqüentemente desse fenômeno. Vejam-se, por exemplo, Jer 7 e Jo 16, 1-3. Assim, nós também atribuímos a Deus, ora mais, ora menos inocentemente aquilo que, em parte, é fruto de nossa peculiar fantasia de espécie duvidosa. E quando, então, se evidencia que nós fabricamos um Deus conforme às próprias idéias malsãs; que encontramos Deus lá onde não está, pode acontecer que, de repente, sintamo-nos estar de mãos vazias. Todo o divino que julgávamos ver desapareceu atrás do horizonte, não nos restando senão o vazio em que clamamos: "Ó Deus, tu existes ou não existes?" Que caminho podemos encontrar nessas trevas, - quando ruem nossos falsos deuses? Exclusivamente aquele que é capaz de suportar o toque da experiência da realidade humana; que não significa para o homem fuga ou alienação, mas, pelo contrário, leva precisamente para o desdobramento mais profundo do ser humano.

Esse caminho, reconhecemo-lo no homem Jesus de Nazaré. Ele, o Filho do Homem, é "O" Homem como tal, o caminho de Deus vivo para nós. "Ninguém jamais viu a Deus. O Filho Único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou" (Jo 1,18).

Pelo caminho da conversão, a partir do longínquo Desconhecido, chegamos à imediata revelação dele. É este o sentido atual da palavra de Jesus: "O Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na boa nova" (Mc. 1,15). Se na escuridão clamamos a Deus, Jesus, feito nosso irmão, está em nosso meio e diz: "Vinde e vede" (Jo 1,40).

O FRANCISCANISMO NASCEU COMO FRATERNIDADE

INTRODUÇÃO - São Francisco de Assis, por inspiração de Deus, fundou na Igreja uma FORMA DE VIDA EVANGÉLICA: a FRATERNIDADE! Nós, professando essa forma, constituímos verdadeiramente uma ORDEM DE IRMÃOS. Está aí a especificação decisiva de nossa identidade carismática dentro da Igreja: somos Fraternidade! Não somos, antes de tudo, clérigos ou leigos, religiosos ou seculares: somos IRMÃOS! Não somos uma escola de perfeição ascética ou de superamento humano, como não somos uma equipe de apóstolos e especialistas em determinado ramo de ação evangelizadora dentro do cristianismo: somos simplesmente uma ORDEM DE IRMÃOS!

O ponto focal da vocação franciscana não é o estado clerical ou laical, não é o estado religioso nem o estado secular, e sim a vocação de IRMÃOS! Essa vocação engloba tudo. Pode ser vivida em todos os estados e no desenvolvimento de todas as atividades. Para lá de todos os estados de vida, de todas as profissões, de todas as classes sociais, e mesmo para lá de todas as "vocações", está a VOCAÇÃO DO IRMÃO. São Francisco simplesmente fundou TRÊS ORDENS DE IRMÃOS e IRMÃS. Dentro de suas três Ordens, os IRMÃOS podem viver de muitas maneiras, no estado clerical ou no estado laical, no estado religioso ou no estado secular, no celibato ou no matrimônio.

Hoje somos convidados pela Igreja ao retorno às fontes de nossa inspiração primitiva. Ora, para nós, Franciscanos, voltar às fontes de nossa inspiração primitiva é concentrar nossa atenção na primeira geração de Franciscanos, nas primeiras "movimentações" franciscanas surgidas de São Francisco. Ora, essas primeiras "movimentações" se efetuaram num contexto de FRATERNIDADE e evoluíram no sentido de criar uma estrutura social de FRATERNIDADE. Para descobrir de novo essa fonte, precisamos olhar para o Irmão Francisco, a Irmã Clara e para a primeira geração de Franciscanos. É ali que colhemos nossa inspiração original. Nossa inspiração original está nos tempos de São Francisco. Não está nos tempos de São Boaventura. Não está nos tempos de Frei Elias. Não está nos tempos da reforma dos Observantes ou dos Capuchinhos. A inspiração original de nossa Ordem, suas notas específicas e características, os perfis específicos de identidade carismática da vocação franciscana está nos dias de São Francisco. Morto São Francisco, termina o que chamaríamos de "eterno" Franciscano". Assim como com a morte do último apóstolo cessou a

revelação, assim também, com a morte de São Francisco, terminou a formação do carisma franciscano. Nenhum personagem da Ordem Franciscana, por mais influente que tenha sido, acrescentou algo de fundamentalmente novo ao carisma franciscano.

O ESQUEMA FRANCISCANO - São Francisco é um tipo existencial muito "puro". Não é um tipo intelectual. Isto é, Francisco não se preocupa em pensar, mas em viver. Por isso, se é em Francisco que devemos buscar nossa inspiração original, essa se encontra antes de tudo em sua vida, e não em seus escritos. Francisco não gostava de escrever. Escreveu muito pouco. E aquilo que escreveu é quase só exultação do coração, êxtases, arrebatamentos, desafios do coração para louvar a Deus.

A força dos homens existenciais não está na inteligência e nem nos escritos. João XXIII também foi um homem desses. Seus escritos valem pouca coisa. João XXIII foi um homem existencial. Temos que ir à vida. O mesmo acontece com São Francisco. Em nenhum de seus escritos, nem mesmo em sua Regra, Francisco diz que seu carisma é a Fraternidade. Não encontramos nele uma declaração de princípios. Conhecemos a definição de seu carisma e sua declaração de princípios quando vamos à sua vida e observamos a vida dos primeiros irmãos. Eles viviam como lares, como famílias!

Foi entre os anos 1207 e 1209 que Francisco fez a grande descoberta do Evangelho, e foi em 1221 que descobriu que a radicalidade desse Evangelho pode ser vivida também pelos que vivem no matrimônio. Até então Francisco vinha vacilando: ora entregava-se à vida contemplativa, ora metia-se entre os leprosos para cuidar de suas feridas, ora reconstruía igrejas, ora levava vida eremítica. Foi em Janeiro e Abril do 1209 que fez a grande descoberta. Nessas duas ocasiões, ouvindo na missa a leitura do Evangelho, recebeu a grande luz: "Irmãos, eis, finalmente, o que procuramos"! Todos os biógrafos de São Francisco - Boaventura, Celano, os Três Companheiros, - trazem exatamente as mesmas palavras: "Eis, finalmente, o que procuramos!" É isso que de hoje em diante haveremos de viver com radicalidade: o Evangelho! Desse dia em diante repetiu sempre essas mesmas palavras com a fidelidade de um Cavaleiro ambulante: "O Senhor me revelou que eu devia viver segundo a forma do Santo Evangelho!"

Francisco não era um organizador nem um lutador. Mas teve que lutar pela defesa do Evangelho puro, isto é, radicalizado, sobretudo nos seus aspectos de minorismo e fraternidade. E ao sentir-se bombardeado por Inocêncio III, pelo Cardeal Hugolino, pelo Cardeal João Coluna e por muitos outros juristas, que insistiam para que assumisse algo da estrutura dos monges e algo da estrutura dos clérigos - o que fizeram até o dia de sua morte! - (= "você não pode viver como Regra o Evangelho!"), Francisco de-

fendeu-se como um obstinado e sempre repetiu a mesma coisa: "não" e "não". Defrontou-se por três vezes com Inocencio III. Não disse "sim" à primeira recusa do Papa. Lutou. O sentido eclesial do Franciscanismo não é o mesmo que dizer "sim" a tudo o que é pedido pelo Papa ou pelos Bispos. Porque os eclesiásticos podem ser uma coisa, e outra coisa é a Igreja.

Francisco de Assis defrontou-se face a face com o imponente Inocência III, segundo o qual sua forma de vida evangélica era impossível. Francisco disse "não": "O Senhor me revelou que eu devo viver segundo a forma do Santo Evangelho": O papa insistiu: "Pobre homem, isso é absurdo!" Francisco respondeu: "Se as cotovias vivem assim, porque nós não podemos viver?"

Francisco resistiu mesmo aos representantes da Igreja, para defender a pureza original da radicalidade segundo o Evangelho, conforme o Senhor lhe havia revelado. No final de sua vida essa luta o fez sofrer muito, diante de muitos ministros de sua Ordem. A partir do 1219 começou a se fazer muito forte a pressão de vários irmãos para que se adotassem os Esquemas das Ordens Monacal ou Clerical. A essa altura Francisco chegou a perder a calma, tornou-se nervoso, impaciente, pondo-se a gesticular e a gritar: "Não me falem em São Bento ou Santo Agostinho. O Senhor me revelou algo especial. Quem quiser vir comigo, venha. E quem não quiser, retire-se". Francisco teve uma clareza mental assombrosa, extraordinária.

Como não era de índole intelectual, Francisco nunca fez sua autoanálise dizendo, por exemplo: "Que novidade estamos nós trazendo? Em que esse nosso movimento se diferencia dos demais?" Ele jamais pensou assim. Entretanto, possuía uma clareza mental extraordinária acerca do estilo de vida que o Senhor lhe inspirara viver. Tomou o Evangelho, e começou simplesmente a viver como Jesus e os Doze viveram. Isto é, viveu a Fraternidade e a Pobreza evangélica com todo o seu contexto de minoridade, de abandono em Deus. Se Deus se preocupa com os passaros, por que não se preocupará conosco? Se o Pai veste as árvores com muitas folhas, por que não haverá de vestir também a nós? Francisco quis viver simplesmente essa radicalidade de fé, de pobreza, de disponibilidade.

Francisco descobriu que a pobreza absoluta leva à fraternidade absoluta. A meta final, para Francisco, era a Fraternidade, e o caminho era a pobreza. No capítulo VI da REgra da Primeira Ordem escreveu: "Onde quer que se encontrem os irmãos, mostrem-se FAMILIARES e DOMÉSTICOS entre si. E com muita confiança manifestem um ao outro suas necessidades, porque se a mãe ama e nutre seu filho segundo a carne, quanto mais cada um de nós deve amar e nutrir seu irmão segundo o espírito? E se algum deles cair

doente, os irmãos devem servi-lo como quereriam ser servidos e eles mesmos! Nessas palavras está o NÚCLEO CENTRAL do Franciscanismo. Característica impressionante da primitiva família Franciscana foi a abertura, a comunicação: "Mostrem-se Familiares e domésticos entre si!"

O Franciscanismo nasceu nas montanhas. Em seguida se formou em Cabanas, ou Ermitérios. Finalmente se desenvolveu nas estradas. A pobreza absoluta levava os Franciscanos à Fraternidade. E, andando pelo mundo, os Três Companheiros dizem que, quando os irmãos se encontravam, entre eles se acendia o fogo do amor. Mas estes irmãos não possuíam segurança alguma neste mundo. Não tinham a segurança de uma casa, não tinham a segurança de um mosteiro. Não tinham a segurança de uma propriedade. Não tinham a segurança do dinheiro. Não tinham segurança de espécie alguma. Eram absolutamente pobres. - Onde encontrariam alguma segurança? - Na fraternidade!

CONCLUSÃO - O que vamos dizer agora, os exegetas do Franciscanismo afirmam que é de importância capital. Os irmãos que se encontram pelo mundo não têm nada, mas devem juntar-se uns aos outros no calor da fraternidade: "Manifestem-se mutuamente FAMILIARES e DOMÉSTICOS entre si"! Dizem que esta palavra "Domésticos", empregada no capítulo VI da Regra da Primeira Ordem, é uma palavra genial. Ela quer dizer o seguinte: Os irmãos encontram sua segurança e seu lar unicamente na Fraternidade! O lar do Franciscano é o calor da Fraternidade. A segurança da casa é dada pelo calor fraterno. Os franciscanos da primeira geração não têm a segurança da casa, mosteiro ou propriedades, porque substituem - tudo isto pelo calor do amor uns pelos outros. Quando um irmão sente qualquer necessidade, que a manifeste ao outro irmão. E o outro irmão, de que maneira resolverá seu problema? Isso já não importa!

Da pobreza absoluta do Evangelho, Francisco projeta o irmão na fraternidade absoluta. Não temos nada, mas temos tudo! O calor do amor fraterno supre tudo. Faz as vezes de pátria, de casa, de mosteiros, de alimento, de dinheiro... Se um irmão ficar doente, em que hospital ou enfermaria será colocado? Francisco responde: o hospital e a enfermaria do irmão é a fraternidade. Andando pelo mundo, se um irmão adoecer, a peregrinação para: todos os irmãos se concentram sobre aquele doente, e devem cuidar dele como a mãe sabe cuidar de seu filhinho muito amado. Não importa a enfermaria em que será colocado: o importante é que os demais irmãos se voltem para o doente, e o amor fraterno inventará mil maneiras para curar este enfermo.

Foi assim que nós, franciscanos, nascemos! Foi esta a nossa origem. Assim fomos projetados por Francisco.

Para que entendamos melhor o que estamos dizendo, observemos o texto de uma passagem escrita por Celano sobre a fraternidade de RIVO TORTO (= a primeira que se formou, logo que os primeiros colegas se uniram a Francisco). Ela fala da vida heroica de Rivo Torto! Constatamos ali a vida de um lar: "Verdadeiramente - escreve Celano - era para todos um irmão maior que se havia feito para eles pai e mãe em Deus. Com que afeto mais cordial os acolhia, os instrua e cuidava de cada um deles!"

É incrivelmente sugestiva essa palavra: "CUIDAVA DELES!" É diferente do testamento do guarda que cuida do trânsito, ou que cuida das flores da praça e o gesto da mãe que cuida de seu filhinho querido. Quando a mãe cuida de sua criança, está reservando e consagrando sua vida e sua atenção, seu tempo e sua pessoa, a uma só pessoa. Com Francisco, em relação a seus irmãos, acontecia a mesma coisa. Jesus também disse de si mesmo no Evangelho: "Quando eu estava com eles, os cuidava em teu nome!"

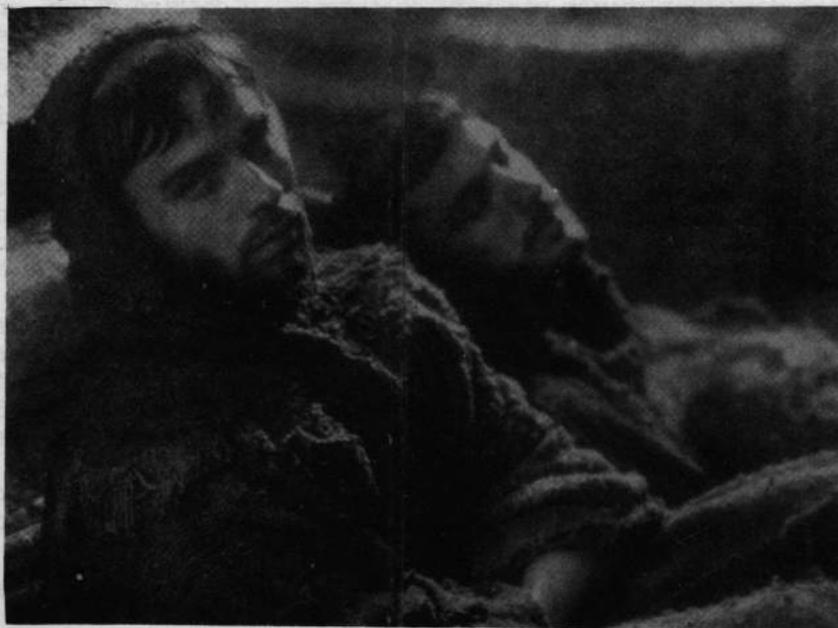
Celano continua: "Como Francisco sentia, na ocasião em que devia enviá-los a pregar, com que ternura os encomendava à Divina Providência e os abraçava!" Essas palavras mostram que Francisco fazia exatamente como faz a mãe, quando o filho deve partir. A vida descrita por essas palavras não é a vida de um convento, mas a vida de um lar. Eles eram uma família unida e feliz! "Com que ternura os abraçava e os encomendava à Divina Providência!" Eles partiam para longe, e por quanto tempo estariam separados? Eles viviam uns para os outros. O destino deles era viverem uns para os outros. E Celano continua ainda: "E como suspirava pelo momento em que os voltaria a ver!" Quando o irmão vai voltar, quando? Os irmãos estão projetados uns sobre os outros. Viviam preocupados uns com os outros. Eram uma família unida e feliz.

E Celano diz ainda: "E como louvava o Altíssimo quando os via voltar sãos e salvos, e que festa de júbilo eram os momentos em que voltavam para estar juntos". Essas palavras mostram um clima exatamente o contrário do clima monacal ou conventual. Na Fraternidade o importante não era o "ora et labora" (= reza e trabalha) ou os estudos, mas tão somente o irmão era importante. Nem o silêncio, nem a observância regular eram importantes. Para Francisco não existiam entidades abstratas. Ele era o homem da concreticidade. Não existia a Ordem. Para ele existia o IRMÃO! Se o irmão teve sucesso, festejemos juntos. Se fracassou, procuremos animá-lo. Se teve uma queda, nós o assumimos com carinho e o ajudamos a sanar sua ferida. Não nos preocupamos em acusar erros e descobrir culpados. Não nos preocupamos em censurar ou corrigir, mas em redimir com amor e compreensão.

Foi assim que nós, Franciscanos, nascemos! Foi esta a nossa origem. Assim fomos projetados por Francisco!

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Sinais que indicam que nosso grupo está crescendo na vivência fraterna, e sinais que indicam o contrário.
2. Sinais que indicam que certas pessoas de nossa fraternidade estão se tornando promotores dos valores fraternos.
3. Sinais que indicam que estamos influenciando na história de nossa comunidade local (= família, sociedade, Igreja, escola, clubes etc.)
4. Sinais que indicam que nosso grupo está sendo bem aceito ou não está sendo bem aceito pela Igreja Local e pela sociedade local.
5. De que maneira cada um de nós está vivendo ou não está vivendo o Ideal Franciscano de Vida?
6. Quais resultados estão obtendo e que dificuldades estão en frentando nossas Equipes de Entre-Ajuda fraterna?
7. Quais as normas da Regra de Jogo de nosso Fraternismo Fran ciscano não estamos observando? Que fazer para melhorar?
8. Em que pê está o trabalho de nossa Equipe de Entre-Ajuda fra terna?



Sétima Sessão: ESTUDO
JOÃO PREPARA A VINDA DE JESUS

INTRODUÇÃO - O primeiro "evangelho", a primeira "boa nova" que recebemos de Jesus, não foi o Evangelho de suas origens nem de sua vida oculta, mas o de sua vida pública. Quando Jesus apareceu perante o povo, manifestou-se já na idade viril, e entrou na sua carreira afoitamente. O que nos é divulgado a respeito de le é precisamente esta manifestação, a carreira movimentada de Jesus. Ora, este Evangelho da vida pública de Jesus começa pela narrativa do ministério de JOÃO BATISTA. Jesus entra em cena a seguir e como irradiação de João. A revelação do mistério de Jesus começou, portanto, pela missão de João. Deste modo, o Evangelho que temos deste mistério deve começar por lembrar João.

Os Evangelhos, ao se referirem a João, usam um modo de falar que se encontra muitas vezes nos profetas. Isso o fazem para dizer que, em relação a João, o poder divino tomou conta de alguém para fazer dele um homem de Deus. João foi, segundo os Evangelistas, um "NABI", ou seja, um grande inspirado, um profeta de primeira ordem.

"O princípio da Boa Nova de Jesus Cristo, Filho de Deus, foi quando apareceu João Batista" [Mc 1, 1-4]. "Naqueles dias surgiu João Batista" [Mt 3, 1]. "A palavra de Deus fez-se ouvir a João, filho de Zacarias" [Lc 3, 2]. "Surgiu um homem verdadeiramente enviado por Deus: cujo nome era João" [Jo 1, 6].

Os quatro evangelistas estão de acordo em dar a João um lugar de evidência e marcar-lhe uma missão providencial na manifestação pública de Jesus.

O QUADRO POLÍTICO E RELIGIOSO - Lucas faz a datação e situa este começo do Evangelho de Jesus com as palavras: *"No décimo quinto ano do reinado do imperador Tibério, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe tetrarca da Ituréia e da região da Traconítide, e Lisânias tetrarca da Abilena, no pontificado de Anãs e Caiás, fez-se ouvir a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto. E ele foi a toda a região do Jordão, a pregar o batismo da penitência em ordem à remissão dos pecados" [Lc 3, 13].*

O décimo quinto ano do reino de Tibério é o que decorre entre o 19 de outubro do ano 27 e o 30 de dezembro do ano 28 da nossa era. Essa datação e situação feita por Lucas nos quer di-

zer que, nem o Estado e nem a Igreja estavam numa situação à altura desta circunstância, isto é, no momento em que surge o Evangelho, nada edificantes eram o Estado e a Igreja.

O Estado oferecia, é verdade, uma fachada imponente, mas não passava de fachada. Observadores superficiais, nacionalistas mais levados a considerar a facilidade do que a fidelidade, podiam gloriar-se de que a Terra Santa gozava de larga autonomia, e de que nela reinavam príncipes judeus, até Damasco. Mas, para os verdadeiros patriotas, fiéis a seus antepassados, esta vanglória cobria-se de vergonha. Na realidade, todo o Estado israelita estava nas mãos de um Grande Império estrangeiro e distante. A Terra Santa não tinha sido, para falar com propriedade, colonizada pelos Romanos. Mas era atravessada e ocupada pelos exércitos de Roma. O Estado israelita só tinha a autonomia que lhe era concedida por César. Os príncipes reinantes, citados por Lucas, não são verdadeiros monarcas, mas tetrarcas, isto é, sombras de reis. Roma tinha o gosto de dividir assim o reino em quatro fatias, para fazer de cada príncipe um auxiliar mais submisso. Além disso não são príncipes judeus. Na verdade, portanto, a Nação não tem motivos de orgulho. O Estado, politicamente, não tinha uma situação brilhante. É esta situação humilhante que Lucas quer pôr diante de nossos olhos com o citado texto. Ele é obrigado a contar a vinda do Reino de Deus no coração da terra de Israel pelos anos do reino de César.

O Evangelista quer também dizer que a situação da comunidade religiosa de Israel - a Igreja oficial - não era nada recomendável nesse momento. Depois do regresso do cativo, sobretudo depois das guerras dos Macabeus, a nação judaica firmou-se, de fato, como uma Igreja. O Grande Sacerdote é o primeiro personagem da Nação. A monarquia, perdida pelo lado civil, parece ganha pelo lado religioso. O Sumo Pontificado só tem um titular, e o cargo é vitalício. Não pode haver senão um Sumo Sacerdote. No entanto Lucas nomeia dois nomes: Anás e Caifás. Efetivamente, Anás tinha exercido o cargo do ano 6 ao ano 15 da nossa era; nesta data foi deposto. Três anos depois recebeu uma compensação: seu genro Caifás foi feito Grande Sacerdote, e ocupou o cargo desde o ano 18 até o ano 36. Todos os judeus ao par de assuntos religiosos, diziam que, sob a capa do genro, era o sogro que continuava a ter a influência principal. Se Lucas nomeia ao lado de um Anás deposto do sacerdócio o Caifás que era fantoche do sogro, foi para insinuar que a situação religiosa não era muito melhor que a situação política, e que não havia muito que esperar nem de uma e nem de outra para facilitar a vinda do Reino de Deus. Estas disposições, estas intrigas, estas influências ocultas, não são certamente indícios brilhantes.

O PROFETA JOÃO NO DESERTO - O Evangelista João diz que o profeta João veio como testemunha da luz. (Jo 1,7). A palavra de Deus, que desceu sobre o filho de Zacarias, foi procurá-lo NO DESERTO, não em Jerusalém, onde seu pai oficiava. Esta palavra desceu sobre ele, apossou-se dele. Ele veio impelido por ela até ao vale do rio Jordão, para pregar o batismo de penitência que leva ao perdão dos pecados. A palavra de Deus fez João sair do deserto, transformando o eremita oculto num homem público:

Naqueles dias, aparece João Batista a pregar no deserto da Judéia. Arrependei-vos, dizia, que está perto o Reino dos céus. Ele, com efeito, é o que fora anunciado por meio do profeta Isaías, que diz: Voz do que clama no deserto:

*Preparai o Caminho do Senhor,
endireitai as suas veredas.*

Este João tinha o seu traje de peles de camelo e uma cinta de couro em torno dos rins. E o seu alimento eram gafanhotos e mel silvestre. Sairam então ao seu encontro os de Jerusalem, os de toda a Judéia e de toda a zona do Jordão, e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando seus pecados" (Mt 3,1-6).

A referência do evangelista ao deserto da Judéia quer indicar na região toda a parte austera onde os homens santos se podiam retirar para, mais perto de Deus, entrarem nas mais íntimas comunicações com Ele. Trata-se da região montanhosa e realmente um tanto selvagem, que se estendia ao oriente de Jerusalém e descia por socacos íngremes, de um lado para a planície fértil de Jericó, e por outro lado para o charco estagnado do Mar Morto. Essa é uma região fortemente acidentada, cortada de vales e ravinas, estepe ondulada, de lombos pedregosos, árida. Por este motivo, terra de difícil cultivo e portanto pouco povoada. Na primavera estas terras cobrem-se de verduras, que servem de pasto para cabras e ovelhas.

Criado em desertos como este, João ainda lá vivia no momento da sua manifestação a Israel. Segundo todas as aparências, lá está ainda quando a sua fama começa a alargar-se, e lá o vão ver os Judeus. "Que fostes ver ao deserto?", perguntará mais tarde Jesus (cfr. Mt 11,7; Lc 7,24).

Parece-nos que podemos representar João como uma espécie de eremita. Muito novo ainda deixou seus pais, mas naturalmente não de modo absoluto. Levava a vida ruda dos homens do deserto de modo bastante habitual, mas possivelmente não de modo permanente. Sabia contentar-se com o que lhe oferecia o deserto, alimentando-se como faziam os pastores e os pobres habitantes dessas regiões. Não era difícil encontrar, entre as fendas das ro-

chas ou nas cavidades de velhos troncos, favos cheios de mel sil vestre; João saboreava o seu aroma e apreciava o seu apetitoso travo. Aprendera a apanhar os grandes gafanhotos destas terras áridas, separar as partes duras e assar a sua carne sobre brasas. Evidentemente não são coisas que se sirvam nos palácios dos reis (Lc 7,25), mas são as guloseimas do deserto. Este eremita não veste tecidos efeminados (Mt 11,8). Veste até de modo excepcional e estranho, que talvez chame para ele a atenção. Não se pode dizer que seja absolutamente inaudito, pois, no dizer da Bíblia, já assim se vestira o grande Elias (2Reis 1,8). Uma túnica tecida de pelos de camelo, cinturão de couro grosso. Este era também o modo de vestir de certas confrarias de "NABÍIS", segundo o testemunho de Zacarias, o último grande profeta (Zac 13,4), e é ainda hoje o modo de vestir de certos Árabes pobres ou dos beduínos nômades.

João se apresenta como pobre e como asceta: um eremita que reza e faz penitência. Como tal é conhecido. Não come e nem bebe, dirão a seu respeito; e a sua reputação de grande jejuador era tão forte que os pretensos entendedores chegaram a pretender que estava possuído do demônio. É evidente que o seu modo de viver e aparência exterior estão em contraste com os de Jesus (Mt 11,18-19; Lc 7,33-34).

Não exageremos, entretanto, sua separação do mundo. João viu o camponês varrer a sua eira, limpar o trigo e subir ao celeiro. Quem sabe até se não veio, como eremita caritativo, ajudar os lavradores nos esgotantes trabalhos? Igualmente viu os lenhadores cortar a machado as raízes das árvores e os lavradores arrancar as árvores que não davam bons frutos. João viveu tão em contato com a natureza como Jesus. Pertencem os dois ao campo, tão perto dos camponeses um como o outro.

Por impulso da inspiração e para cumprir a sua missão, o santo Eremita vai deixar o deserto. Desce dos montes e começa a pregar por todo o vale do Jordão. Encontramo-lo entregue à sua pregação em dois pontos diferentes: um ao oeste e outro ao leste do Jordão, mas sempre na planície e nas proximidades do rio. Nenhum evangelista no-lo mostra nem na cidade e nem nas grandes povoações. Há sempre multidões ao seu redor, mas ele não as procura, são elas que vêm até ele. Parece que as grandes cidades sempre lhe foram estranhas. João nem sequer se preocupa com os habitantes de Jerusalém: foram eles que o procuraram.

Desde os tempos distantes dos Macabeus, não tinha havido qualquer grande profeta sobre quem verdadeiramente tivesse descido a palavra de Deus. Por isso houve grande emoção geral quando se ouviu dizer que havia um verdadeiro profeta no deserto da Judéia. João não fez milagres. Ele se impôs, como aconteceu com a

maior parte dos profetas antigos, unicamente pela santidade de sua vida, pela pureza de sua palavra e de sua ação. As multidões ficavam empolgadas, ao ver como este eremita sabia orar. Ele as ensina a rezar. Ensina-lhes igualmente a bem pensar. Todos ficam impressionados com a elevação de seu espírito e a profundidade de sua visão. Os rigores de sua penitência, a sinceridade e perfeita integridade dos seus costumes, o seu total desinteresse dos bens deste mundo, acabam por impressionar o povo. Perante tal espetáculo, as almas santas se comovem e comunicam aos homens a sua emoção. A fama do homem de Deus se propaga e o movimento nasce: todos saem de suas casas, enfrentam os incômodos da viagem para ver o eremita.

Foi um tempo admirável o "desta manifestação de João a Israel", como nos diz Lucas (Lc 1,80): uma grande ação profética, uma visita de Deus ao seu povo. João é acima de tudo um pregador. Ele próprio se define como aquele que clama, espécie de pregoeiro público.

Lucas, 3,4-6, diz: *"Como está escrito no Livro dos discursos do Profeta Isaías: Voz do que brada no deserto:*

*Preparai o caminho do Senhor,
endireitai suas veredas.
Toda a ravina será preenchida
e todo o monte e colina serão abatidos;
Os lugares tortuosos ficarão direitos,
e os escabrosos, caminhos planos.
E verá toda a criatura a salvação de Deus"*
(Is 40,3-5).

BATIZANDO NO JORDÃO - João junta à sua pregação uma ação simbólica que lhe sublinha o sentido e reforça os efeitos. Não é apenas um clamador, mas é sobretudo o batizante que prepara o banho da penitência. Foi-lhe inspirado que, mergulhando os discípulos naquelas águas, lavando seus corpos, os convidaria mais eficazmente a purificar as almas. Não se tratava de simples ablução, mas de verdadeira imersão. Os homens mergulhavam nas águas pela mão do profeta. Ele rezava com eles e fazia-os rezar com ele. Este grande banho tomava, desta forma, um significado muito preciso. Chamavam-lhe "batismo de penitência para a remissão dos pecados" (Mc 1,4; Mt 3,11; Lc 3,3).

Não admitia que se tomasse em pouca conta estas suas santas imersões, nem que se viesse fazer por uma espécie de ostentação para criar fama de devoção. Contra isso o jovem e rude profeta dizia enérgicas palavras, e não tinha medo de se dirigir às multidões que via sair de suas casas para o rodear. Se gozou de popularidade, as suas palavras mostram que não a procurava. Não

lisonjeia os judeus. Não os poupa, sobretudo quando começou a ver muitos fariseus e saduceus entre os que pediam o seu batismo (Mt 3,7).

Os fariseus e os saduceus representam os dois polos extremos do judaísmo. Os saduceus reduziam a religião a um mínimo de respeitabilidade; os fariseus levavam-na a um excesso de observância e legalismo. Sempre que os vê, João não os poupa, dizendo-lhes algumas verdades:

"Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que está para chegar? Produzi, pois fruto condigno de arrependimento, e não vos lembreis de dizer para convosco: Temos por pai Abraão, pois vos digo que Deus pode, destas pedras, suscitar filhos a Abraão. Já o machado se encontra posto à raiz das árvores. Por isso, toda a árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo" (Mt 3,7-10).

Que contraste as duas classes apresentam com o rude Batista despojado de tudo com o seu deserto, límpido como as águas em que batiza! Não o impressiona ver-se procurado pelas classes dos notáveis da Judéia. Não tem a mínima ilusão sobre os motivos que os trazem, nem sobre a falta de pureza de suas intenções. Direito como um carvalho, nodoso como uma oliveira, sente-se irremovível no meio destas correntes que o vento do dia agita. Na sua alma magnânima e humilde, toda cheia de Deus, tem a intuição que aquelas almas são vazias, apenas cheias de si próprias.

DIRETOR DE CONSCIÊNCIAS - As coisas que João anunciava eram tão graves que não podiam deixar de impressionar os ouvintes e a té de fazer com que os bons se sentissem invadidos por certa angústia:

"As multidões interrogavam-no, dizendo: Que havemos então de fazer? Dizia-lhes ele em resposta: Quem tem duas tunicas reparta com o que não tem, e quem tem mantimentos, faça o mesmo. Vieram também publicanos para serem batizados e disseram-lhe: Mestre, que havemos de fazer? E ele respondeu-lhes: Nada exigais além do que vos está tabelado. Interrogavam-no igualmente os soldados em serviço dizendo: Que havemos, nós também, de fazer? Ele respondeu: Não façais violências a ninguém nem denunciéis injustamente, e contentai-vos com o vosso soldo". (Lc 3,10-14).

Por aí vemos que o terrível anunciador da Cólera divina sabe ser também um habil diretor e um bom pai espiritual, doce e simples para os que o procuram. Há um nítido contraste entre a sua severa eloquência, o tom rigoroso de sua pregação, e o tom verdadeiramente paternal e moderado de sua direção. João se mostra muito sociável e acessível. Recebe acolhedoramente toda classe de pessoas, todos aqueles, pelo menos, que vêm animados

de boas intenções e que são homens de boa vontade. Vê-se muitas vezes abordado por consultas dos seus ouvintes. A todos dá respostas cheias de sabedoria e grandeza de alma.

João não é apenas sociável, mas familiar. Abre aos seus dirigidos as avenidas da justiça e da caridade. Deste modo "ele prepara para o Senhor um povo bem disposto" (Lc 1,17).

Comovidos e preocupados, os ricos que não têm talvez a consciência muito tranqüila, perguntam-lhe: "Que havemos de fazer?" João lhes diz simplesmente: "Sede abertos de coração e generosos nas obras. Fazei bom uso dos vossos bens e reparti-os equitativamente. Os vossos bens não são só vossos, mas são um pouco de todos. A boa administração desses bens está em vossas mãos".

Entre os dirigidos de João vemos duas categorias de funcionários: os cobradores de impostos e os soldados. Os cobradores de impostos eram chamados publicanos. Seu emprego era muito mal visto pelos judeus. Aliás, recebedores de impostos em parte alguma são bem vistos. Os judeus os consideravam pecadores públicos, porque o dinheiro que arrecadavam ia parar nos cofres de Roma. Os soldados também possuíam junto ao povo péssima reputação. Roma reunia tudo nos seus exércitos. Não faltavam aventureiros de todas as províncias do império. Estes soldados estavam misturados com jovens de boas famílias, filhos pródigos, devedores insolventes, ou simplesmente rapazes com espírito de aventura ou preguiçosos: até autênticos bandidos conseguiam às vezes se alistar. Havia homens de armas, isto é, oficiais que comandavam esses soldados, que deviam estar de serviço na região em que João batizava, e deviam sentir-se atraídos por ele. Era um homem da idade deles. A vida rude que levava tinha pontos de contato com a deles. O seu modo de falar rude e franco tinha qualquer coisa de militar. Logo verificaram, tanto os soldados como os cobradores de impostos, que João não os repelia e até os acolhia afavelmente, que se interessava por uns e por outros, sem parecer menosprezar a sua ocupação, que até conversava de boa vontade com eles, ficaram conquistados, comovidos, encantados.

Ao redor de João formou-se uma confraria de discípulos. Eram homens que se ligavam a ele, procurando-o assiduamente, compartilhando o seu espírito, espalhando sua pregação, assistindo-o na administração de seu batismo. Imitavam-lhe os modos e o melhor que podiam a austeridade de vida. Participavam de seus jejuns e orações. E quando se dispersavam pelo país, eram conhecidos como discípulos de João. (Cfr. Mc 2,18; Mt 9,14; Lc 5,33).

PRECURSOR DE JESUS - Acima de tudo, porém, João é o precursor de Jesus, o arauto de Outro. Deixa os espíritos em suspenso, provoca no povo uma esperança religiosa, uma expectativa cheia

de fervor. A esperança messiânica recebe da pregação de João novo impulso: há alguém que está para vir, é para ele, e não para mim que deveis voltar vossos pensamentos. Sou apenas um escravo, indigno de desatar as correias de suas sandálias. Nada sou ao lado dele. Vejamos os textos dos evangelistas a esse respeito:

Texto de Lucas: 3,15-18.

"Estando o povo na expectativa e todos a pensar intimamente acerca de João se não seria ele o Messias, tomou João a palavra, dizendo-lhes a todos: Eu vos batizo em água. Mas vai chegar quem é mais forte do que eu, alguém cujas correias das sandálias não sou digno de desatar. Esse batizar-vos-á no Espírito Santo e no fogo. Tem na sua mão a pá de joeirar, para limpar a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro. Mas a palha queimá-la-á num fogo inextinguível. Estava, pois, João, com muitas e variadas exortações, a anunciar ao povo a boa nova".

Texto de Marcos: 1,7.

"Vai chegar depois de mim quem é mais forte do que eu e eu não sou digno de me inclinar para lhe desatar as correias das sandálias".

Texto de Mateus: 3,11.

"Eu batizo-vos em água em ordem ao arrependimento. Mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu e eu não sou digno de lhe levar as sandálias."

Texto de João: 1,15.26.30.33.

"Este era aquele de quem eu disse: o que vem depois de mim passou à minha frente, porque era antes de mim. Eu batizo em água: mas no meio de vós encontra-se quem vós não conheceis: Aqule que vem depois de mim: e eu não sou digno de lhe desatar a correia da sandália. E eu não o conhecia, mas quem me enviou a batizar em água é que me disse: Aqule sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é que batiza no Espírito Santo."

PARA A EQUIPE DE ENTRE-AJUDA REFLETIR

1. Qual foi o primeiro "Evangelho" que recebemos de Jesus?
2. Qual a narrativa que inicia o Evangelho da vida pública de Jesus?
3. Qual o modo de falar que os Evangelhos usam, ao se referirem a João?
4. De que maneira Lucas faz a datação e situa o começo do Evangelho?
5. De que maneira Lucas insinua uma situação política e religiosa no começo do Evangelho da vida pública?

6. Qual a ação que a palavra de Deus desenvolveu sobre João?
7. Como devia ser a vida de João no deserto?
8. Quais as características geográficas do deserto em que João transcorreu vida de eremita?
9. O que significou para Israel o aparecimento de João com sua pregação às margens do rio Jordão?
10. De que maneira, antes de tudo, João se apresentava ao povo?
11. Qual o significado do Batismo de João?
12. De que maneira João se dirigia aos fariseus e aos saduceus?
13. Além de pregador e batizante, de que outra maneira João atuava em meio ao povo?
14. Em que consistia, centralmente, o exemplo de vida de João?
15. Quais as características da personalidade de João como diretor de consciências?
16. Que conselhos João ministrava aos ricos, aos publicanos e aos soldados?
17. Que fez João enquanto Precursor de Jesus?
18. Que lições para sua vida prática você tira desse estudo sobre João Batista?

Para a leitura individual

A PALAVRA DE DEUS

Cfr. O NOVO CATECISMO, Herder, 1969, pp. 48-51

A PALAVRA REVELADORA - Passemos agora a concentrar nossa atenção na "palavra" que, desde o início, se manifesta ativamente no povo israelita.

Por ocasião de liturgias festivas, ressoam, em Israel, cânticos, orações e, sobretudo, narrações. Desta forma, começa a revelar-se o sentido profundo dos acontecimentos da história nacional. É principalmente pela palavra oralizada que a realidade se torna plenamente presente. Não se poderia perceber nitidamente a obra de Javé, não fosse ela apontada concretamente nos acontecimentos, por intermédio de homens de grande fé, especialmente esclarecida. A influência imediata dessa palavra falada desaparece

quase totalmente nas trevas do passado. Para determinado período, todavia, levanta-se o véu e se nos manifesta a tarefa da palavra em toda a história de Israel. Esse período é o dos PROFETAS. Falam eles ao povo em nome de JAVÉ. Iluminados pela sua visão de fé, procuram descobrir os desígnios de Deus. Israel não aceita, sem discernimento crítico, qualquer um que se apresente, afirmando falar em nome de Javé. Pois, há também "falsos" profetas. Os verdadeiros "legitimam-se" pela própria mensagem. Conquanto essa fosse plenamente concorde com a fé castiça em Javé e com a experiência da identidade realmente libertadora de Deus, não cessa, porém, de ser reformulada de geração em geração de modo cada vez mais espiritual. Nunca se conforma com uma religiosidade cômoda e inativa, nem com os desejos sonhados pelo Rei e pelo povo. A linguagem é frequentemente dura e até rude, provocando separação nos espíritos. Quem é puro de coração, experimenta a nova alegria. Reconhece a vocação do verdadeiro Israel.

ALIANÇA - Seria, por acaso, possível recapitular em um só termo o conteúdo da palavra de Israel? Talvez sim. No termo "aliança". Significa: SOLIDARIEDADE, AMIZADE. Entre quem? Entre Deus e seu povo e, conseqüentemente, entre os membros do povo. Esses dois elementos são inseparáveis. Pela vivência da união com Deus, garante-se a unidade dentro do povo; pela vivência da solidariedade recíproca dentro do povo, garante-se a união com Javé. É sempre dessa "aliança" que trata a palavra em Israel. Esta revela que, na história universal e na vida particular de cada homem, a realidade mais profunda é: a oferta, por parte de Deus, de amizade e fidelidade, e amizade e fidelidade dos homens entre si.

Com isso, revela-se correlativamente uma segunda realidade que é única para Israel e o Cristianismo: o PECADO. Quer isso dizer que o errar voluntariamente não é, em última instância, fria imperfeição, nem tampouco o ser dominado por um poder maligno alheio, e, sim: INFIDELIDADE PESSOAL. O mal moral é sempre algo de pessoal. Israel vê a história humana como sendo uma história de amor, e, por conseguinte, como algo de sério.

A PALAVRA EM TODA A HISTÓRIA DE ISRAEL - É difícil descobrirmos, com precisão, de que maneira a palavra tenha ressoado no tempo PATRIARCAL. Alguma coisa, porém, deixa-se adivinhar de certos nomes divinos antigos, como "Poderoso de Jacó". Algo da "aliança" deve ter começado com Abraão, Isaac e Jacó. É com eles que irrompe no mundo aquele "único", certamente encoberto ainda numa imagem do mundo e de Deus ainda muito primitiva.

Pois, Abraão deve ter vivido e pensado de modo fundamentalmente diferente do nosso. Mas, o que nós experimentamos, da parte de Deus, também ele o experimentou. Nós e ele somos amigos do

mesmo Deus. Pelo que, chamamos, com razão, àquele nômade semi-bárbaro, de "pai de nossa fé" (cfr Rom 4,11).

Do TEMPO DO ÊXODO DO EGITO, quando a união das doze tribos começa a distinguir-se, são-nos conservadas palavras quais sejam os antigos "dez mandamentos", o "decálogo". Note-se bem: os três primeiros falam do "vínculo" com Javé, e os outros sete tratam do "vínculo" entre os homens. Já vemos aqui como a união entre esses constitui um só conjunto com a união com Deus.

Nos SÉCULOS DOS "JUÍZES" encontramos pactos, cânticos e narrativas, que fundem e refundem a "aliança" ainda primitiva. No reinado de Davi, o qual conhece, com grande clareza, uma atitude de "aliança", repontam, por exemplo, cânticos litúrgicos: os denominados "salmos". Também começa agora a ecoar a palavra exortativa dos profetas. Como já vimos, esta se multiplicará, à medida em que vai avançando o tempo dos reis. Assinala o negro reverso da "aliança": a infidelidade a Javé, a dureza para com o próximo. Na imagem trágica da esposa amada que abandona o marido, mas não pode ser esquecida por este, sempre fiel, falam os profetas do amor e da ira de Javé, bem como de sua vontade decidida de, por sua parte, jamais quebrar a aliança.

É principalmente na consternação do cativo que se ressalta, confortante e animadora, essa fidelidade inesgotável de Deus. Nessa época, em que Israel tem de viver, sem pátria nem templo, como pequeno rebanho, em meio a religiões mundiais atraentes e aliciantes, é que o povo de Deus toma consciência da "aliança" em toda a sua plenitude.

Essa atitude consciente permanece viva depois do cativo, tanto na pátria restaurada, como na Diáspora. Tem-se convicção de que viver unido com Javé significa: fazer história e crescer rumo ao futuro. De múltiplas maneiras, proclama-se nesse tempo, essa profunda profissão de fé.

AS NARRATIVAS PRIMORDIAIS - Nos séculos antes e depois do cativo, ouvem-se também palavras que lançam luzes, não somente sobre o sentido da história israelita, senão também sobre a humanidade inteira. Assim, formam-se, lenta e progressivamente, as narrativas primordiais que se encontram agora no início da Bíblia: Génesis, 1-11: Adão e Eva; Caim; Noé; Babel. Essas narrativas não visam, em primeira instância, comunicar determinados fatos históricos. Querem dar expressão à fé israelita de que as relações existentes entre Deus e o povo eleito existem, igualmente, entre Deus e toda a humanidade: "aliança" de amor fiel, por parte de Deus, continuamente atravessada pelo pecado de nós, homens. É esta a mensagem mais profunda dessas narrações indestrutíveis e eternamente atuais: tratam também de nós.

Oitava Sessão: FRANCISCANISMO
TEXTOS DA REGRA DA 1a. E DA 2a. ORDEM

São Francisco fundou três Ordens, e entre elas existe impressionante unidade de espiritualidade. São, na realidade, uma mesma família pluriforme. Três Ordens e três Regras, porque destinadas a pessoas que vivem em estados de vida muito diferentes: homens e mulheres, religiosos e seculares. Mas todas possuem o mesmo espírito, a mesma exigência de radicalidade evangélica. Todos são herdeiros do mesmo patrimônio espiritual.

Conhecemos já o texto da Terceira Ordem, em sua forma renovada. Embora sejamos seculares, é importante que tenhamos certo conhecimento dos textos - de alguns, pelo menos - das Regras da 1a. e 2a. Ordens, isto é, dos religiosos franciscanos e das religiosas clarissas. É o que agora vamos fazer. Eles valem também para nós, seculares, não como documentos jurídicos, porque como tais só valem para religiosos, mas como documentos de espiritualidade, sim, porque, como tais, trazem a espiritualidade comum a todos os franciscanos em qualquer estado de vida.

TEXTOS DA REGRA DA 1a. ORDEM - Num primeiro momento, quando se apresentou diante de Inocêncio II com seus primeiros companheiros, Francisco terá redigido o primeiro texto da Regra da 1a. Ordem. Esse texto, se existiu, foi perdido. Provavelmente era um texto muito simples: uma compilação de algumas passagens evangélicas, aquelas, em particular, que ele ouviu na tríplice abertura do livro sagrado, no 15 de abril de 1209.

Mais tarde, Francisco se viu obrigado a escrever o Texto definitivo da Regra. Escreveu, então, o primeiro texto que chegou a nós, por escrito. Não foi aprovado. Constava de 24 capítulos. Escreveu um segundo, em 12 capítulos. Esse texto foi aprovado pelo papa Honório III, com a Bula "solet annuere". Por essa razão, nos documentos que trazem os escritos de São Francisco, encontramos as expressões Regra I e Regra II, ou Primeira Regra e Segunda Regra. Trata-se sempre da Regra da Primeira Ordem. A Regra I, é o texto em 24 capítulos que não foi aprovado. A Regra II é o texto oficial, que foi aprovado. Na realidade, porém, a Regra I já é um segundo texto, e a Regra II já é o terceiro texto. Como, porém, o primeiro Texto foi perdido, não chegou até nós, e nem sabemos, com exatidão, se Francisco de fato o fixou por escrito, então, em nossas citações falamos em Regra I e Regra II apenas, para falar do texto aprovado, e do texto não aprovado.

A REGRA DE SANTA CLARA - Diante do altar da Porciúncula, em 1212, Clara se consagrou a Cristo, prometendo obediência a Francisco. Transcorrido algum tempo, primeiro no mosteiro das beneditinas de São Paulo de Bástia e, depois, no de Santo Ângelo de Panso, estabeleceu-se, com suas primeiras companheiras, junto à igreja de São Damião.

Nos três primeiros anos, tempo de ensaio e de procura, a fraternidade contemplativa das irmãs pobres foi tomando forma sob o ensinamento de Francisco e em conformidade com a mui simples FORMA DE VIDA que ele lhes dera por escrito. A partir do ano 1215 a Sé Romana exigiu que Clara e suas irmãs aceitassem a Regra de São Bento, e que Clara aceitasse o título de Abadessa. Conseguiu, porém, mediante um PRIVILÉGIO obtido de Inocêncio III, salvar o que lhe era fundamental em sua vocação: a pobreza absoluta sem posses, sem rendas.

Alguns anos mais tarde, em 1219, o Cardeal Hugolino compôs para Clara e suas irmãs uma Regra própria, que ficou conhecida com o nome de REGRA DE HUGOLINO, a qual se distinguia por sua extrema rigidez no que se referia ao jejum, à abstinência e à clausura. Clara, ao aceitá-la, não somente percebeu que lhe faltava a essência evangélica das normas de Francisco, como teve novos motivos para temer em relação à pobreza total que, nem sequer era mencionada.

O alarme foi maior quando, elevado ao trono pontifício com o nome de Gregório IX, Hugolino começou a oferecer bens de raiz e rentáveis às irmãs. Clara não descansou, até obter do mesmo Papa, em 1228, a confirmação do PRIVILÉGIO DE POBREZA, que lhe proporcionava segurança em relação a quem no futuro, quisesse obrigar as irmãs pobres de São Damião a receber posses e meios fixos de vida.

Clara continuava sentindo a falta de um fundamento legal de inspiração franciscana. Com isso, em 1247, apareceu a REGRA DE INOCÊNCIO IV, na qual, na fórmula de profissão, a Regra de São Francisco substituiu a Regra de São Bento, e as irmãs clarissas eram postas sob a jurisdição dos superiores da la. Ordem Franciscana. Ainda que este êxito pudesse encher de alegria o coração de Clara, na nova Regra continua, todavia, uma cláusula que muito a contrariou: "Seja-lhe lícito, receber e ter em comum e reter livremente rendas e posses".

Foi nesta ocasião que Clara, enferma, e temendo deixar suas filhas em tal ambigüidade, redigiu seu TESTAMENTO, no qual traçou com vigor, os três pontos que ela considerava irrenunciáveis: fidelidade a São Francisco, altíssima pobreza e união fraterna. Clara sentia que era necessário redigir uma Regra que correspon-

desses às suas verdadeiras aspirações.

Pôs mãos à obra. A FORMA DE VIDA seria a mesma de São Francisco, aprovada por Honório III em 29 de novembro de 1223, e adaptada à vida de uma comunidade feminina contemplativa. Clara imprimiu aí seu traço pessoal inconfundível, principalmente nas passagens concernentes à pobreza e ao relacionamento interpessoal entre as irmãs.

Esse novo texto da Regra, escrito por Clara, de tal forma que pode chamar-se justamente de REGRA DE SANTA CLARA, recebeu do Cardeal Reinaldo, em 16 de setembro de 1252, uma aprovação em nome do Papa. Clara, porém, não se contentou com esta aprovação, e quis que fosse aprovada mediante uma Bula Pontifícia, bula essa que foi emanada por Inocêncio IV, em 9 de agosto de 1253, muito semelhante à Bula com a qual Honório III aprovara a Regra da 1.ª Ordem em 1223. Dois dias depois, em 11 de agosto, Clara expirava, muitíssimo consolada, com o pergaminho pontifício entre as mãos. Conquistara a vitória. As irmãs, ao amortilhar seu corpo, quiseram que o original acompanhasse sua santa mãe ao túmulo e, após extraída cópia, o guardaram nas dobras de sua túnica, onde permaneceu durante seis séculos e meio, ignorado, até ser encontrado em 1893.

Clara foi, certamente, de todos os discípulos de Francisco, a que mais entendeu e viveu seu ideal evangélico de pobreza e fraternidade. Traduziu em sua Regra, como espelho fidelíssimo, para o mundo feminino das mulheres que deixam tudo pelo Reino de Deus o ideal de seu Pai. Ela é verdadeiramente a "plantinha de São Francisco".

OS TEXTOS PRINCIPAIS DE AMBAS AS REGRAS - Vamos relatar agora algumas passagens da Regra escrita por Francisco, e da Regra escrita por Clara. Consideraremos apenas aqueles textos que se revelam como documentos de espiritualidade, deixando de lado os textos de conteúdo meramente, do interesse exclusivo dos frades e das freiras, nossos irmãos e irmãs da 1.ª e 2.ª Ordem.

1. A REGRA e a VIDA dos irmãos menores é esta: observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade. Frei Francisco promete obediência e reverência ao Senhor Papa Honório e seus sucessores, canonicamente eleitos, e à Igreja Romana. E os demais irmãos estejam obrigados a obedecer a Frei Francisco e seus sucessores (Regra II de São Francisco, cap. I).

2. A forma de vida da Ordem das irmãs pobres instituída por São Francisco consiste em observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em casti-

dade. Clara, indigna serya de Cristo e plantinha do Bem-aventura do Pai Francisco, promete obediência e reverência ao Senhor Papa Inocência, a seus sucessores canonicamente eleitos e à Igreja Romana. E, como no princípio de sua conversão, juntamente com suas irmãs, prometeu obediência a São Francisco, assim promete observar inviolavelmente a mesma obediência a seus sucessores. E as outras irmãs estarão sempre obrigadas a obedecer aos sucessores de São Francisco, e à irmã Clara e às abadesas que, canonicamente, a sucederem (Regra de Santa Clara, Cap. I).

3. Aqueles que quiserem seguir esta vida, e vão ter com os nossos irmãos, os irmãos os encaminhem aos Ministros Provinciais ... Os Ministros os examinem diligentemente sobre a fé católica e os sacramentos da Igreja. E se crerem todas essas coisas, e as quiserem professar e observar com firmeza até o fim... Os ministros digam-lhes as palavras do Santo Evangelho: que vão e vendam tudo o que possuem, e tratem de distribuir entre os pobres. Mas, os que o não puderem fazer, basta-lhes a boa vontade... Todos os irmãos usem vestes pobres, podendo, com a bênção de Deus, remendá-las com panos de saco e outros retalhos. Eu os admoesto e exorto a que não desprezem nem julguem os homens que virem usar vestes delicadas e coloridas, e tomar alimentos e bebidas finas, mas, antes, julgue e despreze cada qual a si mesmo (Regra II de São Francisco, Cap. II)

4. Se alguém, por inspiração divina, vier ter conosco, querendo abraçar esta vida, a abadesa está obrigada a pedir o consentimento de todas as irmãs e, se a maior parte for favorável, poderá recebê-la.

Parecendo-lhe bem recebê-la, cuidadosamente a examine ou faça examinar sobre a fé católica e os sacramentos da Igreja. Cren-do ela todas essas coisas, querendo professá-las e observá-las firmemente até o fim e, não sendo casada (ou, se o for, tendo já, com autorização do Bispo diocesano, o marido entrado em Religião e feito voto de continência) não estando impedida, seja por idade avançada, seja por enfermidade ou fraqueza de espírito, de observar esta vida, seja-lhe explicado, com diligência o teor de nosso modo de viver.

Considerada apta, diga-se-lhe a palavra do Santo Evangelho "que vá e venda todos os seus bens e procure reparti-los entre os pobres". Se isto não lhe for possível, é suficiente a boa vontade. (Regra de Santa Clara, Cap. II).

5. Aconselho, admoesto e exorto a meus irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo que, ao irem pelo mundo, não discutam nem porfiem com palavras, nem façam juízo de outrem, mas sejam mansos, pacíficos, modestos, afáveis e humildes, tratando a todos honestamente como convém... Ao entrarem em qualquer casa, digam antes: PAZ A ESTA CASA! E, segundo o Santo Evangelho, lhes é lícito co-

mer de tudo o que se lhes oferecer! (Regra II de São Francisco, cap. III).

6. Mando severamente a todos os irmãos que de modo algum recebam dinheiro de qualquer espécie, nem por si, nem por pessoa intermediária (Regra II, Cap. IV). Os irmãos, aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem com fidelidade e devoção, de maneira que afugente o ócio, inimigo da alma, e não percam o espírito de oração e piedade, ao qual devem servir todas as coisas temporais. Quanto à paga do trabalho, recebam o que for necessário ao corpo, para si e seus irmãos, exceto dinheiro de qualquer espécie. E isto façam com humildade, como convém a servos de Deus e seguidores da mais santa pobreza (Regra II, cap. V).

7. As irmãs, a quem o Senhor concedeu a graça de poder trabalhar, depois da Tercia, ocupem-se fiel e devotamente, com um trabalho honesto e de comum utilidade, de tal modo que, evitada a ociosidade que é inimiga da alma, não extingam o espírito de santa oração e devoção ao qual devem servir as outras coisas temporais (Regra de Santa Clara, Cap. VII).

8. Os irmãos não tenham propriedade sobre coisa alguma, nem sobre casa, nem lugar, nem outra coisa qualquer. Mas, como peregrinos e viajantes que neste mundo servem ao Senhor em pobreza e humildade, peçam esmola com confiança, porque o Senhor se fez pobre por nós, neste mundo. Esta é aquela sublimidade da mais alta pobreza que vos constituiu, caríssimos irmãos meus, herdeiros e príncipes do Reino dos céus. Tornou-vos pobres de bens, mas vos enriqueceu de virtudes. Seja esta a vossa herança, que vos conduz à terra dos Vivos. Pelo que, meus diletíssimos irmãos, apegando-vos inteiramente a ela, não queirais, pelo amor do nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, possuir jamais coisa alguma debaixo do céu (Regra II de São Francisco, cap. VI).

9. Depois que o Altíssimo Pai Celeste se dignou iluminar com sua graça o meu coração para que, conforme o exemplo e a doutrina de nosso bem-aventurado Pai São Francisco, fizesse penitência, pouco depois de sua conversão, juntamente com minhas irmãs, livremente lhe prometi obediência.

Vendo o bem-aventurado Pai que não receávamos nenhuma pobreza, nem trabalho, nem tribulação, nem humilhação, nem desprezo do mundo, mas que, pelo contrário, o tínhamos com grande delícia, movido de piedade, escreveu para nós, uma forma de vida, desta maneira:

"Porque por inspiração divina, vos fizestes filhas e servas do Altíssimo e Sumo Rei, o Pai celestial, e esposas do Espírito Santo, para viver conforme a perfeição do Santo Evangelho, quero e prometo, por mim e por meus irmãos, ter sempre de vós, como tenho deles, diligente cuidado e especial solicitude".

Isto ele o cumpriu cuidadosamente durante toda a sua vida e quis que sempre o fizessem seus irmãos. E, para que nós e aquelas que hão de suceder-nos, não nos afastássemos da santíssima pobreza que abraçamos, pouco antes de morrer, novamente, nos escreveu sua última vontade, dizendo:

"Eu, o pequeno irmão Francisco, quero seguir a vida e a pobreza de nosso Altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima e, nela, perseverar até o fim. E rogo-vos, Senhoras minhas, e vos aconselho que vivais sempre nesta santíssima vida e pobreza. Guardai-vos cuidadosamente de jamais vos afastardes dela, por instigação ou conselho de quem quer que seja".

E, assim como eu, juntamente com minhas irmãs, fui sempre solícita em guardar a santa pobreza que prometemos a Deus Nosso Senhor e ao bem-aventurado Paí, assim, as abadessas que me sucederem no ofício de todas as irmãs, estão obrigadas a observá-la inviolavelmente até o fim, isto é, não tendo, nem recebendo bens ou propriedades, nem por si, nem por pessoa intermediária, nem qualquer coisa que, por razão, possa ser chamada propriedade, senão tanto terreno quanto fôr necessário à conveniência e colocação separada do mosteiro, e, esse terreno, não seja cultivado a não ser como horta para as necessidades das mesmas irmãs (Regra de Santa Clara, cap. VI).

10. As irmãs não tenham como propriedade, nem casa, nem terreno, nem qualquer outra coisa, mas, como peregrinas e estrangeiras neste mundo, servindo ao Senhor, em pobreza e humildade, confiantes, mandem pedir esmola. Não devem envergonhar-se disso, por que o Senhor se fez pobre neste mundo, por nosso amor. Esta é a excelência da altíssima pobreza que vos fez, minhas caríssimas irmãs, herdeiras e rainhas do Reino dos céus e, vos fazendo pobres de bens temporais, vos enriqueceu de virtudes. Apegai-vos totalmente a ela, irmãs muito amadas, e, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Sua Mãe Santíssima, jamais queirais ter, debaixo do céu, nenhuma outra coisa (Regra de Santa Clara, cap. VIII).

11. E onde quer que estiverem e se encontrarem os irmãos, mostrem-se domésticos e afáveis entre si. E, com confiança, manifestem um ao outro as suas necessidades, porque, se a mãe ama e nutre seu filho segundo a carne, quanto mais deverão cada um amar e nutrir seu irmão segundo o espírito? E se algum deles cair doente, os outros irmãos devem servi-lo como gostariam eles mesmos de ser servidos (Regra de São Francisco, II, cap. VI).

12. Todas as irmãs estão obrigadas a cuidar e a servir suas irmãs doentes, como gostariam de ser servidas, se estivessem acometidas de alguma enfermidade. Confiantes, manifestem mutuamente sua necessidade, porque se a mãe ama e alimenta sua filha carnal,

com quanto maior diligência, não haverá a irmã de amar e alimentar sua irmã espiritual? (Regra de Santa Clara, Cap. VIII).

13. Se algum dos irmãos, por instigação do inimigo, pecar mortalmente... devem recorrer aos ministros provinciais, o mais depressa que puder, sem demora. E os Ministros, com misericórdia, lhes imponha a penitência... E tomem cuidado para não se perturbar ou se irritar com o pecado de alguém porque a ira e a indignação impede a caridade em si e nos outros (Regra II de São Francisco, cap. VII).

14. Se acontecer, o que Deus não permita, que ente duas irmãs, por palavras ou sinais, surja, em alguma ocasião, perturbação ou escândalo, aquela que causou a perturbação, imediatamente, antes de apresentar a Deus a oferta de sua oração deve, não somente se prostrar humildemente aos pés da outra para pedir-lhe perdão, mas, também com simplicidade, rogue-lhe que reze ao Senhor para que lhe perdoe. A ofendida, porém, lembre-se da palavra do Senhor: "Se não perdoardes de coração, nem vosso Pai celestial vos perdoará" (Mt 6,15), e com liberalidade, perdoe à irmã toda a injúria que lhe fez (Regra de Santa Clara, cap. IX).

15. Não preguem os irmãos na diocese de Bispo algum que lho tenha proibido... Admoesto e exorto os meus irmãos a que, na pregação que fazem, sejam suas palavras examinadas e castas para a utilidade e edificação do povo, anunciando-lhes os vícios e as virtudes, a pena e a glória, com brevidade de discurso, porque o Senhor, quando esteve na terra, foi breve no falar (Regra II de São Francisco, Cap. IX).

16. Os irmãos que são Ministros e servos dos demais irmãos, visitem e admoestem seus irmãos, e os corrijam humilde e caridosamente, e não lhes preceituem nada que seja contra a sua alma e a nossa Regra. E os irmãos que são súditos, lembrem-se de que renunciaram à sua própria vontade por amor de Deus... E onde houver irmãos que saibam e percebam que não podem observar a Regra espiritualmente, possam e devam recorrer a seus Ministros. E os Ministros os recebam com caridade e bondade, tratando-os com tanta familiaridade que eles possam falar e agir com eles como os senhores com seus servos. Porque os Ministro devem ser mesmo servos de todos os irmãos (Regra II de São Francisco, cap. X).

17. Na eleição da abadessa, as irmãs devem procurar, a tempo, o Ministro Geral ou Provincial da Ordem dos Irmãos Menores, que, com a palavra de Deus, as exorte a procederem e fazerem tudo na eleição com perfeita concórdia e tendo em vista o bem comum... A eleita considere o cargo que tomou sobre si e Aquele a quem dará contas da comunidade que lhe é confiada. Esforce-se por ser superior às outras, mais pelas virtudes e santos costu-

mes do que pelo offício, de modo que, as irmãs animadas pelo seu exemplo, lhe obedeam mais por amor do que por temor. Não tenha amizades particulares para que, amando mais a umas, não cause desgosto a todas. Console as aflitas e seja o último refúgio para as atribuladas, a fim de que, o desespero não se apodere das almas fracas, caso não encontrem, junto a ela, o remédio para a cura (Regra de Santa Clara, Cap. IV).

18. A abadessa admoeste e exorte suas irmãs e as corrija humilde e caridosamente, não lhes ordenando coisa alguma que seja contra a sua alma e a forma de nossa profissão. Mas, as irmãs súditas, lembrem-se que, por amor de Deus, renunciaram a suas próprias vontades e, portanto, estão firmemente obrigadas a obedecer a suas abadessas em tudo o que prometeram observar e que não é contra a sua alma e a nossa profissão. A abadessa, porém, as trate com tanta familiaridade que possam falar e tratar com ela, como senhoras com suas servas, porque assim deve ser, que a abadessa seja serva de todas as irmãs (Regra de Santa Clara, cap. X).

19. Admoesto e exorto no Senhor Jesus Cristo que os irmãos se cuidem de toda soberba, vanglória, inveja, avareza, cuidado e solicitude deste século, da detração e da murmuração... Lembrem-se de que acima de tudo devem desejar ter o espírito do Senhor e sua santa operação, orar sempre a ele com o coração puro, ter humildade, paciência nas perseguições e doenças, amar os que nos perseguem, repreendem e acusam, porque o Senhor disse: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem e caluniam. Felizes os que sofrem perseguições pela justiça, porque deles é o Reino dos céus. Mas quem perseverar até o fim, será salvo. (Regra II de São Francisco, Cap. X).

20. Admoesto e exorto em Nosso Senhor Jesus Cristo, que as irmãs evitem toda soberba, vanglória, inveja, avareza, cuidado e solicitude deste mundo, detração e murmuração, dissensão e divisão. Antes, sejam solícitas em conservar sempre, entre si, a unidade da mútua caridade que é o vínculo da perfeição. E as que não têm estudos, não procurem aprender. Cuidem que, acima de tudo, devem desejar ter o espírito do Senhor e seu santo modo de agir, rezar sempre a Deus com coração puro, ter humildade e paciência na tribulação e enfermidade e amar os que nos perseguem, repreendem e acusam, porque diz o Senhor: "Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça, porque deles é o Reino dos céus" (Mt 5,10). E quem perseverar até o fim, será salvo" (Mt 24,13) (Regra de Santa Clara, Cap. X).

21. Se em algum lugar houver irmãos que não possam observar esta Regra, que recorram, quanto antes, aos seus Ministros para lhes informarem. O Ministro, por sua vez, se esforce por atendê-

-los do mesmo modo como, em caso idêntico, gostaria de ser tratado. E que ninguém se intitule de Superior, mas todos, de maneira geral, se chamem Irmãos Menores. E um lave os pés ao outro. (Regra I de São Francisco, cap. VI).

22. Pedimos à Ordem dos Irmãos Menores, por amor de Deus e do bem-aventurado Francisco, a graça de um Capelão e de um companheiro clérigo de boa fama e discrição e de dois irmãos Leigos bons e virtuosos, para auxílio de nossa pobreza, assim como até agora tivemos, misericordiosamente, da dita Ordem.

23. Todo aquele que observar essas palavras seja repleto, no céu, de toda bênção do Altíssimo Pai, e na terra seja repleto da bênção de seu Dileto Filho, com o santíssimo Espírito Paráclito e todas as Virtudes do céu, e todos os santos. E eu, Frei Francisco, vosso pobre servo, confirmo-vos quanto me é possível, por dentro e por fora, esta santíssima bênção. (Do Testamento de São Francisco).

24. Ó diletíssimos irmãos, filhos para sempre abençoados, ou vi-me, ouvi a voz de vosso Pai: prometemos grandes coisas ao Senhor, maiores, porém, são aquelas que ele nos promete. Observemos umas, suspiremos pelas outras. O prazer é curto, a pena é perpétua. O sofrimento é pouco, a glória não tem fim. Muitos são os chamados, poucos são escolhidos, cada um terá sua retibuição. Amém!

PARA ESTUDO NA EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Quantas Regras São Francisco escreveu para a Primeira Ordem, e qual delas foi aprovada?
2. Qual o Papa, e em que data, aprovou a Regra da Primeira Ordem de São Francisco?
3. Que é a Regra I e a Regra II da Primeira Ordem?
4. Em que ano Santa Clara e suas irmãs tiveram que aceitar a Regra da Ordem de São Bento?
5. Em que ano foi escrita a chamada Regra de Hugolino para as irmãs da 2a. Ordem?
6. Em que ano Santa Clara conseguiu a confirmação do chamado PRIVILÉGIO DA POBREZA?
7. Qual a novidade que a REGRA DE INOCÊNCIO IV, escrita em 1247, trouxe para as irmãs da 2a. Ordem? Por que Santa Clara não gostou dessa Regra?
8. Em que dia, mês e ano, a REGRA DE SANTA CLARA recebeu a aprovação, primeiro do Cardeal Reinaldo em nome do Papa, e depois do próprio Papa Inocência IV?
9. Enumere os pontos que mais o impressionam nas Regras da 1a. e 2a. Ordem.

JESUS SE PREPARA PARA AGIR

JOÃO DESCOBRE JESUS - O batismo de Jesus representa o ponto culminante da carreira de João e o ato inaugural da carreira do Messias. Estamos no limiar da vida pública de Jesus, e se trata de um dos momentos mais altos de seu mistério.

Primeira Parte:

O encontro de Jesus com João nos é apresentado bruscamente pelos evangelistas, sem preâmbulo, sem preparação ou progressão de qualquer espécie. Só mais tarde, com os evangelhos da infância, é que saberemos algo mais: os dois profetas eram parentes, e as origens dos dois tinha tido pontos comuns. Não sabemos, porém, se os dois, no decorrer de suas vidas, se tenham encontrado. Nenhum evangelista fala ou dá algo a entender a esse respeito. Parece que as duas juventudes foram muito divergentes. Não é improvável, porém, que se tenham visto uma ou outra vez, por exemplo, na Cidade Santa, por ocasião das grandes festas, ou até nas suas aldeias, em reuniões de família.

Os evangelistas, entretanto, mostram que, logo que João viu Jesus chegar, soube que era Jesus. Nenhum texto sugere que o soubesse por qualquer intuição sobrenatural. Parece conhecê-lo naturalmente. O que João ainda não conhece totalmente é o fundo do mistério e a iminente relação que Jesus pode ter com Deus. É isso que vai ser revelado a João.

Marcos, ao narrar este fato, apenas se interessa pelo precursor na medida em que este introduz Jesus:

"Jesus, por aqueles dias, veio de Nazaré da Galiléia e foi, por João, batizado no Jordão. Ao subir da água, viu logo os céus rasgarem-se e o Espírito Santo, como uma pomba, descer sobre ele. E dos céus veio uma voz: Tu és o meu filho muito amado: em ti pus todas as minhas complacências" [Mc 1,9-11].

Lucas acrescenta alguns pormenores sobre as circunstâncias, mas, fundamentalmente, fica na linha de Marcos. Parece, também ele, ter pressa de começar a falar deste Messias, cuja transcendência divina é atestada pelo próprio testemunho do Pai no batismo, recebido das mãos de João:

"Quando foi batizado todo o povo, estando Jesus a rezar, depois de batizado, o céu abriu-se e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea de uma pomba, e do céu veio uma voz: Tu és o meu Filho muito amado: em ti pus todas as minhas complacências" (Lc 3, 21-22).

É Mateus que mostra melhor a beleza desse encontro entre João e Jesus. Mateus deixa o papel do precursor em todo o relevo, sem diminuir, evidentemente, a entrada de Jesus em campo:

"Surgiu então Jesus, que, da Galiléia, vinha ter com João ao Jordão, a fim de ser batizado por ele. Mas João opunha-se dizendo: Eu preciso ser batizado por Ti e és tu que vens ter comigo? Jesus, porém, disse-lhe em resposta: Deixa por agora, que assim nos convém cumprir toda a justiça. Deixa-o então. E Jesus, depois de batizado, logo subiu da água. Nisto abriram-se-lhe os céus e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E dos céus uma voz dizia: Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência" (Mt 3, 13-14).

Impressionante é o relato unânime dos três evangelistas. Isso quer indicar o quanto eles consideraram como capital esse fato, na vida de Jesus. Jesus deixa a sua Galiléia e vem ao Jordão. Marcos diz que ele partiu de Nazaré. Foi ali que ele cresceu e viveu. Poucas vezes, agora, lá voltará. Abandona sua vida oculta, para entrar na vida pública. Deixa uma existência tranqüila, sedentária, por uma grande aventura movimentada. Deixa seu trabalho de homem pela sua carreira de Messias.

Quis também, na aparência, fazer isso da maneira como todo mundo fazia. Seguiu o movimento geral, deslocou-se para escutar o profeta, tomar parte na missão e receber o batismo. Portanto, um dia, depois de muitos homens terem recebido o batismo, Jesus se aproximou modestamente e pediu para também ser batizado. Pela maneira como Lucas descreve, parece que a cena não se realizou na presença da multidão, e que foi testemunhada apenas por João e seus amigos mais íntimos.

É Mateus que nos dá a entender que o filho de Zacarias, João, já conhece o filho de Maria, Jesus. Conhece-o suficientemente para saber que ele não tem necessidade de batismo de penitência para obter o perdão dos pecados. João sabe que ele próprio é pecador e tem necessidade do batismo, ou de mergulhar nas águas da penitência, enquanto Jesus é sem pecado e veio para tirar os pecados dos outros.

Jesus, porém, procura tranqüilizar o precursor: João, deixa por agora, enquanto isto é possível, enquanto eu estou no plano de todos. É preciso que nós dois cumpramos toda a justiça, isto é, a ordem estabelecida por Deus. Com essa maneira de pensar, Je-

sus indica que vê no ministério de João, algo que João deve cumprir com ele, uma disposição da sabedoria divina. Ambos devem obedecer à disposição feita por um Outro.

Aos olhos dos bons Judeus, quando souberam do que se passou, este ato será considerado como uma espécie de ordenação messiânica, a consagração do Messias, pelas mãos do novo Elias, João Batista. João deixa que Jesus insista, e cede por fim. Jesus é batizado. Reza durante o batismo. Reza ao sair da água. É Lucas que nos faz contemplar este Cristo ainda escorrendo das águas do batismo e que fala com Deus.

Ao sair das águas, verificou-se a maravilhosa manifestação de Deus - a TEOFANIA! - Esta cena, juntamente com a da Transfiguração, é uma das mais belas da vida de Jesus. É por sua causa que os céus se abrem. Os céus se abrem, os céus se rasgam. Os céus significam o habitáculo reservado de Deus, a imagem de seu mistério. Dizer que os céus se abrem, se rasgam, é dizer que se entra no segredo de Deus. Nada pode melhor exprimir o que é o mistério de Jesus. Se os céus se fendem por cima do novo profeta isto quer indicar que ele está inteiramente na intimidade de Deus. O rasgar dos céus é, por isso, o primeiro elemento dessa teofania, ou manifestação de Deus. A cena revela outros: o vôo da pomba, símbolo do Espírito Santo, e a voz do Pai. Abre-se para o homem o segredo do mistério de Deus, que é Uno e Trino.

Se observarmos atentamente um simples vôo de pomba que abre suas asas num céu luminoso, compreendemos que ela possa servir à teofania do Espírito Santo. Uma pomba sozinha, num grande vôo planado, parece ocupar o céu, ela enche todo o espaço. A que vemos aqui reúne no seu vôo tudo o que é divino, para vir ocupar uma cabeça humana. O sentido é flagrante.

Quanto à voz, ela exprime em palavras humanas o pensamento de Deus sobre Jesus Cristo. Declara que são Pai e Filho, e que Aquele que saiu do batismo de João é verdadeiramente o Eleito da divindade.

Segundo o Evangelista João, essa revelação é feita a João Batista. Ele tinha necessidade de ser iluminado, e esta teofania o esclareceu. Numa palavra, o Messias revelou-se ao último dos seus profetas, ao sair do batismo, como fará aos primeiros dos seus apóstolos no Tabor, no esplendor da transfiguração. Estes são dois momentos muito importantes do Evangelho, sem dúvida. O que aqui tem importância, não foi a imersão no batismo, mas a manifestação de Deus que se deu nessa ocasião.

Por esse motivo, a partir de então, o testemunho do precursor se torna mais completo e urgente. Jesus não se revelou a si próprio, mas se revelou a João, e por João, se revelou a nós. Ven-

do que este Cristo — lhe tinha sido tão perfeitamente mostrado, o precursor deve mesmo ter julgado que lhe não restava senão apagar-se imediatamente diante de Jesus, para lhe ceder totalmente o lugar. Mostrava-se assim tão apressado a terminar a sua obra, para que Jesus pudesse inaugurar a sua. Eu devo terminar. Ele vai começar. Ora, por enquanto, nada disso aconteceu. Pelo contrário, Jesus desapareceu daquelas paragens tão rapidamente como havia aparecido. E durante mais de um mês, ninguém O viu nem provavelmente sabia onde Jesus estava. João compreende que deve continuar a sua missão, cumprir o seu dever, ficar em cena, permanecer no teatro das suas operações.

Segunda Parte:

JESUS SE RETIRA - E tem início, na carreira de Jesus, o segundo ato, que ficará como um dos mais espantosos, e que nos deixa perceber os aspetos profundos de seu mistério. Jesus se isola num deserto, pelo espaço de quarenta dias, e é tentado por Satanás. Parece que não houve testemunhas do que Jesus fez ou do que lhe aconteceu nestes quarentas dias. Se os discípulos falaram disso, é porque Jesus lhes contou algo, porque lhe pareceu importante que alguma coisa desse acontecimento chegasse ao conhecimento dos mesmos. Só Jesus mesmo pode ter falado disso. Ninguém teria ousado forjar coisa semelhante. Porque se trata de coisas que nos desconcertam profundamente. É um caso estranho que assim nos é narrado pelos três evangelistas: Marcos, Mateus e Lucas:

Texto de Marcos:

"Logo o Espírito o impele para o deserto. E esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por Satanás. Vivía com as feras e os anjos o serviam" (Mc 1,12-13).

Texto de Mateus:

"Jesus foi então conduzido pelo Espírito Santo ao deserto a fim de ser tentado pelo Diabo. Jejuou quarenta dias e quarenta noites e, por fim, sentiu fome. Acercou-se então o Tentador..." (Mt 4,1-3).

Texto de Lucas:

"Jesus, cheio do Espírito Santo, retirou-se do Jordão e foi para o deserto, conduzido pelo Espírito durante quarenta dias, sendo tentado pelo Diabo. Nada comeu nesses dias, e, quando eles terminaram, sentiu fome. Disse-lhe..." (Lc 4,1-3).

Os três narradores mostram que entendem contar as coisas como aconteceram. Mas deixam o episódio numa certa imprecisão.

Isto, entretanto, é uma prova de sinceridade, de respeito pelo mistério. O retiro de Jesus e seu encontro com Satanás, para os evangelistas, são uma história verdadeira de alcance considerável. Não lhes importa tanto as modalidades sensíveis, os contornos exteriores do fato. Interessa-lhes apenas o sentido espiritual. Só ele importa. Este, porém, não se apóia sobre fantasias, mas se deduz de fatos reais.

Os três falam do DESERTO como se tratasse de um lugar conhecido por eles. Podemos pensar no mesmo deserto ou num deserto semelhante àquele em que o Batista viveu. Entretanto, pelo que diz Marcos, o deserto de Jesus parece ter sido mais selvagem ainda que o de João, e o isolamento e o retiro lá eram absolutos. Podemos imaginar Jesus retirando-se para os montes de Efraim ou de Judá, até qualquer lugar desabitado, rochoso, cortado de ravinas, onde são abundantes as grutas naturais e povoado apenas de animais selvagens. Marcos diz que Jesus estava na companhia desses animais, e, por conseguinte, muito longe de aglomerados humanos. Nesse lugar selvagem poderia haver aguias e abutres. Leões não devia haver, provavelmente, mas raposas, chacais e talvez até hienas. Viver assim, só, dia e noite, entre animais de presa, não se podia dizer muito seguro. Por isso, quando Marcos diz que os anjos estavam ao seu serviço, quem sabe queira apenas fazer alusão à proteção providencial que exerciam ao redor do Bem-Amado de Deus.

Mateus e Lucas insistem sobre o caráter prolongado e muito rigoroso do jejum de Jesus. Foi um jejum total. Seus confidentes mais íntimos ficaram sabendo que Ele tinha praticado, no começo de seu ministério, um jejum mais absoluto que o do próprio Batista.

Foi levado a este retiro e a este jejum, "pelo Espírito". O Espírito aqui é apresentado como Alguém determinado, tão pessoal como o seu antagonista, Satanás. "Satanás" quer dizer o Adversário, o Contraditor. Mateus e Lucas dizem "o Diabo". "Diabo" quer dizer "o Caluniador". Mateus mostra perfeitamente o antagonismo entre os dois personagens e o drama de Jesus entre um e outro. Escreve ousadamente que Jesus foi levado ao deserto pelo Espírito para ser tentado pelo Diabo, mostrando, com isso, que Jesus estava literalmente empenhado entre o Espírito e o Diabo, e foi arrebatado pelo próprio sopro do divino Inspirador e deixado à mercê das garras do grande Acusador. O espetáculo de Jesus tentado foi o que comoveu profundamente os discípulos, muito mais que o de Jesus solitário e jejuador.

A importância da tentação não atenua, contudo, a do retiro. A tentação foi o reflexo mais vivo do retiro, mas isto não nos deve fazer perder de vista a solidão. Que significa essa atitude de Jesus que se põe a viver, por algum tempo, como eremita? Je-

sus se retira por algum tempo da sociedade dos homens para ser mais plenamente homem. Aceita viver em plena natureza, na companhia de animais selvagens. Jejuia, mas seu espírito está plenamente ocupado. Aplica-se à meditação da Sagrada Escritura, às mais sagradas recordações do passado. As palavras da Bíblia vêm-lhe facilmente ao espírito e Ele as medita no deserto. Prepara-se também para a sua missão futura, e dispõe os planos para a sua vida pública, regula as suas atitudes diante dos homens e os seus sentimentos para com Deus. Medita e reza. Do mesmo modo que o vemos rezar ao sair das águas, vemos-lo rezar também nos desertos e altos lugares onde foi conduzido pelo Espírito. Vive e está, como sempre, na intimidade de Deus. Vive também no contato e na companhia dos espíritos. A sua solidão parece atraí-los. Os espíritos maus tentam-no, os bons servem-no. Tudo isto está cheio de singular grandeza. Jesus está só no deserto, como haverá de estar só numa noite, só, no Jardim das Oliveiras. Não se pode negar que nestes momentos de sua vida Ele não seja plenamente Ele próprio, em toda a sinceridade da sua condição, como em toda a extensão de seu mistério. Pensa em nós, reza por nós.

O mais grave é a tentação. Ela nos é apresentada como sendo o acontecimento mais importante, depois do Batismo, e como aquele que é decisivo para a orientação da vida pública de Jesus. Em relação ao acontecimento que a precedeu, ela é a contra-prova. O primeiro acontecimento foi uma serena declaração a favor do verdadeiro caráter messiânico de Jesus. O segundo é uma rude tentação contra este caráter messiânico.

Terceira Parte:

De que maneira devemos interpretar a narrativa da tentação de Jesus?

Os racionalistas, isto é, os que tendem a não acreditar ou não acreditam na existência de Satanás, dizem que a tentação foi algo que se passou totalmente no interior da alma de Jesus. Tudo foi puramente psicológico, tudo foi mental. Não existe nem Satanás, nem anjos bons, nem qualquer diálogo. Não existe o pináculo do Templo, nem paisagem de altos montes. Jesus não passa de um homem lutando consigo próprio, presa de sentimentos contrários. O deserto, o jejum, a solidão levaram-no a um estado de excitação desmedida. A aventura em que pensou e na qual se sente impelido a lançar-se, apresenta-se ao seu espírito como um salto no desconhecido. Tem medo de misturar excessivamente nesta aventura as satisfações naturais, de procurar a vanglória, de alimentar nela qualquer secreto orgulho ou vontade de poder e mando. Tudo o que nele há de elevado, de puro e santo, sente-se invadir de

escrúpulos diante destes perigos que o espreitam. Entra, por isso, em luta contra estas tentações, com toda a energia de sua vontade. A sua natureza humana saiu, como a nossa, do pó da terra. Não é insensível aos atrativos do mundo. Ela se ergue, então, num combate para permanecer fiel à Voz que julga ter ouvido do céu. A tentação não passa deste combate espiritual, que a lenda teria transformado numa cena exterior, quando não passara de um fenômeno interior.

Somos da opinião de que essa interpretação vai contra a ingenuidade destes documentos e contra a simplicidade dos fatos. Entre os primeiros cristãos, ninguém seria capaz de colocar Cristo nas mãos de Satanás. Ninguém seria capaz de montar esta fábula com tanta habilidade, a ponto de traçar um quadro de uma arte tão reservada, tão graduada e de tanta verdade psicológica. Os evangelistas não nos querem relatar uma lenda, mas referir uma história verdadeira. Não podemos esquecer que só transpirou desses misteriosos encontros o que Jesus quis dizer. E Jesus, querendo dar a conhecer estas coisas, não pretendeu apenas evocar símbolos. Escondido no deserto, só com seu Pai, plenamente resolvido de acordo com Ele a lançar-se na luta pelo estabelecimento do Reino de Deus, Jesus estabelecia o seu plano de batalha. Considerava as potências espirituais com que teria de combater, pois sabia que Satanás estava com elas. Deixou-se estar sob a garra do Tentador. É claro que a tentação teve a sua repercussão na alma de Jesus. Mas começou por ser exterior e veio de um verdadeiro confronto com Satanás:

"Acercou-se então o Tentador e disse-lhe: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem pães! Mas ele disse-lhe em resposta: Está escrito: Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. O Diabo leva-o então consigo à Cidade Santa, coloca-o sobre o pináculo do Templo e diz-lhe: Se és Filho de Deus, atira-te lá para baixo, pois está escrito:

*Aos seus anjos darã ordens a teu respeito
e eles nas mãos te hão de levar,
para que não batas com o pé n'alguma pedra!*

Disse-lhe Jesus: Não tentarã o Senhor teu Deus! De novo o Diabo o leva consigo a um monte muitíssimo alto e lhe mostra todos os reinos do mundo com a sua magnificência, dizendo-lhe: Dar-te-ei tudo isto, se, caindo, te prostrares diante de mim. Diz-lhe então Jesus: Retira-te, Satanás, pois está escrito: Ao Senhor teu Deus é que hã de adorar e só a Ele prestarã culto! Deixou-o, então, o Diabo e aproximaram-se os anjos e o serviram. [Mt 4,3-11].

A primeira é uma tentação de gula, a segunda de vanglória e a terceira de orgulho e mando.

Estamos diante de um fato cheio de mistério. Na sua vida de homem, e notoriamente no princípio de sua carreira messiânica, Jesus quis ser sujeito às tentações. A Epístola aos Hebreus diz precisamente que, porque experimentou as tentações, é capaz de socorrer aqueles que são tentados (cfr. Heb 2,18). Jesus permitiu que Alguém lhe fizesse sugestões, propostas que o impressionaram. Entraram na sua alma, feriram a sua imaginação, suscitaram idéias em seu espírito. Estas sugestões eram, pela própria natureza, de molde a fazer com que saísse de seu caminho. Ofereciam-lhe um messianismo em que poderia, mesmo sem pecar, introduzir a vida fácil, o encantamento, a conquista. Traçaram-lhe o retrato de um Messias carnal, bastante semelhante àquele que os Judeus esperavam.

Quem traçou esse retrato? Satanás, o Diabo, o mesmo que já conseguiu desfigurar no espírito de tantos Judeus a imagem pura do Messias espiritual. É muito difícil determinar a forma em que Satanás se apresentou a Jesus e a maneira como lhe apresentou os objetos da tentação. Certos intérpretes dizem que apenas houve sugestões e imagens, provocadas pelo poder que têm os espíritos sobre nossas faculdades sensíveis. Outros acham que Satanás se apresentou por manifestação exterior. Os textos evangélicos parecem sugerir esta última hipótese.

O pináculo do Templo era de difícil acesso. Dalí podia ver-se a multidão que enchia os pátios do Templo. A transferência de Jesus para o pináculo foi real, ou simplesmente em imaginação? O mesmo se diga da transferência para uma montanha extremamente elevada, com vista sobre todos os reinos da terra. Tratou-se de uma transferência real, ou pela imaginação? Ou então estes transportes e estas visões foram metade reais e metade imaginadas, por artifício diabólico, juntando miragens às sensações de momento? Por exemplo, tendo vindo um dia Jesus a Jerusalém, incógnito e impelido, ter-se-ia visto, de repente, sobre o pináculo do Templo e caindo do alto com grande admiração de todo o povo? Do alto da montanha, onde segundo a tradição Jesus se refugiou durante quarenta dias, a vista estende-se por grandes espaços: Jesus teria experimentado diante da grandeza deste panorama uma alucinante visão de todos os Impérios que se tinham sucedido e sucederiam no Ocidente e no Oriente? São meus, diz Satanás, mas, se quiseres, serão teus! Não podemos dar a todas essas interrogações respostas precisas. O Tentador tomaria, por seu lado, forma humana? Sentimo-nos inclinados a acreditá-lo. O Diabo, transformado em eremita, podia ter feito uma visita a Jesus como companheiro de solidão, vindo para junto dele, disfarçado, para poder conversar com ele. Jesus não se deixa enganar, mas deixa-o fazer, entrando no jogo. Podemos até imaginar que Satanás se tornou tentador, servindo-se de qualquer megalômano original, que teria sido impelido para o deserto pelo Diabo, como Jesus o fora

pelo Espírito. Ele serviu-se de Judas para entregar o Filho do homem. O evangelista João diz expressamente, a respeito de Judas, que o Diabo tinha entrado nele (cfr. Jo 13, 17). Noutra ocasião, Simão Pedro foi tratado por Satanás, quando quis, como neste caso acontece, desviar o Mestre de seguir os caminhos de Deus (cfr. Mc 8, 33). No deserto, para tentar Cristo, o Diabo podia ter-se servido de um homem. Poderia ter sugerido a este indivíduo algumas suspeitas da grandeza singular de Jesus. Mas seria sempre Satanás que conduziria o jogo e que permaneceria autor da tentação. Tudo seria feito por sua instigação.

A luta seria travada positivamente entre Jesus e o Diabo. Ela se desenrola no plano dos espíritos. Temos a sensação de que o Tentador por excelência experimenta sobre o maior dos Eleitos de Deus o que experimentará sempre na humanidade sobre outros grandes chefes de primeira linha, quer civis, quer religiosos. Desta vez experimenta e não consegue nada, falha! Muitas vezes, porém, irá experimentar, e conseguirá.

Quarta Parte:

SATANÁS NA TENTAÇÃO - Não devemos diminuir o papel de Satanás. Os Judeus conheciam a existência de espíritos maus, e, no entanto, não eram nem dualistas e nem maniqueus. Acreditavam profundamente nesta existência. Sabiam que Satanás era o príncipe dos espíritos maus. Mentiroso e tentador, o Diabo é tal desde a origem. As aberrações em matéria de religião, os obstáculos à verdadeira revelação, são sempre as suas mais belas vitórias e o selo de seu reino. Ora, é precisamente no seio do reino de Israel e num meio de que Satanás devia ser especialmente cioso, que vigiava cuidadosamente, que outro Reino se anuncia oposto ao seu. Este Reino dos céus seria estabelecido na terra pelo Messias, Ungido do Senhor, Eleito de Deus. Seria o Messias este homem extraordinário, sobre quem a tentação nunca conseguirá vitória e que via agora eremita no deserto, orando e fazendo penitência? Satanás poderia ter ouvido, durante o batismo de Jesus, a Voz que saiu do céu. Viu o respeito de João Batista pelo maior que viria depois dele. Talvez até se recorde do mistério e do maravilhoso que envolveram o nascimento e a infância de Jesus. Satanás compreende que tem na sua frente uma alma de escol, um tipo excepcional de homem, um daqueles que merecem ser chamados "filhos de Deus". Vê-o envolvido em estreitas relações com a Divindade. Perturbar estas relações, transviar um tal homem, deve ter sido uma tentação irresistível para o Tentador!

Satanás evita apresentar-se como rival de Deus. Desenvolve

a sua habitual e velha astúcia, que consiste em empurrar as almas para o declive onde elas escorregarão. Vê que Jesus tem fome: procura servir-se da fome. Vê-o tender para as coisas grandes: serve-se da grandeza para o tentar. Foi uma série de assaltos, de que talvez apenas conheçamos os mais importantes e característicos. Os evangelistas dão a entender que a luta é cerrada, a partida dura. A tentação impressiona Jesus. As suas primeiras respostas parecem tocadas de reserva, quase diríamos, timidez. Parece dizer muito modestamente: isso é possível, o que você sugere pode Deus fazê-lo. Mas há coisas muito mais importantes; não lhe peçamos coisas supérfluas. A resistência moderada e humilde de Jesus certamente encoraja Satanás na luta e o faz voltar de novo à carga, num derradeiro assalto. Excede, então, todas as medidas. Mas até este excesso tem a marca do autor. Embora muito inteligente, a sua penetração é curta. Não pode ler nos corações, nem arrancar-lhes os seus segredos. As primeiras ofertas não levavam fatalmente ao pecado, ou não levavam senão a pequenos pecados. A última põe Jesus em presença do maior de todos os pecados. Satanás terá verdadeira consciência disso? Comete o erro que provoca a fulminante resposta. Satanás nada mais tem a fazer.

A VITÓRIA DE JESUS - Devemos observar o emprego da Sagrada Escritura durante o combate espiritual. Jesus resiste invocando a Bíblia. Ela constituiu, na sua solidão, o alimento do pensamento de Jesus. Jesus parece dizer, com sua primeira resposta: Não se preocupe com minha fome! Estou suficientemente alimentado com aquilo que sai da boca de Deus. Ele que me enviou tudo o que precisa a minha alma, também é capaz de me mandar o maná para o meu corpo.

Na segunda tentação o próprio Satanás se apóia na Bíblia e faz a citação do Salm 91, 11-12. É o hino que tantas vezes ouve recitar pelos Judeus, e que diz precisamente que o homem pode ter confiança ilimitada em Deus. Satanás, então, astuciosamente, se apóia sobre esta segurança para tentar Jesus de vanglória. Jesus é um homem jovem. Está ainda no vigor e entusiasmo da juventude. Inteiramente desconhecido até então, se ele tem idéias de se notabilizar e se julga chamado a uma missão, talvez se sinta inclinado a servir-se de meios espalhafatosos, para chegar mais depressa aos seus fins: Atire-se do pináculo do Templo, faça isso em dia de festa, à vista do povo, e todo o mundo acreditará mais facilmente que você veio do céu! Não é verdade que todos os Judeus estão a espera desse sinal do céu? Você não deve ter medo de fazer essa experiência. Porque, se você é Filho de Deus, os anjos virão servi-lo como para-quedas! Jesus responde modestamente, dizendo que há outras palavras sagradas, segundo as quais, não devemos tentar Deus, nem pedir-lhe assistência e proteção

sem finalidade. O jovem eremita mostra-se completamente submisso aos mandamentos de Deus. A beleza de sua alma se patenteia muito bem na sua resposta. Satanás devia ter desconfiado. Seria melhor não ter insistido.

Mas Satanás volta à carga, com uma terceira tentação, a mais grave de todas. O Diabo devia compreender que em Jesus há todo o caráter de um grande servo de Deus. A sua medida é a de toda a humanidade. Satanás vê que ele estende os olhos sobre toda a terra e o seu pensamento a todo o gênero humano. Ouve-o rezar por todos os povos e atormentar-se por multidões de almas. Presente os abismos do coração de Jesus. Ele deve ter nascido para dominar, pensa o Tentador. A sua natureza, portanto, não deve ser inacessível ao orgulho, nem ao desejo de poder e domínio. Então, embriagado por esta possibilidade de grandeza e pela perspectiva de ter um instrumento ao seu serviço, o Diabo descobre a sua posição, a sua sempiterna ambição. Joga tudo por tudo. Estes reinos da terra com todo o seu esplendor, no fundo, são coisa minha, murmura ele a Jesus. Pois bem, tudo colocarei em suas mãos se você se submeter a mim.

Nesta terceira tentação, o que irrita o Eleito de Deus não é a fanfarronice do Diabo, mas a pretensão de se fazer adorar como se fora Deus. É o que pode haver de mais satânico, e nisto consiste o pecado de orgulho do grande Anjo transviado. Fazer semelhante proposta a Jesus, tentar espalhar na sua alma santa este contágio, era coisa insensata, pois nada há de mais radicalmente oposto ao orgulho do que a humildade deste servo de Javê. Nada poderia revoltar mais radicalmente o sentimento que Jesus tem dos direitos de Deus, que a idéia de adorar seja quem for, que não seja o próprio Deus. Satanás não podia ter pior idéia. Jesus, desta vez, estigmatiza-o pelo seu nome, com tal vigor, que não admite réplica.

JESUS ESTÁ PREPARADO PARA COMEÇAR - "Tendo esgotado toda a espécie de tentação, concluiu Lucas, retirou-se o Diabo de junto dele, até um certo tempo" (Lc 4,13). Há mistério nestas palavras finais. Durante a vida de Jesus, muitas vezes Satanás entrará em cena para atrapalhar: sempre que puder confundir os espíritos, contrariar a ação de Jesus ou até comprometê-lo levando os possessos a gritar antes do tempo os seus títulos messiânicos, Satanás não deixará de fazer.

Entretanto, a ocasião por excelência, será o momento único em que lhe será permitido atentar contra a vida d'Aquele que o venceu, desencadear contra Ele, por um surpreendente concurso de circunstâncias, todas as potências deste mundo. Mas, por agora, a vitória de Jesus sobre o Diabo, é total e magnífica. Para mostrar que esse combate se travou numa atmosfera sobre-humana, Ma-

teus concluiu com essa nota: "Deixou-o, então, o Diabo, e aproximaram-se os anjos, que se puseram a servi-lo" (Mt 4,11). Os Anjos vêm servi-lo, como virá servi-lo o Anjo da Agonia, no temporal e no espiritual: respeitosamente, afetuosamente lhe trarão reconforto para o corpo e para a alma. Só nos momentos excepcionalmente graves eles prestam a Jesus estes serviços. Durante outro tempo, Jesus fica na situação de todos os outros homens.

Dessa forma, vemos Jesus começar sua vida pública como o veremos acabá-la. Desce do Monte da Tentação, como se levantará do Jardim da Agonia, todo mergulhado no abandono e na adoração de Deus. Parece ter querido realizar, antes, todas as condições do grande combate, que seria não somente o seu, mas o de todos os seus discípulos. A hostilidade dos homens nada é para ele, ao lado da hostilidade dos demônios. Para ficar em estado de resistir às manobras do Diabo, reveste a armadura divina, porque o seu combate não é já contra a carne e o sangue, mas contra os Príncipes, contra as Potências, contra os Senhores deste mundo de trevas, contra as Inspirações do Mal que estão no ar. Jesus Cristo tomou a armadura de Deus para poder resistir quando chegar o dia mau, e ficar de pé depois de ter realizado toda a sua obra. Ei-lo já de pé! Colocou ao redor dos rins um cinto de verdade, revestiu a couraça da justiça, calçou-se do zelo de anunciar o Evangelho da paz. Em todas as circunstâncias, está pronto para erguer o escudo da revelação com o qual se podem repelir os dardos inflamados do Maligno. Tomou o capacete da salvação e a espada do espírito, quer dizer, a palavra de Deus. Praticou todas as espécies de orações e suplicas na comunhão do Espírito. Ocupou as suas vigílias com uma perseverança que nada pôde cansar, e orou por todos e cada um.

Os quarenta dias no deserto parecem-se com uma velada de armas no dia seguinte à teofania batismal. Repele como tentação satânica todo o desvio messiânico. Toma resoluções heróicas, que nunca abandonará. Recusa um regime de bem estar e vida fácil. Não se põe ao abrigo das necessidades da vida. Não fará milagres, para se subtrair às necessidades da vida. Não procurará nunca a ostentação, nem o êxito fácil, não apresentará sinais no céu, nada que possa atordoar os espíritos sem os esclarecer. Finalmente, será totalmente despido de orgulho e ficará estranho ao domínio deste mundo. Toda a sua ambição será fazer conhecer e adorar o verdadeiro Deus. Jesus pode descer tranquilamente a montanha. Está perfeitamente dentro do papel de Enviado de Deus. Recusando-se a aceitar as propostas de Satanás, vai ferir os preconceitos de seu povo, e finalmente lançar o povo contra ele, o que lhe custará a vida. Na medida em que se opôs a Satanás, sacrificou-se a Deus. No final de sua carreira, ele dará de si mesmo este testemunho: "Ele (o Diabo) nada pode contra mim" (Jo 14, 30). E

no momento de voltar ao Pai, dirã: "Eu te glorifiquei na terra" (Jo 17,30). A história da tentação ajuda-nos a compreender, desde já, que esta é a atitude, esta é a missão do verdadeiro Messias.

PARA REFLETIR NA EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Qual foi o ato inaugural da carreira messiânica de Jesus?
2. Que particularidades apresentam Marcos, Lucas e Mateus ao descreverem o batismo de Jesus?
3. Qual o Evangelista que nos dá a entender que João já conhece Jesus, quando este se aproxima para ser batizado?
4. Quais os elementos de teofania que se verificaram quando Jesus, sendo batizado, saiu da água?
5. Qual o sentido das expressões "abriram-se" e "rasgaram-se" os céus?
6. Qual o sentido do simbolismo da pomba?
7. Qual o significado da Voz que se ouviu do céu, no Batismo de Jesus?
8. Qual foi o segundo ato inaugural da carreira messiânica de Jesus? Em que consistiu esse ato? De que maneira o conhecimento desse ato nos é revelado, ou melhor, relatado?
9. Qual terá sido o deserto em que Jesus se retirou para jejuar e ser tentado pelo Diabo?
10. Que quer dizer "satanãs" e "diabo"?
11. Qual o sentido e a importância do retiro de Jesus no deserto?
12. De que maneira os racionalistas entendem ou interpretam a tentação de Jesus pelo Diabo?
13. De que maneira devemos nós entender e interpretar a tentação de Jesus pelo Diabo?
14. Com que tipos de tentações Satanãs assaltou Jesus?
15. Que táticas empregou Satanãs para tentar Jesus?
16. De que maneira Jesus se portou na tentação e a venceu?
17. Que representam as tentações do deserto na carreira messiânica de Jesus?

Décima Sessão

REUNIÃO DE CORREÇÃO FRATERNA (Berlinda)

Cfr. SEGUINDO FRANCISCO, 1º Nível, pag. 190.

JOÃO APRESENTA JESUS AOS JUDEUS E AOS DISCÍPULOS

INTRODUÇÃO - Após o retiro no deserto, Jesus dá início ao seu trabalho. Esse se desenvolve na Judéia, e se trata de um trabalho ainda bastante ligado ao trabalho de João Batista. Nesse período ouviremos ainda mais dois testemunhos do Batista a respeito de Jesus, testemunhos nos quais o Batista, de maneira mais vigorosa e eloqüente, apresenta Jesus ao povo, e assistimos ao chamamento dos primeiros discípulos, ao milagre de Caná, feito em favor dos discípulos. Trata-se ainda de um período de preparação e transição. O grande público, em parte, ainda o ignora, ou não está ainda muito impressionado com ele. João Batista ainda continua muito ativo, e batiza ainda muitas pessoas. Jesus, por assim dizer, continua ainda no sulco de João. João, por assim dizer, é seu paraninfo. Embora João não fosse a luz, contudo deu testemunho da Luz, isto é, fez o povo perceber que Jesus era a verdadeira Luz. Ajudou esta Luz a penetrar em Israel. Esses inícios do ministério de Jesus, portanto, são completamente tocados pelo testemunho de João.

Primeira Parte:

João dá testemunho de Jesus diante dos judeus

O Evangelho de João, na realidade, começa a narrar o testemunho público que João, diante dos Judeus, de modo oficial, dá de Jesus. Eis o texto do Evangelista João:

"Foi este o testemunho de João, quando os Judeus lhe enviaram, de Jerusalém, sacerdotes e levitas, para lhe perguntarem: Tu, quem és? Ele confessou e não negou. Eu não sou o Messias, confessou. Quem és, então? perguntaram-lhe. És Elias? Não sou, respondeu ele. És profeta? Ele retorquiu. Não! Disseram-lhe, então: Quem és tu?... para darmos resposta aos que nos mandaram. Que dizes de ti mesmo? Ele declarou:

*Eu sou a voz do que brada no deserto:
Endireitai o caminho do Senhor,
como disse o profeta Isaías!*

E havia enviados dentre os fariseus. Interrogaram-no eles nestes termos: Por que é então que batizas, se não és o Messias,

nem Elías, nem o Profeta? Respondeu-lhes João, dizendo: Eu bati-
zo em água. Mas no meio de vós se encontra quem vós não conhece-
is, Aquele que vem depois de mim; e eu não sou digno de lhe desat-
tar a correia da sandália. Veram-se estes fatos em Betânia além-
-Jordão, onde estava João a Batizar" [Jo 1, 19-28].

Esse testemunho de João, como dissemos, é público e oficial. Porque os que vieram interrogá-lo eram chefes da nação. Eles já estão aí, não ainda na intenção de impedir, mas de investigar e suspeitar. É verdade que na nação judaica os profetas nunca estiveram sujeitos aos sacerdotes. Eles continuavam sendo os homens do Espírito, os inspirados de Deus. A autoridade só intervinha para repreender ou castigar aqueles que se revelavam como profetas falsos e perigosos.

Vê-se que o evangelista João confere a essa delegação uma a-
titude solene. Ela vem de Jerusalém. É composta de sacerdotes, porque são eles que têm autoridade em matéria de inovação reli-
giosa. E estes vêm acompanhados de levitas, que eram uma espécie de auxiliares ou sacristães. A presença deles, nesse caso, é sinal da importância da delegação. Vemos também que os fariseus tomavam parte na delegação. Isto quer dizer ou que alguns sacerdo-
tes são da confraria farisaica, ou eles puseram em jogo a pró-
pria influência, para fazer parte da delegação.

João Batista não é um desconhecido. É filho de um sacerdote: o seu pai tinha bom nome. Os sacerdotes deviam abeirar-se com respeito deste filho de sacerdote que se tornara profeta. Além disto, João Batista tinha discípulos em todas as classes sociais e o povo o tinha em grande veneração. Era preciso estudar tal ho-
mem de perto. Ele não deixa de perturbar os costumes recebidos e de alterar a boa ordem da piedade. Isto sem querer esquecer que ele trata duramente tanto fariseus como saduceus. Com a sua penitência evidente, com os seus claros anúncios de uma próxima visita de Javê, com as conversões em massa por efeito das suas pregações de batismo, onde pretende chegar? Que quer ele? Quem é ele? Talvez chegasse ao conhecimento dos sacerdotes que Batista indicara o Cristo. Seria ele próprio? Seja como fôr, o inquerito que fazer junto do Batista é, acima de tudo, um inquerito messiânico.

Os inquiridores são muito circunspectos para perguntarem francamente a João se "ele era o Cristo". São muito orgulhosos para formularem semelhante pergunta, pois imaginam que se o Cristo já estivesse entre eles, os sacerdotes deviam ser os primeiros a saber. Há nas suas diligências certa dose de presunção e no interrogatório, boa dose de dissimulação. Se eles não têm a palavra "Cristo" nos lábios, tem-na no espírito. João não se en-
gana e responde com toda a franqueza e sem nenhuma dissimulação.

Há notável contraste entre o capcioso das perguntas e a franqueza das respostas. Não venham vocês até mim procurar o Cristo, porque eu não sou. Com firmeza, com dignidade e sem equívoco João pronuncia o nome perigoso, o título que poderia criar o equívoco. Com sentimento de humildade e apagamento, declara: "O Cristo? Não, não sou eu!"

Eles perguntam, então, se, não sendo o Messias, não é, por acaso, alguém de seu séquito, um de seus precursores. Pensam em Elias. Eles sabem pela profecia de Malaquias (cfr. Mal 3,23-24), e também pela Sabedoria de Sirácides (cfr. Eccli 48,10-11) que Elias será enviado para preparar o dia de Javé. João, certamente, tem identidade bem conhecida pelos sacerdotes. Mas, como ele se refugiou durante muito tempo no deserto e mostrou depois costumes e atividades de profeta, bastou para que os emissários lhe perguntassem se ele era Elias. Pensaram também no Profeta anônimo anunciado pelo Deuterônimo (cfr. Dt 18,15), o qual os Judeus daquele tempo facilmente tomavam como sendo o próprio Messias (cfr. Jo 7,40). Perguntaram a João: "Este Profeta não é você?" João responde sempre com a mesma humildade: "Não, eu não sou nada disso!"

João parece que responde com certa altivez, de maneira rude e reservada. São respostas secas, quase cortantes, e cada vez mais breves. É que percebe nos lábios dos inquiridores que não o interrogam com simplicidade e sinceridade. Os emissários, por outro lado, já perceberam que não é fácil obrigar João a dizer o que não quer, e por isso se tornam mais insistentes, sem deixarem de ser corretos. "Nós, porém, temos que dar resposta àqueles que nos enviaram". João percebe que eles dizem a verdade quando mostram que vêm da parte da autoridade. Por isso não fica indiferente. João não é um insubordinado perante as autoridades. Não é um revoltado nem um revolucionário. "O que diz você a respeito de você mesmo?"

João responde referindo sua missão e servindo-se das palavras de Isaías (cfr. Isaías 40,3). Identifica a sua missão e apaga-se nela. Esta missão consiste unicamente em ser uma voz, um Arauto público que anuncia, numa terra relativamente desértica, que os povos devem preparar os caminhos, pois o Senhor está para passar.

O encontro, então, torna-se mais vivo. Assume um jeito diferente. Pode ser, inclusive, que tenha acontecido noutra reunião, num segundo interrogatório, noutra hora. A delegação não deve ter partido imediatamente. Demorou-se alguns dias nos lugares onde se encontrava o homem justo de quem tinha de proceder ao seu inquérito. Os sacerdotes mostraram-se delicados. Insistiram para obter uma resposta, mas o fizeram com cortesia. Obtida a respos-

ta, fingiram ter ficado satisfeitos, e não insistiram. Foi então que, aqueles que na delegação representavam o fermento farisaico, retomaram o interrogatório. Fazem-no de modo cada vez mais agressivo. Fingem não se interessar muito pela pessoa de João. Querem investigar a sua obra. Que ele se permita pregar a penitência e dirigir as consciências, passe, mas quem o autorizou a batizar? Para os fariseus, ciosos das observâncias legais e das tradições recebidas, o batismo de João é uma iniciativa atrevida. João responde muito modestamente que seu batismo não passa de um batismo de água, e nada mais. Não é um rito novo em Israel. João procura apenas rejuvenescer-lhe o simbolismo, e serve-se dele para tocar as almas e as dispõe para o arrependimento. Nada mais que isso pretende fazer. João mostra-se tão humilde, quando fala da sua obra, como quando falou da sua pessoa. Simplesmente continua numa insinuação cheia de mistério afirmando que no meio de vocês está Alguém que se vai levantar. Vocês parecem não conhecê-lo, e isso me espanta. E acrescenta: Tomem cuidado! Aquele que vem depois de mim é tão grande, que eu nem sequer sou digno de lhe prestar os mais humildes serviços, não estou sequer à altura de ser o seu mais pequeno servo.

Diante de seus inquiridores oficiais, João não disse mais nada. Reserva para os íntimos tudo o que sabe além disso, o batismo no Espírito, a pré-existência divina do Messias. Para os delegados, a essência de seu testemunho consistiu em dizer: Ele já está no meio de vocês, e vocês não o sabem, nem procuram sabê-lo. Aviso muito grave e sério. Os Judeus deviam tê-lo tomado na devida conta.

*2a. parte:
João indica o Cordeiro de Deus*

No dia seguinte àquele em que despachara a delegação de Jerusalém João tem a surpresa de ver Jesus entre a multidão. A cena se passa no mesmo lugar, diante de uma assistência muito simpática, composta na maioria por seus discípulos. O texto do Evangelista João assim relata esse episódio:

"No dia seguinte, João vê que Jesus vinha ter com ele e diz: Eis o Cordeiro de Deus, que vai tirar o pecado do mundo. Este é Aquele de quem eu disse: Depois de mim vem um homem que passou à minha frente, porque era antes de mim. E eu não o conhecia: mas para Ele se manifestar a Israel é que eu vim batizar em água. João deu mais este testemunho: Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba, e permaneceu sobre Ele. E eu não o conhecia, mas quem me enviou a batizar em água é que me disse: Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é que batiza no

ta, fingiram ter ficado satisfeitos, e não insistiram. Foi então que, aqueles que na delegação representavam o fermento farisaico, retomaram o interrogatório. Fazem-no de modo cada vez mais agressivo. Fingem não se interessar muito pela pessoa de João. Querem investigar a sua obra. Que ele se permita pregar a penitência e dirigir as consciências, passe, mas quem o autorizou a batizar? Para os fariseus, ciosos das observâncias legais e das tradições recebidas, o batismo de João é uma iniciativa atrevida. João responde muito modestamente que seu batismo não passa de um batismo de água, e nada mais. Não é um rito novo em Israel. João procura apenas rejuvenescer-lhe o simbolismo, e serve-se dele para tocar as almas e as dispõe para o arrependimento. Nada mais que isso pretende fazer. João mostra-se tão humilde, quando fala da sua obra, como quando falou da sua pessoa. Simplesmente continua numa insinuação cheia de mistério afirmando que no meio de vocês está Alguém que se vai levantar. Vocês parecem não conhecê-lo, e isso me espanta. E acrescenta: Tomem cuidado! Aquele que vem depois de mim é tão grande, que eu nem sequer sou digno de lhe prestar os mais humildes serviços, não estou sequer à altura de ser o seu mais pequeno servo.

Diante de seus inquiridores oficiais, João não disse mais nada. Reserva para os íntimos tudo o que sabe além disso, o batismo no Espírito, a pré-existência divina do Messias. Para os delegados, a essência de seu testemunho consistiu em dizer: Ele já está no meio de vocês, e vocês não o sabem, nem procuram sabê-lo. Aviso muito grave e sério. Os Judeus deviam tê-lo tomado na devida conta.

*2a. parte:
João indica o Cordeiro de Deus*

No dia seguinte àquele em que despachara a delegação de Jerusalém João tem a surpresa de ver Jesus entre a multidão. A cena se passa no mesmo lugar, diante de uma assistência muito simpática, composta na maioria por seus discípulos. O texto do Evangelista João assim relata esse episódio:

"No dia seguinte, João vê que Jesus vinha ter com ele e diz: Eis o Cordeiro de Deus, que vai tirar o pecado do mundo. Este é Aquele de quem eu disse: Depois de mim vem um homem que passou à minha frente, porque era antes de mim. E eu não O conhecia: mas para Ele se manifestar a Israel é que eu vim batizar em água. João deu mais este testemunho: Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba, e permaneceu sobre Ele. E eu não o conhecia, mas quem me enviou a batizar em água é que me disse: Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é que batiza no

Espírito Santo. Ora eu vi e sou testemunha de que Ele é o Filho de Deus" (Jo 1,29-34).

João, provavelmente, não devia ter visto Jesus há quarenta dias, e talvez não soubesse o que Jesus tinha feito durante esse tempo. O texto que acabamos de citar não nos autoriza a pensar que Jesus procura entrar em contato com João. Ele está simplesmente ali, modestamente, entre a multidão. Ouve as palavras de João e toma parte na oração. Esta presença logo é verificada por João, e isto lhe dá grande alegria. Dirá mais tarde que se alegrou como acontece ao amigo do Esposo, no dia das núpcias, quando ouve a voz do Esposo (Jo 3,29). João experimenta uma espécie de inebriamento, ao tornar a ver Aquele que sabe agora que é o "Filho de Deus" e, com toda a força de expressão, o "Eleito de Deus". Não consegue conter sua alegria. Um sopro de inspiração se apodera dele e o transporta. Uma vívida iluminação invade seu espírito. Acorrem-lhe nomes novos e verdadeiramente inspirados, por exemplo, a bela expressão "Cordeiro de Deus".

Mais que nunca, João sente-se no seu papel de precursor. Tem a felicidade de poder apontar Jesus, Aquele cuja vinda tantas vezes anunciara como próxima, tendo-lhe celebrado a grandeza e mesmo a pré-existência. É um homem, na verdade, que ele vê introduzir-se no seu auditório e seguir na sua esteira. Alguém que, pela aparência, é como todos os outros. João o aponta com a sua mão. É a presença humana de Jesus que tem na sua frente. Ele havia dito: depois de mim virá um "homem", isto é, um grande personagem, uma pessoa de grande categoria.

João recorda aos seus discípulos que sempre quis atribuir a esse Alguém uma grandeza sobre-humana. João proclama a pré-existência misteriosa desse "alguém": esse que vem depois de mim, era "antes de mim". Logo que recorda isso, João começa a humilhar-se, a definir a sua posição e quase se contradizendo. Quanto a mim, pobre que sou, não o conhecia, era como vocês, sem ter a consciência de toda a sua grandeza. E no entanto, foi para manifestá-lo que fui enviado, fui eu, insignificante coisa, que vim administrar a vocês o batismo de água que pouco vale, mas que é o sinal que prepara o outro.

João continua suas confidências numa mistura admirável de a pagamento e de grandeza: Fiz o que pude, fiz o que me foi inspirado por Aquele que me enviou. João repete-se e repisa, tal como alguém que está muito comovido e contente. Aquele que me enviou para administrar este frio batismo de água, assim me disse: quando você estiver a batizar, verá descer o Espírito sobre Alguém, e n'Ele permanecer. Você, então, ficará sabendo que é Esse que virá administrar o batismo no Espírito Santo. Agora eu posso afirmar-lhes que vi perfeitamente o Espírito descer e permanecer. Por isso posso perfeitamente testemunhar-lhes que este que lhes aponto é com certeza o Eleito de Deus.

O Evangelista João mostra-nos que o Batista teve um conhecimento bastante profundo do mistério de Jesus e que recebeu importantes revelações sobre a eleição do Cristo de Deus e a sua qualidade eminente de Filho de Deus. Entretanto Jesus ainda nada fizera, perto de João, que pudesse motivar tais declarações. O testemunho de João é de uma ordem à parte, tem um valor próprio.

Ao ver Jesus no meio da multidão, João aponta com o dedo para ele e diz: "Eis o Cordeiro de Deus". Para João esta era uma imagem eloqüente. Que sentido lhe daria?

Vendo Jesus misturado com esta multidão de homens, João se impressiona pela diferença que há entre eles e o Eleito. Eles são pecadores, e eis que no meio deles se veio colocar Aquele que é a própria inocência, alguém que é absolutamente sem pecado, e traz em si a pureza de Deus. O cordeiro numa terra de pastores é a esperança do rebanho, o pequeno animal doce e puro, fácil de criar, querido do seu dono, de que se pode fazer o que se quer. O Cordeiro de Deus é o símbolo duma inocência toda divina e de uma inteira submissão às ordens de Deus. Olhem o Cordeiro de Deus, diz João em tom inspirado. Há grande contraste entre Ele que é só pureza, e a massa dos homens que é toda pecado.

João vê também que este protótipo de inocência tem em si o poder de renovar este mundo de pecado. Jesus não está ali para se confessar pecador, nem para que o pecado lhe seja perdoado. A visão de um mundo mau, remido por Deus na inocência, era familiar ao pensamento judaico. Os bons israelitas tinham isso no espírito. Era natural que estivesse também no espírito de João.

Essas coisas mais íntimas não foram ditas a todos os que procuravam João. O Batista não revelava fosse a quem fosse todo o seu pensamento. Reservava as indicações mais elevadas para aqueles dos seus discípulos que via mais bem dispostos e adiantados pelas disposições dos corações e pelas luzes do espírito. Mesmo alguns discípulos não perceberam bem a importância que João atribuía a Jesus; ficaram magoados e queixaram-se ao mestre (cfr. Jo 3,26). João precisava desvendar o mistério de Jesus de maneira mais profunda, e quando isso o fazia, não foi de maneira muito pública e patente. Esse desvendamento devia ser feito aos poucos e com medida. Jesus devia dar-se a conhecer no momento oportuno. Trata-se de revelações e de mistérios que só devem ser comunicados aos que estão em condições de os receber. Por esse motivo no grupo mais íntimo de João, todos os que tiveram a felicidade de receber estas comunicações, tiveram também a graça de se fazerem discípulos de Jesus. O novo Elias privou-se de seus discípulos mais queridos, para os ceder a Cristo. "Ele deve crescer, eu diminuir", dizia João Batista (Jo 3,30).

PARA ESTUDO NA EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. Em que lugar, por primeiro, João desenvolve seu trabalho logo após o retiro no deserto?
2. Por que devemos dizer que o primeiro período de trabalho de Jesus, após o retiro no deserto, é ainda um período de preparação e transição?
3. De que maneira João Batista deu testemunho público de Jesus, diante dos Judeus? Por que esse testemunho foi público e oficial?
4. De que pessoas era composta a delegação que veio interrogar João no Jordão? De onde vinha essa delegação? Qual seu objetivo?
5. De que maneira os delegados dessa comissão encaravam o Batista?
6. Que tática a delegação usou para interrogar o Batista? Que atitudes de espírito demonstrava?
7. Por que a delegação perguntou se o Batista era Elias ou algum Profeta?
8. De que maneira João respondeu às perguntas que lhe foram dirigidas pelos emissários da delegação?
9. Que interesse tinham os fariseus, presentes entre os membros da delegação, no interrogatório do Batista?
10. Qual foi a essência do testemunho de João aos membros da delegação?
11. De que maneira se deu o fato em que João indicou ao povo o Cordeiro de Deus?
12. De que maneira Jesus se apresentou a João nessa ocasião?
13. Que reação emocional teve João ao identificar Jesus em meio à multidão?
14. O que proclama João a respeito de Jesus, ao vê-lo em meio à multidão?
15. Por que o testemunho de João a respeito de Jesus tem um valor próprio?
16. Qual foi, para João, o sentido da imagem "Cordeiro de Deus" que usou para designar Jesus nessa ocasião?
17. A que tipos de pessoas João revelou essas coisas mais íntimas a respeito do mistério de Jesus?

Para a leitura individual:

FENÔMENOS ÚNICOS EM ISRAEL

Cfr. O NOVO CATECISMO, Herder, São Paulo, 1969
pp. 51-57

MESSIANISMO - A mensagem sobre a fidelidade de Deus conduz, em Israel, a um fenômeno que é único no mundo: espera-se por al-

go que Ele há de realizar: a salvação! Bem o sabemos: cada homem deseja e espera naturalmente certa salvação; e toda a religião é uma doutrina de salvação. Mas, exclusiva e unicamente em Israel, vive dinamicamente a consciência de fé de que essa salvação significa, em concreto, libertação de nossa infidelidade humana, ou seja, do PECADO.

Exclusivamente em Israel existe também a convicção de fé de que essa salvação se está realizando através da própria história. O mundo dirige-se e orienta-se para determinado ponto. Esse "ponto" começa a ter estatura determinada desde o tempo de Davi. "Deus permanecerá fiel à dinastia de Davi", diz a palavra profética. Do futuro emerge, indistintamente, uma figura predestinada, da dinastia de Davi, que realizara a salvação, em nome de Javé. Espera-se por "alguém" da parte de Deus: o Messias!

SENSO DE HISTÓRIA - A experiência vivencial em Israel em relação ao Deus vivo, cria nele senso de história. Também neste ponto, Israel está totalmente sozinho em todo o Antigo Oriente. Esse pequeno povo, inferior aos grandes estados vizinhos, quanto à cultura, produz uma historiografia completamente única. É verdade que também em outros encontramos muitas narrativas e crônicas. Mas somente Israel demonstra interesse pelo sentido mais profundo dos acontecimentos e pela conexão dos fatos. Tem ele a convicção de fé de que o Deus vivo está agindo na história.

MONOTEÍSMO - A promessa messiânica e o senso pela história relacionam-se com outro traço da religião de Israel: a adoração de um único Deus.

Por certo, também alhures existem formas de "monoteísmo". Clássico é o exemplo do culto ao Sol, apresentado por Faraó Echnaton. Encontramos, igualmente, religiões em que o único Deus é o Altíssimo de todos. Mas, a diferença é fundamental: em nenhum caso dá-se prova de um caráter tão consequente, tão concentrado e tão poderoso, quanto se revela concretamente no único verdadeiro Deus de Israel. Para esse povo, o monoteísmo não é, em primeiro lugar, questão de "número": um só! Trata-se de algo mais total, de algo sumamente vital e dinâmico: Javé é único, o fundamentalmente outro, distinto de todo o resto, incomparavelmente ativo, em vista de nossa salvação. Nem de longe tem isso seu equivalente em qualquer religião daquele tempo.

A experiência da presença ativa de Deus

PELA PALAVRA DEUS ESTÁ PRESENTE - A palavra que ressoa em Israel constitui o meio pelo qual a obra de Deus se manifesta com clareza. Mas, por esse motivo, é também mais do que isso: a

própria palavra é como que a manifestação ou aparição, a atiyida de de Jayê. Por ela aparece, ao homem miserável, o Criador do universo:

*"Sim, verdadeiramente
o homem é como a erva que seca e fenece,
mas a palavra de Deus
subsiste eternamente" [Is 40,7-8].*

Assim cantava o "dêutero-Isaias", ao fim do cativeiro:

*"Tal como a chuva e a neve caem do céu
e para lá não voltam sem ter regado a terra,
sem a ter fecundado, e feito germinar as plantas,
sem dar o grão a semear e o pão a comer,
assim acontece à palavra que minha boca profere:
não volta sem ter produzido seu efeito,
sem ter executado minha vontade
e cumprido sua missão" [Is 55,10-11].*

A LEI - Deus está presente pela palavra, em geral. Está também presente por determinada forma de palavra: pela Lei, que é como a consciência formulada do povo. Na Lei, tocava-se em Deus. *"Observai e praticai a Lei, pois isto vos tornará sábios e inteligentes aos olhos dos povos, que, ouvindo todas essas prescrições, dirão: Eis uma grande nação, um povo inteligente e sábio! Com efeito, qual é a grande nação que tenha um Deus tão próximo, quanto nos é próximo Jayê, nosso Deus, cada vez que o invocamos? Qual é a grande nação que tenha mandamentos e preceitos tão justos?" [Dt 4, 6-8].*

Os mandamentos da Lei "não estão nos céus, de modo a poderes dizer: Quem subirá ao céu para no-los buscar... "Não, a palavra (a Lei) está perto de ti, na tua boca e no teu coração: e tu a podes cumprir" [Dt 30,12 e 14].

A SABEDORIA - Há ainda um terceiro termo, empregado por Israel, para descrever a proximidade íntima de Deus: "sabedoria". Sobretudo nos tempos mais recentes do Antigo Testamento, usa-se essa palavra tão significativa para se expressar a presença ativa de Deus:

*"Toda a sabedoria vem do Senhor Deus;
Ela permanece eternamente com Ele.
Quem pode contar os grãos de areia do mar,
as gotas de chuva, os dias dos séculos?
Quem pode medir a altura do céu,
a extensão da terra, a profundidade dos oceanos?
Mas, antes de todas as coisas, foi criada a sabedoria,*

*a inteligência prudente existe antes dos séculos!
A palavra de Deus nas alturas é a fonte da sabedoria
e seus caminhos são seus mandamentos eternos [Ec 1,1-5]*

Paremos uns momentos, para nos aprofundar nestas considerações bíblicas! Tomemos como ponto de partida o nosso próprio mundo moderno!

Quem se encontre, pela primeira vez, perante o chamado "sistema periódico", isto é, o sistema em que se mencionam, em breves letras e cifras, todos os elementos simples que constituem a nossa terra, pode ficar profundamente impressionado e admirado. Que inteligência humana refinada e penetrante para descobrir tudo isso! E, no entanto, trata-se, na realidade, apenas do fruto de um refletir e de um descobrir (= e não do inventar!) daquilo que já está presente nas coisas: enfim, daquilo que originalmente foi pensado por uma sabedoria pré-existente.

Foram feitas investigações sobre aves de arribação. Fizeram-se descobertas maravilhosas. Mas, qual é, então, a sabedoria que as criou, tão variadas?

Estupenda é a sabedoria de certas pessoas - uma dona de casa, um amigo, um amado - em descobrir a tonalidade certa, achar a palavra apropriada, consoladora e benfazeja. Mas, que sabedoria exigiu-se, então, para inventar o próprio coração que fala tal palavra, bem como o coração que a recebe! A origem de tudo o que existe está uma Sabedoria fina, penetrante e comvente, que faz crescer o mundo: estrutura, vida, conhecimento, ciência, sabedoria! Essa sabedoria é algo de Deus. Israel não cessa de falar nela, ora como realidade criadora, ora como algo do próprio Deus. Digamos que é aquilo de Deus que se dirige para o mundo e se dedica a nós, homens.

Certos autores bíblicos vão tão longe em sua grata admiração, que falam sobre essa sabedoria, como se ela fosse uma "pessoa". Na realidade, não a concebem como tal: trata-se de um modo de apresentação. Em imagem poética, ela se apresenta dizendo:

*"Ainda não havia abismo, quando fui concebida...
Quando Ele formava os ceus, ali estava eu...
Quando assentou os fundamentos da terra,
junto a Ele estava eu como criança mimada...
brincando todo o tempo diante dele,
brincando sobre o globo da terra... [Prov 8,24-31].*

E no Livro da Sabedoria, lemos:

*"Há nela um espírito inteligente e santo,
único, múltiplo, subtil,
dinâmico, penetrante, puro,*

*límpido, inofensivo, inclinado ao bem e agudo,
irresistível, benéfico, benevoló,
constante, seguro, sem inquietação,
que tudo pode, que de tudo cuida,
que penetra todos os demais espíritos,
por mais inteligentes, puros e subtlis que sejam...
Pois, ela é sôpro da majestade de Deus,
irradiação límpida da glória do todo-poderoso.
Assim, mancha alguma pode insinuar-se nela.
É ela efusão da luz eterna,
espelho sem mancha da força de Deus,
imagem de sua perfeição (Sab 7,22-23;25-26).*

Um físico moderno chamou, um dia, a atenção sobre o fato de que, na matéria que muda e evolui incessantemente, as leis naturais são a única coisa que se manifesta constante e inflexível. Sirva esta afirmativa de comparação para compreendermos de que modo foi revelada a Israel a Sabedoria de Deus. Pois, o livro da Sabedoria prossegue:

*"Embora única, tudo pode;
imutável em si mesma,
renova todas as coisas" (Sab 7,27).*

A manifestação mais sublime dessa sabedoria é o homem. Não só em sua inteligência,mas em toda a sua vida:em bondade e santidade. Continua o texto bíblico:

*"Ela se derrama de geração em geração nas almas santas,
transformando-as em amigos de Deus
e em profetas" (Sab 7,27).*

Ela é a realidade mais elevada da terra. O autor escreve:

*"Eu a amei e a procurei desde a minha juventude:
esforcei-me por tê-la por esposa,
enamorado-me de seus encantos" (Sab 8,2).*

"Palavra", "Lei", "Sabedoria": eis os três termos que, para Israel, designam esta última realidade: o Deus vivo que se ocupa e se preocupa com o seu povo e com o seu mundo. Demoramo-nos mais no termo "sabedoria", porque esse conceito é tão pouco ressaltado na catequese. Fizemo-lo, porém, principalmente, porque no Novo Testamento, a "Sabedoria" será revelada como "Alguém", uma Pessoa distinta, da mesma forma que a "Palavra", ou seja, o Verbo". São Paulo fala, com efeito, sobre Cristo, por meio de palavras que o Antigo Testamento diz da "Sabedoria": "A irradiação da glória de Deus" (Hebr 1,3); "a imagem do Deus invisível"; "o universo foi criado por Ele e para Ele. Ele existe antes de tudo

e tudo subsiste nele" (Col 1,15-16). A face de Deus, voltada para nós e para o mundo, será, portanto, "Alguém"; a Palavra (= Verbo) que se fez homem. Através da Palavra, da Lei e da Sabedoria, realiza-se o primeiro contato velado do Filho de Deus com a humanidade e o mundo, preparação à encarnação do Verbo, à aparição da Sabedoria. Pode ser benéfico para nós voltarmos, de vez em quando, para as descrições cósmicas do Antigo Testamento, a fim de verificar quão profundamente Cristo está agindo por nos em cada realidade deste mundo.

A PALESTINA no tempo de JESUS CRISTO



Décima Segunda Sessão: REVISÃO
REVISÃO DE NOSSA DINÂMICA DE REUNIÃO E PENSAMENTO

A Fraternidade se reúne para rever a tradução prática, em fatos concretos, da maneira como faz reuniões e trata assuntos em reunião, ou seja, a dinâmica de reunião e pensamento. Roteiro:

1. As Equipes de Entre-Ajuda se reúnem separadamente.

2. Tomam o texto das sessões nº 6 e 7 do Primeiro Nível (cfr. SEGUINDO FRANCISCO, 1º volume, pag. 37-57), e o revisonam numa leitura atenta. Em seguida respondem ao seguinte questionamento:

- a) De modo geral, como estamos desenvolvendo nossa dinâmica de reunião e pensamento? Que resultados estamos conseguindo, e que dificuldades estamos enfrentando?
- b) De que maneira estão sendo desempenhadas, e em que precisamos mudar, nas lideranças de:
 - 1. Animador
 - 2. Recepcionista
 - 3. Cronometrista
 - 4. Secretário
 - 5. Espiritualizador
 - 6. Lideranças de cultivo.
- c) De que maneira estamos questionando nossos assuntos, e qual o nível de nossa abertura, quando manifestamos nossas opiniões?
- d) Qual o nosso nível de observância das normas:
 - 1. São vale o que é explícito.
 - 2. Uma decisão tomada pelo grupo fraterno, passa a ser decisão de cada um.
 - 3. Temos um momento negociado para lavar os panos da casa.
 - 4. Não vale mexer na roupa suja de quem não está presente.
 - 5. Não vale preocupar-se em não fazer fiasco.

3. Reúne-se o Plenário das Equipes, que lêem o resultado do questionamento, deixam-se QUESTIONAR pelos participantes, e ouvem o PARECER dos mesmos sobre as respostas encontradas.

4. Elabora-se, finalmente, uma conclusão de compromisso para melhorar a dinâmica de reunião e pensamento do grupo.

Décima Terceira Sessão
OS PRIMEIROS DISCÍPULOS DE JESUS

É o Evangelista João que nos relata pormenores sobre o encontro de Jesus com seus primeiros discípulos. Diz-nos que Jesus recrutou os primeiros discípulos entre os de João, que se tornaram os seus melhores amigos e os companheiros de sua vida. Como Jesus, porém, todos eles tinham vindo da Galiléia. Vieram de longe fazer um retiro de penitência e procurar a verdadeira conversão junto de João, e tiveram também a sorte de se encontrarem lá, ao mesmo tempo que Jesus. Jesus os encontra, por assim dizer, sem os procurar. O encontro se realiza como o mais feliz dos acasos. Mas o seu novo Mestre faz-lhes compreender que para Ele não há a caso. Nem sequer teve o trabalho de os chamar. Fã-lo-ã mais tarde, quando os ligar completamente à sua missão e destino. De momento são eles que vão com Ele. Os três primeiros se apresentam por indicação de João. Depois eles atraem outros, como homens que se conhecem e que têm entre sí laços de parentesco e amizade. São quase todos mais ou menos da mesma idade e da região de Jesus.

É no ambiente sobrenatural cultivado pelo Batista que se realizam estes primeiros contatos, e sob a sua influência religiosa. Estes homens jovens, que tinham vindo receber a direção e o batismo de João, deixaram-se guiar por ele para este misterioso desconhecido, que lhes mostrou e pelo qual ele professava tanto respeito. João os havia marcado com seu espírito. Formara-lhes o coração. Conduzia-os a Jesus, dizendo-lhes palavras inspiradas.

As páginas do quarto Evangelho, nas quais o discípulo amado, João, nos fala dos primeiros encontros de Jesus com seus primeiros discípulos, são de uma beleza incomparável, tecidas de grande doçura e encanto.

*Primeira Parte:
Os três primeiros discípulos de Jesus*

Isso aconteceu no dia seguinte ao grande testemunho que João fizera de Jesus, apontando-o como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Portanto, após o segundo encontro de João com Jesus:

"No dia seguinte, novamente se encontrava ali João com dois

dos seus discípulos. Fitando o olhar em Jesus, que passava, pôe-se a dizer: "Aí está o Cordeiro de Deus". Ora, os dois discípulos ouviram-no dizer isto e seguiram Jesus. Voltando-se Jesus e vendo que eles O seguiam, disse-lhes: "Que procurais?" Eles responderam: "Rabbi - que quer dizer Mestre - onde você mora?" "Venham ver", respondeu-lhes. Foram, pois, ver onde ficava e permaneceram junto dele nesse dia. Era por volta da hora décima.

André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido a João e seguido a Jesus. Encontra ele primeiro a Simão, seu irmão, e diz-lhe: "Achamos o Messias" - que quer dizer Ungido. E levou-o a Jesus. Fitando nele o olhar, disse Jesus: "Você é Simão", filho de João; você chamar-se-á Kêphas - que quer dizer Pedro" (Jo 1,35-42).

Era tarde, e Jesus misturou-se muito simplesmente à assembleia. Veio, talvez, tomar parte nas orações e assistir à pregação. Parecia encaminhar-se para João (cfr. Jo 1,29). Podemos pensar que o jejuador do deserto quis saudar humilde e delicadamente o seu precursor. Esta visita inesperada deixa João extremamente comovido. Mas hoje parece que Jesus não quer procurar o encontro. Ele, talvez, se limitasse a dar um pequeno passeio pelos campos, possivelmente só ou acompanhado por alguns parentes ou amigos encontrados por ali. Apareceu como se não quisesse despertar a atenção, suscitar emoção, ou provocar qualquer declaração.

Vai manifestar a intensão de fazer uma viagem à Galiléia, e, com isso, João concluirá, mais uma vez, que a sua missão ainda não terminou, nem a hora do Messias chegou completamente. No entanto, ele não duvida do seu Messias. Sua missão é indicá-lo cada vez mais insistentemente. Fará tudo o que puder. Repete diante dos discípulos a grande expressão do dia anterior. Respeita o silêncio e a reserva de Jesus, não se precipita ao seu encontro, contenta-se com designá-lo à distância. Fã-lo com alegria profunda, convicção ardente e desinteresse total, para tocar o coração dos seus discípulos e expandir o seu "Eis o Cordeiro de Deus". Há na sua voz uma vibração nova. Seus jovens amigos ficam impressionados. Era uma linguagem que não estavam habituados a ouvir. Dois deles principalmente, depois de terem ouvido esta linguagem, não se puderam conter e seguiram Jesus. Têm a impressão de que, fazendo-o, entram no mais profundo do pensamento de João. Realizam qualquer coisa que ele lhes sugere e que de modo algum lhes inveja. Ele não pode deixar de os aprovar, melhor diríamos, de os impelir. Só pode dizer-lhes: Fico muito contente por vocês irem com Ele. Tudo isto é belo e completamente digno de um grande coração.

E lá se foram os dois discípulos do precursor seguindo Aquele que lhes dissera ser o Messias. Homem da sua idade, da sua

terra, pouco mais ou menos da sua condição, e que não deve ter saudável aspeto depois de ter terminado o seu jejum de quarenta dias, entre os animais selvagens. Fosse qual fosse o seu exterior, eles estão cheios de respeito e timidez na sua presença. Seguem o desconhecido com passos comedidos e calmos. Que irão fazer? Que dirão. Como irão interpelá-lo? Várias vezes ouviram João repetir: Se vocês soubessem o quanto Ele está acima de mim, é como eu nada sou ao lado dele! Mas Jesus volta-se, olha bem para eles, dando a impressão de que sabia que eles o seguiam e fingindo não saber o que queriam. Dirige-lhes a palavra:

- O que vocês estão querendo?

E eles respondem:

- Rabbi - que quer dizer Mestre - onde moras?

O autor que escreve esta página parece querer dizer assim: Não sabíamos que nome lhe daríamos. E, para ser breve, não sabíamos como lhe devíamos chamar. Nem sequer sabíamos expor-lhe exatamente o que queríamos. Tivemos, entretanto, a boa inspiração de lhe perguntarmos onde vivia. Ele teve a gentileza de nos responder: Venham comigo e vejam!

A resposta de Jesus foi moldada pela pergunta e possivelmente sublinhada por um sorriso. Era um amável convite, não apenas para ir ver, mas a partilhar a hospitalidade.

Qual terá sido a hospitalidade oferecida por Jesus àqueles que iriam ser os seus primeiros discípulos? A narração não no-lo diz. Teriam ficado na aldeia? Fora, em qualquer anfractuosidade das primeiras colinas da Transjordânia? Perto do rio, sob um mo desto abrigo de ramos? O texto limita-se a dizer: eles foram e viram onde Jesus habitava, admirados, parece, de que Eles estivesse instalado ou habitasse tão humildemente e se contentasse com tão pouco. Tiveram até a felicidade de ficar junto de Jesus "naquele dia". Eram pouco mais ou menos quatro horas da tarde. Para os orientais é uma hora já adiantada, era já noite. Esta maneira de marcar a hora do encontro, se a considerarmos como se deve, segundo os bons costumes da região, faz-nos pensar que os dois discípulos foram naquela noite hóspedes de Jesus. Cearam com ele e provavelmente passaram a noite sob o mesmo teto.

A conversa deve ter durado muitas horas, embora tenha sido, como o encontro, dentro da maior simplicidade. Deve ter sido uma conversa animada, encaminhada por Jesus num tom de familiar bonomia. Como gostaríamos de conhecer o objeto dessa conversa! O texto nada diz da conversa entre Jesus e seus primeiros discípulos. Mas talvez este silêncio da parte dum testemunha tão ardente e fiel nos convide a supor que falaram pouco. Mas devem ter pensado

muito e orado também. Podemos imaginá-los rezando as orações da noite, conversando, com Deus mais ainda do que falando entre si. Não são faladores. Quando trocam impressões neste ambiente, não é certamente para falar do tempo e da chuva, mas para saudar a proximidade dos tempos novos e proclamar a necessidade de ter o coração puro, forjar uma alma de criança e estar preparados.

O diálogo entre Jesus e estes dois jovens galileus, moldados por João Batista, devia ter sido muito mais simples do que o tido com o sábio Nicodemos (cfr Jo 3,1-15), mais direto e mais ingênuo do que o diálogo com a subtil Samaritana (Jo 4,7-26). Se pudéssemos perguntar ao nosso evangelista por que foi que ele, que tão bem soube narrar outros encontros e conversas; de Jesus, nada diz desse primeiro, talvez nos respondesse muito simplesmente: Foi tudo tão natural e simples; pouco nos disse; toda a graça daqueles momentos incomparáveis consistiu em termos sido acolhidos na sua intimidade e ficar com Ele.

Foi somente no dia seguinte de manhã que André, um dos dois, saiu à procura de seu irmão Simão. Pela maneira como o autor descreve essa passagem, parece querer exprimir-se assim: André tem sorte de ter um irmão assim à mão para poder apresentar a Jesus. Diz isto, como se dissesse: eu também tinha um irmão, mas não tive a sorte de André, quer porque o não encontrei, quer por que não estava tão bem preparado.

O filho de Zebedeu - João - é um dos primeiros recrutados por Jesus e Tiago é seu irmão, que virá também, mas não tão depressa como Simão, irmão de André. Portanto, no dia seguinte, bem cedo, André encontrou seu irmão Simão. Encontrou-o, porque o procurou e porque nada mais o preocupou tanto como procurá-lo. Simão estava também por aqueles lados, em retiro junto de João Batista. André sabe perfeitamente que seu irmão acolherá com alegria a boa nova do encontro e que não será preciso pedir-lhe para ele vir: "Encontramos o Messias", diz André. Messias quer dizer o Ungido de Deus. André não ignora que Simão, como ele, espera a vinda d'Aquele que será completamente sagrado pela unção de Javé. Ungido de Deus e Cordeiro de Deus devem ser, no pensamento religioso dos dois jovens, duas noções próximas, para não dizer equivalentes.

O evangelista descreve com amor o primeiro encontro de Simão com Jesus. Especifica que a conferência do novo nome se fez naquele momento. Foi uma prova de importância concedida por Jesus ao novo companheiro trazido por André. É sinal de autoridade e tomada de posse mudar o nome, é como assenhorear-se da pessoa. Isto é tanto mais significativo quanto o nome, tão cuidadosamente referido por João, que, talvez, tenha sido até criação de Jesus. O evangelista tem o cuidado de explicar que este nome signi

fica rochedo. Desse modo, assim que Simão chega, Jesus, depois de envolvê-lo num longo olhar, lhe diz: Tu és Simão, mas serás chamado Pedra, Rocha. Mais tarde explicará o motivo desse nome (Mt 16,18). Isso é prova do lugar especial que foi dado a Simão Pedro, desde a primeira hora em que se encontrou com Jesus. O Evangelista João, que sempre esconde o próprio nome, procura celebrar com cuidado o nome do homem que foi seu amigo e companheiro junto de Jesus. Durante toda a obra, João escreverá sempre com muito respeito o nome de Simão-Pedro. Escreverá, algumas vezes o novo nome somente. Mas nunca mais apenas o nome antigo, com excessão da última página que parece ser, por este motivo, uma chamada de atenção para as primeiras (Jo 21,15,16,17). Este Evangelho acabará, como começa, por uma comunicação privilegiada, de Jesus a Pedro. No fim, como no princípio, João encontrará modo de se apagar, pensando que Jesus fez ainda mais por este amigo, Simão, filho de João, do que fez por ele, João, filho de Zebedeu. Estas relações, vistas de perto, têm uma distinção sublime.

Segunda Parte:

Os dois novos discípulos

Logo após, no dia seguinte, teve lugar o encontro de Jesus com mais dois discípulos. João assim narra este episódio.

No dia seguinte, resolveu Jesus partir para a Galiléia. Encontra Filipe e diz-lhe: "Segue-me!" Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro. Filipe encontra Natanael e diz-lhe: "Encontramos Aquele de quem escreveram Moisés e os Profetas, Jesus de Nazaré, filho de José". Diz-lhe Natanael: "De Nazaré pode vir alguma coisa boa?" "Venha ver", disse-lhe Filipe. Jesus, vendo Natanael que vinha ao seu encontro, diz acerca dele: "Aí está um autêntico israelita, em quem não há fingimento"! Disse-lhe Natanael: "Donde você me conhece?" Respondeu-lhe Jesus, dizendo: "Antes de Filipe lhe haver chamado, eu o vi, quando estava debaixo da figueira". Natanael retrucou: "Rabbi, você é Filho de Deus, você é o Rei de Israel!" Retorquiou-lhe Jesus nestes termos. "Porque eu disse que o vi debaixo da figueira, você acreditou. Verá coisas maiores do que estas." E acrescentou: "Em verdade, em verdade digo a todos vocês: verão o céu aberto e os Anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem" (Jo 1,43-51).

Esta resolução que Jesus tomou de se afastar para a Galiléia, prova que não tem intensão de se demorar muito tempo junto do Batista. Respeita a missão do precursor. Quer que ela se exer

ça durante todo o tempo estabelecido, permitindo-lhe colher todos os frutos que lhe estão reservados. Depois de seu retiro no deserto, voltou ao Jordão apenas para saudar o Batista, dar-lhe a suprema alegria de ver e ouvir o Esposo e para se despedir deste santo homem que lhe é tão dedicado. Jesus voltou igualmente para receber das suas mãos e receber da sua escola aqueles que irão ser o primeiros e maiores adeptos do seu novo Reino. Deixa Betânia da Transjordânia no dia seguinte àquele em que encontrou Pedro. Subiu o vale do Jordão. Não foi sozinho. Não se contenta agora em se juntar a qualquer caravana de gente do norte. O importante é que leva consigo os seus três primeiros recrutas: o jovem João, que se apaga e não nomeia, mas que será sempre o preferido, talvez até por ter sido o primeiro e dois de seus companheiros, André, que se apresentou com João, e Simão que foi trazido por André e crismado por Jesus.

Vemo-los agora partir juntos, embarcar na mesma aventura. João revela-nos, com uma alegria mal contida, que Jesus durante esta rápida viagem, teve a sorte de encontrar, um após outro, sem sair do caminho, dois novos e excelentes recrutas, parece-nos querer dizer. Esses encontros se deram em pouco tempo e que uns chamaram os outros, como por coligação entre bons amigos que se unem na mesma expectativa religiosa. Em tudo, evidentemente, se cumpre o mesmo desígnio de Deus.

O primeiro "encontro" foi o de Filipe. Foi Jesus que o encontrou. O fato, porém, de João anotar que Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro, parece querer dizer que os dois irmãos tiveram influência neste encontro de Jesus. Este Filipe parece ser um homem da mesma importância social, da mesma cultura religiosa de Natanael que se segue a Filipe. Podia este ser qualquer pessoa importante da cidade de André e de Pedro. Eles se sentem felizes por Jesus o ter encontrado. Para maior alegria, vêem que Jesus o convida para companheiro de viagem. O oferecimento pode ter sido feito quer no deserto, quer durante o caminho ou numa das paragens da pequena caravana. Filipe não se faz rogado, e não põe objeções, nem recusa o convite. Tudo nos leva a crer que aceita com entusiasmo, pois se torna imediatamente zeloso como os outros. Tem um amigo que lhe é muito caro e a quem tem em grande conta. Chama-se Natanael. Este homem tem um lindo nome, em que entra o nome de Deus. Era de Canã da Galiléia (cfr. Jo 21,2). Naquela ocasião, provavelmente, Natanael se achava nos arredores de Betânia, ou integrado em qualquer caravana que voltava das pregações de João.

Natanael nos é apresentado como um homem instruído, versado e profundo conhecedor das Escrituras, e transbordante das esperanças de Israel. Era um pensador, um letrado, habituado a manusear os rolos da Lei. Ele era capaz de mostrar aos seus amigos,

no rolo da lei, o lugar onde Moisés anuncia o Messias (Gn 12,3; 49,10; Dt 18,15,18). Estava em condições de lhes mostrar no rolo dos Profetas em que tal anúncio se multiplica e diversifica. Natanael se alimenta disso. Vive esta esperança. Devia haver, um pouco por todos os lados, até nos lugares menos conhecidos, desses sábios que eram a honra da nação e que representavam o verdadeiro Israel espiritual. Eram judeus pela carne e pelo sangue, mas eram israelitas sobretudo pelo espírito (cfr. 1Cor 11,22)

Estes homens tinham a estima de todos os que eram como eles verdadeiros israelitas. Eles deviam ser para Jesus os melhores recrutas. Natanael é um ilustre exemplo desse tipo de homens. Filipe sabe que um homem assim não irá ficar indiferente. Filipe está emocionado, e se torna insistente: Natanael, esse homem é, com certeza, Aquele de quem você nos fala, e que nos mostra tão bem nas Escrituras. Já somos alguns que o conhecemos. Ele é da nossa terra. Chama-se Jesus, filho de José, e é de Nazaré.

Este nome - Nazaré - parece que vai estragar tudo. Em toda a parte, sobretudo nas províncias, há rivalidades e competições entre as povoações. Natanael não escapa inteiramente ao sentimento geral, por mais sábio que seja. Ele é de Caná, e vêm dizer-lhe que Jesus é da cidade vizinha. Nazaré é uma povoação insignificante, sobretudo para um vizinho que vive numa cidade mais importante.

Filipe não entrou em discussão com o amigo. Simplesmente lhe disse: Venha e veja! E o encontro de Jesus com Natanael teve algo de muito belo. Temos aí um exemplo da grande influência de Jesus e da maneira pela qual a exerce. Põe em ação seus dons de profeta. Mostra que tem a faculdade de ver à distância, de ler nas consciências e de decifrar o interior dos corações. Deve ser muito impressionante para estes homens, habituados, embora, à vida da alma e à análise íntima, verem-se adivinhados até ao mais profundo do ser. Pedro deve ter sentido essa impressão, quando sentiu sobre ele o olhar de Jesus. A impressão de Natanael foi ainda mais forte. Ao vê-lo chegar, antes mesmo de ter trocado uma só palavra, Jesus deixa perceber que o conhece a fundo. Olhem aí um israelita verdadeiramente digno deste nome: sem artifícios nem falsidades, nem na religião e nem na moral. É um homem franco e reto, tudo nele é sincero. Jesus sente-se entusiasmado. São estas as qualidades que mais lhe agradam. Natanael, no mesmo instante, dá uma prova de sua sinceridade. Não se deixa o fuscado pelo elogio, que poderia ser um subtil jogo do Mestre. Se você vê tão bem o que eu sou, donde é que me conhece? Desde quando, por quem e como você entrou na minha vida? Jesus lhe dá, então, esta espantosa resposta, enigma para nós, mas raio de luz para o interessado: Antes mesmo que a voz de Filipe chegasse aos seus ouvidos, eu o vi debaixo da figueira, onde você estava. Com

essas palavras Jesus indica que teve de Natanael uma visão profunda. Porque, ao ouvir as palavras de Jesus, Natanael se impressionou vivamente. Há coincidências que são, para ele, o sinal de Deus e a prova do Messias. Natanael não estava debaixo de qualquer figueira, mas "certa figueira": lugar determinado, recordação memorável. Que faria o bom israelita debaixo daquela figueira? Possivelmente uma oração pela vinda do Messias. Talvez sob a sombra primaveril das primeiras folhas, receberia intensamente a seiva do Espírito. Talvez tivesse sentido então um estado de alma excepcional, uma espécie de êxtase, seja como for, um momento inesquecível. Ora, foi neste momento que a voz do amigo veio ferir seus ouvidos.

Foi o bastante para que Natanael fizesse uma profissão de fé messiânica a favor de Jesus. O sinal de Deus bastou-lhe para reconhecer em Jesus o Enviado de Deus. Natanael o proclama Filho de Deus e Rei de Israel. Natanael mostra que tem muita grandeza de espírito. Está no bom caminho. Tem verdadeira fé. Jesus sentiu-se feliz ao declarar isso.

Jesus acrescenta: "você verá coisas maiores do que estas". Isto é: verá sinais mais importantes e muito mais eficazes para fortalecer sua fé. Nada mais revelador do que este acolhimento de Natanael por Jesus. Por isso João o narra com tanto cuidado, com alegria. Natanael juntou-se ao pequeno grupo. Por mais sábio que fosse, ele não hesita em juntar-se ao pequeno grupo dos jovens amigos de Jesus, embora seja, provavelmente, mais velho do que eles. Vemos nele o modelo do que é preciso levar para a escola de Jesus.

O texto termina por outra declaração muito importante. Jesus acaba de ser tratado pelo novo discípulo como "Filho de Deus". Ora, ele começa a chamar-se "Filho do Homem". Título mais modesto, mas não menos misterioso: ele permitirá graduar a luz da revelação. Jesus servir-se-á constantemente dele para se designar suficientemente a si próprio. Nessa ocasião, ele é uma alusão direta a um desses passos bíblicos em que o sábio Natanael era tão versado.

Conclusão

O Reino, nestas primeiras páginas de João, é uma luz discreta como a aurora. A pessoa de Jesus exerce sobre os seus primeiros discípulos uma sedução já muito viva. As primeiras relações que tem com ele provocam uma espécie de admiração e de entusiasmo. Os corações estão prontos a se entregarem. João declara isto com uma humildade terna e respeitosa. Certamente, eles não

têm ainda grande fé, fé que possa triunfar plenamente do mundo (cfr. 1Jo 5,4-6). Ouvirão a chamada definitiva mais tarde, no mar de Tiberíades (Jo 21,21), no monte das Bem-aventuranças (Mc 3,13), depois que João Batista tiver sido metido na prisão por Herodes (Mc 1,14), e que os fariseus terão já conspirado com os herodianos sobre o modo de prender Jesus (Mc 3,6).

Ainda estamos longe desta fase dramática das manifestações. Quando ela chegar, o Mestre não precisará senão de dizer uma palavra, e os seus discípulos seguirão sem compreender. Por que terão permanecido eles com Jesus durante a prova? (Lc 22,28). Porque havia alguns que se tinham ligado profundamente a ele desde a aurora, e porque depois do batismo de João, o tinham visto vi ver e tinha até vivido com ele (At 1,21).

Este foi o período inicial. Tem o caráter passageiro e o encanto insubstituível que podem ter os começos de um grande amor, os princípios de uma amizade divina.

PARA REFLETIR NA EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

1. De quem e de onde Jesus recrutou seus primeiros discípulos?
2. Quais as características gerais do encontro de Jesus com os seus primeiros cinco discípulos?
3. Por ordem: quais os primeiros cinco discípulos que Jesus recrutou?
4. Em que ambiente espiritual deu-se o encontro de Jesus com seus primeiros cinco discípulos?
5. De que maneira deu-se o encontro de Jesus com João e André?
6. De que maneira deu-se o encontro de Jesus com Pedro?
7. O que houve de especial no encontro de Jesus com Pedro?
8. De que maneira se comporta João, como escritor, ao se referir a Pedro?
9. Como foi o encontro de Jesus com Filipe?
10. Como foi o encontro de Jesus com Natanael?
11. Que houve de especial no encontro de Jesus com Natanael?

Terceira Parte:

Subsídios para a Espiritualização
nas reuniões

- a) Orações
- b) Salmos
- c) Cantos



1. MÃOS VAZIAS

Senhor,
aqui estou eu novamente em tua presença.
Hoje eu trago minhas mãos vazias.
Parece ironia, parece desfeita, mas este
é um precioso presente que te quero ofertar.
Senhor, eu já pensei muitas vezes nas coisas
que a vida me deixou fazer.
Dias houve em que eu me deitava com a certeza
de ter feito coisas úteis
e de ter transformado o mundo.
Dias houve em que realmente pensei ser bom,
ser até caridoso!
Hoje, Senhor, à luz do meio dia da vida é diferente.
Vezes há em que tenho a impressão de que
a vaidade, o amor-próprio, o orgulho
invadiram minha vida
e estragaram as obras de minha história.
Tenho hoje as mãos vazias.
Tudo o que pude fazer parece ridículo e sem valor.
Minhas mãos estão vazias,
e são estas mãos que te ofereço.
Estas mãos vazias, porque nada posso.
Lembro-me hoje de uma palavra do Evangelho que diz
devermo-nos considerar servos inúteis
depois de ter feito aquilo que devíamos fazer.
Essa convicção invade hoje a minha vida.
Tenho certeza da inutilidade das coisas que faço
e que posso fazer.
Minhas mãos, meu coração, minha vida são teus.

2. ORAÇÃO DO POBRE DE CORAÇÃO

Senhor,
eu estou simplesmente em tua presença.
Eu me coloco com toda minha disponibilidade
em tuas mãos.
Tu conheces a insignificância do meu ser.
Tu conheces a incapacidade radical que tenho
de ser bom, de viver o teu amor,
de dar-me aos outros.
Tu conheces os momentos sérios
em que tenho a pretensão de me julgar melhor que os outros.
Tu conheces, Senhor, esse desejo tolo que nasce dentro de mim
de apontar os defeitos dos outros.
Desejo tolo, porque eu tenho defeitos e chagas muito piores,
muito mais violentos.
Gostaria de sentir arrepios ao receber elogios
por atos que sei estarem cheios de egoísmo,
de orgulho, de busca doentia de mim mesmo.
Sei que o maior no Reino é aquele que serve.
Sei que esses homens todos são meus irmãos,
e que não tenho nenhuma superioridade sobre eles.
O que eu quero te pedir nesta hora
é ser servidor de todos.
Quero ser aquele que passa por entre os homens
com o coração disponível, pequeno servidor.
Quero lavar-lhes os pés.
Tu és meu Pai. Tu me compreendes.
Recebe, agora, a oração deste meu pobre coração.

3. ORAÇÃO DA COMUNHÃO

Coloco-me, Senhor, mais uma vez em tua presença.
Lanço um olhar para essa imensa terra dos homens,
para essa terra de meus irmãos, os homens.
Caminhante e peregrino com eles, sinto dentro de mim
uma sede insaciável de comunhão.
Viver em comunhão com meus irmãos, os homens,
é a meta de minhas preocupações.
Ando ao lado de rostos cansados e desanimados
que estão à beira do meu caminho.
Muitos de meus companheiros parecem não me aceitar
como sou e me fazem restrições.
Alguns chegam mesmo a colocar impecilhos

em minha história.
Mas eu não gostaria de viver na separação,
na indiferença de todos eles.
Tenho em mim um forte desejo de comungar
com todos eles, apesar de seus rostos fechados,
de seus momentos de crise, de suas horas de inveja.
Gostaria de poder deixar de ser o centro de mim mesmo
e preocupar-me mais com eles do que comigo.
Não quero enxergar imediatamente a mediocridade deles
tão parecida com a minha mediocridade.
Não quero aumentar as ofensas que me fazem.
Quero aceitar velhos e novos, avançados e retrógrados,
com um coração compreensivo e amigo,
apesar de todas as diferenças.
Quero ser irmão dos homens.
Teu Filho foi meu irmão e irmão de todos os homens.
Ele viveu estreita união contigo e com todos os homens.
Nesta hora da vida venho suplicar-te
a graça da comunhão.

4. ORAÇÃO DAS HORAS CINZENTAS

Nem todo o dia, Senhor, é dia de claridade.
Há dias em que o sol se cobre e nuvens aparecem,
no céu e no horizonte de minha vida.
As belas coisas que te prometi,
os lindos anseios que me animavam,
os sonhos que alimentei se desmoronam.
Vejo, então, tudo diferente.
A monotonia da vida,
a maldade dos corações dos homens,
a futilidade das coisas de todos os dias,
as incompreensões que vivo a cada instante,
me fazem viver horas cinzentas e escuras.
Senhor, eu sei que essas horas passam...
Sei que por detrás das nuvens brilha ainda o sol.
Sei que apesar dos pesares o mundo está em tuas mãos.
Sei, mas é difícil crer, é tremendamente difícil crer.
Crer num mundo novo, quando tudo parece marcado
pela velhice, pela morte.
Crer no teu amor, quando tudo me parece falar de ódio.
Crer nas pessoas, quando tenho certeza
que elas não estão dispostas a viver o amor.
Mas, Senhor, eu queria ver o sol brilhar.
Fecho meus olhos em tua presença.
Sei que o mundo está em tuas mãos.

Sei que teu Filho é meu companheiro.
Sei que a vida de teu Filho penetra
na vida de minha vida.
No mistério da fé, na noite escura da fé,
no coração da noite de minha caminhada
eu creio que um mundo novo está sendo construído.
Aumentai, Senhor, a minha fé.

5. ORAÇÃO DA INTIMIDADE COM DEUS

Senhor,
Tu que estás acima de nós,
Tu, que és um dentre nós,
Tu, que és - também - em mim,
Que eu possa preparar o caminho para ti,
Que eu possa agradecer por tudo o que me tem acontecido.
Que eu não esqueça jamais as necessidades dos outros.
Conserva-me no teu amor.
Assim como Tu queres que os outros se conservem no meu.
Que tudo em meu ser se transforme em teu louvor.
Que eu jamais chegue a desesperar.
Pois eu estou em tuas mãos,
E toda a força e bondade estão em ti.
Dá-me um espírito puro - para que eu te possa ver.
Dá-me um espírito humilde - para que eu te possa ouvir.
Dá-me um espírito amoroso - para que eu te possa servir.
Dá-me um espírito fiel - para que eu possa permanecer em ti.

6. QUEM ÉS TU, SENHOR JESUS?

Desde a minha infância escutei falar de ti,
Senhor Jesus.
Aprendi a te estimar desde pequeno.
Hoje, que a vida já me marcou,
gostaria de te conhecer melhor.
Sei que tu não és um homem com belas idéias.
Sei que és mais do que um agitador de massas,
mais que um homem sincero.
Sei que tu és a expressão humana de Deus.
Sei que tu és a esperança de todos os homens,
de todas as épocas, de todas as raças.

Sei que és a invasão de Deus no humano,
a revelação mais evidente do mundo do Pai.
Mas, Senhor Jesus, onde eu poderia encontrar-te hoje?
Gostaria de escutar tua voz,
tocar tuas vestes e falar contigo.
Sim, sei onde estás.
Sei que continuas vivo; és Aquele que Vive.
Quando escuto teu Evangelho, tu me falas.
Quando partilho a Eucaristia com meus irmãos, tu aí estás.
Quando me reúno com meus irmãos, os homens,
tua presença se faz sentir.
Quando socorro a alguém com o copo d'água fria
ou com o pão da afeição,
tiro a tua sede e cubro-te de amor.
Tu estás bem perto de mim.

7. ORAÇÃO DA CLARIDADE

Senhor,
mais uma vez estamos vivendo uma profunda intimidade.
Cada um de nós viu sua vida invadida
maravilhosamente pela tua vida.
Vivemos agora a ventura de tua vida em nossa existência,
da tua força em nossa fraqueza,
de teu vigor em nossa miséria.
Tua luz penetrou nos cantinhos do meu ser.
Tu és a luz de minha caminhada.
Tenho certeza, Senhor, que somente na tua luz
poderei construir belamente a minha vida.
Sei que tu vives na luz e que quiseste nos dar
um pouco de tua luz.
Mas, infelizmente, à minha volta tudo é trevas.
Senhor, os homens parecem gostar de andar nas trevas.
Parece que gostam de ter as coisas cobertas
e andar à esmo.
Não querem ver.
Esse também é meu pecado:
muitas vezes não quero ver.
Tenho medo que, enxergando, a minha vida
tenha que ser mudada.
Eu te suplico, Senhor, abre os meus olhos.
Nesse momento de sinceridade tenho certeza
que quero enxergar.
Deixa que tua luz penetre agora nas trevas de minha vida.
Eu quero ver, Senhor, eu quero ver.

8. QUERO SER FONTE

Senhor, estamos juntos.
Tu acabas de penetrar mais uma vez
em minha vida.
Tu acabas de te instalar no coração do tempo de minha vida.
Eu te agradeço este instante abençoado,
esta hora de meditação,
este momento de profunda união vital.
Tu já estavas dentro de mim. Eu sei que estavas.
Tu que disseste que estarias em forma de fonte de água viva,
dentro daquele que tivesse bebido
tua vida, tua pessoa, teu evangelho.
Em alguns instantes raros de minha vida
contemplei teu rosto pela fé e senti
que uma fonte nascia no coração de minha vida.
Senhor, muitas vezes o rochedo de minha existência
impede que a água jorre.
Muitas vezes coloquei uma pedra
no poço de minha existência,
e tua água não pôde jorrar.
Passeando pelas alamedas de meu coração,
em momentos de reflexão,
percebi fendas abertas, rachaduras no chão,
pedregulho espalhado: uma terra deserta.
Faze, Senhor, que eu me torne uma fonte generosa de água.
Da água que vem do teu Espírito.
Teu Espírito que paira sobre a fonte de minha vida.

9. TRANSFIGURAÇÃO

Senhor,
mais uma vez estamos juntos.
Estamos juntos eu e tu, e meus irmãos.
Tua vida penetrou a minha vida.
Minha história é tão banal, tão vazia, tão medíocre.
Não tenho grandes coisas na história de minha vida.
Vezes há, até, que me pergunto se minha vida tem sentido.
Há tanto vazio, tanta complicação, tanta infidelidade.
Mas quando estou contigo,
parece que o entusiasmo e o ânimo renascem,
revivem, reaparecem.
E hoje eu contemplei com meus irmãos,
com Pedro, Tiago e João,

teu semblante transfigurado, iluminado, reluzente!
Tu, Senhor Jesus, tu és o Deus de toda a luz!
Tu és o Deus de toda a claridade e beleza.
É bom estarmos aqui contigo. É bom viver contigo.
Mas, melhor ainda, Senhor,
é ter certeza de que estás comigo pela vida,
pela tua graça, pelo teu amor.
É bom ter a esperança de que este meu rosto
também pode ser um rosto transfigurado, iluminado,
reluzente, na medida em que tu fores tomando conta de mim.
Livresmente, alegremente, jubilosamente eu te suplico
que, aos poucos, eu vá me identificando contigo,
até o ponto de poder dizer com os apóstolos:
"Senhor, é bom estarmos aqui."

10. TENTAÇÃO

Senhor,
hoje eu me lembro da tentação de teu Filho.
Teu Filho, Jesus, viveu em sua carne o drama da tentação.
A tentação também me dilacera por dentro.
Eu sei, Senhor, que a tentação
é um momento privilegiado de opção.
Sei que posso robustecer-me por dentro,
vencendo a tentação.
Mas antes de vencer a tentação
há muita coisa e há muita história.
Senhor, como eu sou fraco.
A tentação chega a mim revestida de uma bela roupagem.
Parece que ela é portadora de felicidade.
Cedendo às suas solicitações
tenho, às vezes, a certeza de que serei feliz.
Há uma luta dentro de mim, uma guerra surda e desesperada
no momento da tentação.
Devo confessar, Senhor, que muitas vezes
meu coração está adormecido e caio sem pensar.
Depois, Senhor, depois é como um edifício
que desmorona dentro de mim,
e eu fico olhando pedras amontoadas sobre pedras.
E um gosto amargo me chega aos lábios.
Senhor, hoje eu me lembro da tentação de teu Filho.
Dá-me coragem, resistência, energia, entusiasmo,
força para que eu vença as tentações da vida.
Eu te imploro por Jesus Cristo, teu Filho
e meu Senhor. Amém.

11. A CASA DA ROCHA

Senhor, mais uma vez estamos juntos.

É bom estarmos juntos.

Tua vida penetrando em minha vida,
teu espírito tomando conta de mim,
teu evangelho sendo o ar que respiro.

Vezes há em que parece-me ouvir tua voz
que chega bem perto dos meus ouvidos:
"todo aquele que ouve as minhas palavras
e as põe em prática, é semelhante ao homem prudente
que construiu sua casa sobre a rocha".

Na medida em que estas tuas palavras e todas as outras
vão penetrando em minha vida,
tenho certeza de que o fundamento de minha existência
é sólido.

Mas, na verdade, meus ouvidos de dentro
ainda andam surdos.

Ouçõ os sons de tuas palavras, mas não a mensagem mesma.
Minha vida, Senhor Jesus, é sacudida
por uma série de tempestades e vendavais.

Às vezes me encolho num cantinho
com medo de que tudo desmorone,
tudo caia, tudo se esfacele.

Ventos, chuvas, raios, enxurradas,
parecem querer devorar a casa de minha vida,
porque minha fé é frágil,
porque minha vontade é débil,
porque eu sou inconstante.

Eu não queria que fosse assim.

Senhor Jesus, eu não quero dizer que te amo,
que te quero, que tu és o meu Senhor
somente com os lábios, mas com o coração.

Nesta hora de verdade

eu me coloco em atitude de escuta.

Tudo, dentro de mim, está preparado para ouvir tua palavra.

Tua palavra se compara a pedras fortes
que vão sendo colocadas no edifício de minha vida.

E depois que a casa estiver pronta,
podem vir os vendavais,
podem soprar os tufões,
podem chegar as enchentes.

A casa não se abalará.

Tenho certeza que o sol voltará a brilhar, Senhor Jesus.
No horizonte de minha vida,

sacudida pelas tempestades
haverá uma claridade que vem de teu amor.

12. A FESTA DO ENCONTRO

Senhor,
acabamos de viver um encontro.
Eu me encontrei contigo.
Tu te encontraste comigo.
Nós todos nos encontramos.
Vivemos agora a festa do encontro.
Como é bom quando a gente se encontra.
Nós andamos muito, caminhamos tanto,
peregrinamos sequiosamente e temos fome de encontro.
Senhor, nós somos como os teus amigos de Emaús.
Caminhamos com o rosto triste,
com a cabeça baixa, ruminando pessimismo,
respirando um certo ar de azedume.
A estrada da vida é longa...
é longa a se perder de vista.
E lá em baixo a noite... a noite com seus mistérios.
A noite das incertezas que vem fazer dança
nas avenidas de nosso coração.
Teus amigos de Emaús me ensinaram hoje
que tu fazes caminhada conosco.
Tu és nosso companheiro.
Nós te ouvimos, Senhor Jesus, falando pelas Escrituras.
Nós sentamos à mesa contigo.
Eu não faço minha caminhada sozinho, abandonado.
Tu caminhas comigo.
Que coisa esplendidamente maravilhosa
saber que na estrada de Emaús
não estou entregue ao horizonte bitolado
de minhas coisas e de minha insignificância.
É por isso que nosso coração por vezes arde
de um fogo que não sabemos explicar.
Mas olha, Senhor, a noite vem chegando,
a noite está batendo às portas de nossa vida.
Fica conosco, pois o dia já declina!

SALMO 102 - HINO À MISERICÓRDIA DO SENHOR

- Bendize ao Senhor, ó minha alma,
e todo o meu ser, seu santo nome.
- Bendize ao Senhor, ó minha alma,
não esqueças nenhum de seus favores.
- Pois ele te perdoa toda culpa
e te cura de toda enfermidade.
- Ele salva da cova tua vida
e te cerca de carinho e compaixão.
- Ele sacia de bens tua existência
como a água, te renova a juventude.
- O Senhor realiza a justiça
e garante o direito aos oprimidos.
- Revelou os seus caminhos a Moisés
e aos filhos de Israel seus grandes feitos.

II

- O Senhor é ternura e compaixão,
custa irar-se e é grande no amor.
- Não fica sempre repetindo as suas queixas,
nem guarda eternamente o seu rancor.
- Não nos trata segundo as nossas faltas,
nem nos paga em proporção às nossas culpas.
- Mais alto do que os céus sobre a terra
é seu amor por aqueles que o temem.
- Mais longe que o Nascente do Poente
ele afasta de nós nossos pecados.
- Como um pai que tem pena de seus filhos,
ele tem pena daqueles que o temem.
- Pois ele sabe de que barro somos feitos
e se lembra que não somos senão pó.
- São os dias do homem como a erva,
como a flor do campo ele floresce,
mas apenas sopra o vento ela se vai
já nem sabemos onde era o seu lugar.

III

- Mas o amor do Senhor, por quem o teme,
é desde sempre e perdura para sempre.
- e seu amor fiel se estenderá
nas gerações até os filhos de seus filhos,
- aos que sabem guardar sua aliança
e se lembram de cumprir os seus preceitos.
- O Senhor pôs o seu trono lá nos céus,
e seu reinado abrange o mundo inteiro.
- = Bendizei ao Senhor seus anjos todos, +
fortes heróis que cumpris as suas ordens,
sempre atentos para ouvir a sua voz.
- Bendizei ao Senhor, ó seus exércitos,
servos de Deus, que fazeis sua vontade!
- = Bendizei ao Senhor, suas obras todas, +
em todo o lugar onde ele reina.
Bendize ao Senhor, ó minha alma.

SALMO 125 - ALEGRIA DE VOLTAR

- Quando o Senhor reconduziu nossos cativos,
parecíamos sonhar.
- Nossa boca encheu-se de sorrisos,
nossos lábios de canções.
- Entre os pagãos se dizia: "Maravilhas
fez com eles o Senhor."
- O Senhor fez conosco maravilhas:
exultamos de alegria.
- Reconduzi, Senhor, nossos destinos
como torrentes no deserto.
- Os que em lágrimas semeiam sua semente,
ceifarão com alegria.
- Chorando, chorando sairão,
espalhando suas sementes.
- Cantando, cantando voltarão,
trazendo os seus feixes.

- Senhor, vós me sondais e me conheceis, sabeis quando eu me sento ou me levanto.
- = De longe penetrais meus pensamentos, + percebeis quando me deito e quando ando: os meus caminhos vos são todos conhecidos.
- A palavra nem chegou à minha língua e já, Senhor, a conheceis inteiramente.
- Por detrás e pela frente me envolveis: pusestes sobre mim a vossa mão.
- Esta verdade é por demais maravilhosa, é tão alta que não posso compreendê-la.
- Em que lugar me ocultarei de vosso espírito? Para onde fugirei de vossa face?
- Se eu subir até os céus, ali estais, se eu descer até o abismo, estais presente.
- Se a aurora me emprestar as suas asas, para eu voar e pousar no fim dos mares:
- até lá vai me guiar a vossa mão, vai segurar-me com firmeza a vossa destra.
- Se eu pensasse: "A escuridão vai me esconder, e que a luz ao meu redor torne-se noite!"
- = as próprias trevas para vós não são escuras, + a noite resplandece como o dia, e as trevas, para vós, são como a luz.

II

- Fostes vós que me formastes as entranhas e me teceste no seio de minha mãe.
- = Como fui feito de um modo admirável! + Eu vos louvo, por isso, eu vos dou graças. Que maravilha as vossas obras, ó Senhor.
- Até o mais íntimo, Senhor, me conheceis: não ignoráveis qualquer de minhas fibras,
- quando eu era plasmado ocultamente e no profundo da terra, modelado.
- Ainda informe, os vossos olhos me olharam e os meus dias, por vós, foram previstos.
- Em vosso livro estavam todos anotados antes mesmo que um só deles existisse.

- Quão insondáveis são os vossos pensamentos!
Incontável, Senhor, é o seu número.
- = Se eu os conto, eles são mais que os grãos de areia, +
se chego ao fim, ainda estou, convosco, em falta,
estou diznte do mistério que sois Vós.
- Meu Deus, sondai-me, conheci meu coração,
examinai e provaí meus pensamentos.
- Vede bem se não estou no mau caminho,
no caminho da vida guiaí meus passos.

SALMO 145 - ESPERAR NO SENHOR

- = Louva e bendize, ó min'alma ao Senhor, +
por toda a vida louvarei ao Senhor,
enquanto eu vivo cantarei ao meu Deus.
- Não ponhais vossa fé nos poderosos:
nenhum homem pode dar a salvação.
- = Quando o sopro da vida sair dele,+
ele volta para a terra de onde veio
e os seus planos nesse dia se dissipam.
- Feliz quem tem o Onipotente por auxílio,
feliz quem põe no Senhor Deus sua esperança.
- No Senhor Deus que fez o céu e a terra,
fez o mar, e tudo o mais, o que existe.
- Ele é fiel para sempre e eternamente
e faz justiça aos indefesos e oprimidos.
- ele dá o alimento a quem tem fome,
é o Senhor quem liberta os prisioneiros.
- O Senhor dá ao cego a luz dos olhos,
o Senhor é quem levanta os abatidos.
- O Senhor muito ama os que são justos,
o Senhor é que protege o estrangeiro.
- Ele ampara o órfão e a viúva,
mas confunde os caminhos dos malvados.
- = O Senhor reinará eternamente. +
Ó Siao, o teu Deus há de reinar
para sempre e através das gerações.

Terceira Sessão

CANTOS

1. VEM E SEGUE-ME.

Não perguntaste, Senhor, - Qual caminho caminhei!
Tu não quiseste saber, - Quantas vezes te deixei.

ESTR. - Disseste apenas: "Vem, Segue-me."
Eu eu te entreguei o meu mundo.

Ah! quem me dera te amar - Imensamente, Jesus.
Mas é difícil levar, - Esta minha pobre Cruz.

Hoje te peço, Senhor, - Fica em meu coração.
Com tua força e ardor - Trevas não me abaterão.

FINAL - Hoje ainda dizes: Vem, Segue-me.
E hoje eu te entrego o meu mundo.

2. EU SOU O SENHOR TEU DEUS.

Eu sou o Senhor teu Deus, - Que te conduz pela mão.
Chamei-te para a justiça, - Pureza de coração.

ESTR. - Aqui estou, ó Senhor,
E te ofereço o meu sim.
Chamaste-me, escutei.
Não pude deixar de vir.
Sou grato, Senhor, operaste,
Mil maravilhas em mim!

Se mando-te apascentar - A minha amada grei,
Irás confiante, meu filho - Contigo sempre estarei.

Eu sou o Senhor teu Deus - Tu tens minha proteção.
Vai, abre os olhos aos cegos - Sê luz para teu irmão.

3. PRESTAI ATENÇÃO PARA OUVIR

ESTR. - Prestai atenção para ouvir.
Irmãos, olhai para ver.
O Deus que nos dá sua mensagem,
Fiel é em seu proceder.

Se me recomendas os teus mandamentos
Confia em mim e põe tua esperança,
Terás minha mão no remanso da vida,
E dela, feliz, gozarás segurança.

Evita a maldade e faz o bem.
Assim poderás de verdade viver.
Pratica a justiça e fica comigo,
Confia e não te deixarei perecer!

4. SOBRE O ALTAR

Sobre o altar - Vou colocar - A minha oblação.
Quando nela houver - Se há de converter
Em Jesus na Consagração.

Dou-vos, Senhor - O meu amor - Na hóstia do altar.
E que tudo em mim - Suba a vós, em fim,
Para sempre se consagrar.

Pelo valor - Da vossa dor - Na imolação da cruz,
Infundi em nós - Mais amor por vós,
Ó Deus Redentor, Bom Jesus.

Dou-me também - Por quem não tem - A vossa luz, meu Deus,
Por eles olhai - Com olhos de Pai,
Dai-lhes o caminho do céu.

5. SENHOR, ABRI OS MEUS OLHOS

Senhor, abri os meus olhos, - Às maravilhas do vosso amor.
Eu sou o cego pelo caminho, - Curai-me, eu vos quero ver.

*ESTR. - Senhor, aumentai minha fé,
Senhor, aumentai minha fé.*

Senhor, abri minhas mãos, Que prá guardar sempre se fecham.
Tem fome o pobre à minha porta. Ensinai-me a partilhar.

Senhor, fazei com que eu ande, Embora duro seja o caminho.
Quero seguir-vos até à Cruz. Vinde, tomai minha mão.

6. COMO A CORÇA SUSPIRA

ESTR. - *Como a corça suspira pela torrente,
Minh'alma suspira por vós, Senhor!*

1. Minha alma tem sede do Deus vivo:
Quando irei me apresentar diante de sua face?
Tenho sede de encontrar seu rosto amigo.
Meu pão dia e noite são as lágrimas,
E me perguntam: Onde está meu Deus?
Onde está meu Deus?
2. Deixo que minha alma se expanda,
E ... pergunto pelo tempo em que transpunha as barreiras,
E marchava para a casa de meu Pai,
Levando comigo uma multidão em festa.
Por que desfaleces, minha alma,
E gemes calada no meu peito?... Espera em Deus.
3. Ó meu Deus, minha alma desfalece!
Nestas terras tão estranhas, tão difíceis
Vos evoco: Vinde!
Adversários me ultrajam, me machucam.
Enviad-me vossa graça, e vos poderei louvar.
Sois vós, meu Deus, rochedo e segurança .
Por que vos esqueceis de mim?
Onde estais, meu Deus?
4. Senhor, meu Deus, inquieto vos procuro,
Sequiosa de vós está minha alma.
Meu corpo também por vós anseia
Como a terra ressequida pedindo água.
5. Venho agora vos ver no santuário,
E contemplar vosso poder e vossa glória.
Sim, vosso amor vale mais do que a vida,
Por isso meus lábios agora vos bendizem.
6. Quero louvar-vos ao longo dos meus dias,
Ao vosso nome erguerei as minhas mãos.
De vós, meu Deus, eu me lembro no meu leito,
Nas vigílias noturnas suspiro por vós.
7. Vós fostes, em verdade, meu auxílio,
Pois alegre-me à sombra de vossas asas.
Quando minha alma se apegou a vós,
Vossa mão direita me amparou.

7. NOSSA ALEGRIA É FRANCISCANA

Nossa vida sai de Deus como canção...
Alvorada de alegria e f'licidade..
Juventude é ilusão e otimismo em explosão,
É viver cada momento em amizade.

*Nossa alegria é franciscana
Sorrir, cantar: Nossa divina e pregão.
Nossa alegria é franciscana,
Sorrir, cantar com emoção.
Somos arautos de Francisco,
Os pregoeiros do amor,
Vamos viver sua mensagem,
Como o perfume de rosa em flor!*

Ser no mundo mensageiro do Senhor
É levar aos homens todos a alegria,
É viver o seu amor
No descanso e no suor,
Na vitória e no fracasso em cada dia.

A alegria vem de Deus no coração.
Alegria levarei ao mundo inteiro.
Se viver em união,
Com o homem, meu irmão,
Construindo um Mundo novo verdadeiro.

8. PELO IRMÃO SOL

Pelo irmão sol, por quem nos alumias,
Nós te louvamos, Altíssimo Senhor,
Porque é radiante, e belo à tua imagem,
Nós te cantamos com todo o nosso amor.

*Louvado Sejas, Louvado Sejas
Louvado sejas, meu Senhor.*

Pela irmã lua e o coro das estrelas,
Porque são claras, preciosas e belas.
Pelo irmão vento, pelo ar e todo o tempo
Por quem às tuas criaturas dás sustento.

Pela irmã água, que a todos é tão útil,
Porque é humilde e preciosa e casta.
Pelo irmão fogo que alumia a noite
Porque ele é belo, alegre e muito forte.

Pela irmã terra, que a todos nos governa
Porque dá flores e frutos e verdura.
Pelos teus filhos que sabem perdoar,
Os que suportam doenças e trabalhos.

E por aqueles que amam tua paz,
Porque no fim os has de coroar.
Por nossa irmã, a morte corporal
E por aqueles a quem não fará mal.

Pelo teu servo, Francisco nosso irmão,
Nós te louvamos, Altíssimo Senhor.
Porque está vivo em nosso coração,
Nós te cantamos com todo o nosso amor.

9. QUERO SER PROFETA

Vou falar de Deus, - A todo o mundo vou...
Pra ser Evangelho - Alguém me convidou.
Encontrei Jesus- Que veio convidar
Pra eu ir com ele - O mundo transformar.

Meu Jesus chamou - Não pude resistir.
Disse que era inútil - Tentar me omitir.
Para a minha vida - Cristo vai entrar,
E então seu reino - Vou profetizar.

Vou seguir Jesus - Seguir por amor.
Tanto no Calvário - Como no Tabor.
Olhar para frente - E continuar
De seguir com Cristo - Não mais me cansar.

10. QUANDO MEUS BRAÇOS ABRI

Quando meus braços abri para o pobre abraçar...
Quando minhas mãos estendi para o outro se erguer...

*Tua presença senti,
Minha fé aumentou.
Teu amor se encarnou, Senhor.*

Quando na noite fui luz para o irmão prosseguir.
Quando na hora da dor no meu peito acolhi.

Quando o irmão a vagar sem ter onde morar...
Quando sem pão prá comer, meu lugar lhe entreguei:
Quando a criança a chorar, pela fome abater...
Quando a mãe a sofrer minha ajuda lhe dei:

11. VÁRIOS CAMINHOS

Esta terra está cheia de coisas
Que muitos homens podem querer...

São estradas por onde caminho,
São frutos que posso colher.
Flores que têm muitas cores
E cujo perfume me leva a sonhar.

São vozes, canções, poesias,
Alegria, tristeza e silêncio,
São homens, mulheres, crianças,
Olhares tao vivos que posso encontrar.

E se alguém vier dizer-me;
A mim não basta, quero ainda mais!
Eu lhe respondo: Sim, há um mundo,
Bem mais grandioso a descobrir.

Há uma terra cheia de coisas,
Que ainda poucos sabem entrever.

São estradas de luz adornadas,
São frutos de outro sabor.
Flores abertas pra sempre
Porque nesta vida souberam morrer.

Sao vozes, canções, poesias,
Que percebes se em ti há silêncio,
São homens que vivem dizendo,
A quem sabe ouvi-los palavras tão vivas.

São estradas de luz adornadas,
São frutos de outro sabor.
Flores abertas pra sempre
Porque nesta vida souberam morrer.

12. VOLTEI PARA MEU DEUS

Voltei, voltei para meu Deus!
Voltei, voltei para ficar!
Eu tinha tanto amor prá dar,
Voltei, voltei para meu Deus!

O Reino do céu chegou
É Reino de perdão.
Fazei penitência,
Mudai o coração.

Voltei, voltei para viver!
Voltei, voltei para ficar.
A vida sem ele é morrer.
Voltei, voltei para viver.

Voltei, voltei para crescer.
Voltei, voltei para amar.
Eu tinha tanto amor prá dar.
Voltei, voltei para ficar.

13. IRMÃO SOL, IRMÃ LUA

Irmão Sol, Lua, minha irmã,
Abri meus olhos, eu vos quero ver.
Hoje entendi: não mais estou só,
Sou uma parte de uma imensa vida.
Que generosa transborda em mim,
Imenso dom de um amor sem fim!

O céu nos deste, e as estrelas claras,
Nosso irmão sol e a lua nossa irmã.
Nossa mãe terra, com frutos, campos, flores,
O fogo, o vento, o ar e a água pura.
Fonte de vida de tua criatura,
Imenso dom do teu amor sem fim.

14. BALADA POR UM REINO

Por causa de um certo Reino
Estradas eu caminhei,
Buscando sem ter sossego,
O Reino que eu vislumbrei.
Brilhava a estrela d'alva
E eu quase sem dormir,
Buscava este certo Reino,
A lembrança dele a me perseguir.

Por causa daquele Reino
Mil vezes eu me enganei,
Tomando caminho errado,
Errando quando acertei.
Chegava ao cair da tarde
E eu quase sem dormir,
Buscando este certo Reino
A lembrança dele a me perseguir.

Um Filho de Carpinteiro,
Que veio de Nazaré.
Mostrou-se tão verdadeiro,
Fôs vida na minha fé.
Falava de um novo Reino,
De flores e de pardais,
De gente arrastando a rede
Que eu tive sede de sua paz.

O Filho de Carpinteiro,
Falava de um mundo irmão.
De um Pai que era companheiro,
De amor e libertação.
Lançou-me um olhar profundo,
Gelando meu coração,
Depois me falou do mundo
E me deu o selo da vocação.

Agora quem me conhece,
Pergunta se eu encontrei
O Reino que eu procurava,
E se é tudo o que eu desejei.
E eu digo pensando nEle,
No meio de vós está,
O Reino que andais buscando
E quem tem amor compreenderá.

Jesus me ensinou de novo
As coisas que eu aprendi.
Por isso eu amei meu povo,
E o livro da vida eu li.
Em cada menina-moça,
Em cada moça e rapaz,
Eu sonho que a minha gente
Será semente de eterna paz.

Quarta Parte

Subsídios para a recreação nas reuniões

- a) Brincadeiras
- b) Canções folclóricas



Primeira Sessão:
BRINCADEIRAS COMUNITÁRIAS

MÚSICA MÁGICA

Formação - Os participantes ficarão na sala, menos um, que ficará do lado de fora.

Desenvolvimento - Os primeiros combinarão qual a ação que o companheiro deverá executar com determinado objeto. Após resolverem, chamá-lo-ão e cantarão uma melodia, a fim de guiá-lo em sua pesquisa. Graduarão a música, fazendo-a forte, piano e pianíssimo, conforme o jogador se achar longe ou próximo do objeto e da ação a realizar. Quando ele pegar o objeto, a música se fará ouvir forte, mas suavizará imediatamente se se enganar na ação a executar. À realização acertada, os companheiros baterão palmas, festejando o jogador vitorioso, o qual escolherá, então, seu substituto.

CACHORRO E OSSO

Material - Lenço e um objeto qualquer.

Formação - Um dos jogadores, tendo os olhos vendados, sentar-se-á ao centro de uma roda formada pelos companheiros, também sentados. O primeiro representará o "cachorro", que terá perto de si o objeto.

Desenvolvimento - A um sinal do chefe, um jogador do círculo tentará, cautelosamente, apanhar o "osso". Percebendo algum ruído à aproximação do jogador, o cachorro "latirá" e experimentará indicar a direção em que este se acha. Se acertar, o último tornará a seu lugar na roda e o chefe escolherá outro para renovar a tentativa. Apontando, porém, erradamente, o mesmo jogador prosseguirá no caminho a fim de se apoderar do "osso". O jogador que conseguir apanhá-lo voltará ao círculo, e o esconderá, colocando as mãos atrás das costas, o que será imitado pelos companheiros. O jogador do centro, tirada a venda, tentará dizer em mãos de quem se encontra o "osso". Se acertar, continuará a representar o "cachorro" na repetição do jogo. Em caso contrário, permutará seu lugar com o que apanhou o "osso".

Desenvolvimento - Raquel fará soar a campainha, atraindo Jacó, que procurará segurá-la; mas Raquel se esquivará ou correrá, iludindo o companheiro que, sempre guiado pelo som da campainha, a perseguirá. Quando Raquel for apanhada, os dois escolherão se us substitutos e voltarão ao círculo.

MEU PAI TEM UMA LOJA

Formação - Os jogadores sentar-se-ão à vontade.

Desenvolvimento - Um jogador dirá: "Meu pai tem um armazém e vende "A" (arroz). Os companheiros, sem que sejam obrigados à ordem em que estiverem sentados, procurarão adivinhar o que significa a letra A. O que conseguir acertar poderá escolher outra casa comercial e apresentar a inicial de qualquer mercadoria que nela está à venda.

QUE É QUE ESTÁ MUDADO?

Formação - Participantes na sala, à vontade.

Desenvolvimento - Um deles sairá e os outros alterarão, dentro da sala, a posição de qualquer coisa ou pessoa. Chamado o primeiro, perguntar-se-lhe-á: "Que é que está mudado?" Se descobrir, escolherá um jogador para retirar-se e modificará, por sua vez, a posição de um outro objeto. Não acertando, pagará um castigo dado pelos companheiros.

QUANDO MEU VAPOR CHEGAR

Formação - Os participantes permanecerão sentados em suas carteiras ou dispostos em círculo.

Desenvolvimento - Um participante, designado pelo Recriador iniciará o jogo, dizendo: "Quando meu vapor chegar, vou..." e terminará a frase silenciosamente, executando um gesto. Imitará, por exemplo, quem coloca a cinta, calça os sapatos, etc. Os outros jogadores, um a um, repetirão a expressão "quando meu vapor chegar vou..." e os gestos feitos pelos anteriores, mais o seu.

Falta - Será excluído ou pagará prenda aquele que se esquecer de qualquer gesto ou alterar a ordem dos mesmos.

Vitória - No caso de exclusão, caberá a vitória ao que permanecer no jogo até o fim.

Segunda Sessão
CANÇÕES FOLCLÓRICAS

1. MEU SERTÃO

Do meu sertão resolvi descer,
Por que razão? Bem o sei dizer.
Estrada além, afirmei com fé.
Pra mais ninguém vou plantar café.

Morar eu quis nunca Capital,
Em que se diz viver menos mal.
Mas foi pior, pois eu logo vi,
Muito melhor, é onde eu nasci.

Pois foi chegar lá na Capital,
Prá só pensar, no meu arraial.
Eu, por aí, fui andando ao léu,
E me perdi, como um tabaréu.

Pois foi chegar lá na Capital,
Prá só pensar no meu arraial.
Eu por aí, fui andando ao léu,
E me perdi como um tabaréu.

Ao meu sertão decidi voltar,
Da plantação outra vez cuidar.
Onde encontrar, a não ser ali,
Melhor lugar, para mim, eu vi?

Eu quero ter, como girassol,
Por meu prazer, toda a luz do sol.
Adeus, adeus, pois ou vou voltar,
Vou ter aos meus, vou rever meu lar.

2. OH, QUE NOITE TÃO BONITA

Oh, que noite tão bonita, oh, que céu tão estrelado.
Quem me dera eu ver agora o meu lindo namorado.

Baixa, baixa, serraria, que eu quero ver a cidade.
Meu benzinho aqui tão perto, e eu morrendo de saudade.

Sete e sete são quatorze, com mais sete, vinte e um.
Todo o dia morre gente, lá no céu não tem nenhum.

Cravo branco na janela é sinal de casamento.
Menina, tira este cravo, que ainda não chegou teu tempo.

3. BOTA O NAVIO NO MAR

Anda à roda, oi gente, oi siu, siu, siu,
Vamos vadiar, oi siu, siu, siu.
Se meu bem quiser me ver, oi siu, siu, siu,
Bota o navio no mar, oi siu, siu, siu.

*Se você me der um cravo,
Ou uma rosa em seu botão.
Se você me der seus olhos,
Eu lhe dou meu coração.*

Lã vem a lua saindo,
Oh, que brilho que ela tem.
Não é lua não é nada,
São os olhos do meu bem.

Sete e sete são quatorze,
Com mais sete, vinte e um.
Tenho muitos que me querem,
Mas eu gosto só de um.

4. DESPEDIDA

Foi breve o tempo de ficar - E já vamos partir.
O céu permita aqui voltar - Em dias de porvir.

*As mãos nos damos como irmãos,
Neste saudoso Adeus.
As mãos nos damos como irmãos,
Pois o nosso Pai é Deus.*

Da muita dor, do mau sofrer - Do choro que passou...
Saudades vivas... a valer... - Eis só o que ficou.

De vós, colegas, que ficais - Por mil recordações,
Levamos mimos fraternais - Em nossos corações.

5. PEIXE VIVO.

Zum, zum, zum. Lã no meio do mar.
É o vento que nos atraza,
É o mar que nos atrapalha.
Para no porto chegar. Zum, zum, zum.

Como pode o peixe vivo - Viver fora d'água fria?
Como poderei viver - Sem a tua companhia?

Os pastores dessa aldeia - De mim fazem zombaria,
Por me ver andar chorando, - Sem a tua companhia.

Água fria fica quente, - Água quente fica fria.
Mas eu fico sempre gelo - Sem a tua companhia.

Água mole em pedra dura - Tanto bate até que fura.
Esta vida não se atura - Sem a tua companhia.

6. A DÔR DA SAUDADE

A dôr da saudade, quem é que não tem?
Olhando o passado, quem é que não sente
Saudades de alguém?

Da pequena casinha, à luz do luar,
Do vento manhoso, soprando pr'o mar.
Vai embora, saudade, da minha casinha
Que eu quero bem.

A dôr da saudade, quem é que não tem?
Quem é que não tem?
Não tem? Não? Tem?

7. DORME, DORME TRANQUILO

Dorme, dorme tranquilo,
Nesta noite calada.
O silêncio que te fala,
Té embala em grande amor.

Vês que a noite é sem luz,
Tudo é só e sem véu.
O silêncio conduz,
O teu sonho ao céu.

Fique aqui a escutar
Um pouquinho de nós.
Que trouxemos p'ra te dar
Muito mais que nossa voz.

8. CANTEMOS NOSSA ALEGRIA

Vamos cantando nossa alegria
Que em nos o dia vimos nascer.
Canta conosco mesmo onde estás,
Na tua paz queremos viver.

Recanto bem sagrado tens agora
Nos fazes lembrar o nosso outrora.

As nossas vidas cantam tua calma
Os sonhos que trazes dentro de tua alma.

Sorrir, cantar as belezas de uma vida,
É semelhante à roseira bem florida.

9. ANGELINA, BELA ANGELINA

Ó Angelina, bela Angelina,
Apaixonado estou por você,
Desde o outro dia, naquela festa,
Quando só dancei com você.

Você trajava uma blusa rosa,
E um coletinho de cor azul.
Par de sapatos, salto "ana bella",
De encomenda p'ra bem dançar.

10. ERA UMA NOITE EM QUE CHOVIA

Era uma noite em que chovia,
E assoviava um forte vento.
Vocês nem pensam no grande tormento,
Para um sentinela que está a vigiar.

À meia-noite chega o câmbio,
Acompanhado por outro soldado.
"Ó sentinela, volta ao teu posto,
Na tua barraca vai repousar."

Quando entrei na minha tenda,
Ouí um estrondo lá no horizonte.
Senti a chuva cair pela lona,
À carga d'água a barraca vergar.

Quando dormia na minha tenda,
Sonhei que estava contigo ao meu lado.
Em vez eu era um pobre soldado,
No acampamento a vigiar.

11. ONDE É QUE VOCÊ VAI, MARIAZINHA?

Onde é que você vai, Mariazinha,
Tão depressa a passear?

Eu não vou passar, vou à aula,
Tenho prova p'rá fazer.

Se eu soubesse que vai sozinha,
Eu a iria acompanhar.

E se você fosse uma rainha,
Eu a iria coroar.

Em vez é uma menininha,
Que tem prova prá fazer.

12. O EXPRESSO ESTÁ PARTINDO

O Expresso está partindo - Meu amor já vai embora.
Partiu sozinho para Brasília - Sabe Deus quando vai
voltar!

Voltarei no ano vindouro - Com uma farda desbotada.
Mas se a encontro com alguém casada - Oh, que pena,
que imensa dor!

Oh, que pensa, imensa dor - Como é doido amar alguém
assim - Mas eu prefiro é passar fome - Que ficar sem
gostar de alguém.

Me trancaram num convento - E me fizeram ficar freira.
E tosquiaram os meus cabelos - E lá se foi todo o meu
encanto.

O expresso está partindo
Meu amor já foi embora!

13. NOUTRO DIA QUANDO FUI À MISSA

Noutro dia quando fui à missa - Cortejada de muitos paqueras,
Encontrei com meu pai numa esquina - Que me deu uma bronca
daquelas! - Oh, sim, sim, Oh, não não.
Qual freirinha mandou-me ir prá casa.

Dize que me amas. Sou inocente como o sol
Que resplende no mar. Devo dizer "adeus" ao amor.
Oh, sim, sim, Oh, não não.
Devo dizer "adeus" ao amor.

Rapaziada, lamentem, lamentem - Me cortaram meus longos cabelos.
Vocês lembram o quanto eram belos. - Rapaziada, lamentem por mim.
Oh, sim, sim. Oh, não, não - Rapaziada, lamentem por mim.

14. ANA MARIA

Ana Maria subiu ao soton - E sentou-se à escrivaninha.
E pôs-se a escrever um bilheteinho - Para mandá-lo ao seu amor.
Seu namorado foi à Brasília - Prá servir como soldado.
"Ana Maria, seu namorado, - Na Capital achou outro amor!"
"Se eu encontrasse você sozinha - Um grande beijo lhe daria.
Mas se a encontro em companhia - De outro, lhe juro, que a matarei.

15. O CAÇADOR E A PASTORINHA

Um caçador que caçava, - Encontra uma pastorinha.
E era uma menina tão linda, linda - Que o caçador dela se enamorou.
Tomando-a pela mãozinha - Fê-la sentar-se ao seu lado.
E cheia de alegria e felicidade - A pastorinha se pôs a dormir.
Enquanto ela dormia - O caçador vigiava.
Rogava aos passarinhos que se calassem - Para que ela em paz
pudesse dormir.
Quando a menina desperta - Viu que estava sozinha.
Levanta a voz, então, para o céu e grita:
Tu me traíste, ó cruel traidor!
Não te traí, o menina, - Eu não sou não um traidor. Não sou!
Sou filho de um Senhor importante e rico, - Juro que casarei
contigo amanhã.

16. AMOR, DÃ-ME TEU LENCINHO

Amor, dá-me aquele lencinho
Que vou lavá-lo lá no ribeirão.
Vou lavá-lo em cima da pedra,
Cada esfregada, um suspiro de amor.
Vou lavá-lo num mólho de Omo,
Cada manchinha, um beijinho de amor
E o estendo num pé de roseira,
Para enxugá-lo c'ô a brisa do amor.
E o passo com ferro de braza,
Cada dobrinha, um beijinho de amor.

Vou levá-lo amanhã à tardinha,
Sem que o saibam Mamãe e Papai.

Hã quem diga que amar não é lindo!
Quem disse assim nunca soube amar!

17. PAI, DÃ-ME CEM CRUZEIROS!

Pai, meu pai, dá-me cem cruzeiros,
Que prá Europa vou viajar.

Meu irmão logo fez fuschico:
O que é que essa boba vai lá fazer?

Lã no meio do oceano
Nosso barco se afundou.

Pescador, que estás pescando,
A minha filha tens que pescar!

Com meu sangue vermelho e fino
O tubarão se regalarã.

Minha carne branca e pura
A baleia comê-la-ã.

Pobre pai, cadê tua filhinha,
E o dinheirinho que ela levou?

18. ALECRIM, ALECRIM.

Alecrim, alecrim dourado,
Que nasceu no campo sem ser semeado!
Ói, meu Amor, quem te disse assim,
Que a flôr do campo é o alecrim?

Alecrim, alecrim aos molhos,
Por causa de ti choram os meus olhos!
Ai. meu Amor, quem te disse assim,
Que a flôr do campo é o alecrim?

FICHA DE INSCRIÇÃO AO TREINAMENTO
Formulário

NOME _____
filiação _____
data de nas. _____ Profissão _____
endereço _____

Data do Trein. em 1º nível _____ Lugar _____
Treinador _____
Data em que encerrou o 1º nível do Tirocínio _____
Quais os seus colegas de entre-ajuda? _____

Que resultados julga ter conseguido com o 1º nível? _____

Que dificuldades encontrou no 1º nível? _____

Que acha de sua capacidade para viver em Fraternidade? _____

Que espera do 2º nível? _____

LOCAL DO TREINAMENTO _____

DATA _____ TREINADOR _____

OBSERVAÇÃO: *Você só é admitido ao Treinamento em 2º nível se estiver presente com TODOS os colegas que formam sua Equipe de Entre-Ajuda Fraterna.*

Lugar e data _____ Pagou C\$ _____

as. _____

Participante

as. _____

Departamento de Formação

OBSERVAÇÕES: Quanto aos formulários:

1. Ficha de Tirocínio
2. Relatório de Treinamento
3. Contrato de Treinamento

segue-se os mesmos modelos contidos no Manual do 1º nível (cfr. SEGUIN-DO FRANCISCO, 1º volume, pag. 222 a 224)

	LEITURA: Clamor pelo infinito pessoal	99
4a. Sessão:	Primeiro contato com o Texto da Regra da Ordem Franciscana Secular	103
	Carta de Apresentação dos Ministros Gerais	104
	Carta Apostólica de aprovação	106
	Regra da Ordem Franciscana Secular	108
5a. Sessão:	O caminho que conduziu a humanidade a Cristo	116
	LEITURA: A mensagem que ouvimos dele	120
6a. Sessão:	O Franciscanismo nasce como fraternidade	123
7a. Sessão:	João prepara a vinda de Jesus (estudo)	129
	LEITURA: A Palavra de Deus	137
8a. Sessão:	Textos da Regra da 1a. e 2a. Ordem	140
9a. Sessão:	Jesus se prepara para agir	149
10a. Sessão:	B e r l i n d a	161
11a. Sessão:	João apresenta Jesus (Estudo)	162
	LEITURA: Fenômenos únicos em Israel	168
12a. Sessão:	Revisão da dinâmica de reunião e pensamento	174
13a. Sessão:	Os primeiros discípulos de Jesus (estudo)	175
14a. Sessão:	Questionamento de nossa adesão à Ordem	184

Terceira parte: SUBSÍDIOS PARA ESPIRITUALIZAÇÃO

1a. Sessão:	ORAÇÕES	186
1.	Mãos vazias	186
2.	Oração do pobre de coração	187
3.	Oração da comunhão	187
4.	Oração das horas cinzentas	188
5.	Oração da intimidade com Deus	189
6.	Quem és tu, Senhor Jesus?	189
7.	Oração da claridade	190
8.	Quero ser fonte	191
9.	Transfiguração	191
10.	Tentação	192

11. A casa da Rocha	193
12. A festa do Encontro	194
2a. Sessão: SALMOS	195
1. Salmo 102: Hino à misericórdia do Senhor	195
2. Salmo 125: Alegria de voltar	196
3. Salmo 138: Presença universal de Deus	197
4. Salmo 145: Esperar no Senhor	198
3a. Sessão: CANTOS	199
1. Vem e segue-me	199
2. Eu sou o Senhor teu Deus	199
3. Prestai atenção para ouvir	199
4. Sobre o altar	200
5. Senhor, abri os meus olhos	200
6. Como a corça suspira	201
7. Nossa alegria é franciscana	202
8. Pelo irmão sol	202
9. Quero ser profeta	203
10. Quando meus braços abri	303
11. Vários caminhos	204
12. Voltei para meu Deus	204
13. Irmão sol, irmã lua	205
14. Balada por um reino	205
Quarta Parte: SUBSÍDIOS PARA A RECREAÇÃO	207
1a. Sessão: Brincadeiras	207
1. Música mágica	208
2. Cachorro e osso	208
3. Estou vendo uma coisa	209
4. Bom dia	209

5. Jacó e Raquel	209
6. Meu pai tem uma loja	210
7. Que é que está mudado?	210
8. Quando meu vapor chegar	210
2a. Sessão: Canções folclóricas	211
1. Meu sertão	211
2. Oh, que noite tão bonita	211
3. Bota o navio no mar	212
4. Despedida	212
5. Peixe vivo	212
6. A dôr da saudade	213
7. Dorme, dorme tranquilo	213
8. Cantemos nossa alegria	214
9. Angelina, bela Angelina	214
10. Era uma noite em que chovia	214
11. Onde é que você vai, Mariazinha?	215
12. O expresso está partindo	215
13. Noutro dia quando fui à missa	215
14. Ana Maria	216
15. O caçador e a pastorinha	216
16. Amor, dá-me aquele lencinho	216
17. Pai, dá-me cem cruzeiros	217
18. Alecrim, Alecrim	217
Ficha de Inscrição ao Treinamento	218
Índice	220

PEDIDOS:

Instituto de Previdência Fraternal

Rua Teixeira Mendes, 315

Cx. postal, 193 - Fone (0422) 24.1130

CEP 84.100 - PONTA GROSSA

Paraná

Concluiu-se esta edição
em janeiro de 1980

impressão e acabamento:

GRAFOSUL

Indústria Gráfica e Editora Ltda.
Rua Gen. Vitorino, 41 - Porto Alegre - RS
Fones: 25-6126, 26-6079 e 21-5566

Esta obra traz a marca de grande experiência. Nasceu não de um laboratório fechado, mas da luta ao ar livre, no apalramento com a dureza que o dia a dia da formação dos jovens oferece. Ele representa o primeiro de uma série que deverá compor um COM- PLETO MANUAL de formação da juventude franciscana nas diferen- tes etapas do postulado, do no- viciado e da profissão. Trata-se de uma matéria já amplamente de- batida pelas Equipes-Pilotos da JUFRA ao longo de 10 anos de trabalho e, por isso, ele representa o resultado de amadurecido processo de pesquisa, em que es- tiveram empenhados os que acreditam na validade e na oportu- nidade atual do carisma francis- cano secular. Traz um plano de formação, arrojado e desafiante, destinado aos leigos seculares que se sentem destinatários de um ver- dadeiro apelo à santidade.

Oxalá a Ordem Franciscana Secular do Brasil, integrada por inúmeros irmãos de vida santa e piedade edificante, possa sentir, nos jovens da JUFRA que ela tanto sofreu para "criar", os herdeiros dignos, seguros e eficazes de seu maravilhoso espírito.

Porto Alegre,
04 de outubro de 1979,
Festa de São Francisco.

O Autor